

Índice dos anexos

Anexo 1: Formulário do Inquérito aos Párocos e Quase-párocos

Anexo 2: Respostas dos Párocos e Quase-párocos

Anexo 3: Guião de entrevista ao Bispo e Fundadores dos “Novos Movimentos de Apostolado”

Anexo 4: Entrevista do Bispo (E1)

Anexo 5: Entrevista do Fundador dos “Filhos do Reino” (E2)

Anexo 6: Entrevista do Fundadora da “Nossa Senhora das Dores” (E3)

Anexo 7: Entrevista do Fundador dos “Peregrinos” (E4)

Anexo 8: Formulário do Inquérito às Dioceses de Angola

Anexo 9: Respostas das Dioceses

Anexo 10: Relatório da situação das Igrejas em Cabinda da Secretaria Provincial da Cultura

Anexo 11: Agenda Pastoral 2014/ Diocese de Cabinda

Anexo 12: Estatutos da Associação dos “Peregrinos de Cristo”

Anexo 13: Livro do Consolador, Linhas fundamentais da espiritualidade *masuela*

Anexo 14: Linhas fundamentais da espiritualidade de *Lutâmbi*

Anexo 15: Estatutos da Espiritualidade Nossa Senhora das Dores

Anexo 16: O Caminho do filho

Anexo 17: *Ilândulu*. Algumas linhas de orientação para os formadores, servos e responsáveis dos Filhos do Reino

Anexo 18: O Livro do reconciliador. Linhas gerais da espiritualidade samaritana

Anexo 19: Estatutos da Fraternidade

**Anexo 1: Formulário do Inquérito aos
Párocos e Quase-Párocos**

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente aos párocos ou quase-párocos. Desde já os nossos agradecimentos antecipados.

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “*ad limina Apostolorum*”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

1. Como está organizada a sua paróquia ou quase-paróquias? Em comunidades ou centros? Em outros termos, qual é a composição da sua paróquia ou quase-paróquias?
2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?
3. Desses Movimentos que a sua paróquia ou quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Quem é fundador? Tem o estatuto?
4. O que acha do seu trabalho? E da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?
5. Tem algumas propostas para dinamizar o seu papel na pastoral da paróquia ou quase-paróquia e fazer dos seus membros testemunhas de Cristo Ressuscitado?

Paróquia ou quase-paróquia.....

Cabinda, 07-10-10.

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente aos párocos ou quase-párocos. Desde já os nossos agradecimentos antecipados.

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

1. A sua paróquia ou quase-paróquias está dividida em centros ou comunidades? Quantos ou quantas?
2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?
3. Desses Movimentos que a sua paróquia ou quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece o seu fundador? Quem é?
4. Conhece a espiritualidade desses Moimentos? Qual é?
5. Existem esses Movimentos também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia?
6. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?
7. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado fundados em cabinda trouxeram na vida do dia-a-dia da sua paróquia ou quase-paróquia?
8. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na paróquia ou quase-paróquia?
9. Acha que esses Novos Movimentos de Apostolado são «lugares que favorecem um encontro com Cristo que transforma a vida das pessoas, acendendo nelas um impressionante impulso evangelizador», «lugares onde se aprende a beleza de ser cristão e alegria de anunciá-la? Pode dar alguns exemplos concretos?
10. Pode fazer algumas considerações gerais sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na diocese?

Paróquia ou quase-paróquia.....

Data.....

Pároco ou quase-pároco.....

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente aos párocos ou quase-párocos. Desde já os nossos agradecimentos antecipados.

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “*ad limina Apostolorum*”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

1. A sua paróquia ou quase-paróquias está dividida em centros ou comunidades? Quantos ou quantas?
2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?
3. Desses Movimentos que a sua paróquia ou quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece o seu fundador? Quem é?
4. Conhece a espiritualidade desses Moimentos? Qual é?
5. Têm estatutos? Conhece esses estatutos?
6. Existem esses Movimentos também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia?
7. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?
8. A sua paróquia ou quase-paróquia tem um conselho paroquial ou um conselho pastoral? Quais são as suas atribuições? Quem fazem parte? Como são escolhidos os seus membros?
9. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado fundados em cabinda trouxeram na vida do dia-a-dia da sua paróquia ou quase-paróquia?
10. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na paróquia ou quase-paróquia?
11. Acha que os seus membros são «cristãos maduros, conscientes da sua identidade, isto é, testemunhas de Cristo ressuscitado, luz e sal da terra»? Pode dar alguns exemplos concretos.
12. Será que esses Novos Movimentos são mais «folclore», «exibicionismo» sem impacto na vida dos membros? O que propõe para remediar?
13. Algumas considerações gerais?

Paróquia ou quase-paróquia.....

Data.....

**Anexo 2: Respostas dos Párocos e
Quase-Párocos**

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ Ecclesia in Africa 56.

1. A sua Paróquia ou quase-paróquia está dividida em centros ou comunidades?

Quantos ou quantas? *Esta' dividida em centros.*
São 3 centros.

2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?

1. *Fraternidade*
2. *Espiritualidade N. S. das dores*
3. *Carismáticos*
4. *Região de Maria*
5. *S. Miguel Arcanjo*
6. *No da Vida*
7. *Espírito Santo*
8. *Matsuela*
9. *Lutambi*
10. *Apostolado de oração de S. Paulo*
11. *Filhos do Reino*
12. *Filhos da Luz... etc*

3. Desses Movimentos que a sua paróquia e quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece o seu fundador? Quem é?

1. *Fraternidade - Dom Filomeno e Ir. Catarina*
2. *Espiritualidade N. S. das dores - Louisa Abreu*
3. *S. Miguel Arcanjo -*
4. *Matsuela - Maximino Congo*
5. *Lutambi -*
6. *Filhos do Reino - Silvério Matunga*
- 7.
- 8.

4. Conhece a espiritualidade desses Movimentos? Qual é?

Varece tudo igual.

5. Têm estatutos? E conhece estes estatutos?

Alguns têm estatutos. A maior parte deles não aprovados pelo bispo

6. Existem esses Movimentos também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia?

Existem sim.

7. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?

O maior empenho que é dado circunstancialmente no âmbito do grupo. Estão na paróquia, mas não têm a consciência de serem paroquianos.

8. A sua paróquia ou quase-paróquia tem um conselho paróquial ou um conselho pastoral? Quais são as suas atribuições? Quem faz parte? Com são escolhidos os seus membros?

Tem sim um conselho paróquial.
Não sei bem o q. fazem. Fazem parte os
paroquianos, homens e mulheres. Não
sei como foram escolhidos.

9. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado trouxeram na vida do dia a dia da sua paróquia ou quase-paróquia?

É um forte presença numérica. Não
têm uma boa orientação da vida
de espiritual na paróquia. Parecem
autónomos sem paróquia.

10. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na paróquia ou quase-paróquia?

Tirar-lhes antes de tudo a iniciativa pastoral, através de várias ~~at~~ actividades de formação que a paróquia deve programar.

11. Acha que os seus membros são «cristãos maduros, conscientes da sua identidade, isto é, testemunhas de Cristo Ressuscitado, luz e sal da terra? Pode dar alguns exemplos concretos?

Alguns sim, outros não. A maior parte das pessoas nos movimentos de apostolado não frequentam a missa dominical.

12. Será que esses movimentos são mais «folcloro», «exibicionismo» sem impacto claro na vida dos membros? O que propõe para remediar?

Maior formação relativamente à vida Xta.

13. Algumas considerações gerais

A presença dos movimentos na vida da Igreja tem de ser considerada como uma nova primavera da acção do Espírito que sopra onde quer e como quer.

Os pastores devem prestar uma maior atenção para evitar que dentro da Igreja não haja tantas seitas quanto são os movimentos.

Paróquia de S.º Catodino

7-10-2012

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Por isso, caríssimos colegas, conto a vossa colaboração e peço o favor de responder a estas perguntas:

1. Como é organizada a sua paróquia? Em comunidades ou centros? ou em outros termos qual é a composição da sua paróquia ou quase-paróquia?

A nossa paróquia pela sua grande extensão está organizada por 8 Visitadoiras ou seja cada qual com uma grande Comunidade que tem como responsável um Catequista -
- Chefe que é o visitador

2. Quais são os movimentos de apostolado que a Paróquia ou quase-paróquia tem?

A nossa paróquia tem os seguintes movimentos de apostolado:

- 1 - São Miguel Arcanjo
- 2 - Serafins
- 3 - Samaritanos
- 4 - Massueles
- 5 - Toutambi do Jesus
- 6 - Nossa Senhora das Dores
- 7 - Fraternidade
- 8 - Legião de Maria
- 9 - Apostolado de Orações

**3. Quais são os movimentos de apostolado fundados em Cabinda?
Quem é o fundador? Tem estatuto?**

Os Movimentos de apostolado fundados em Cabinda:

- Fraternidade — tem estatuto
- Nossa Senhora das Dores — tem estatuto
- Samantanos — tem estatuto
- Kutambi — tem estatuto
- Massuela — tem estatuto

4. O que achas do seu trabalho? E da sua integração na vida da paróquia?

O nosso trabalho tem sido bom uma vez que estamos no seio duma comunidade paroquial viva e dinâmica que já caminha com convicção duma fé viva e profunda que lhe vem de há muito tempo.

A minha integração em pouco tempo (4 meses) é boa e foi fácil graças as outras experiências adquiridas em paróquias em onde já colaborei. Fácil porque os fiéis desta paróquia são receptivos, simpáticos, humildes e ávidos da palavra de Deus.

5. Tens algumas propostas para a dinamizar o seu papel na pastoral da paróquia e fazer dos seus membros testemunhas de Cristo Ressuscitado?

- Despertar a fé
- dinamizar uma pastoral de conjuntos
- Reforçar os laços de união
-

Paróquia ou quase-paróquia de Santo Anténio de Beluze

Cabinda, 07-10-10

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exhaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Por isso, caríssimos colegas, conto ^{ndo} a vossa ^{especial} colaboração e peço o favor de me responder a estas perguntas:

1. Como ^{está} organizada a sua paróquia? Em comunidades ou centros? ou em outros termos qual é a composição da sua paróquia ou quase-paróquia?

A Paróquia de Nossa Senhora das Victórias de Lucula-Zenry, tem a sua área pastoral organizada em Visitadorias ou Zonas pastorais, Centros das Comunidades Cristãs e as respectivas Comunidades ou Catequises. Cada Catequista-Visitador tem uma área onde exerce a sua maior influência no tocante à animação pastoral.

2. Quais são os movimentos de apostolado que a Paróquia ou quase-paróquia tem?

A Paróquia de Lucula-Zenry dispõe-se dos seguintes movimentos de apostolado de Oração:

1. A Legião de Maria
2. O Grupo do Sagrado Coração de Jesus
3. O Grupo de São Vicente de Paulo
4. O Grupo da Fraternidade
5. O Grupo Carismático
6. O Grupo « Família, Igreja-doméstica »
7. Os Filhos do Reino

Obs. Estes dois últimos são de fundações recente

3. Quais são os movimentos de apostolado fundados em Cabinda?
Quem é o fundador? Tem estatuto?

São vários os movimentos de apostolado fundados em Cabinda. - Peço que vos dignéis manter contacto com os Rev. párocos da cidade de Cabinda nesta matéria. - Porém, quero referir-me apenas aos seguintes:

1. O grupo "Matsuela"
2. O grupo "Lutambi"

Ambo's da fundação do Rev. P. Jorge C. Congo quando então pároco do Imaculado C. Cabinda,

3. Os Samaritanos.

4. O grupo "Nova Vida", em que a senhora Madalena Macaca Zau é responsável na paróquia.

4. O que achas do seu trabalho? E da sua integração na vida da paróquia?

O meu trabalho corresponde à um Chamamento, conforme ao que muitos outros sacerdotes existentes no mundo inteiro tiveram. É um testemunho contínuo que exige perseverança, muita audácia e força de vontade para continuar a dizer sempre "Sim" ao Senhor dos Altos Céus...

- Quando se conhece mais ou menos a mentalidade local, alguns usos e costumes e até a própria tradição, a inculturação da mensagem torna-se muito mais eficaz com o conhecimento amplo da língua.

5. Tens algumas propostas para dinamizar o seu papel na pastoral da paróquia e fazer dos seus membros testemunhas de Cristo Ressuscitado?

As propostas são inevitáveis tendo também em alta consideração as circunstâncias que os meios a evangelizar oferecem. - No Zenge onde me encontro, apesar de não existirem outras seitas religiosas, porém não faltam desafios...

- Uma certa secularização de valores cristãos.

Os filmes incuteu novos estilos nas mentalidades quer de alguns adultos como nas de jovens, adolescentes e até crianças. - O fenómeno do surgimento de vários agrupamentos de música e dança "Kintueni" cria rivalidades entre os adeptos e até escândalos em certas formas rítmicas próprias à vida de depravação.

Muita facilidade de se conseguir bebida alcoólica nas cantinas e lojas existentes nas aldeias. Jovens há que se dão à prática do aborto e consumo de drogas... + Sou Juma,

Paróquia ou quase-paróquia de _____

Alguns jovens não descobrem o valor da Oração

Cabinda, 07-10-10

e nem tão pouco o da prática religiosa.

Paróquia de Nossa Senhora
das Vitórias
Zenge - Luanda

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Por isso, caríssimos colegas, conto a vossa colaboração e peço o favor de responder a estas perguntas:

1. Como é organizada a sua paróquia? Em comunidades ou centros? ou em outros termos qual é a composição da sua paróquia ou quase-paróquia?

A nossa comunidade paroquial compõe-se de pequenos vestígios de núcleos em algumas áreas, pois outrora estava organizada em centros incipientes. Actualmente, circundamos apenas na sede paroquial.

2. Quais são os movimentos de apostolado que a Paróquia ou quase-paróquia tem?

- Legião de Maria
- Renovamento Carismático
- Fraternidade
- Nossa Senhora das Dores
- Soutambril
- Samaritanos
- S. Miguel Arcanjo
- Sagrada família
- Legião de Maria

3. Quais são os movimentos de apostolado fundados em Cabinda?
Quem é o fundador? Tem estatuto?

| | | | | | |
|-------------------|---|----------|-----|---|-----------------------|
| Lutãmbi | → | Estatuto | Sim | - | Pe Jorge Congo |
| Masseba | → | 22 | 20 | | 52 42 |
| Samaritanos | | 22 | 22 | | 22 22 |
| S. Miguel Arcanjo | — | — | — | | Rosária |
| Filhos do Reino | — | — | — | | Pe Silvino S. Nazungo |
| Amigos de Jesus | | | | | Pe. Ma Capela Zamli |

4. O que achas do seu trabalho? E da sua integração na vida da paróquia?

— É um desafio. Inicialmente considerei-o como uma provocação. Encorajado pelos colegas vou-me integrando paulatinamente na medida em que realizamos ou celebramos eventos paroquiais...

5. Tens algumas propostas para a dinamizar o seu papel na pastoral da paróquia e fazer dos seus membros testemunhas de Cristo Ressuscitado?

Propostas

- Diálogo permanente com os fiéis
- Ouvir dos outros algo relevante
- Celebrar os grandes acontecimentos da vida paroquial com zelo
- Ser solícito aos fiéis
- Ser disponível
- fazer uma pastoral porta a porta (ir a procura das ovelhas perdidas)
-

Paróquia ou quase-paróquia de

Imaculada Conceição

Cabinda, 07-10-10

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Por isso, caríssimos colegas, conto a vossa colaboração e peço o favor de responder a estas perguntas:

1. Como é organizada a sua paróquia? Em comunidades ou centros? ou em outros termos qual é a composição da sua paróquia ou quase-paróquia?

CENTROS

2. Quais são os movimentos de apostolado que a Paróquia ou quase-paróquia tem?

- Leção de Maria
- Fraternidade
- Renascimento Carismático
- Nsa Senhora das Dores
- Vicentinos
- Nsa Senhora da Luz
- Amigos de Jesus
- Sagrada Família
- Matusela

3. Quais são os movimentos de apostolado fundados em Cabinda?
Quem é o fundador? Tem estatuto?

- Matsuela
 - Lutambi
 - Samaritanos ?
 - Peregrinos de Xsto
 - Filhos do Reino
 - Amigos de Jesus
 -
- Pe Congo
- Pe Picuta
- " Lazunga
- Pe Wambri

4. O que achas do seu trabalho? E da sua integração na vida da paróquia?

Cada Paróquia é um mundo novo e diferente do outro. Às vezes há continuidade ou discontinuidade sobretudo no actual contexto da Diocese que exige de nós muita esperança e fé e amor a' própria vocação.

5. Tens algumas propostas para a dinamizar o seu papel na pastoral da paróquia e fazer dos seus membros testemunhas de Cristo Ressuscitado?

Com certeza, para o efeito, é preciso apostar muito na formação dos leigos para que assumam com maturidade e responsabilidade as suas tarefas.

Paróquia ou quase-paróquia de

SANTA CATARINA



Cabinda, 07-10-10

F. L. V. V.

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Pois, interessa-nos saber a sua opinião sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente aos párocos ou quase-párocos. Desde já os nossos agradecimentos antecipados.

1. A sua paróquia ou quase-paróquia está dividida em centros ou comunidades?

Quantos ou quantas? Quais?

Está dividida em Comunidades,
são dezoito (18) Comunidades

2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?

- Legião de Maria (Patrícios)
- Fraternidade
- Carismáticos
- Lutambi
- Mossuela
- S. Paulo
- Cristo Vence
- S. Miguel

3. Desses Movimentos que a sua paróquia ou quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece os seus fundadores?

- Lutambi
- Mossuela
- S. Paulo
- Cristo Vence
- S. Miguel
- Fraternidade

4. Conhece a espiritualidade e o estatuto desses Movimentos?

Não

5. Existem esses Novos Movimentos de Apostolado também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia? Quais são?

Esses movimentos estão nas Comunidades.

6. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?

O seu empenho é positivo na vida de nossa Estação Missionária.

7. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado trouxeram na vida do dia-a-dia da sua paróquia ou quase-paróquia?

Aspectos positivos:

- São maneiras fortes de viver a fé.
 - ajudam a anunciar a fé no seio das comunidades cristãs e fora.
 - favorecem o associativismo, o que favorece a ajuda aos indigentes e as mais necessitadas.
 - A presença desses movimentos ajudam facilmente a organizar a Paróquia em vários âmbitos.
- Aspectos negativos:

- A maior parte³ dos membros privilegiam o grupo em detrimento da paróquia.
- O Simonismo, o Movimento é lugar de

8. Acha que esses Novos Movimentos de Apostolado são «lugares que favorecem um encontro verdadeiro com Cristo que transforma a vida das pessoas, acendendo neles um impressionante impulso evangelizador», «lugares onde se aprende a beleza de ser cristão e alegria de anunciá-la? Pode dar alguns exemplos concretos?

sim // porque até os Protestantes começaram a imitar a Igreja Católica neste sentido

2) O crescimento destes Movimentos em número com adesões dos independentes e não praticantes / vid. Cristo

9. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na sua paróquia ou quase-paróquia?

- Implementar a Catequese no seio destes movimentos.

- Dar aos membros destes movimentos uma formação forte, sólida e clara. Tiver a doutrina da Igreja e da vida da fé.

- Uma análise aprofundada dos motivos que levam alguém a aderir a um Movimento

10. Pode fazer algumas considerações gerais sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na diocese?

- Esses Movimentos é uma "resposta providencial" aos novos desafios de Evangelizações a nível da nossa Diocese, visto que com o que trouxe o processo da globalização (o secularismo por exemplo) Calvino não escapa. Os Movimentos estão a ajudar na radicalização do Evangelho na Paróquia ou quase-paróquia... Estação Missionária Sta Amante Dioces. - Jingu

Data... 25 de Novembro de 2014

Pároco ou quase-pároco... Pe. Felix Pedro Novomelo

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ Ecclesia in Africa 56.

Para tal contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-pároco ao responder a este inquérito dirigido exclusivamente aos párocos ou quase-párocos: Pois, interessa-nos saber a sua opinião sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na sua área de jurisdição. Desde já os nossos agradecimentos antecipados.

1. A sua Paróquia ou quase-paróquia está dividida em centros ou comunidades?

Quantos ou quantas? Quais?

Temos dois centros (total - cinco comunidades)

2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?

Legião de Maria, Sagrado Coração de Jesus, Maswela, Movimento Carismático, Vicentinos, escuteiros, Lutambeli, Bernu-núsi, Voz dos Anjos, Fraternidade Santíssima Grinalde

3. Desses Movimentos que a sua paróquia ou quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece o seu fundador? Quem é?

Alguns. Outros são de âmbito univer-sal.

4. Conhece a espiritualidade desses Movimentos? Qual é?

Alguns. Legião de Maria, Apostolado de Orações (Sagrado Coração de Jesus), Escutares

5. Têm estatutos? E conhece estes estatutos?

Alguns. Fraternidade, Barnabise,

6. Existem esses Novos Movimentos de Apostolado também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia? Quais são?

A comunidade só existe há em ano. Os grupos (este), muitos deles estão a ser formados agora, partindo de outras paróquias.

7. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?

Manifestam empenho e responsabilidade para a vida da igreja, não obstante haver necessidade de mais adesão à vida sacramental.

8. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado trouxeram na vida do dia-a-dia da sua paróquia ou quase-paróquia?

Têm muito sentido de solidariedade entre os membros, cumprimento dos seus programas. Existe o perigo de sectorismo, colocando em questão a dimensão eclesial.

9. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na sua paróquia ou quase-paróquia?

Convidar os membros à vida sacramental - vida matrimonial e vida consagrada. Trabalhar para a formação dos líderes.

10. Acha que os seus membros são «cristãos maduros, conscientes da sua identidade», isto é, testemunhas de Cristo Ressuscitado, luz e sal da terra? Pode dar alguns exemplos concretos?

Sim, sim. No entanto tem de haver mais formação e mais consciências de vida sacramental.

11. Será que esses movimentos são mais «folclore», «exibicionismo» sem impacto claro na vida dos membros? O que propõe para remediar?

Conferir números 9 e 10. Tem algo de bom. No entanto, o caminho a percorrer é longo.

12. A sua paróquia ou quase-paróquia tem um conselho paroquial ou um conselho pastoral? Quais são as suas atribuições? Quem faz parte? Como são escolhidos os seus membros?

Sim. Fazem parte as responsáveis dos grupos, os catequistas das comunidades e alguns membros escolhidos pelo pároco sob o parecer de alguns membros da comunidade.

13. Pode fazer algumas considerações gerais sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na diocese?

São uma força da vida da Igreja. Todavia, devem ser bem acompanhados para que não venham a ser ilhas dentro da própria comunidade. Os movimentos devem ser apoiados e acompanhados nos programas que elaboram. Levá-los cada vez mais à consciência que o grupo é um espaço de encontro pessoal com Cristo que nos chama à vida de intimidade com Ele.

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Por isso, caríssimos colegas, conto a vossa colaboração e peço o favor de responder a estas perguntas:

1. Como é organizada a sua paróquia? Em comunidades ou centros? ou em outros termos qual é a composição da sua paróquia ou quase-paróquia?

De momento, a nossa quase-paróquia de Cristo Rei está dividida em duas (2) comunidades: A sede da comunidade (no Cristo Rei) e ~~na~~ comunidade de Nazareth. Todos os responsáveis dos movimentos da Quase-Paróquia fazem parte do Conselho da Quase-Paróquia.

2. Quais são os movimentos de apostolado que a Paróquia ou quase-paróquia tem?

São estes:

- 1) Fraternidade
- 2) Legião de Maria
- 3) Carismáticos
- 4) São Miguel Arcanjo
- 5) Nossa Senhora das Dores
- 6) Sagrado Coração de Jesus
- 7) Lutambá
- 8) Masuela
- 9) Escuteiros

3. Quais são os movimentos de apostolado fundados em Cabinda?
Quem é o fundador? Tem estatuto?

- 1) Masuela ma kristu - Pe Congo, tem estatuto
- 2) Lutambi lu yezu - Pe Congo, tem
- 3) Samaritano _____ Pe Congo, tem
- 4) Filhos do Reino _____ Pe Magunza, tem
- 5) Filhos da Luz _____ Sr Manda-Fama, n sei
- 6) Nossa Sra das dores _____ Pe Mbambi " "
- 7) Espírito Santo _____ Dona Rosa " "
- 8) São Miguel Arcanjo. →
- 9) Amigos de Jesus _____ Pe Mbambi " "
- 10) Serafins. _____ Pe Congo. " "

4. O que achas do seu trabalho? E da sua integração na vida da paróquia?

Mesmo estando numa quase paróquia, a maioria dos grupos novos já andam integrados pois correspondem activa e positivamente as necessidades da comunidade.

5. Tens algumas propostas para a dinamizar o seu papel na pastoral da paróquia e fazer dos seus membros testemunhas de Cristo Ressuscitado?

Que haja mais acompanhados
de seus membros.

Paróquia ou quase-paróquia de Cristo Rei

Cabinda, 07-10-10

Paulo [illegible]

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Para tal contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-pároco ao responder a este inquérito dirigido exclusivamente aos párocos ou quase-párocos: Pois, interessa-nos saber a sua opinião sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na sua área de jurisdição. Desde já os nossos agradecimentos antecipados.

1. A sua Paróquia ou quase-paróquia está dividida em centros ou comunidades?

Quantos ou quantas? Quais?

1 centro ^{dominical} / São Tiago
 1 ^{Autódromo} / Rocio, Nossa Senhora do Rosário, ^{encomenda} Santa Adelaide, Cristo Kule (Sabado)

2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?

Capim de Nam
 Grupo de canto de Nam
 Fraternidade
 Grupo de Nam
 Nam
 Lukambi
 Samantano
 S. Reginal Arcajo

Sociedade das Dores
 Filhos de Deus
 Peregrinos de Cristo
 Filhos de Nam
 S. Vicente de Paulo
 Consumat'cos

3. Desses Movimentos que a sua paróquia ou quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece o seu fundador? Quem é?

Remate / Sr. Congo / Tem estatuto e ainda não tem
 Lukambi " "
 Samantano " "
 S. Reginal Arcajo / Fundada por uma mulher, cunhada da sr.
 Sociedade das Dores / Dona Maria / pensar que era Sr. Carlos Brando
 Filhos de Deus / Sr. Raymundo
 Peregrinos de Cristo / Sr. Paulo
 (Filhos de Nam)

4. Conhece a espiritualidade desses Movimentos? Qual é?

Não conhece ~~de~~ profundamente e
com pouco.

5. Têm estatutos? E conhece estes estatutos?

Não

6. Existem esses Novos Movimentos de Apostolado também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia? Quais são?

Existem, quem não sei.

7. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?

Depende dos grupos. Há grupos mais empenhados
do que os outros.

8. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado trouxeram na vida do dia-a-dia da sua paróquia ou quase-paróquia?

| | |
|---|--|
| Positivos | Negativos |
| - Ajuda à paróquia na cumprimento | - Não voltados ao sacerdotal |
| - Participativos (nos atos litúrgicos), laicidade (entre eles - generosidade com os outros) | - Não preocupados com os laicos (símbolo do movimento) |

9. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na sua paróquia ou quase-paróquia?

- Formação de líderes (interpretação é doutrinal, litúrgica, etc...)
(boa formação do líder resulta na boa formação dos
membros). Resolvido problema de formação do
líder resolve-se no mesmo tempo a formação
dos membros). Bem se um grupo pensar
e periodicamente pode ser ao nível diocesano,
projetando-se nacionalmente.

10. Acha que os seus membros são «cristãos maduros, conscientes da sua identidade», isto é, testemunhas de Cristo Ressuscitado, luz e sal da terra? Pode dar alguns exemplos concretos?

Pouco impacto sobre a vida cristã. Mesmo a paróquia é impetuosa. Exemplo: Sai da circunscricão e vai a casa dos Ishikawa (calçada da Igreja),

11. Será que esses movimentos são mais «folclore», «exibicionismo» sem impacto claro na vida dos membros? O que propõe para remediar?

Não é tanto «folclore» e pouco os custos (feiras, etc. contínuo)

12. A sua paróquia ou quase-paróquia tem um conselho paroquial ou um conselho pastoral? Quais são as suas atribuições? Quem faz parte? Como são escolhidos os seus membros?

- Tem conselho paroquial → auxilia o pároco no gestão da paróquia (laico material), etc.
- Tem conselho pastoral → com liturgia, missas, catequese, reuniões de comunidade, etc. são presidentes dos grupos de apostolado.

13. Pode fazer algumas considerações gerais sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na diocese?

- São os movimentos que estão a crescer, e já há muitos anos, apesar de algumas dificuldades.

grandes desafios pastorais!

Paróquia da Imaculada
Conceição

2-02-2013

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Pois, interessa-nos saber a sua opinião sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente aos párocos ou quase-pároco. Desde já os nossos agradecimentos antecipados.

1. A sua paróquia ou quase-paróquia está dividida em centros ou comunidades?

Quantos ou quantas? Quais?

A Zona Pastoral Caió/Cabassengo está dividida em comunidades. São cinco, a saber: Santa Teresinha do Menino Jesus (Cabassengo), São João Baptista (Mboco), Santa Laura (Chinga), São José (Chiazi) e Cristo Rei (Caió Litoral).

2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?

Grateriedade, Renovamento Carismático, Legião de Maria, Sacrado Coração de Jesus, Massela, Lutambi, Samaritanos, Bosevitas, Barumisi, Jerusalém Imoena, Santíssima Trindade, Vicentinos, Filhas de Maria, Nossa Senhora das Dores, Filhos do Reino, Esenteiros (Voz dos Anjos - Coral), São Miguel, "Aelites", São Rodrigues.

3. Desses Movimentos que a sua paróquia ou quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda?

Massela, Lutambi, Filhos do Reino, Barumisi, Samaritanos, Jerusalém Imoena, Voz dos Anjos, São Miguel, São Rodrigues, Santíssima Trindade, Nossa Senhora das Dores

4. Conhece a espiritualidade e o estatuto desses Movimentos?

De todos os movimentos, não. Posso dizer que conheço alguns mais profundamente, outros superficialmente, pois na medida em que vários-los instalando por comunidade, vamos também conhecendo. A comunidade

5. Existem esses Novos Movimentos de Apostolado também nos centros ou

comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia? Quais são?

tem somente dois anos de existência como Zona Pastoral. Sim, existem. Excepto voz dos Anjos, Santíssima Trindade, Jerusalém Triunfante e São Rodrigues que não tenho a certeza de existirem em outras paróquias.

6. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?

Dão um bom contributo à comunidade, mas é uma caminhada que se deve ainda fazer para que cada grupo não se feche em si mesmo e tenha cada vez mais a consciência de comunidade paroquial.

7. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado trouxeram na vida do dia-a-dia da sua paróquia ou quase-paróquia?

Positivos: a revitalização da vida espiritual das comunidades de base; a aproximação dos membros; o conhecimento da Palavra de Deus; a entrega para o serviço da Igreja.

Negativos: o perigo de se fechar em si mesmo

8. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na sua paróquia ou quase-paróquia?

É preciso que se continue a trabalhar na formação de líderes e de outros membros para a consciência de pertença à Igreja e não primeiramente de grupo.

9. Acha que esses Novos Movimentos de Apostolado são «lugares que favorecem um encontro verdadeiro com Cristo que transforma a vida das pessoas, acendendo neles um impressionante impulso evangelizador», «lugares onde se aprende a beleza de ser cristão e alegria de anunciá-la? Pode dar alguns exemplos concretos?

Realmente é. No entanto, ainda leva tempo para que possam ter mais frutos (bons). Começam a surgir matrimónios nos movimentos, mas ainda em número muito reduzido.

10. Pode fazer algumas considerações gerais sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na diocese?

Os movimentos precisam de mais acompanhamento e orientação clara por parte da diocese. Mais formação humana e cristã; trabalhar-se mais para a consciência de uma Igreja ~~mais~~ não voltada só para a realidade de grupo, mas no seu todo.

Paróquia ou quase-paróquia: Zona Pastoral do Rio Calussangó

Data: 25. Nov. 2014

Pároco ou quase-pároco: P. José Silvano Samba Majunga

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

1. A sua Paróquia ou quase-paróquia está dividida em centros ou comunidades?

Quantos ou quantas?

A Paróquia de S. Carlos Kwanga está dividida em sete visitações que se desdobram em comunidades, são elas (as visitações): Visitação do Centro A e B, Visitação do Mbundu, Visitação do Quissamano, Visitação dos Micumas e Visitação de Alzira.

2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?

1. Legião de Maria
2. Fraternidade
3. Lutambi lu Zezu
4. Carismáticos
5. Massuela ma Kristu
6. Samantanos
7. Na Senhora das Dores
8. Espírito Santo
9. Filhas de Maria
10. Sagrado Coração de Jesus
11. Amigos de Jesus

3. Desses Movimentos que a sua paróquia e quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece o seu fundador? Quem é?

1. Massuela ma Kristu
2. Lutambi lu Zezu
3. Samantanos
4. Amigos de Jesus
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.

4. Conhece a espiritualidade desses Movimentos? Qual é?

Ainda estou a explorar pouco a pouco a sua espiritualidade.

5. Têm estatutos? E conhece estes estatutos?

Sim; têm estatutos, estão sendo explorados.

6. Existem esses Movimentos também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia?

Sim; na sua maior parte das comunidades esses Movimentos têm a sua expansão, ou melhor, esses Movimentos estendem-se em todas as comunidades periféricas.

7. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?

Sem medo de errar, digo que a igreja local se assenta e se apóia neles, ou seja, são esses Movimentos que mantêm a chama viva de Jesus. São força e dinamismo desta igreja local. A igreja encontra nesses Movimentos a sua expressão mais alta.

8. A sua paróquia ou quase-paróquia tem um conselho paróquial ou um conselho pastoral? Quais são as suas atribuições? Quem faz parte? Com são escolhidos os seus membros?

A paróquia tem um Conselho paróquial e pastoral. Nele fazem parte, os catequistas, visitadores, responsáveis do Movimento de Apostolado, responsáveis das Comissões e responsáveis do grupo Orarj.

9. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado trouxeram na vida do dia a dia da sua paróquia ou quase-paróquia?

- Espírito de irmandade, de partilha, solidariedade, de entrega (aspectos positivos).
- Ciúmes (aspectos negativos) e rivalidade.

10. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na paróquia ou quase-paróquia?

- Inseri-los na formação bíblica, tornando - os deste modo mais pto para a evangelização. fomentar sessões da doutrina social da Igreja para que estejam à altura de propagarem o Ensino da Igreja.

11. Acha que os seus membros são «cristãos maduros, conscientes da sua identidade, isto é, testemunhas de Cristo Ressuscitado, luz e sal da terra? Pode dar alguns exemplos concretos?

- Acho que sim. As próprias actividades que levam a cabo espelham a luz de Cristo e reflectem de algum modo sinais vivos de Cristo Ressuscitado.

12. Será que esses movimentos são mais «folcloro», «exibicionismo» sem impacto claro na vida dos membros? O que propõe para remediar?

São presença actuante embora existam alguns atropelos e pequenos desvios. Mas no cómputo geral esses movimentos exprimem de modo inequívoco a fé da vida das primeiras Comunidades.

13. Algumas considerações gerais

Vale a pena que esses movimentos se mantenham e continuem a dar a sua força no rio da igreja. Entretanto, devem ser dotados de meios capazes de torná-los mais eficientes e maduros na sua ação!

Paróquia de S. Carlos
Lxvanya

Buco-Zan

10-11-2013

PESQUISA SOBRE A REALIDADE DOS NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADO EM CABINDA.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja: “Depois do Concílio, o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”².

Por isso, a realidade dos “Novos Movimentos” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também uma «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. É o objectivo deste estudo: Fazer uma reflexão aprofundada sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado nascidos em Cabinda e apresentar algumas propostas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação em Cabinda, processo considerado pelo primeiro Sínodo para África como “uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África”³.

Para tal, contamos com a sua colaboração como responsável da paróquia ou quase-paróquia. Porém, interessa-nos saber a sua percepção da realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado”, fundados em Cabinda na sua área de jurisdição. Portanto, este inquérito é dirigido exclusivamente

¹ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos membros dos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, 30 de Maio de 1998.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ *Ecclesia in Africa* 56.

1. A sua Paróquia ou quase-paróquia está dividida em centros ou comunidades?
Quantos ou quantas?

Cinco Centros

2. Quais são os Movimentos de Apostolado que a sua Paróquia ou quase-paróquia tem?

1. Legião de Maria
2. Fraternidade de
3. Patrícios
4. Filhos de Maria
5. S. Miguel
6. Lutãmbi
7. Massuela
8. Cristo-Vence
- 9.
- 10.

3. Desses Movimentos que a sua paróquia e quase-paróquia tem quais são fundados em Cabinda? Conhece o seu fundador? Quem é?

1. Lutãmbi } Pa. Congor
2. Massuela }
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.

4. Conhece a espiritualidade desses Movimentos? Qual é?

Ajudar e Consolar os mais desparecidos

5. Têm estatutos? E conhece estes estatutos?

Têm estatutos

6. Existem esses Movimentos também nos centros ou comunidades da sua paróquia ou quase-paróquia?

sim existem

7. O que acha do seu empenho? Da sua integração na vida da paróquia ou quase-paróquia?

Contribuem para animação litúrgica, a espiritualidade e os trabalhos manuais

8. A sua paróquia ou quase-paróquia tem um conselho paróquial ou um conselho pastoral? Quais são as suas atribuições? Quem faz parte? Com são escolhidos os seus membros?

Tem um Conselho, ajuda as
programações e também
os trabalhos

9. Pode dizer os aspectos positivos e negativos que esses Novos Movimentos de Apostolado trouxeram na vida do dia a dia da sua paróquia ou quase-paróquia?

- Crescimento das comunidades

10. Tem algumas propostas para dinamizar o empenho desses Novos Movimentos na paróquia ou quase-paróquia?

- mais espiritualidade - Reti-
nos, orações, missas - por
grupos

11. Acha que os seus membros são «cristãos maduros, conscientes da sua identidade, isto é, testemunhas de Cristo Ressuscitado, luz e sal da terra? Pode dar alguns exemplos concretos?

Sim. Visita aos doentes,
perseverança na oração
mesmo nos momentos
difíceis

12. Será que esses movimentos são mais «folcloro», «exibicionismo» sem impacto claro na vida dos membros? O que propõe para remediar?

mais exercícios espirituais

13. Algumas considerações gerais

- Crescimento das Comunidades.

**Anexo 3: Guião de entrevista ao
Bispo e Fundadores dos “Novos
Movimentos de Apostolado”**

GUIÃO DE ENTREVISTA AO BISPO E FUNDADORES DOS “NOVOS MOVIMENTOS DE APOSTOLADOS” FUNDADOS EM CABINDA

APRESENTAÇÃO E OBJECTIVOS DA ENTREVISTA

Estamos a contactá-lo(a) no quadro de uma investigação para uma tese de doutoramento em Teologia da Universidade Católica em Lisboa no sentido de nos facultar uma entrevista sobre a realidade do fenómeno dos “Novos Movimentos de Apostolado” fundados em Cabinda. O objectivo deste estudo é ver se esses “Novos Movimentos de Apostolado” podem ser considerados como «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação nesta diocese. Pois, o Papa João Paulo II apresentou-nos a realidade dos “Novos Movimentos eclesiais” como «uma resposta providencial» para a nova evangelização e Bento XVI como «dom do Espírito» à Igreja.

ENTREVISTA

O guião de entrevista será uma listagem das perguntas com conteúdos definidos em função dos entrevistados. O ponto de partida será a hipótese da consideração dos “Novos Movimentos de Apostolado” fundados em Cabinda como «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação e assim «um dom do Espírito» à Igreja particular de Cabinda.

1. Perguntas-chave

- 1ª Quais são os novos desafios da inculturação em Cabinda?
- 2ª Quais são os Novos Movimentos de Apostolado, fundados em Cabinda?
- 3ª Será que esses Novos Movimentos de Apostolado, fundados em Cabinda podem ser uma “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação e um dom de Deus à Igreja de Cabinda? Caso não sejam o que deve ser feito para que sejam?

2. Perguntas detalhadas ou pormenorizadas

Assim, pretende-se que a entrevista forneça os dados sobre:

- a) A verdadeira dimensão do fenómeno dos “Novos Movimentos de Apostolados” fundados em Cabinda (quais são os novos movimentos de apostolado?).
- b) Os seus fundadores (Quem são os fundadores?).
- c) As motivações para a fundação (O que levou a fundar um “Novo Movimento de Apostolado?”).
- d) Apreciação do empenho desses novos movimentos nas paróquias e nas comunidades (Quais são os seus aspectos positivos e negativos?).
- e) Propostas para melhoramento do seu empenho (Quais são as propostas para corrigir os seus aspectos negativos e valorizar os aspectos positivos?).
- f) Os novos desafios da inculturação (Quais são os desafios hoje da inculturação ou a nova evangelização?).
- g) Como os “Novos Movimentos de Apostolado” podem ser uma resposta a esses desafios.

AGRADECEMOS IMENSO A SUA CONTRIBUIÇÃO

Anexo 4: Entrevista do Bispo (E1)

ENTREVISTA AO DOM FILOMENO/E1

Data: 05-10-2014

Hora: 15h05'

Duração: 57 min.

Lugar: Escritório

Agradeço a sua disponibilidade.

Senhor Bispo tem conhecimento da dimensão da realidade dos Novos Movimentos de Apostolado na diocese?

Temos uma denominação dos “Novos Movimentos Eclesiais”. Será com dimensão universal ou os “Novos Movimentos Eclesiais” como aqueles que nasceram apenas aqui na diocese de Cabinda porque temos aqueles grandes movimentos como Comunhão e Libertação, Focolari, Comunidade Emanuel. Temos muitas outras expressões de movimentos laicais que estão hoje espalhados pelo mundo inteiro. Temos por exemplo esses movimentos que aparecem ligados às grandes congregações como por exemplo SJR (Serviço Jesuíta para refugiados), Jovens sem fronteiras ligadas à Congregação dos Espiritanos, Jovens para evangelização das comunidades da Boa Nova. Há congregações que criaram ao seu lado grupos de leigos que estão envolvidos em compromisso de evangelização. Se falamos desses movimentos nós não os temos aqui na nossa diocese.

A minha pergunta é sobre os Novos Movimentos de Apostolado fundados em Cabinda.

Naturalmente aqui temos vários: temos a Fraternidade (o mais numeroso), temos o Movimento juvenil Filhos do Reino, temos os Peregrinos de Cristo, temos Grupo Nova vida. São vários que temos aqui na nossa diocese (pega num livrinho sobre a diocese para mostrar a lista dos Novos Movimentos de Apostolado e depois prossegue...) uns mais activos ou outros menos activos. Todos eles estão aqui. Temos grupo Espirito Santo, *Masuela*, *Lutambi*, Nossa Senhora das Dores, Samaritanos, S.Miguel Arcanjo, Serafins etc...Portanto há um bom número pelo menos mais de dez.

O que é que o Senhor Bispo acha do seu empenho na diocese?

Esses grupos têm um aspecto positivo que são formas de aglomeração e de continuidade de participação activa na vida da Igreja da parte dos leigos, cristãos baptizados que doutra maneira viveriam o seu compromisso cristão no anonimato ou mesmo não assumiriam o seu compromisso baptismal na Igreja duma forma activa, dinâmica e comprometida. A vantagem desses movimentos é que se torna um espaço, uma oportunidade, um instrumento para que essas pessoas possam continuar a viver a sua vocação baptismal numa dimensão de evangelização, de anúncio, do testemunho, do compromisso com a vivência com a Igreja. Têm outros aspectos negativos que devem ser devidamente acompanhados primeiro ao nível diocesano e depois ao nível paroquial. É bom que tenham um estatuto bem definido e que vivam de acordo com este estatuto onde aparece bem identificada a natureza do movimento, a sua estrutura orgânica, a sua actividade apostólica, a sua vida espiritual, a sua relação com o assistente espiritual, a sua relação com a pastoral da diocese e da paróquia. Tendo isto bem definido é fácil para diocese ou paróquias de acompanhá-los. Senão cresce de modo encéfalo ou cresce à volta do fundador ou à volta duma identidade pouca bem definida e não precisa. Essas coisas assim não ajudam o amadurecimento espiritual e o crescimento humano e o

empenho apostólico desses grupos. Podem caminhar um pouco por si mesmos mas com pouca incidência naquilo que é a pastoral orgânica da paróquia ou da diocese. Como bem sabes uma diocese tem um plano pastoral orgânico que olha por todo, estabelecendo as prioridades a ser desenvolvidas ao longo dos anos sucessivos. Como o movimento está muito mais voltado naquilo que ele identifica como prioridades ou objectivos, é preciso que o movimento seja um braço da acção pastoral da paróquia ou da diocese. Este é o aspecto que deve ser considerado para evitar que o movimento se volte mais para dentro de si do que para a pastoral eclesial. E outro aspecto também que deve ser acautelado é o acompanhamento desses movimentos. Muitos deles têm membros que não são batizados e que não vivem dos sacramentos, pessoas que se afastaram dos sacramentos, pessoas que não estão preocupados a recuperar uma vida sacramental. Até podemos encontrar movimentos em que os núcleos deles são actividades que eles desenvolvem e não tanto esses outros aspectos. O objectivo é só as actividades dos movimentos. Por exemplo se é promover o canto isto basta e não há mais nada. Agora se os membros têm a base da formação das exigências da vida cristã, têm compromisso coma fé católica, já isto não é prioridade. Pois, a vida cristã é uma vida que se estrutura com base numa fé. Isto deve estar presente no cristão. Os movimentos, penso eu, devem ter como finalidade ajudar a pessoa a viver a sua condição de batizado, a sua própria vocação. Os movimentos proporcionam convívios, amizades, ambientes salutareos, aprendizagem (se o grupo está ligado ao canto, ao teatro, desporto, ajuda aos doentes, apoio aos presos ou a pessoas com dificuldades duma ou doutra natureza). Tudo isto é muito importante mas não pode deixar de lado o fundamental da vida do batizado que é uma vida em Cristo e com Cristo, que deve desenvolver-se em nós para a nossa salvação, para a nossa redenção. A nossa actividade junto dos outros é a explicitação, é o prolongamento, a concretização daquilo que é a fé em que nós acreditamos. Por isso a nossa união com Cristo leva-nos a um compromisso com os irmãos que é a apostolicidade. Portanto, não pode prescindir desta raiz que é Cristo, senão ficamos apenas no mero activismo. Assim deixamos de sermos o movimento apostólico. São Novos Movimentos Apostólicos, isto é, movimento de apostolado que tem a sua fonte na acção dos Apóstolos e em nome de Cristo. “É o que ouvimos, vimos e experimentamos e nos vos anunciamos” como afirma São João no seu Evangelho. Se esses movimentos, priorizando ou valorizando ou limitando ou reduzindo a sua acção de modo exclusivo ao fazer sem essa fonte de vida que é o viver em Cristo e com Cristo, facilmente se identifiquem com vários movimentos

filantrópicos que existem no mundo, mas cuja novidade é a maior solidariedade, filantropia. Nós devemos saber que o agir do cristão neste âmbito é o prolongar do amor de Deus que redime, restaura, refaz e constrói a própria humanidade. É isto que a Igreja procura ser no mundo, num espaço onde homem pode sentir-se renovado pela força da graça.

É este objectivo do meu estudo. Em termos concretos o que a Igreja diocesana pode fazer para ajudar os membros dos “Novos Movimentos de Apostolado” a beber desta fonte que é Cristo?

Uma das dificuldades que temos é devida da falta de acompanhamento desses movimentos que foram crescendo, cresceram, uns bem estruturados ao nível de estatutos, ao nível diocesano, paroquial com os seus subgrupos, ao nível das capelas com uma liderança que coordena por exemplo 2 a 3 capelas. A partir dessas capelas ou zona pastoral sai a liderança paroquial, e a partir das lideranças paroquiais sai a liderança diocesana. Há outros que não chegaram a este nível de tão aperfeiçoada organização. Como digo, eles cresceram muito ao nível de organização, ao nível de membros mas não cresceram muito ao nível da espiritualidade. Portanto falta em alguns uma mística temperada no Evangelho. Os fundadores fundaram e não acompanharam ou não se nutriram para poder alimentar espiritualmente esses movimentos. Há 2 situações a ser consideradas: 1º No acto da aprovação deve saber qual é a figura do fundador? Quais são os meios que ele tem para continuar a acompanhar. Mesmo assim logo devia ter um assistente eclesiástico que devia com o fundador continuar a cuidar do aspecto espiritual desses grupos ou movimentos. Este trabalho não foi feito na maior parte dos casos. Em alguns casos o fundador deixou de frequentar a Igreja, deixou de participar activamente ao nível da Igreja ou por razões de saúde ou de trabalho ou foi transferido ou por outros motivos. E o grupo ficou a ser dirigido por outras pessoas que fazendo o que podem com os meios que podem sem devido apoio ou suporte pastoral dum sacerdote ou duma equipa pastoral da diocese. E daí a dificuldade que se regista ou tem neste campo em que são corpos fisicamente bem estruturados com alma cheia de boa vontade mas não devidamente trabalhada ainda.

Será que esta “falha” de ser trabalhado é a falta da catequese talvez ao nível dos movimentos?

Evidentemente esses grupos precisam dum modelo como dos grupos antigos Legião de Maria, Apostolado de oração, Focolares para dar só esses 3 exemplos. Para além de toda a sua estrutura orgânica que têm, eles têm manual de espiritualidade onde estão os seus conteúdos. Pois, um movimento de apostolado é fruto duma espiritualidade. Uma actividade pastoral pode ser muito boa e eficiente mas sem espiritualidade facilmente se desemboca numa filantropia. Até pode ser muito eficiente na ajuda aos outros mas os seus membros não crescem naquilo que fazem. Não estão a crescer com toda a actividade que eles promovem e desenvolvem porque é actividade pela actividade, quando deveria ser justamente o contrário a partir da própria actividade ia-se renovando, ia-se crescendo, ia-se fortificando na prática do bem porque estamos unidos fisicamente a Deus que nunca deixa de se comprometer com o bem. É um compromisso definitivo com o bem, a felicidade e a redenção do homem. Portanto, este trabalho deve ter um final que é restaurar, resgatar a pessoa humana. A maior parte desses movimentos têm uma característica que é importante de notar que é a sua dimensão essencialmente social, isto é, ajudar nos óbitos, nas doenças, o aconselhamento do outro mas falta o aspecto “em nós”, nós que estamos ao serviço dos outros como nos alimentamos, como nos restauramos? Geralmente o Movimento volta-se para nós quando temos um problema, sim vem aconselhar, procura resolver um conflito familiar mas não há aquela preocupação de quem está no grupo ser habitualmente iluminado, instruído, fortificado por uma mística que leva a dizer que eu ajo assim porque tenho um compromisso no meu interior, independente de qualquer lei ou obrigação exterior que me leva a ser sempre justo, que me leva a ser sempre solidário. É esta dimensão que falta. As pessoas não tendo este Manual de espiritualidade é difícil lançar uma formação ao nível da liderança desses movimentos de acordo com a especificidade, de carisma de cada um desenvolver uma determinada espiritualidade para que eles possam caminhar nesta linha. Até têm palavras muito bonitas, por exemplo Oração, Penitência e Conversão ou Amor, Paz e perdão. Tudo isto é muito bom mas (devem ser desenvolvidas para facilitar

a sua compreensão e ser assumidas como um compromisso, uma orientação da vida), devem ser desenvolvidas ao nível da espiritualidade.

Um outro ponto que precisa de ser esclarecido é do conflito que existe muitas vezes entre a autoridade eclesiástica e o fundador. Para ser concreto entre o pároco e o fundador ou o responsável do movimento e o catequista. Isto faz-me pensar na discussão entre o poder instituído e o poder carismático vivido ao nível das paróquias e das comunidades. Este conflito já foi vivido entre os bispos e os fundadores dos novos movimentos eclesiais e novas comunidades. Qual é a sua opinião?

Posso dizer o seguinte: há dois níveis. Problema teológico de base é a relação entre o carisma e o poder. Sabemos que o Senhor concedeu à Igreja vários carismas, este é o texto paulino e vários ministérios. No tempo Ele constituiu uma Igreja hierárquica naquela também instituiu na base do mesmo texto de São Paulo apóstolos, profetas, etc. mas confiou aquele núcleo de apóstolos na pessoa de Pedro a responsabilidade de confirmar os irmãos na fé. E Vaticano II percebe isso quer no *Dei Verbum* ou no *Lumen Gentium*, numa dessas constituições, ambas são dogmáticas que a hierarquia tem carisma da verdade, isto quer dizer que a Igreja é uma estrutura acéfala onde qualquer pessoa pode pensar da sua maneira, mas passa pela autentificação, pela confirmação, pela verificação daqueles que na Igreja são colocados a frente como pastores, mestres da vida, da doutrina da própria Igreja. Portanto, a pessoa pode ter toda iluminação, toda a criatividade, mesmo os fundadores das congregações ninguém fundou por si mesmo, nem as congregações não existem por si mesmas mas exigem a aprovação: primeiro ao nível diocesano e depois ao nível da conferência episcopal e depois ao nível da Igreja universal que é Santa Sé. É só com essas aprovações que um instituto de vida religiosa pode se desenvolver e se apresentar na Igreja e diante dos cristãos como tal. Fora disto não há legitimidade. Esses movimentos internacionais como neocatecumenado, Comunhão e Libertação, Comunidade Emanuel etc. já têm estatuto aprovado internacionalmente pela Santa Sé. Quando se chega numa diocese ou numa paróquia são simplesmente recebidos porque já têm o conhecimento da Igreja Universal e deve desenvolver a sua actividade. Se um pároco disse que na sua paróquia não considera

oportuno ou um bispo dizer o mesmo deve se respeitar. Mas têm outros lugares onde podem trabalhar e serem aceites.

Pode ser uma diocese que não é favorável ao desenvolvimento do tipo de movimento mas é favorável ao outro tipo porque esses movimentos já têm um reconhecimento da Igreja universal, da aprovação pontifícia, nós não podemos de modo nenhum ao nível local interferir no seu normal funcionamento. Tem um funcionamento, um estilo de vida, um estatuto autónomo na sua orgânica interna. Quando o movimento surge na diocese ou na paróquia deve fazer-se esta confrontação, desta verificação, desta aprovação por parte do Bispo na primeira instância da parte do pároco que está a acompanhar os primórdios, o início deste grupo deve então verificar o que está conforme à tradição e à doutrina da Igreja, na vida da própria Igreja. O que é necessário ajustar, o que é necessário orientar, o que é necessário talvez aperfeiçoar para que seja de facto um movimento eclesial. Esses movimentos apostólicos são movimentos eclesiais, quer dizer que se desenvolvem na Igreja e estão ao serviço da Igreja, estão no mundo em nome da Igreja, são movimentos católicos. Não aparecem aí fora como uma “oposição”. Nós somos da Igreja, quem é o nosso fundador? É fulano tal. Se nós vemos coisas assim não há conflitos. Quando não vemos coisas assim ou quem recebe não reconhece que o movimento tem uma personalidade própria reconhecida pela Igreja porque tem um estatuto pontifício e não acolher localmente aquilo que foi oficialmente reconhecido é um erro. Quando ao nível local o movimento não se deixa ajudar por não ser de direito pontifício, é um movimento que quer impor à força, ignorando aqueles que o Senhor colocou a frente da sua Igreja como guias e pastores. O diálogo é necessário.

Quais são as razões que levam ou podem levar um Bispo a recusar um movimento aprovado oficialmente o direito de implantar-se na sua diocese ou dum pároco na sua paróquia?

Eu creio num caso como noutro deve aproveitar as motivações fundadas que levam a tomar esta posição. A nível dum movimento que nasce na diocese eu acho que muito mais difícil o pároco a rejeitar porque o Bispo ao aceitar um movimento olhou ou deve

olhar pelo todo da diocese, é algo que ele está a acompanhar a sua estruturação, a sua organização nos seus começos, então ele tem a possibilidade de dizer o que deve ser feito. Por exemplo há práticas que podem ser boas numa comunidade com uma tradição cristã muito antiga, enraizada... e há outras comunidades que são comunidades novas, comunidades a começar ainda fazer este caminho de fé cristã, pode ser que seja uma paróquia que tem ou vem dum experiência dolorosa e marga de conflitos entre os movimentos de apostolado. Também temos casos desses. Por exemplo o movimento carismático aqui na nossa diocese não mas numa outra diocese houve problemas de liderança justamente por causa desta situação, cada um pensa que ser carismático é ter uma linha telefónica aberta e permanente com Deus. Ele tem aquela linha dele e pensa que as coisas devem ser assim. Toda a Igreja é conduzida pelo Espírito Santo, toda a Igreja tem a dimensão carismática. Esta dimensão carismática não diz subjectivismo ou subjectividade pura. É uma possibilidade da presença do Espírito santo na nossa vida da Igreja mas isto tem de ser aprovado como disse a Tradição. Nós temos o que chamamos de “*Depositum Fidei*”, senão teríamos novas revelações, uma doutrina que cresceria não em compreensão mas que seria um contributo de novos elementos. A fé católica disse respeito a um crescer na compreensão da própria fé, aí sim mas com compreensão com elementos novos.

Acho que não é bom nem para bispo nem para pároco impedir os novos movimentos a implantar-se no seu território de jurisdição. Pois, não há motivos que podem justificar esta tomada de posição contra um direito fundamental defendido no Código do direito canónico. Por isso pede-se, aos bispos e, diria o mesmo, aos párocos, uma atitude de humildade e solicitude para com os novos movimentos. Deste modo o caminho a seguir é do diálogo. Tive uma entrevista com uma fundadora dum desses novos movimentos de apostolado que me disse que formaram impedidos a implantar-se numa comunidade por um pároco que afirmou do altar numa missa que enquanto ele estiver a frente desta paróquia nunca acertaria este movimento.

Esta não foi uma boa atitude porque não é do púlpito que uma afirmação com esta não deve ser feita. O pároco devia fundamentar a sua posição. Em princípio aquele que tem

a autorização pontifícia deve ser aceite por toda a Igreja. Isto depende de cada lugar e do desenvolvimento de cada comunidade cristã. Há comunidades que podem funcionar bem numa diocese e não funcionam numa outra... Um bispo ao dizer não, não está a reprovar a apreciabilidade do valor pastoral do movimento mas está só a dizer que este não serve aqui por razões fundamentadas. Por exemplo um carro pode ser bom mas não prestar para algumas estradas.

Não sei se esta imagem pode corresponder à realidade dos “Novos movimentos de apostolado”. Muitas vezes as razões de não aceitar são mais de ordem autoritária, subjectiva e não propriamente pastoral. Nunca podemos ter medo de arriscar, de dar novas oportunidades. Tivemos um caso desses nesta diocese em 1991 com o grupo carismático que não foi aceite por ter corrido mal a sua implantação em Luanda. Fui um daqueles que como Gamaliel defenderam a sua aceitação em Cabinda com um bom acompanhamento eclesiástico porque a experiência de Luanda não era motivo suficiente para o impedir em Cabinda. E hoje posso dizer que é um dos movimentos mais activos na diocese. Outro problema: neste momento estou encontrar dificuldade para fazer um levantamento dos “Novos Movimentos de Apostolado” fundados em Cabinda. Os documentos que deviam fornecer a informação têm dados diferentes até contraditórios, como é o caso dos anuários. Como o Senhor Bispo explica esta situação?

A explicação pode ser que não foram enviados todos os dados completos. Há grupos que surgiram depois como por exemplo Grupo Nova vida ou não fora enviado os dados dos grupos que não tinham uma expressão significativa que justificasse constar no anuário. Penso eu assim porque não estive.

Foi ainda um dado importante na minha investigação porque sempre pensei que a fraternidade é uma importância da experiência do Congo-Brazzaville. Agradeço este esclarecimento (Pois, o Sr Bispo foi um impulsionador ou diria “fundador” da Fraternidade quando era padre em serviço em Cabinda).

A fraternidade não veio do Congo-Brazzaville. Ela nasceu mesmo aqui. Talvez pode ter posteriormente buscar alguma coisa da Fraternidade do Congo mas ela nasceu aqui.

Mas nota-se esta grande diferença entre os dois anuários. Por exemplo há movimentos que estavam no anuário de 1998 e desaparecem no anuário 2008 mas que ainda estão presentes nas comunidades.

Os grupos que existem, são aqueles que constam neste livrinho e os que não estão aqui já desapareceram ou deixaram de existir. Estão aqui todos eles.

Para o Senhor Bispo, quais são hoje os grandes desafios que a Igreja de Cabinda deve enfrentar na sua missão de evangelizar?

Nós quando chegamos aqui na diocese, vimos que uma comunidade com mais de trezentos mil fiéis era assistida por duas paróquias. Por isso, dividimos o território da cidade em várias áreas e dissemos que movimento tal vai para evangelizar tal área, o movimento tal parte para outra área, aqui em diante. Há movimento que assumiram com êxito esta actividade e há um ou outro que não correspondeu àquilo que nós equacionávamos. Uma das coisas que acho que os movimentos devem fazer é ver não para si mesmo mas viver para fora. É aquela missão *ad extra*, ir ao encontro daqueles que ainda não ouviram falar de Jesus Cristo ou se afastaram da prática da vida cristã por qualquer razão, ou instalaram-se no comodismo ali onde se encontram. É reavivar o ânimo a esse último grupo e propor Jesus como caminho, verdade e vida aos primeiros. Aqui devemos aproveitar os membros desses novos movimentos, por exemplo, a paróquia precisa de catequistas, Secretariados diocesanos precisam do pessoal, leigos comprometidos para trabalhar e dinamizar a acção dos secretariados; nós precisamos em grupo como caritas de leigos que estejam empenhados e os movimentos são também uma reserva de energia, de força para evangelização; são também um viveiro, uma

reserva, dizia eu, de pessoas com aparência de vida cristã, um caminho da vida eclesial, que são capazes de serem operadores pastorais na diocese. Quanto à pergunta em si mesma no ano da fé, quais os desafios da evangelização? Eu olhando para a realidade da diocese de Cabinda, eu diria que a prioridade das prioridades é anunciar Jesus Cristo como caminho, verdade e vida. Não há outra coisa. Anunciar a todo o mundo.

Como concretizar este mandato de anunciar Jesus Cristo como caminho, vida e verdade?

É atrás da catequese das crianças até catequese dos adultos. A catequese em todos os níveis mesmo dentro dos movimentos apostólicos. Fazer uma espécie de itinerário da fé para os movimentos apostólicos para os jovens e adultos desses movimentos. Nós temos movimentos apostólicos aqui na diocese que têm sector juvenil e sector dos adultos e até outros com sector das crianças. Mas esta catequese deve estar aí atrás duma ideia vaga ou atrás duma lema mas deve ser evangelizadora porque toda evangelização leva a uma certa conversão. O que é ser cristão? É alguém que se apaixona por Jesus Cristo e deixa-se transformado por Ele e conduz a sua vida de acordo com a Palavra de Jesus Cristo em todos os níveis. E aí temos um grande défice.

Só pode agradecer pela sua disponibilidade e sobretudo por partilhar a nossa preocupação de valorizar e dinamizar os “Novos Movimentos de Apostolado” fundados em Cabinda para que sejam de facto «resposta providencial» aos novos desafios da inculturação. Obrigado.

**Anexo 5: Entrevista do Fundador dos
“Filhos do Reino” (E2)**

ENTREVISTA AO PADRE MAZUNGA, FUNDADOR DOS “FILHOS DO REINO”/E2

Data: 17/10/ 2013

Hora: 11h22

Duração: 22 min

Local: Escritório

Vou falar com Padre Mazunga, fundador dos “Filhos do Reino”, Novo Movimento de Apostolado fundado em Cabinda. Desde já os nossos agradecimentos por ter aceite colaborar. No momento da fundação dos “Filhos do Reino” existiam na diocese outros movimentos de apostolado porque ter pensado fundar um novo movimento?

Pensei em começar com esta experiência de caminhada espiritual por causa precisamente da educação dos mais novos, que era preciso olhar para a formação humana, a formação intelectual e a formação cristã dos jovens e das crianças mas apoiados pelos mais velhos. Dali partimos como se tratava dum grupo da Igreja, tinha que se ter uma espiritualidade própria da Igreja. Partimos precisamente do nome “Filhos do Reino”, baseando-nos em Lc7,22 que é o capítulo central da nossa espiritualidade. Educar mas educar para a libertação. Quem educa, educa para libertação e quem liberta, ajuda da libertação e este está no caminho da felicidade.

Lembro-me que naquela altura trabalhava na Sé Catedral e certamente lá existiam movimentos de apostolado dedicados à educação das crianças e adolescentes e minha pergunta é de saber qual foi a necessidade de fundar mais um movimento?

É verdade que havia Movimentos “tradicionalis” como Legião de Maria, Sagrado Coração de Jesus e ainda “Boscovitas”, vindos de Ponta Negra, mais próximos aos jovens e crianças mas havia muito fervor. O movimento dos “boscovitas” era só para os jovens e nós queríamos que fosse uma coisa onde entrassem precisamente os jovens

principalmente mas apoiados pelos mais velhos que deviam assumir o papel de transmissão de experiência de fé.

Isto significa no seu entender que nesses outros grupos não havia esta ligação entre novos e mais velhos?

Havia sim, mas sentia que faltava alguma coisa que deveria responder a este apelo porque estávamos a sair duma situação de vivência de comunismo e que era preciso que se falasse mais concretamente sobre o Reino de Deus, proposta trazida por Jesus Cristo, mas levássemos esta proposta na vida.

Deste modo achava que os outros grupos “tradicionalistas” não levavam a proposta do reino na vida dos jovens e crianças? Ou por outras palavras não falavam do Reino de Deus?

Falava sim mas por exemplo “Boscovitas” têm Dom Bosco como patrono e nós assumimos esta designação “Filhos de Reino” para assumirmos Cristo, e só Cristo como caminho para salvação.

Neste momento quando olha o caminho percorrido acha que o objectivo foi alcançado, isto é, os mais velhos a transmitir a sua experiência de fé aos mais novos ou foi obrigado a alterar a dinâmica da vossa espiritualidade tendo em conta os novos desafios ou exigências pastorais?

Alterar como tal não. Nós estamos desde de 22 de Setembro de 1996. O grupo já se alastrou até a Luanda na diocese de Viana. Estamos em quase todas as paróquias da diocese neste momento. É preciso uma reestruturação mas mais na dinâmica da pastoral e não tanto na espiritualidade porque esta mantém-se que é a busca do Reino de Deus, Jesus disponíveis para serviço e serviço dos irmãos.

Então, o movimento é mais direccionado para os jovens?

Não. Temos também crianças que chamamos de “*Nona*”, quer dizer “formiguinhas”, aquelas formigas pequenas mas sempre juntas, sem barulhos quando estão a trabalhar. O Reino deve ser buscado na simplicidade e deve ser uma coisa de entrega, de serviço aos irmãos mas sempre com simplicidade, sempre com os irmãos.

A dificuldade que os Novos Movimentos de Apostolado encontram que é a sua integração nas estruturas das dioceses ou das paróquias. Até o Papa João Paulo II aconselhava aos Novos Movimentos de ser humildes para a sua integração. Será que tem encontrado a mesma dificuldade na vossa dinâmica de expansão?

Grande dificuldade não tivemos graças a Deus porque antes de se ir numa paróquia nós levamos a proposta ao pároco, apresentamos o manual de espiritualidade que é o caminho do filho, temos “*Ilandulu*” onde estão algumas linhas de orientações para formadores, servos e responsáveis e depois temos estatutos. Depois disso começa-se uma experiência não para ser já um grupo aí, pode se trabalhar seis meses ou um ano com aval do pároco porque no dia da promessa ou da erecção do grupo o pároco deve assinar a acta da erecção. Em todas as paróquias temos trabalhado assim praticamente. A dificuldade que temos é mais na formação dos formadores. Temos de formar os líderes que possam estar a frente para ajudar os irmãos no caminho da felicidade.

E como é feita esta formação?

Temos tido cursos de formação de liderança que chamamos de formadores ou servos. De seis em seis meses ou de três em três nós temos a reciclagem destes formadores. Temos os núcleos como o grupo é grande em muitas paróquias. Formamos pequenos grupos de formação dentro do próprio grupo.

E como é a organização do seu grupo?

Nós temos a direcção diocesana e a direcção paroquial. Os membros das direcções paroquiais fazem parte da direcção diocesana.

Como é feita a formação dos formadores?

Por esta razão é trimestral ou semestral mas eles têm formação permanente.

Sabe dizer se os párocos conhecem a espiritualidade do seu grupo?

Não posso dizer porque não tenho conversado sobre o assunto com os novos párocos. No entanto, para a nossa espiritualidade nós entregamos normalmente os manuais necessários para o conhecimento do grupo e da sua espiritualidade ao pároco ou à irmã que está acompanhar o grupo.

Já houve uma vez um encontro entre os responsáveis do grupo e os párocos ou as irmãs que acompanham para aprofundar junto a espiritualidade?

Um encontro como tal não. Nós tivemos agora uma assembleia extraordinária porque só agora que o grupo se abriu para as outras paróquias. Primeiramente estava em duas paróquias mas agora estamos quase em todas faltando-nos a paróquia de Belize. Mas já está a se formar lá um grupo. Também falta a paróquia de Malembo. Zenze já temos como Landâna também. Aqui ao nível da cidade estamos quase em todos os lados. Só falta-nos numa quase- paróquia que é S. Pedro.

Notei no terreno como dizia que muitos párocos não conhecem a espiritualidade, dos Novos Movimentos, nem os seus estatutos. Será que da sua parte tem evidenciado o esforço para fazer conhecer o seu grupo e como tem feito?

Normalmente nós entregamos os instrumentos necessários para o conhecimento da espiritualidade da nossa associação. O grupo tem uma programação anual ao nível da diocese que é entregue a todos os párocos e depois temos a programação própria paroquial que é entregue a cada pároco. Todos eles têm. Cabe então ao pároco ler para o melhor acompanhamento.

Sabe que existe uma diferença mesmo em termos canónicos entre a terminologia de grupo e associação. Porque fala da associação?

Associação porque é um associado, um grupo de gente, cristãos católicos que pretendem seguir uma determinada espiritualidade.

A terminologia mais utilizada é “movimento” e não associação, nem grupo porque há uma diferença clara entre associação, movimento e grupo? Será que tem conhecimento disto?

Apesar de ter a designação de associação mas não deixa de ser um movimento de apostolado ou movimento eclesial.

O que pode propor para o conhecimento por exemplo do seu grupo junto dos responsáveis das paróquias?

Talvez endereçar uma carta, agora que estamos a rever os estatutos, já estão revistos depois da última Assembleia. Já foram entregues ao Senhor Bispo, já que é ele que tem a última palavra. Eu recebi as propostas da Assembleia que já aprovei como fundador e agora devo entregá-las ao Sr Bispo já no próximo mês para a sua aprovação e promulgação. A partir dali remetemos os manuais novos e os estatutos, manual de orientação dos formadores aos párocos e religiosas. Esperemos que neste momento tenham mais atenção de conhecer através desses manuais a própria espiritualidade do grupo.

Esta ideia é boa porque sabe que os novos movimentos eclesiais tiveram muitas dificuldades de serem aceites em muitas dioceses e me lembro o caso dos carismáticos que tiveram muitas dificuldades de se implementar nas dioceses de Angola como foi o caso na diocese de Cabinda. O Vaticano através do conselho pontifício para os leigos teve a iniciativa de chamar alguns bispos em representação das conferências episcopais para vir conhecer as espiritualidades dos novos movimentos eclesiais através das intervenções dos seus fundadores. Foi

uma iniciativa que facilitou em muito a implementação de muitos novos movimentos eclesiais em muitas dioceses do mundo inteiro. Por isso eu seguirei a mesma linha: Convocar os padres para um seminário de informação e formação da espiritualidade dos Novos Movimentos de Apostolado em Cabinda. Já fui pároco e nunca tive aquela preocupação de conhecer a espiritualidade dos movimentos de apostolado e só me interessava autorizar e confiar a uma irmã para a acompanhar. Esta ideia deve ter um “cunho” da autoridade máxima da diocese para ter o seu impacto nas paróquias. Pois, uma iniciativa solta dum movimento sempre terá dificuldade de se impor.

Ainda uma questão sobre os estatutos. Disse que na última assembleia os estatutos foram revistos. O que foi na base desta mudança? A própria situação actual da diocese no seu crescimento ou da própria realidade da vida do movimento de se adaptar às novas exigências pastorais?

São as duas coisas. O grupo se adapta às novas exigências da vida da diocese e também nós eramos só da paróquia da Sé Catedral onde nascemos. Mas, agora o grupo expandiu-se, estamos na Imaculada, Lândana e Zenze, em Viana (Luanda). Isto requer uma reestruturação ao nível da direcção porque na sua fundação o seu estatuto era para um grupo paroquial. A expansão do movimento é que exigiu mais esta reformulação dos Estatutos

Uma questão de curiosidade. Como o movimento chegou a Viana?

Porque muitos foram lá estudar e pediram aos párocos de Viana para fazer os seus encontros. O padre viu e gostou.

Em que paróquia de Viana estão?

Na paróquia de São Francisco.

Tens notícias do seu crescimento? Tem novos membros?

Tenho sim. Já fizeram promessas e os daqui foram para lá assistir.

O seu movimento tem níveis de pertença?

Tem sim. Tem das crianças, Jovens e adultos. Para os jovens é dos 15 a 30 anos. Basta ser batizado. Quem estiver matizado passa para escalão de adultos, mesmo sem ter a idade exigida.

Ao nível das paróquias tem pequenos grupos?

Elas têm núcleos. Tem grupo paroquial e depois há núcleos ao nível da paróquia.

E esses núcleos são das pequenas comunidades ou como nós chamamos as capelas?

Não. São núcleos de formação ao nível da paróquia e não das pequenas comunidades.

Todos os adultos têm responsabilidade de acompanhar as crianças e os jovens?

Grande parte sim.

Obrigado pela sua disponibilidade de colaborar nesta pesquisa. Como sabes o Papa João Paulo II e Bento XVI consideram os Novos Movimentos Eclesiais como dom de Deus. Por isso, procuro com este trabalho dar aos nossos Novos Movimentos de Apostolado, aqui fundados esta dimensão profética de ser para a nossa diocese este dom de Deus para respondermos aos novos desafios pastorais. Pois, comparado às restantes dioceses de Angola, Cabinda é a diocese onde se nota o surgimento de Novos Movimentos de Apostolado.

Também agradeço pelo interesse mostrado para conhecer os “Filhos do Reino”. Bem-haja para o seu trabalho e desejo-lho êxito porque é um trabalho para o bem da Igreja e da humanidade.

**Anexo 6: Entrevista do Fundadora da “
Nossa Senhora das Dores” (E3)**

ENTREVISTA A DONA LUIZA ARTUR/ E3

Data: 17/10/13

Hora: 11h05

Duração: 33 min.

Local: Sala de espera da sua residência

Vou falar com a Dona Luiza Artur, fundadora do Novo Movimento de Apostolado “Nossa Senhora de Lurdes”, um dos primeiros novos movimentos, nascidos em Cabinda. Desde agradecemos adua disponibilidade

O que levou a Dona Luísa a fundar este novo movimento, já que havia outros movimentos de apostolado em Cabinda como por exemplo a Legião de Maria ou Sagrado Coração de Jesus?

Até não foi pensamento. Nunca tive imaginação de fundar um grupo, nunca pensei na minha vida fundar um grupo. Não nos chamamos grupo mas uma espiritualidade e foi o responsável eclesiástico nomeado pelo Dom Paulino que definiu, depois de estudar e de nos acompanhar nos retiros e ver-nos rezar, que não era grupo mas sim uma espiritualidade da Senhora das Dores. Isto como surgiu? Não foi até bem uma fundação e digo sempre isso às pessoas. Eu adoeci bastante e não digo que conheci agora a Igreja. Eu conheci a Igreja desde da infância porque fui criada nas missões das irmãs de S. José de Cluny. E a partir dos 7 anos fui formando-me na Palavra de Deus. Casei-me depois de sair do magistério religioso onde tirei um curso que tenho até hoje. Ao casar-me continuei a frequentar a Igreja. E quando adoeci comecei a afastar da Igreja e da Bíblia não queria saber. Ia só a missa vespertina e não era aquela entrega até que um dia uma religiosa convida-me para lhe ajudar, como não estava a dar aulas devido da doença, a abrir um centro de costura. Assim fui ajudando mas antes disto já como criança tinha, não sei como chamar, a noite normalmente, algumas visões ou sonhos ou revelações. Não sei como intitular isso mas andava a ver muitas coisas. Entre essas coisas era a ver frequentemente eu a rezar para muitas pessoas com males graves de saúde e diversas dificuldades. E uma vez ouvi uma voz que me dizia de estender a mão e eu estendi a mão sobre as pessoas e recuperavam. Isto foi constantemente. Vou tentar resumir

porque a história é longa até um dia na costura as senhoras vinham ter comigo para contar os seus problemas muitas vezes graves e chorávamos juntas. Assim comecei a me lembrar aquilo que sonhava no passado. Dizia-me a mim própria que Deus não podia me pedir isso com tipo do marido que tenho e que suporta eu ter amigas e como é será? Eu chorava com estas pessoas e dava conselhos. E começamos a ser amigas.

Até um dia fui ter com a irmã da costura pedindo-lhe que rezasse por mim entregando-lhe uma minha vela. A irmã não aceitou a vela mas encorajou-me a ir sozinha rezar na Igreja. Fiquei um pouco chocada pela resposta da irmã mas ao mesmo tempo senti em mim a força de rezar porque também sou baptizada. Infelizmente não fui rezar na Igreja naquele dia e fui para casa mal disposta. Até um dia do nada disse a essas pessoas para irmos rezar na minha casa depois da costura e isso foi no dia 19 de Janeiro de 1986. Ficamos na minha sala nós cinco a rezar o terço. E neste primeiro dia comecei a fazer petições fortes que punham todo o mundo a chorar. Por isso o nosso director espiritual entendeu que era o dom das lágrimas. Foi assim que começamos. Havia neste grupo uma mulher casada pela Igreja que estava para perder o seu lar por falta de filhos e o marido já tinha arranjado uma outra mas felizmente depois de dez meses esta mulher veio a conceber. Foi assim que começaram a surgir muitos milagres quase em todos os lados. Foi assim que nasceu esta espiritualidade, não foi pensamento nenhum. Nunca sonhei a ter preocupações fora do meu lar. Mas felizmente tenho hoje essas preocupações por causa de Cristo. Não fundei mas surgiu assim.

Agora como a Dona Luiza prefere chamar a espiritualidade neste momento só se limita a rezar ou já tem outras preocupações?

Temos grupo coral, outras actividades na Igreja e estamos enquadrados como outros grupos. Fazemos tudo para estarmos presentes em tudo que a diocese ou a paróquia programa. Além disso, temos as visitas nos hospitais, nas cadeias, levando algumas coisas e rezando com eles. Procuramos mais os doentes abandonados, sem família, buscando as receitas para comprar medicamentos. Através desta espiritualidade muitas mulheres mudaram aquela vida de 3 ou mais homens. Hoje são mulheres comungantes de missa diária.

Dona Luiza sabe que o grande milagre é a conversão, a mudança de vida?

É verdade. Na nossa espiritualidade temos muitos desses milagres de conversão, até os jovens. Tínhamos as crianças e como a oração era forte elas não conseguiam aguentar e foram afastando-se. Nunca proibi ninguém. A nossa espiritualidade é aberta a todos. Temos de tudo, jovens, adultos, mais velhos, mulheres e homens.

Há condições para fazer parte da espiritualidade?

Não há condição nenhuma, qualquer pessoa que deseja pode fazer parte. Por exemplo no retiro que vamos ter agora de 3 dias vamos ouvir as pessoas a dar testemunho, da sua conversão.

Neste momento quando a Dona Luiza olha para a espiritualidade acha que os objectivos que suscitaram o seu nascimento foram alcançados? Pensa que há coisas para corrigir?

É verdade que na espiritualidade há de tudo, há grupo de cabritos e de cordeiros. Por isso, haverá sempre coisas para corrigir. Só, às vezes, choca-me algumas situações que não deviam acontecer. Não há cento por cento perfeitos como não cento por cento diabos. Somos pessoas que caminham a busca da salvação. Fico triste de ver situações em que, em todos cantos, os mais fracos são arrastados porque muitos vão a procura de milagres. E quando chega aqui e vê que a prioridade não é procurar milagres recuam.

Como acaba dizer que há pessoas que são atraídos pelos conseguir milagres, será que a espiritualidade está preparada para a catequese e ajudar essas pessoas naquilo que o mais importante Deus espera delas? Há espaço para catequese ou formação?

Todas as segundas feiras temos antes da oração a partilha da palavra de Deus, baseada na preparação da liturgia da Palavra do domingo a seguir, somente o Evangelho. Eu própria sou animadora bíblica. Tirei a formação bíblica. Além disso temos a formação no seu geral, até culinária e relações humanas. Isto é para dizer que a formação faz parte das nossas prioridades.

Foi decisivo o apoio recebido do Dom Paulino, Bispos de Cabinda?

Foi muito importante porque tinha a certeza absoluta que era Jesus que me confiava esta missão. Seria muito frustrante se não tivesse tido este apoio. O apoio foi mesmo decisivo e estimulante. Algumas vezes veio ver-nos rezar.

Como tem sido a relação com outros movimentos?

Acho que há falta de formação ao nível dos grupos e de líderes de pôr os membros a se amar e entender-se. Evito no meu grupo de trabalhar para exibicionismo. É verdade que há mesmo rivalidades entre grupos na diocese. Atribuo isto à falta da formação.

E como os párocos? Eles conhecem a vossa espiritualidade?

Nem sempre fácil. Já tivemos situações gravíssimas. Naquela Igreja de Cabassango tivemos uma situação terrível, ainda bem que este grupo não é meu mas do Senhor. Há mais de nove anos que houve a vontade de criar um núcleo naquela comunidade por ter lá membros a viver. Era o dia de missa campal e o padre que celebrava nos correu em publico, durante a pregação da Palavra. Isto aconteceu. Mas antes disso havia lá outro padre que tinha deixado tudo assinado para implementação da espiritualidade. Foi choque muito grande. Foi o único lugar onde encontrei impedimento..

O que pode dizer dos novos movimentos em Cabinda?

É uma bênção do céu que deve ser aproveitado.

Obrigado Dona Luiza pela sua colaboração. O objectivo deste trabalho é vermos como podemos melhor aproveitar essas bênções do Céu.

**Anexo 7: Entrevista do Fundador dos
“Peregrinos” (E4)**

ENTREVISTA DO GERVÁSIO PUCUTA /E4

Enviamos as perguntas por mail.

Considero, a meu ver, os “Peregrinos de Cristo” como o primeiro “Novo Movimento de Apostolado, fundado em Cabinda. Quais foram os motivos ou razões que o levaram a fundar este movimento, já que existiam na altura da sua fundação alguns movimentos de apostolado “antigos” como Legião de Maria, Sagrado Coração de Jesus e também alguns “novos” como Fraternidade, Nossa Senhora das Dores?

No dia 1 de Janeiro de 1979, os cerca de 35 seminaristas do Seminário Menor de Cabinda foram para as suas famílias, porque o MPLA-Partido do Trabalho, de ideologia Marxista-Leninista, decidiu fechar as Missões e os Seminários, em todo o País, com a intenção de acabar com a religião em Angola, porque a *“Religião era ópio do povo”* e obscurantista. Assim, o nosso Mestre, Pai e Reitor, o então Padre Paulino Fernandes Madeca, arrendou uma casa, na cidade, e nós, os seminaristas, em regime de turnos ora quinzenais ora mensais, íamo-nos substituindo, vivendo com ele, como forma de continuarmos na senda da descoberta ou discernimento vocacional, em regime de internato alternado, o que fez com que muitos fossem desistindo.

Nesse contexto, no conjunto dos 35, o Padre e então Pároco da Igreja Rainha do Mundo, enquadró 3 destes, nomeadamente, Joaquim dos Santos José, Pedro Sevo Agostinho e Gervásio André Púcuta, em várias frentes da Pastoral, designadamente: na Catequese, Legião de Maria (presidium dos jovens), grupo coral, grupo de dança e no grupo de jovens. Assim, fomos desenvolvendo a veia da pastoral juvenil.

Em Agosto de 1981, os 3, na companhia de mais 5, nomeadamente, José Henrique Biquele, Luís da Graça Rodrigues Franque, Francisco Marques de Jesus Tati, José Mampua André e Afonso Liberal, fomos continuar o Seminário Menor, em Luanda, onde continuei com a pastoral catequética, até 1983, no Seminário Maior.

De 1984 a 1991, ano em que terminei a formação, assumi a pastoral juvenil, a pastoral litúrgica e a pastoral vocacional. É neste enquadramento que, o Rafael Gime, jovem da Sé Catedral de Cabinda, que estava em Luanda a estudar, me contactou para criarmos a Associação dos Jovens Estudantes Católicos (AJEC), que ao chegarmos a Cabinda, enquanto Diáconos, foi entregue ao colega de carteira e ordenação, o Raúl Tati, visto que a Sede era na Sé Catedral, onde ele residia, pois era Secretário do Bispo, e que, com a sua saída para Luanda, desapareceu, e eu na Direcção do Seminário Propedêutico, com o outro colega Carlos Bambi, que, por sua vez, criou o projecto dos Filhos de Jesus, que veio a tornar-se congregação religiosa, assumi a pastoral juvenil da Paróquia da Imaculada Conceição e a coordenar, de 1992 a 1994, a Pastoral Juvenil da Diocese de Cabinda.

A partir dessa Juventude, criei o núcleo da futura Associação dos Peregrinos de Cristo, para congregar jovens de diferentes Movimentos de Apostolado, cuja explicação se descreve no ponto a seguir, pois a intenção era criar uma Associação e não um Movimento de Apostolado.

No seu estatuto os “Peregrinos de Cristo” são considerados como uma associação e não um movimento. Pode dizer-nos a razão desta denominação?

Tendo em conta que a Juventude já fazia parte da minha opção pastoral, senti a necessidade em criar uma Associação de Jovens Católicos que pudesse enquadrar jovens de diferentes espiritualidades/carismas ou grupos de apostolado das diversas Paróquias da Diocese para se transformarem em apóstolos dos outros jovens, colegas seus nas escolas e nos serviços, vizinhos seus nos bairros e ruas, e, inclusivé, dos seus próprios namorados, maridos ou esposas, a fim de se formar famílias líderes/fermento para um laicado forte, capaz de enfrentar os tempos da modernidade, assumindo a Igreja e a Sociedade, tendo como fundamento o Evangelho basificado na Doutrina Social da Igreja e enraizado na Encíclica “**CristiFidelis Laici**” – a “**Missão do Leigo na Igreja e na Sociedade**” de Sua Santidade o Papa João Paulo II. – Daqui surgem os **Peregrinos de Cristo**, em 1993, a partir de um núcleo de Jovens da Paróquia da Imaculada Conceição, que veio a crescer com outros da Paróquia Rainha do Mundo e da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes do Malembo.

Espero que ainda tenha ligação com os “Peregrinos de Cristo”. E, avaliando hoje o seu empenho, acha que corresponda aos desafios da sua fundação? Pode dar alguns exemplos?

Muitos se interrogam, querendo saber se ainda tenho ligação com os Peregrinos de Cristo. Sim, tenho e com maior profundidade, agora, que antes, porque estou a trabalhar para corresponder aos desafios da fundação, pois se tivesse continuado a exercer o sacerdócio, os Peregrinos de Cristo não teriam futuro. E digo mais: a suspensão do exercício sacerdotal foi uma necessidade pastoral, espiritual, social, económica e política. Foi o Espírito Santo quem preparou o caminho para tudo quanto está acontecer na minha vida, digam o que disserem. É uma experiência de fé muito forte. A minha fé em Deus e na Igreja cresceu bastante, estando deste lado da vida. Essas experiências são entendidas por quem as tem e nem sempre são explicadas e entendidas por quem não as vive, porque fazem parte do “existencial” (só se sente e se vive e nem sempre se explicar).

A história dos Peregrinos e o seu fundador tem três fases: **primeira**, de 1992 a 1994, os Peregrinos tiveram o seu nascimento de facto e viveram a experiência directa com o seu fundador; foi criado um forte grupo de colaboradores/benfeitores para apoiar o movimento juvenil; **segunda**, de 1994 a 1997, o fundador foi transferido para a Sé Catedral da Diocese do Uíge e, posteriormente para a Sede da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST), em Luanda, onde se criou um núcleo; nesta fase, alguns Padres, usando até

leigos, entenderam destruir e perseguir os Peregrinos, copiando alguns dos seus métodos e estratégias de pastoral para os adaptar aos movimentos de apostolado (por exemplo: as constantes e longas peregrinações nos tempos fortes da liturgia, as vigílias permanentes às primeiras sextas-feiras do mês; os benfeitores foram recrutados para apoiarem alguns movimentos de apostolado; com o regresso do fundador, reavivou-se o movimento juvenil e, através do acto de proclamação oficial, ocorrido no Cine Chiloango, com o apoio presencial do núcleo de Luanda, foi transformado em **“Associação Peregrinos de Cristo”**, de carácter filantrópica e religiosa, com publicado em Diário da República; **terceira**, de 1997 a 1998: o fundador foi transferido da CEAST, Luanda, para a Sé Catedral de Cabinda, como Administrador Apostólico, e, depois, regressou, no ano seguinte, para a CEAST; em Cabinda, aproveitou a fase para enraizar a Associação naquela Paróquia, tendo aí se despoletado, com a sua saída, a segunda perseguição, acabando por dispersar os membros; **quarta**, de 1999 a 2004: com a nomeação do fundador como Pároco da Nossa Senhora de Lourdes, no Malembo, diocese de Cabinda, no período de 1999 a 2002, os membros da Associação dos Peregrinos da cidade de Cabinda criaram um núcleo nessa Paróquia; **quinta**, em 2004, o fundador foi transferido para o Seminário Maior de Cabinda, onde a Associação passou a ter os seus encontros; foi nessa fase em que se teve a iniciativa de se criar um Centro de formação de carácter educacional e cultural para a juventude, na povoação do Caio-Cabinda, que não terminou e que o Governo solicitou para ser transformado num Centro Infantil, esperando, um dia que a Associação o tenha.

Parece que os “Peregrinos de Cristo” não tiveram uma expansão na diocese. Como justifica? Ou por outras palavras, quais foram as dificuldades para expansão? Soube que havia um núcleo em Luanda. Ainda existe?

A expansão na Diocese e fora dela: teve, sim. Basta reconhecer as etapas descritas na resposta à terceira pergunta da entrevista. A expansão, em tudo, foi sempre difícil, até do Cristianismo ou do Evangelho. E que o diga o Apóstolo São Paulo ou o Martirológio da Santa Igreja Católica e Apostólica. É preciso FÉ, LIDERANÇA CARISMA E VISÃO.

Estamos, no silêncio, com prudência e inteligência, a preparar as ideias e condições para a celebração das Bodas de Prata, com duas nuances: **criação “de facto”** – em 1993, na Praia do Caio-Cabinda, e **criação “de jure”** – em 1997, no Salão do Simulambuco, sendo: a abertura, em 2018, e o encerramento, em 2022, o requerer programar as etapas desse período que intermedeia espaço temporal de um ano ao outro.

Já não pensamos de Luanda, somente, porque muitos dos co-fundadores residem lá. A intenção é estender os Yayas para as 18 Províncias do País para apoiar a Igreja e a Sociedade com respostas integradas para a formação, educação, ensino, emprego e o discernimento vocacional para as diversas opções fundamentais ou estados de vida, com presença no social, no político, no pastoral, no económico e no cultural e desportivo. Abrir caminhos que apoiem os jovens a realizarem os seus legítimos sonhos

CARISMA: AMOR A DEUS, AMOR À NATUREZA E AMOR AO HOMEM.

GERVÁSIO ANDRÉ PÚCUTA – em Luanda, aos 15 de Março de 2015

Nota: Gervásio André Púcuta já deixou o sacerdócio ministerial. Não respondeu a todas as perguntas e justificou alegando que não lhe fazia sentido avaliar o empenho e fazer propostas. Respeitamos a sua opção e para nós como cristão tinha direito de dar o seu contributo para a valorização e dinamização com propostas concretas.

**Anexo 8: Formulário do Inquérito às
Dioceses de Angola**

INQUÉRITO ÀS DIOCESES DE ANGOLA

Objecto: Pesquisa sobre os Novos Movimentos de Apostolado

Sou sacerdote do clero de Cabinda, doutorando em Teologia na Universidade Católica de Lisboa sobre o tema dos “Novos Movimentos de Apostolado em Cabinda”.

O fenómeno dos chamados “Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades” é hoje reconhecido e considerado como uma “resposta providencial” aos novos desafios da nova evangelização como podemos ler nesta afirmação do Papa João Paulo II: “ No mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que cria e promove modelos de vida sem Deus, a fé de tantas pessoas é posta à dura prova e frequentemente asfixiada e apagada. Sente-se por conseguinte com urgência a necessidade de um anúncio forte e uma formação cristã sólida e exaustiva. Temos necessidade hoje de pessoas cristãs maduras, conscientes da sua identidade, de comunidades cristãs vivas. Eis então os movimentos eclesiais e as comunidades novas: São a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este desafio dramático de fim de milénio. Sois esta resposta providencial”¹. Por sua vez, Bento XVI, num discurso para os bispos alemães, viu neles o «dom do Espírito Santo» à Igreja”².

Deste modo, a realidade dos “Novos Movimentos de Apostolado” fundados em Cabinda não pode escapar a esta exigência de ser também «resposta providencial aos novos desafios da nova evangelização» e «dom do Espírito Santo» à Igreja de Cabinda. É o objectivo do nosso estudo: fazer uma reflexão sobre a realidade dos Novos Movimentos de Apostolado fundados em Cabinda e apresentar algumas linhas de orientação teológico-pastoral para que sejam, de facto, esta “resposta providencial” aos novos desafios da inculturação nesta Igreja particular, pois, a inculturação continua a ser considerada como uma prioridade, uma urgência, uma exigência para a real radicação do Evangelho em África, uma exigência da evangelização³.

E uma parte deste estudo é uma análise comparativa com as outras dioceses de Angola sobre o fenómeno dos novos movimentos eclesiais fundados na diocese. Os únicos dados disponíveis são do Anuário de 2009 e mesmo assim incompletos. A única via para ter dados actualizados era perguntar às dioceses. Eis a razão deste inquérito.

1. Quais são os movimentos de apostolado que a sua diocese tem?

¹ Discurso de João Paulo II aos membros dos novos movimentos eclesiais e novas comunidades na Praça de São Pedro, in DC2186 (Julho de 1991) 625.

² Bento XVI, “Discurso aos Bispos alemães na sua visita “ad limina Apostolorum”, 18 de Novembro de 2006.

³ Cfr. *Ecclesia in Africa* 56.

2. Desses movimentos de apostolado quais foram fundados na diocese e quem foi o fundador?

Peço o grande favor de me responder por este meu endereço electrónico: mutefu@hotmail.com. Desde já os meus agradecimentos antecipados.

Cascais, 29-12-14

Padre Paulino Mulamba

Anexo 9: Respostas das Dioceses

Caríssimo Padre Mulamba

Antes de mais peço penitência pela resposta tardia.

Na minha Diocese estão presentes os seguintes movimentos apostólicos:

1. Apostolado da Oração
2. Legião de Maria
3. Promaica - Promoção da mulher na Igreja Católica
4. Renovamento carismático católico
5. Associação Católica de Gestores e Dirigentes (ACGD)
6. Movimento Eucarístico Juvenil (MEJ)
7. Liga Missionária Juvenil e Infância Missionária
8. Associação dos Escuteiros.

Nenhum deles foi fundado na Diocese.

Com os melhores cumprimentos'

+ Pio Hipunyati

Bispo de Ondjiva

ARQUIDIOCESE DE LUANDA
CHANCELARIA
Largo do Palácio, nº 11; Cxp. 87
Telefs: 2223334640; 921172194
E-mail: chancelaria.chancelariaarquidi@gmail.com
LUANDA - ANGOLA

- 10- MOVIMENTO CANTEMOS AO SENHOR (ÁREA SOCIAL E FORMATIVA) - Arquitecto CELSO e Dr. ANTÓNIO ALVES
- 11- MOVIMENTO ACÇÃO CATÓLICA- Senhores TCHICOLOMUENHO; ADELINO ANTÓNIO e Dr. MORAIS VIEIRA
- 12- MOVIMENTO FRANCISCANO – Frei AFONSO NTEKA; 923663496
- 13- MOVIMENTO TERESIANO DE APOSTOLADO (MTA) – TERESIANAS e Paróquia SANTA ANA Irmã TERESA KATUMBU (923850641/912307264)
- 14- MOVIMENTO ACGD – Senhor ZEFERINO ESTEVÃO JULIÃO e JULIÃO ANTÓNIO, 924519173; CONSTANTINO JOSE (926076841).
- 15- MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO – Revendo Padre ANTÓNIO BENGUI, 933884551
- 16- MOVIMENTO OS NAZARENOS - Revendo Padre AUGUSTO MALENGUE (923253363) Paróquia de S. FRANCISCO XAVIER e Leigos
- 17- MOVIMENTO UCEK – Cónego ANTERO (926161192-ngegeya92@gmail.com) e Dona LUTUNARIO HELENA (ACÇÃO FEMININA)
- 18- MOVIMENTO MENSAGEIROS DA PAZ – Revendo Padre BELMIRO TCHISSENGUETI, CCSP – Paróquia de S. PEDRO) -912520817/923540702
- 19- MOVIMENTO FILHAS DE MARIA – Párcos de (FÁTIMA, SÉ, NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS E SANTA ANA) Irmã FERNANDA - 937288750
- 20- ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA IRMÃ WILSON- Irmãs Vitorianas (S. Marcos e Imac. Coração de Maria) Irmã ZÉLIA – 923009281; 222351430 /ifnsvluanda@gmail.com
- 21- MOVIMENTO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO E MEJ- Reverendo Padre EUGÉNIO LUMINGU (Sagrada Família) -923492798; CLAUDIO FRANCISCO (Coord. Arq. – 921184939).
- 22-MOVIMENTO DOS FOCOLARES- Irmã FÁTIMA da CONCEIÇÃO SILVA (943032588)

ARQUIDIOCESE DE LUANDA
CHANCELARIA
Largo do Palácio, nº 11; Cxp. 87
Telefs: 2223334640; 921172194
E-mail: chancelaria.chancelariaarquidi@gmail.com
LUANDA - ANGOLA

4- PASTORAL DA CRIANÇA- Reverendo Pe. CRISTOPHER, SDB e (Pároco S. José de Nazaré)

5- CÁRITAS - Sr. Paulo

6- PASTORAL DA SAÚDE -

C – MOVIMENTOS E GRUPOS

1 - MOVIMENTO “ LEGIÃO DE MARIA “- Reverendo Padre CÂNDIDO SAYENGUE SITONGUA, do Clero diocesano secular de Luanda e Pároco da Paroquia São José Operário em Luanda: – 928504111 e Senhores AGOSTINHO e JOSÉ MARIA.

2 – MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA- Reverendo Cónego APOLÓNIO ALBERTO ANTÓNIO GRACIANO - agra@nexus.ao, do Clero diocesano de Luanda, Pároco da Paroquia São Carlos Lwanga, em Luanda: – 923400131; Pe. PASCOAL e Equipe Coordenadora

3 - MOVIMENTO DA “EVANGELIZAÇÃO FUNDAMENTAL- Reverendo Padre MIGUEL SONDJAMBA SV; Francisca do Cacuo (933991396)

4 -MOVIMENTO DA PASTORAL DA CRIANÇA- Reverendo Pe. CRISTOPHER, SDB e (Pároco S. José de Nazaré)

5 – MOVIMENTO DO CAMINHO NEO-CATECUMENAL – Reverendo Pe. PACO, Sr. FRANCISCO e Sra. AURITA, 923450391

6 – MOVIMENTO OBRA DE MARIA- Reverendos Padres SEVERINO; ERIVALDO ARRUDA DE MELO-severino@obrademaria.com. 947011617 e Sr. _____ 923410684

7- MOVIMENTO KISITU- Reverendo Padre JOSEPH; 918654167 / 931454111 diandefi@yahoo.fr (Beata Anuarite); Irmã Severina.

8 - MOVIMENTO ANA MARIA JAVOELE (Cluny)

9- MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO – Reverendo Pe. Martin Lasarte e Sr. Abel Tchapu e Irmã Isabel Crine, FMA.

ARQUIDIOCESE DE LUANDA
CHANCELARIA
Largo do Palácio, nº 11; Cxp. 87
Telefs: 2223334640; 921172194
E-mail: chancelaria.chancelariaarquidi@gmail.com
LUANDA - ANGOLA

23-LEIGOS DOMINICANOS – Frei LOURENÇO e Sr. LIATUNGA

24-LEIGOS DO ESPÍRITO SANTO – Reverendo Padre FELIX CHICOLE
E KI

25-LEIGOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA- Reverendo Pe. NELLO VANZO
(912510422-937997071) - delegado@odpangola.org

26-LEIGOS JESUS, MARIA E JOSÉ (JMJ) - Irmã KATAMBI e Ir.
Margarida - margaridajmj@gmail.com / 923501117

27-LEIGOS DA SOCIEDADE DO VERBO DIVINO (SVD) – Sr.
MIGUEL (Cristo Rei) - 929080044

28-MOVIMENTO DE LEIGOS CLARETIANOS DE ANGOLA
(MLCA) -Reverendo Padre JOSÉ ALVES, CMF - (Imaculado Coração de Maria)
Prof. JOSÉ INÁCIO /923343936

29-ASSOCIAÇÃO DOS ESCUTEIROS DE ANGOLA (A.E.A) -
Reverendos Padres RUFINO TCHITUE, 927553094 – rufinochitue@hotmail.com; Pe.
SILVANO STIÃO, Pe. JOSÉ JOÃO (do clero Diocesano de Luanda)

30 – MISERICÓRDIA – Pe. CESÁRIO, 923402993; FRANCISCO BANGUI,
Irmã ISABEL JOÃO (929109060) isapanzo@yahoo.com.br e Equipe

31 - ORDEM FRANCISCANA SECULAR – Ministro DOMINGOS A. da
SILVA (924401258) e Frei TOMAS GINGA SUVA (923938579).

32 – PASTORAL BIBLICA

+ AMIZADE E SIMPATIA
(Sede Sto. Antonia (Cuca))

Luanda, 25 de Setembro de 2013

+ PROMAICA

**Anexo 10: Relatório da situação das
Igrejas em Cabinda da Secretaria
Provincial da Cultura**



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL DE CABINDA
SECRETARIA PROVINCIAL DA CULTURA

IGREJAS RECONHECIDAS

| Nº | DESIGNAÇÃO | DOCTRINA | RECONHECIMENTO JURÍDICO | LÍDER PROVINCIAL | SEDE NACIONAL | LOCALIZAÇÃO |
|----|---|------------------------|-------------------------------------|---------------------------------|---------------|-----------------------|
| 01 | Igreja Católica Apostólica Romana | Cristã A. Romana | 1987, Dec. Nº 9/87 de 24 de Janeiro | Bispo Filomeno Vieira Dias | Luanda | Bº Deolinda Rodrigues |
| 02 | Igreja Evangélica de Angola | Cristã Protestante | 1987, Dec. Nº 9/87 de 24 de Janeiro | Pastor Próspero Ngaca | Luanda | Bº Lombo Lombo |
| 03 | Igreja Evangélica Baptista de Angola | Cristã Protestante | 1987, Dec. Nº 9/87 de 24 de Janeiro | Pastor Joaquim Gime Lelo | Luanda | Bº 4 de Fevereiro |
| 04 | Igreja Evangélica Congregacional | Cristã Protestante | 1987, Dec. Nº 9/87 de 24 de Janeiro | Pastor Augusto Praia | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 05 | Igreja Metodista Unida | Cristã Protestante | 1987, Dec. Nº 9/87 de 24 de Janeiro | Pastor José da Silva | Luanda | Bº A Vitória é Certa |
| 06 | Igreja dos 12 Apóstolos | C. Messianica Africana | 1992, Dec. Nº 28/92, de 12/06 | Pastor Isaac Simba Longo | Luanda | Bº 4 de Fevereiro |
| 07 | Igreja Evangélica Pentecostal em Angola | Cristã Pentecostal | 1993, Dec. Nº 1/93 de 15/Janjeiro | Pastor Filomão Mavungo | Luanda | Povo Grande |
| 08 | Missão Cristã Evangélica de Reconciliação em Angola | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 31/92 de 17/Julho | Pastor Victor da Conceição Toco | Luanda | Bº Gika |
| 09 | Mensagem do Último Tempo | Cristã Mórmon | 1992, Dec. Nº 40/96, de 19/Maio | Pastor Nuno André | Luanda | Bº Chiweca |
| 10 | Igreja Cristã União do Espírito Santo | Messianica Africana | 1992, D. Nº 45/92 | ? | Luanda | Bº 1º de Maio |

| | | | | | | |
|-----|--|---------------------|--|---------------------------------|--------|--------------------------|
| 11. | Igreja de Jesus Cristo sobre a Terra - Kimbanguista | Messianica Africana | de 14/Octubro 1987, Dec. Nº 9/87 de 24/Janeiro | Pastor Luemba Casimiro | Luanda | Bº Gika |
| 12 | Missão Apostólica dos Crentes | Cristã Protestante | 1996, Dec. Nº 17/96 de 26/Abril | Pastor Albino Cassinda | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 13 | Igreja Evangélica Luterana de Angola | Cristã Protestante | 1996, Dec. Nº 17/96, de 26 de Abril | Pastor Paulo António Sumbo | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 14 | Igreja Evangélica Menonita em Angola | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 42-E/92, de 9/Setembro | Joana Tanta Garcia | Luanda | Bº A Resistência, Zona B |
| 165 | Congregação Cristã em Angola | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 42/92, de 5/Setembro | Pastor João Cláudio Bungo | Luanda | Bº A Resistência |
| 16 | Igreja Evangélica União Anglicana | Cristã Anglicana | 1992, Dec. Nº 12/92, de 14/02 | Pastor Simão Telexa | Luanda | |
| 17 | Igreja Bom Deus (I.F.E.P.A.A.) | Messianica Africana | 1992, Dec. Nº 12/92, de 14/Fevereiro | Pastor Domingos dos Santos Lelo | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 18 | Igreja Evangélica Peniel | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 42/92, de 9/Setembro | Pastor Jeremias Rosário | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 19 | Igreja N.S.J Mundo (Tocoista) | Messianica Africana | 1992, Dec. Nº 14/92, de 10/Abril | Pastor José Carlos Pinto | Luanda | |
| 20 | Igreja Exército de Salvação | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 12/92, de 14/02 | Nlando Diantelo | Luanda | São Pedro, Zona E |
| 21 | Missão Evangélica Cristã da Reconciliação | Cristã Protestante | 1992 | Pastor Luis Elinda Simba | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 22 | Igreja Evangélica Sinodal de Angola | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 14/92 De 10/ Abril | Pastor António David | Luanda | Bº Mpunji Nzau |
| 23 | Assembleia de Deus Pentecostal em Angola | Cristã Pentecostal | 1987, Dec. Nº 9/92, de 24/Janeiro | Pastor Filipe Forquilha | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 24 | Igreja de J. C. Espirito de Verdade -- BIMA <small>BRITANICA</small> | Messianica Africana | 1992 Dec. Nº 31B/92, de 17 de Julho | Pastor João Baptista Gomes | Luanda | Chimpindi |
| 25 | Igreja Universal do Reino de Deus | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 31B/92, de 17 de Julho | Pastor Fernel António Datala | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 26 | Igreja de | Cristã Messianica | 1994, Dec. Nº 23/94 de 10/Agosto | Pastor Tino Pedro António | Luanda | Bº Mpunji Nzau |
| 27 | Igreja Cheia da Palavra de Deus | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 14/92 de 10/Abril | Pastor Abilio Biquito | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 28 | Igreja Evangélica Reformada de Angola | Cristã Protestante | 1987, Dec. Nº 9/92, de 24/Janeiro | Pastor João Alberto | Luanda | Bº 4 de Fevereiro |
| 29 | Igreja Cristã da Aliança em Angola | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 12/92, de 14/02 | Pastor André Conga da Costa | Luanda | Bº 4 de Fevereiro |
| 30 | Igreja Evangélica dos Irmãos em | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 14/92 | Pastor Manuel Severino | Luanda | Bº 1º de Maio |

| | | | | | | |
|----|---|------------------------|--|------------------------------------|--------|---------------------------|
| 31 | Angola Igreja Evangélica Pentecostal Poder de Deus em Angola | Cristã Pentecostal | de 10/Abril 1992, Dec. Nº 42F/92, de 2/Setembro | Pastor Alexandre Quimino António | Luanda | Bº 1º de Maio/Luvassa Sul |
| 32 | Igreja Evangélica Unida Comunidade Anglicana | Cristã Anglicana | 1992, Dec. Nº 12/92 de 14/Fevereiro | Pastor Alfredo Muanda | Luanda | Bº Cabassango |
| 33 | Igreja Messiânica Mundial | Não Messiânica | 2000, Dec. Nº 74/00 de 27/Outubro | Ministro Assistente Miguel António | Luanda | Bº 1º Maio / Zangóio |
| 34 | Assembleia Espiritual de Cristo em Angola, unificada com não reconhecida I. Espírito Santo em Angola C. Ascensão de Cristo, em 22/10/2008 | Messiânica Africana | 1993, Dec. Nº 1/93 de 15/Janeiro | Pastor Jofete Bueta Ngoi | Luanda | Bº Luvassa Sul |
| 35 | Igreja Adventistas do 7º Dia | Protestante Adventista | 1998 | Pastor Isaac Dungunhonga Estêvão | Luanda | Bº Povo Grande |
| 36 | Igreja de Jesus | Messiânica Africana | 1994, Dec. Nº 15/94 de 24/Maio | | Luanda | Bº Chiweca |
| 37 | Igreja da Fé Apostólica | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 12/92, de 14/02 | Evangelista Afonso Lucas | Luanda | Bº Cabassango – Mabel |
| 38 | Missão Evangélica Pentecostal | Cristã Protestante | 1996, Dec. Nº 17/96, de 26 de Abril | Pastor Bernardo Emília Joaquim | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 39 | Igreja Nova Apostólica | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 13/92, de 28/Fev. | Pastor Mbuta Manuel Eduardo | Luanda | Bº Gika |
| 40 | I. Evangélica Avivamento Bíblico | Cristã Protestante | 2000, Dec. Nº 74/00, de 27/Out. | Pastor Luis Cumbo Bacia | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 41 | Missão Apostólica dos Crentes em Angola | Cristã Protestante | 1996, Dec. Nº 17/96, de 26/Abril | Pastor Flaviano Capitango | Luanda | Bº 1º de Maio |
| 42 | Igreja Baptista Livre em Angola | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 28, de 12/Jun. | Pastor António Diassonuma Kiaku | Luanda | Povo-Grande |
| 43 | Igreja (O Caminho em Angola) | Messiânica Africana | 1996, Dec. Nº 17/96, de 26/Abril | Pastor Bruno Puati | Luanda | Bº 1º de Maio Luvassa Sul |
| 44 | Igreja Fé Bahai I | Não Cristã | 1992, Dec. Nº 28/92, de 12/Jun. | Alberto Mbungo | Luanda | Bº A Resistência |
| 45 | I. Metodista Independente Episcopal Africana | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 13/92, de 28/Fev. | Pastor António Baveca | Luanda | |
| 46 | Igreja Profética Vencedora no Mundo | Messiânica Africana | 1994, Dec. Nº 32, de 10/Agosto | | Luanda | |
| 47 | Convergência Evangélica Pentecostal I. | Cristã Pentecostal | 1998 Dec. Nº 67, de 12 de | Pe. Elisa Mandinefe | Luanda | Bº 4 de Fevereiro |

| | | | | | | |
|----|---|--------------------|---|--|--------|-------------|
| 48 | Angola Igreja Pentecostal Deus é Amor | Cristã Pentecostal | Dezembro Dec. Nº 40/96, de 19 de Maio | Macambo Belarmino Joaquim Cassite 926 56 81 23 - 923 34 96 22 | Luanda | Mpunji Nzau |
| 49 | Igreja de Deus em Angola - Church of God in Angola | Cristã Protestante | 1992, Dec. Nº 40, de 4 de Setembro | Pastor Ledirino Augusto da Cunha | Luanda | Fútila |
| 50 | Igreja de Deus Vivo | Cristã Messianica | 1994, Dec. Nº 15 de 24 de Maio | Pastor Manuel Neves Ndombaxe | Luanda | |

O SECRETÁRIO PROVINCIAL,

Dr. EUCLIDES BARROS DA LOMBA



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL DE CABINDA
SECRETARIA PROVINCIAL DA CULTURA

IGREJAS NÃO RECONHECIDAS

| Nº | DESIGNAÇÃO | LÍDER PROVINCIAL | LOCALIZAÇÃO |
|----|--|---------------------------|-----------------------|
| 01 | Igreja Profética de Angola | António Sozinho Mambuco | Bº Gika |
| 02 | 2ª Igreja Profética em Angola | José António Bundo | Bº 4 de Fevereiro |
| 03 | Igreja dos Profetas de J. Cristo em Angola | Dinis Muanda Gomes | Bº 1º de Maio |
| 04 | I. Espírito Santo de Deus Sobre a Terra | António Paca Raimundo | Bº Gika |
| 05 | Igreja Cristã Pentecostal em Angola | Bispo Bernardo Bulezi | Chiweca |
| 06 | Igreja Católica Apostólica em Angola | Desidério Njimbi | Bº 1º de Maio/Luvassa |
| 07 | Assembleia T. C. para Uma Fé Viva | Elias Ntabi Nkuni | Povo Grande |
| 08 | Assembleia Cristã Cristo Vencedor | Zeferino Luzolo Ngoma | Lombo Lombo |
| 09 | Comunidade das Assembleias de Deus Pentecostal em Angola | Justino Pambo | Lombo Lombo |
| 10 | Missão Evangélica Espírito de Vida | José Lua | Bº A Vitória é Certa |
| 11 | Igreja da Luz | Cláudio Estêvão Vango | Bº 4 de Fevereiro |
| 12 | A Grandeza de Deus em Angola | Frederico Luwemba Lidhema | Bº Mpunji Nzau |
| 13 | Convenção Baptista em Angola | Sebastião Sala Kiaku | Bº Lombo Lombo |
| 14 | Igreja Pentecostal de Santa Maria em Angola | Bernardo Lumingo Veza | Bº Manien Nguabi |
| 15 | Igreja da Assembleia Cristã de Jesus Cristo | Macula Francisca | |
| 16 | Evangelistas sem Fronteira | José Manuel Gomes | |

| | Igreja Jesus Cristo Salvador | Armando Judite Gervásio | 4 de Fevereiro |
|----|---|---------------------------|--------------------------|
| 17 | Igreja Jesus Cristo Salvador | | |
| 18 | Igreja Evangélica das Testemunhas de Cristo | Luis Cumbo Matoto | Bº Amílcar Cabral |
| 19 | Igreja Belém Efrata | Pedro Fingo Alfredo | Bº A Luta Contínua |
| 20 | Igreja Missionária da Aliança de Jesus-Cristo em Angola | João Macaia Poba | Bº 4 de Fevereiro |
| 21 | Igreja Cidade de Betel | Mieze Pembel Rogério | Bº Gika |
| 22 | Igreja da Graça para a Vida Eterna | João Bete | Bº 1º de Maio |
| 23 | Igreja Deus da Paz | Pedro Nsingi | Bº 1º de Maio |
| 24 | Igreja Religião Profética de Cristo em Africa | Afonso Nzau | Bº Gika |
| 25 | I. Pentecostal Proclamação da Força de Deus no Mundo | Casimiro Nzau Zinga | Bº A luta Contínua |
| 26 | Igreja dos Primogénitos Evangélica Universal | Manuel Inocência de Sousa | |
| 27 | Igreja Evangélica de Deus em Angola | José António Barros | Bº Amílcar Cabral |
| 28 | Missão Evangélica para Perfeição e Salvação das Almas | Alexandre Tati Luemba | Bº Tchimpindi |
| 29 | Igreja Evangélica Nova em Angola | Flor Nice Mulumbo | Santa Catarina |
| 30 | Igreja de Deus Anderson Indiana em Angola | João Conde António | Bº Amílcar Cabral Zona E |
| 31 | Comunidade Islâmica | João Kiala Abdulaziz | |
| 32 | I. Protestante Baptista Obra e Missão Internacional em Angola | João Mango | Povo Grande |
| 33 | I. Cristianismo Profético em Africa | Januário Tati | Bº Lombo Lombo |
| 34 | Igreja Evangélica da Libertação em Angola | André Vicente Matos | Bº A Vitória É Certa |
| 35 | I. Evangélica Luterana Universal de Angola | Simão Nrélica | Bº Chiwecca |
| 36 | I. Jesus Cristo Nosso Salvador | Alexandre Luamba Luemba | Bº 4 de Fevereiro |
| 37 | Convenção Evangélica Baptista de Angola | Alberto Mbongo | S. Pedro |
| 38 | Congregação Evangélica do Espírito Santo | Manuel Luvumbo | |
| 39 | Missão Evangélica Cidade de David | Helena Rosa Baptista | Bº 1º de Maio- Zona |

| | | | | |
|----|--|----------------------------|-----------|--------------------------------|
| 40 | Igreja Assembleia Aliança Evangélica | Ambrósio Kibukidi | Malundama | Ngoma B° 1° de Maio/Luvassa |
| 42 | Igreja Pentecostal da Filadélfia | José Albertina Muntu Lemba | | B° A Vitória É Certa |
| 43 | Igreja Evangélica Pentecostal da Filadélfia | Orlando Tando Fernando | Tuba | B° A Vitória É Certa |
| 44 | Igreja de Jesus Cristo Luz do Mundo | Pascoal Mabanza Ntoto | | Povo Grande |
| 45 | 1ª Igreja do Profeta Jesus Cristo em Angola | Arnel Gelos Sangola | | B° 4 de Fevereiro |
| 46 | I. Evangélica dos Mensageiros em Angola | Alvaro Luvualo Sangisa | | B° Gika |
| 47 | Igreja Mundial da Fé Viva (Capela dos Vencedores) | Rodrigues Paulino Benvindo | | B° 4 de Fevereiro |
| 48 | Igreja Unidade Evangélica em Angola | André Vicente Matos | | B° A Vitória É Certa |
| 49 | Igreja Vitória do Eterno, Comunidade Mundial de Aliança Cristã | André Muanda | | |
| 50 | Comunidade Cristã os Abençoados | Guylain Nzita Kumbi | | B° A Vitória É Certa |
| 51 | Ministério Internacional Evangélico, A Voz da Esposa de Cristo em Angola | Jonas Bundo Tsundo | | B° Mpunji Nzau |
| 52 | I. dos Primogénitos Evangélica Universal | Nestor Sambo | | B° Gika |
| 53 | I. Espírito Santo de Jesus | Maria Madalena Simba | | B° Amílcar Cabral |
| 54 | I. Jesus Cristo Como Meu Salvador | José Mango | | |
| 55 | Assembleia Cristã de Jesus Cristo | Macucula Francisca | | B° A Luta Continua |
| 56 | Centro Social de Evangelização e Ajudas de Angola "Pão da Vida" | João Bundo Busaki | | B° A Vitória É Certa |
| 57 | Igreja Espiritual em Cabinda | Elias Bueia Gomes | | B° 1° de Maio-Imanha |
| 58 | Igreja para Despertar em Plena Acção | Lourenço Mambuco | | Povo Grande/Chiweca |
| 59 | Igreja Evangélica Missionária em Angola | João Chicumbi | | Aldeia de Chintando |
| 60 | Igreja da Voz de Deus em Angola | Jorge Ngoca João | | B° Amílcar Cabral |
| 61 | Congregação Evangélica do Espírito Santo | Mateus Tedila | | B° 4 de Fevereiro |
| 62 | I. Primitiva de Adonay Yeh! Shi Wah HamahiShiYah Kehla de Luanda | João Zola | | |

| | | | | |
|----|---|--|---------------------------------|------------------------------|
| 62 | Igreja Salem em Angola | | António Jimbi Mavuvungo | B° A luta Continua |
| 63 | I. do Profeta Jesus Cristo em Angola | | Dinis Muanda Gomes | B° 1° de Maio, Z E Imanha |
| 64 | Ministério da Evangelização e Restauração Assembleia de | | Tomás Klebudi Conde | Povo Grande |
| 65 | I. Espírito Santo em Angola Congregação de Ascensão de Cristo Cabinda, anexada à Assembleia Espiritual de Cristo em Angola, em 22/10/2008 | | Eduardo Comba Buti | Chiweca/Coqueiros |
| 66 | Igreja Cristã Pentecostal a Luz do Mundo | | Cláudio Alfredo Guimarães Zinga | 4 de Fevereiro |
| 67 | Igreja Cristã de Cabinda | | Sérgio Capita | Mpunji Nzau |
| 68 | I. Evangélica das Testemunhas de Cristo | | Luís Kumbo Matoto | I° Amílcar Cabral |
| 69 | Igreja o Louvor em Angola | | José Bungo | B° Chiweca |
| 70 | Igreja Luterana Livre em Angola | | Manuel Tati | B° 1° de Maio |
| 71 | Igreja Evangélica Nova Vida Em Cristo | | Silva Bungo Vemba | B° Lombo Lombo Zona C. Nº133 |
| 72 | I. Missão Profética para os Ngunza | | André Tati | B° Chiweca |
| 73 | I. Evangélica Confessional Luterana de Angola | | João Pedro Muaca | Povoação de Tshizo/Ndoco |
| 74 | Igreja do Espírito Santo de Cabinda | | André Tati Futi | B° 4 de Fevereiro |
| 75 | Comunidade Cristã Pentecostal de Angola | | Joaquim Bônzela | B° A Resistência |
| 76 | I. Pentecostal da Nova Aliança em Angola | | Fernando Paulo Conve | B° 4 de Fevereiro |
| 77 | I. Evangélica Leão da Tribo de Judas em Angola | | Félix Ngonda Baveca | B° 1° de Maio |
| 78 | Igreja Boa Semente no Mundo | | João Baptista dos Santos Bachi | B° Gika |
| 79 | Comunidade das Assembleias de Deus em Angola | | Adelino Mangovo | B° Gika |
| 80 | I. Comunidade Internacional de Libertação das Almas em Angola | | Maria Ermelinda Rocha de Sousa | B° Lombo Lombo |
| 81 | I. Comunidade Evangélica das Assembleias Cristãs em Angola | | Pedro Tebo Volanga | B° Lombo Lombo Z C |
| 82 | I. Acção Evangélica da Restauração Pentecostal em Angola | | Domingos Bazia | Mpunji Nzau |

| | | | |
|-----|---|--------------------------------------|-----------------------|
| 83 | I. Cristãos de Filadélfia | Alberto Gimbi Tiago | B° Zangóio |
| 84 | I. Missionária Espírito e Vida | Moisés Caninda Muabi | B° Lombo lombo/Lucola |
| 85 | I. Evangélica dos Apóstolos em Angola | Alexandre Sacatefa | B° Chiweca |
| 86 | Missão Jesus Cristo pela Justiça | João Mbumba | B° Gika |
| 87 | I. Evangelho Gospel Church International Mission | José Paulo Muanda | Tchizo / Ndoko |
| 88 | Religião Profética de Cristo em África | Afonso Nzau | B° Gika |
| 89 | Congregação Evangélica do Espírito Santo | | |
| 90 | Congregação Evangélica em Cabinda | Desideré Macosso | B° 4 de Fevereiro |
| 91 | I. Comunidade da Fraternidade Cristã em Cabinda | Maria Madalena Nsilulo | B° Gika |
| 92 | I. Fraternidade Evangélica de Pentecostes em Angola - Deus é Bom | João Guilherme Lumu | |
| 93 | Missão Evangélica do Reino de deus em África | João Mampuela Buba | B° Gika |
| 94 | I. Tradicional Negro Africana (Bundo Dia Kongo) | Mbuta Numbi | Povo Grande |
| 95 | I. Evangélica a Fé das Águas | Pedro Tebo Volanga | Lombo Lombo |
| 96 | I. Luterana Confessional em Angola | Benjamim Nzuzi Mavungo | B° 1° de Maio |
| 97 | Igreja Cristo e Companheiros | Francisco Lourenço Potchie | B° 1° de Maio |
| 98 | I. Acção Profética e Apostólica de Cristo | Maria Simba Buca | B° Gika |
| 99 | Igreja Missionária Canaã | Samuel Lando Kanza | B° 1° de Maio |
| 100 | Centro Evangélico Pentecostal em Angola | Mundo Alfredo | B° A Vitória é Certa |
| 101 | I. Reconciliação Evangélica de Pentecostes em Angola no Mundo | Henrique César Ondule | Povo Grande - Chiweca |
| 102 | Assembleia de Despertamento Profético de Deus em Angola | Alexandre Capita Muendo Chimpuati | Tshimpindi |
| 103 | Igreja o Campo de Deus | Elisa Mandinefe Macambo | B° 4 de Fevereiro |
| 104 | Assembleia dos Resgatados do Senhor de Angola | Estêvão Poba Macaia | Lombo-Lombo |
| 105 | Assembleia Cristã Missionária | Jean Willy Tshibamba | B° Gika |
| 106 | Missão Cristã Sem Fronteiras | Ernesto Xavier Capita | Lombo-Lombo |
| 107 | Igreja Evangélica Golgota | Roberto Mulato Liberal | S. Pedro |
| 108 | Vem E Vê Cidade da Vitória | Albertina Basílio Kitoko | B° 1° de Maio |

| | | | |
|-----|--|------------------------------|-----------------------|
| 109 | Igreja Cristã a Pomba | Rafael Macosso Mabiála | B° Gika |
| 110 | Cristianismo Profético em África "Igreja Lassista" | Jacinto Gabriel Macosso | B° Chiweca/Luvassa |
| 111 | Igreja Kimbango em África | José Mbuadi Lalo | Santa Catarina |
| 112 | Missão a Paz do Senhor | Nogueira Eduardo | Simulambuco |
| 113 | Assembleia Missionária Evangélica em Angola | Gervásio Vubo | Amfiscar Cabral |
| 114 | Ministério da Vitória do Exército Cristão | Juize Zoule | Lombo - Lombo |
| 115 | Assembleia Cristã | Jean Willy Tshibamba | Tshimpindi |
| 116 | Igreja A Mão do Eterno em Angola | Inácio Goma Cocolo | B° 4 de Fevereiro |
| 117 | Comunidade Africana de Amor, Fraternidade, Realidade e Justiça | Zé Kabama Dezzy Mbangu | B° 4 de Fevereiro |
| 118 | Igreja Carismática A Luz de Deus | Eusébio Nionje Zau | B° A Vitória é Certa |
| 119 | Igreja Universal Pentecostal em Cabinda | Eusébio Ninje Zau | 1° de Maio |
| 120 | Igreja Católica Ortodoxa Bizantina de Angola | João Bernardo Bueia | Santa Catarina |
| 121 | Igreja Pentecostal da Restauração das Almas | Francisco Zolandonga Miguel | Punji Nzau |
| 122 | I. Missão de Evangelização Mundial Cristo-Rei (MERC) | Armando Macaia | Aldeia de Buco-Ngóio |
| 123 | I. JOSAFAT | Bispo José Pacoal | A Resistência |
| 124 | Ministério o Poder do Nome de Jesus Cristo em Angola | Pastor Paulo Bongo | Lombo Lombo |
| 125 | Igreja Casa de Oleiro | Pastor Faustino Maria Capita | 1° de Maio |
| 126 | Igreja Mundial do Poder de Deus | Ricardo Lerbi Armando | |
| 127 | I. Assembleia Evangélica de Deus em Angola | Pastor Silva Bungo Vemba | Tchizo, zona C |
| 128 | I. Cristã Evangélica Solidária em Angola - ICESA | Reverendo José Chipala | |
| 129 | Igreja Palavra de Deus | Reverendo Portácio Macosso | GIKA |
| 130 | Igreja Evangélica Visão de Deus em Angola | Henriques César Ondulo | Chiweca |
| 131 | Missão Internacional Evangélica da Reconciliação | Latumba Sebastião Ismael | |
| 132 | Comunidade Evangélica Pentecostal de Ebenezer | Luzolo Ndongala | |
| 133 | Missão Evangélica Espiritual dos Profetas em Angola (MEPA) | Jofete Bueia Ngai | B° 1° de Maio/Luvassa |
| 134 | Igreja Apostólica Episcopal | Alberto Mbanda Conde | |
| 135 | Assembleia Espiritual Jesus Cristo Salvador | José Manuel Gomes | B° 1° de Maio/Luvassa |

**Anexo 11: Agenda Pastoral 2014/
Diocese de Cabinda**

✓
AGENDA PASTORAL

2014

A NOVA EVANGELIZAÇÃO

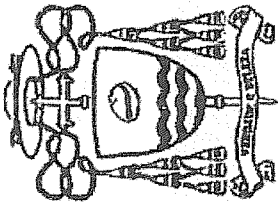
**MISSIONÁRIOS ENRAIZADOS
EM CRISTO**

**Diocese de Cabinda
Comunidade de Paróquias**

✓
Plano Pastoral 2014—2016

“A NOVA EVANGELIZAÇÃO”

- 2014—Missionários enraizados em Cristo
- 2015—Reavivar a fé em Cristo nos fiéis
- 2016—Tornar a paróquia centro da evangelização



DIOCESE DE CABINDA

Caixa Postal 276

CABINDA - Angola

Telef. 2312 - 22237

FELIZ 2014

ANO A

| JANEIRO | | | | | | |
|---------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

| FEBREIRO | | | | | | |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | | |

| MARÇO | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 31 | | | | | | |

| ABRIL | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 28 | 29 | 30 | | | | |

| MAIO | | | | | | |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |

| JUNHO | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | | | | | | |

| JULHO | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 28 | 29 | 30 | 31 | | | |

| AGOSTO | | | | | | |
|--------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

| SETEMBRO | | | | | | |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | | | | | |

| OUTUBRO | | | | | | |
|---------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

| NOVEMBRO | | | | | | |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |

| DEZEMBRO | | | | | | |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sab | dom |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | 31 | | | | |

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL

AGENDA PASTORAL

2014

IMPRIMATUR

Cabinda, 08 de Março de 2014

+ Filomeno do Nascimento Vieira Dias, Bispo de Cabinda

Execução gráfica:
IMPJP II-Gráfica, Cab
2000 Exemplares

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL

2016

| Janeiro | | | | | | | Fevereiro | | | | | | | Março | | | | | | |
|---------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | 1 | 2 | 3 | | | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | 28 | 29 | 30 | 31 | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Abril | | | | | | | Maio | | | | | | | Junho | | | | | | |
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | 1 | 2 | 3 | | | | | 1 | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Julho | | | | | | | Agosto | | | | | | | Setembro | | | | | | |
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | 1 | 2 | 3 | | | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | 29 | 30 | 31 | | | | | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Outubro | | | | | | | Novembro | | | | | | | Dezembro | | | | | | |
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom | seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | 1 | 2 | 3 | | | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | | | | | | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

| Janeiro | | | | | | |
|---------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |

| Fevereiro | | | | | | |
|-----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | |

| Março | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | 31 | | | | | |

| Abril | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | | | |

| Maio | | | | | | |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

| Junho | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | | | | | |

| Julho | | | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

| Agosto | | | | | | |
|--------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | 31 | | | | | |

| Setembro | | | | | | |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | | | |

| Outubro | | | | | | |
|---------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |

| Novembro | | | | | | |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | | | | | | |

| Dezembro | | | | | | |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| seg | ter | qua | qui | sex | sáb | dom |
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

Caros Diocesanos,

A complexidade da sociedade moderna, a emergência do mundo urbano com seus inúmeros desafios que, sem dúvida, repercutem na evangelização e desafiam a presença da Igreja no mundo, para que ela possa visibilizar o mais que puder o Reino de Deus, do qual ela é sacramento e instrumento, exigem cada vez mais que se dê a devida atenção ao Planeamento Pastoral Participativo.

Aos sacerdotes, religiosas e leigos confio esta Agenda Pastoral. Esperamos muito das Comissões diocesanas, Arciprestados, Paróquias e movimentos; todos juntos, como um só corpo, comprometidos com a Missão.

Sirva a presente Agenda de memorando e guia da nossa caminhada de conjunto e seja expressão do nosso querer comum. Pois, não basta calendarizar actividades é necessário promover-las e dinamizá-las de modo activo de tal modo que se tornem vida das nossas comunidades.

Este ano, dando sequência ao que nos é proposto pela Conferência Episcopal e pela Assembleia Pastoral Diocesana, sem secundarizar nenhum outro sector da pastoral, daremos uma atenção toda especial ao tema “Nova Evangelização”. Assim, missionários enraizados em Cristo, daremos também atenção especial na nossa diocese à organização dos seguintes sectores de pastoral: catequese, juventude, família e caritas.

Neste primeiro ano do triénio pastoral dedicado à Nova Evangelização, em que somos chamados a viver em Cristo, a anunciar Cristo e a testemunhar Cristo, peçamos a Deus, o dom do Espírito Santo, para “sermos evangelizadores enraizados verdadeiramente em Cristo”.

+ Filomeno do Nascimento Vieira Dias, Bispo de Cabinda

Plano pastoral 2014

“Missionários enraizados em Cristo”

TRÍPLICE DIMENSÃO



Chamados a viver em
Chamados a anunciar
Chamados a testemunhar

“Não deixemos que nos roubem a
alegria da evangelização!”
(Papa FRANCISCO)

A series of horizontal lines for writing, consisting of 20 parallel lines spaced evenly down the page.

SECRETARIADOS

Aposolado dos leigos: Sr. João Barros, Sra. Maria Pitra Chocolate, Sr. Estêvão Ngimbi, Dona Margarida Cabral, Dona Maria de Jesus Lelo, Sr. Constantino Nhito.

Bíblica: P. Carlos Mbambi, Ir. Paulina de Jesus, Sr. António Muniz Congo, Sr. Samuel Cuthemba, Sr. Celestino.

Caritas: P. Francisco Sunda, P. Valério Pambo, Ir. Teresa José, Ir. Maria Marta Tembo, Ir. Amélia Esteves, Sr. Pedro Muica, Sr. Teófilo Mavinga Conde, Sr. Dimokono, Sra. Filipina Lando, Sr. António Bobo.

Catequese: Ir. Cecília, Ir. Anastácia, Ir. Teresinha Rinaldi, Maria de Fátima Nandundo, Ir. Madalena de Jesus, Ir. Maria das Graças, Sra. Maria de Fátima Teço, Sr. Lother Brás Luemba, Sra. Antonieta Buca.

Comunicação Social: P. Francisco Nionje, Ir. Angelina de Jesus, Sr. Xavier Brás, Sr. Gabriel Yombo, Sra. Mónica Massiala, Sr. João Cabeche, Sr. Luis Lázaro, Sr. Tiago.

Ecumenismo: P. Francisco Sunda, Ir. Anacleita de Jesus, Sr. Estêvão Bambi, Sr. Paulo Sambo, Sr. David Ernesto Feche.

Educação: P. Barnabé Lelo Tubi, Dr. Raul Lello, Dr. Ernesto Milando Futi, Ir. Maria das Graças de Souza, Sra. Maria da Graça Capita Luis.

Evangelização: P. Francisco Nionje, P. Policarpo Futi, Ir. Olívia de Jesus, Ir. Teresinha Rinaldi, Sr. Alberto Cadula, Sra. Luisa Abreu, Sr. Bernardo Nguimbi, Sra. Rosa Napoleão, Sr. Afonso Congo, Sr. Simão Silva, Sr. João Baptista Neto.

Família: P. Joaquim Bumba, P. Félix Mavambo, Ir. Lídia Gomes, Ir. Carla de Jesus, Casal Ernesto Conde, Casal Pedro Barros, Casal Alberto Lando Púcuta, Casal Raul Lello, Casal Lando, Casal Brás, Casal Filipe Rosa, Casal Jacinto Púcuta.

Juventude: P. Chimbembe, Sr. Nicolau Fernando Vindo, Sra. Joana dos Santos, Ir. Tecla, Ir. Madalena de Jesus, Ir. Assunção, Ir. Solange, Irmão Fernando Mungole, Sr.ª Cristina Maqueca, Sr. Luis Avelino Yebo, Sr.ª Emiliana das Dores Muaca.

Liturgia e cultura: P. Nicolau Cuevo, Ir. Elisa, P. Zau da Costa, Sr. Sebastião Sambo, Ir. Isabel, Ir. Carla de Jesus, Sra. Catarina Buanga, Sr. José Calixto Bungo, Sr. Jorge Bakissi Umba, José Silvíno Mazunga (Cultura), Sr. Joaquim Mawombo, Sr. João Evangelista Sr. Simão Chiendo, Sr. Alberto Pucuta, Sr. João Fuca, Sr.ª Margarida dos Santos, Dona Amélia de Assunção, Dona Maria José, Sr. Pedro Fumba, Sr. Augusto Matoca.

c) Que se reveja o processo de recrutamento de professores para as Escolas Católicas (AS).

6. Sobre a Pastoral da consolação e da misericórdia

- A Igreja mostra a sua solicitude pelos doentes através do Sacramento da Unção dos Enfermos.
- «Lembre-se os Sacerdotes, principalmente os párocos, de que é seu dever visitar os doentes por si mesmos, com toda a solicitude, e ajudá-los com maior cuidado».
- Que entre os Sacerdotes haja máxima disponibilidade para a Unção dos Enfermos (AS).
- Que as Paróquias assegurem a celebração bimensal da Eucaristia nos hospitais da sua área de jurisdição (AS).
- Cada Paróquia cuide da celebração do Dia do Doente (11 de Fevereiro), da Quarta-feira das Cinzas, da Páscoa e do Natal nos hospitais e cadeias da sua jurisdição.
- Ali onde tal não exista que se prepare ministros extraordinários da Eucaristia que se ocupam em nome do Pároco da assistência semanal dos doentes domiciliários.

NOTAS

- As visitas pastorais são acertadas previamente com o Bispo.
- Os crismas são acertados dois meses previamente com o Bispo.

LECCIONÁRIO A UTILIZAR

- Leccionário dominical: **Ano A**
- Leccionário ferial do Tempo Comum: a primeira leitura é a dos anos pares (1)

MISSAS DE DEFUNTOS

1. Entre as missas dos defuntos, está em primeiro lugar a missa exequial, que pode celebrar-se todos os dias, excepto nas solenidades de preceito, na quinta-feira da Semana Santa, no Tríduo Pascal e nos domingos do Advento, Quaresma e Tempo Pascal (GMR 380: EDREL 619).
2. Só são permitidas em lugares habitualmente reservados ao culto divino e reunião litúrgica dos fiéis.

DATAS

1. Último Domingo de cada mês Comitium da Legião de Maria.
2. Encontros de Missionários nos meses pares.
3. Encontro do Clero nos meses ímpares.
4. Encontro dos Arciprestados a convocar pelo Arcipreste.
5. Encontro dos secretariados (Janeiro a Junho).
6. Último sábado do mês: reunião da Promaica (S. Mártires e S. José)
7. Reuniões diocesanas de pastoral (bimensais)

Agradecemos a maior solicitude em tornar realidade esta agenda de vida eclesial. Na elaboração das agendas Paroquiais tenha-se em conta este Guia Maior que, como uma bússola, nos indica a rota a seguir. A qualidade do nosso serviço pastoral depende também da nossa capacidade de programação e observância do programado.

Nota Histórica da Diocese de Cabinda

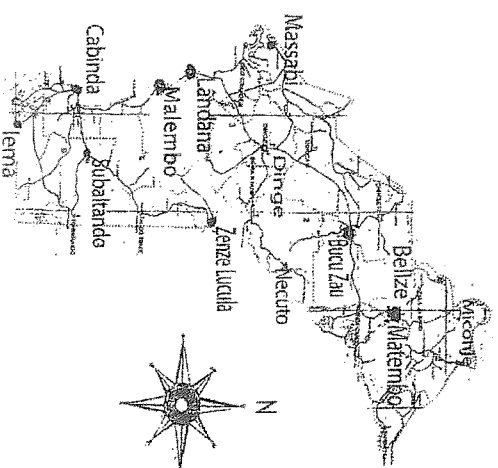
O primeiro registo da presença de um missionário por Cabinda é a do frei Bernardo Húngaro, capuchinho, que até 1664 evangeliza a região de Kakongo, e baptiza o rei com 300 pessoas da sua família. Em 1673 frades recolectos belgas encontram em Malembu um convento (antigo e desabitado) dos capuchinhos.

A fundação da Missão de Landana em 1873 pelos missionários do Espírito Santo foi o verdadeiro início da evangelização de Cabinda. Landana torna-se o ponto de irradiação de toda evangelização no território. É a Missão mãe.

A Diocese de Cabinda, coincidindo com o território da Vigararia Episcopal de Cabinda já formada na Arquidiocese de Luanda em 29 de Maio de 1973, foi criada pela Bula, *Catolicae Prosperitas Communistis* de 2 de Julho de 1984, do Papa João Paulo II, tendo como primeiro Bispo Dom Paulino Fernandes Madeca.

Actualmente a Diocese de Cabinda, com uma população a rondar os 500.000 habitantes, possui 10 Paróquias, 5 Quase Paróquias e uma Estação Missionária, agrupada em 3 Arciprestados (Belize, Landana e Cabinda).

A Diocese tem como padroeira Sta. Terezinha do Menino Jesus, em cuja memória litúrgica, 1 de Outubro, é celebrado o dia da Diocese.



AGENDA PASTORAL 2014

“Missionários enraizados em Cristo”

| JANEIRO | | 2014 | |
|---------|--|-------------|-------------|
| | Evento | Local | Organiza |
| 1 | Q Santa Maria Mãe de Deus Dia Mundial da Paz Sta. Bakhita – Padroeira | Q/ Paróquia | Q/ Paróquia |
| 2 | Q | | |
| 3 | S | | |
| 4 | S | | |
| 5 | D Epifania do Senhor | | |
| 6 | S | | |
| 7 | T | | |
| 8 | Q | | |

- e) A Comissão Paroquial da Catequese deverá organizar com a participação da comunidade paroquial a abertura e o encerramento do Ano Catequético.
- f) No Tempo Pascal e no Natal, a Comissão Paroquial da Catequese promoverá actividades lúdicas que ajudam à uma mais interiorização do Mistério celebrado.

4. 3. Sobre a Família

- a) Sente-se a necessidade de uma maior atenção à esta comissão nuclear para a vida da Igreja e da Sociedade.
- b) Recomenda-se aos Párocos o acompanhamento directo deste sector da Pastoral, constituindo-se em cada Paróquia uma equipa que auxilie o pároco nessa grande tarefa.
- c) Que as comissões paroquias da família trabalhem em sintonia com o Secretariado da Família (encontros de formação, retiros, convívios).
- d) Por ocasião do próximo Sinodo dos Bispos sobre a Família, propõe-se a realização em cada Paróquia de uma cadeia de oração pelos bons frutos do Sinodo (AS).
- e) Que a festa da Sagrada Família seja aberta a todas outras famílias e não apenas às que estão constituídas pelo sacramento de matrimónio (AS).
- f) Que se elabore um esquema de preparação para o matrimónio a ser utilizado em todas as Paróquias.

4. 4. Sobre a Juventude

- a) Recomenda-se o funcionamento efectivo da CPJ cujos membros devem participar do Conselho paroquial e das reuniões do Secretariado Diocesano da Juventude
- b) Que se ofereça à Pastoral Juvenil subsídios doutrinais específicos que possibilitem um aprofundamento e amadurecimento na intimidade com Jesus Cristo.
- c) Que em cada grupo haja um programa temático a ser desenvolvido ao longo do ano.

- d) Mantém-se o princípio segundo o qual a Pastoral Juvenil é destinada a jovens sem qualquer tipo de compromisso familiar e com a idade inferior aos 25 anos.
- e) Os animadores da Pastoral Juvenil devem ser cristãos comungantes (que recebem a Comunhão) e com idade inferior aos 35 anos.
- f) Cabe ao Secretariado Diocesano da Juventude anunciar atempadamente o tema da Páscoa e da Festa do Cristo Rei, permitindo deste modo uma celebração maior frutuosa destas datas.
- g) Que se trabalhe para que evite o uso excessivo do álcool durante nas actividades juvenis e não só (AS).

4. 5. Sobre os Movimentos

- a) Os Movimentos Apostólicos, necessários à vida espiritual dos fiéis leigos, são um bem na nossa Diocese.
- b) Animados e orientados pelos párocos são um precioso instrumento de evangelização e renovação da vida paroquial.
- c) O perfil do líder. Que os líderes dos Movimentos Apostólicos sejam fiéis comungantes e gozam de boa reputação.
- d) Que não se admitam nos grupos pessoas sem a devida preparação e sem o sacramento do baptismo (AS).
- e) Que se cuide da continuidade da iniciação crista dos membros dos grupos dos Movimentos apostólicos (AS).
- f) Que haja um programa de formação com conteúdos doutrinais de base para ajudar os fiéis a terem maior convicção e desestimular aqueles que se desviem para outras confissões religiosas (seitas) (AS).

5. Sobre as Escolas Católicas

- a) Uma atenção cuidada seja dada às disciplinas de Educação Moral e cívica e de Religião e Moral.
- b) Cuida-se a preparação da comunidade educativa (professores, alunos e funcionários) para a celebração condigna e consciente dos actos de natureza religiosa.

Pastoral Social: Ir. Anastácia Pemba, P. Afonso Ernesto, Sra. Maria Judite, Sr. José Domingos, Sr. Fernando Puna, Sr. Damas Macaia, Sra. Maria Muanza, Sr. Joaquim Macosso, Dr. Gabriel, Sra. Maria Emilia Nzango, Sra. Cristina Cambizi, Sr. Pira Congo, Joana Suquilia Malonda.

Justiça e Paz: P. Afonso Ernesto, Sr. António Avelino, Sr. Vicente Sérgio, Dona Ana, Sr. Ricardo Henrique.

Pastoral da Criança: Ir. Benedita Munga, Ir. Maria Cecília Fuiú, Américo Afonso Paka, Maria Angelina Pula Supa, Maria Isabel Pola Zau, Paulina Sassa, Cristina Joana Adriana.

Pastoral das Migrações: Sr. Francisco, Dona Cristina Cambizi, Ir. Filomena de Moraes, Sr. Maimbi William, Sr. João Franque Barros, Dona Virginia Leu, Sr. Bartolomeu António, Ir. Angelina de Jesus.

Pastoral da Saúde: Sr. António Puna, Dona Beua, Sr. Vicente Buanga, Dona Júlia Pemba Manuel, Ir. Carla de Jesus, Ir. Ester de Jesus, Dona Maria Ngimbi, Dona Aurora Ngola, Dona Sídónia Lutchenia, Dr. Alberto Tembo, Drª Maria Lina Sambo, Drª Fátima Reis, Drª Lili.

Pastoral Universitária: Dr. João Conde, Sr. Casimiro Tuba, Sebastião Brás, Abel Barros, P. Hernan.

Vocações: P. José Bassanza, Ir. Christelle, Ir. Rita, Ir. Paulina de Jesus, Ir. Leonor, P. Hernan.

Director das Obras Missionais Pontificias: P. Joaquim Bumba.
Director do Centro Cultural da Diocese de Cabinda: P. Barnabé Lelo Tubi.

“É enorme a contribuição da Igreja no mundo actual. A nossa tristeza e vergonha pelos pecados de alguns membros da Igreja, e pelos próprios, não devem fazer esquecer os inúmeros cristãos que dão a vida por amor: ajudam tantas pessoas seja a curar-se seja a morrer em paz em hospitais precários, acompanham as pessoas que caíam escravas de diversos vícios nos lugares mais pobres da terra, prodigalizam-se na educação de crianças e jovens, cuidam de idosos abandonados por todos, procuram comunicar valores em ambientes hostis, e dedicam-se de muitas outras maneiras que mostram o imenso amor à humanidade inspirado por Deus feito homem.”

(FRANCISCO, Exort. ap. pós-sinodal *Evangelii Gaudium* – A Alegria do Evangelho, [24 de Novembro de 2013], 76)

- Juventude assessoradas por um Sacerdote, Religioso ou leigo indicado pelo Pároco (AS).
- c) Que nas Paróquias se providencie o acompanhamento dos grupos de apostolado (AS).
- d) Que se organize um arquivo fotográfico e multimédia (AS).
- e) Que não se altere o horário das Missas dominicais sem a prévia aprovação do Bispo diocesano
- f) Recomenda-se: a colocação de portas e janelas nas capelas há muito edificadas; a renovação das alfaias litúrgicas e paramentos; a realização das Assembleias Paróquias.

4. Sobre as Comissões

4. 1. Sobre a Cáritas

- a) A constituição ou revitalização em cada Paróquia da Comissão paroquial da Cáritas que promova e dinamize a Cáritas paroquial.
- b) Que se mantenha a prática da recolha e distribuição mensal de bens aos mais necessitados.

4. 2. Sobre a Catequese

- a) A constituição ou revitalização em cada Paróquia da Comissão paroquial da Catequese que efectivamente promova, coordene e dinamize a Catequese paroquial.
- b) Compete ainda à Comissão Paroquial da Catequese o recrutamento e formação dos catequistas; a realização pelos menos duas vezes ao ano de encontros dos catequistas da Paróquia.
- c) A Comissão Paroquial da Catequese em coordenação com o Secretariado Diocesano de Catequese deverá cuidar da selecção dos Catecismos para os diferentes níveis de iniciação cristã.
- d) A Comissão Paroquial da Catequese deverá seleccionar, preparar e apresentar os catecúmenos para os sacramentos.

| | | | | |
|----|---|---|-----------|-----------|
| 9 | Q | | | |
| 10 | S | | | |
| 11 | S | <i>Ord. Episcopal D. Filomeno</i> | Paróquias | Paróquias |
| 12 | D | <i>Baptismo do Senhor Dia Mundial do Migrante Bodas de Prata sacerdotais -P. João M. Futi</i> | | |
| 13 | S | | | |
| 14 | T | | | |
| 15 | Q | | | |
| 16 | Q | | | |
| 17 | S | | | |
| 18 | S | | | |

ORIENTAÇÕES PASTORAIS 2014

«*Compete às Igrejas particulares poder estabelecer as linhas programáticas concretas – objectivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes, busca dos meios necessários – que permitam levar o anúncio de Cristo às pessoas, plantar as comunidades, permear em profundidade, através do testemunho dos valores evangélicos, a sociedade e a cultura africanas».*
(BENTO XVI, Exort. ap. pós-sinodal *Africanae Mimus* – O Serviço da África, 19 de Novembro de 2011, 14)

1. Sobre a Diocese

- a) A constituição do Arquivo fotográfico e multimédia dos principais eventos diocesanos (AS)¹.

2. Sobre os Arciprestados

- a) São muito de encorajar as reuniões trimestrais dos Arciprestados envolvendo sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos comprometidos na pastoral paroquial.
- b) As reuniões de Arciprestados são uma oportunidade de coordenação e animação da pastoral num determinado território;
- c) Cada Arciprestado procure promover, tanto quanto possível, em conjunto, retiros, cursos de formação de catequistas, de líderes da Pastoral Juvenil, de liderança dos Movimentos Apostólicos, cursos de Noivos, formação litúrgica e outros.

3. Sobre a Paróquia

- a) Que cada Comunidade/Paróquia tenha o seu Plano de Pastoral até ao dia 5 Março de 2014 (AS).
- b) Que se crie e/ou se faça funcionar em todas as Paróquias as comissões paroquiais de Liturgia, Catequese, Carítas, Família e

| | | | | |
|----|---|--|---------------------------|-----------------------------------|
| 19 | D | | | |
| 20 | S | | | |
| 21 | T | | | |
| 22 | Q | | | |
| 23 | Q | | | |
| 24 | S | | | |
| 25 | S | | | |
| 26 | D | | | |
| 27 | S | Início Curso de formação para Catequistas <i>Henrique de Osso</i> | IMPJPII <i>Malemba</i> | C. Catequese <i>Teresianas</i> |
| 28 | T | | | |

¹ AS = Conclusões e Recomendações da Assembleia de Pastoral 2014.

CENTRO CULTURAL DA DIOCESE DE CABINDA

(C.C.D.C.)

Director:

Pe. Barnabé Lelo Tubi

O Centro Cultural da Diocese de Cabinda (C.C.D.C.) desenvolve as suas competências com base num plano anual de actividades em articulação com agentes pastorais, investigadores e instituições.

| | | | | |
|----|---|---------------|--|-----------------------------|
| 29 | Q | | | |
| 30 | Q | | | |
| 31 | S | S. João Bosco | | Salesiano(a)s Boscovitas |

FEVEREIRO

2014

| | | | | |
|---|---|--|---------|--------------|
| 1 | S | <i>Encerramento Curso de formação para Catequistas</i> | IMPJPII | C. Catequese |
| 2 | D | <i>Dia da Vida Consagrada</i> | Malembo | UIRFA |
| 3 | S | | | |
| 4 | T | | | |
| 5 | Q | | | |
| 6 | Q | | | |

OBRAS SOCIAIS

| | | | | |
|----|---|---|-------------|-----------|
| 7 | S | | | |
| 8 | S | Abertura do Ano Catequético | | |
| 9 | D | V do Tempo Comum <i>Ordenação Sacerdotal</i> | Sé Catedral | Diocese |
| 10 | S | | | |
| 11 | T | N. Sra. de Lourdes <i>Dia do doente</i> <i>Malembo / Paróquia</i> | Paróquias | Paróquias |
| 12 | Q | | | |
| 13 | Q | S. Valentin <i>Dia dos Namorados</i> | Paróquias | Paróquias |
| 14 | S | | | |
| 15 | S | | | |
| 16 | D | | | |

| DENOMINAÇÃO | RESPONSÁVEL |
|-------------------------------------|----------------------------|
| Internato Masculino de Landana | Padres Espiritanos |
| Internato Feminino de Landana | Irmãs de S. José de Cluny |
| Internato Feminino de Malembo | Irmãs Teresianas |
| Internato Masculino de Malembo | Paróquia de Malembo |
| Internato Feminino de Cabinda | Irmãs de S. José de Cluny |
| Internato Feminino de Cabinda | Irmãs de Maria Imaculada |
| Orfanato de Cabinda | Irmãs Predilectas de Jesus |
| Internato Masculino de Lukula Zenze | Missão de Lukula |
| Centro HIV de Cabinda | Irmãs de Maria Imaculada |

| ESCOLAS CATÓLICAS | |
|-------------------------------------|----------------------------|
| DENOMINAÇÃO | RESPONSÁVEL |
| São Tiago Maior | Padres Espiritanos |
| São José de Cluny (Cabinda) | Irmãs de S. José de Cluny |
| São José de Cluny (Landana) | Irmãs de S. José de Cluny |
| Bauveka | Paróquia de Malembo |
| Santa Bakita | Missão do Lukula |
| Dom Paulino | Diocese de Cabinda |
| Santa Madalena | Irmãs Predilectas de Jesus |
| Instituto Politécnico João Paulo II | Diocese de Cabinda |
| Srª Mãe de Deus | Diocese de Cabinda |
| Nossa Senhora das Graças | Irmãs de Maria Imaculada |
| Centro Infantil Santa Teresinha | Irmãs de Maria Imaculada |
| Centro Infantil Santa Maria Goretti | Irmãs de Maria Imaculada |
| Brazita | Cooperadoras da Família |

INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA

| INSTITUTO | LUGAR | SUPERIOR /A |
|-----------------------------------|--------------|-------------------------------|
| S. José de Cluny | Lândana | Ir. Cecília Jambela |
| S. José de Cluny | Cabinda | Ir. Luzia Pedro |
| Teresianas | Malembo | Ir. Arminda Namuenho |
| Mercedárias da Caridade | Cabinda | Ir. Matilde Chianica Ngola |
| Mercedárias da Caridade | Zenze Lucula | Ir. Anastácia P. Manuel |
| Catequistas Franciscanas | Cabinda | Ir. Solange Ivonet Schmitt |
| Cooperadoras da Família | Malembo | Ir. Amélia de Jesus E. |
| Maria Imaculada - Associação | Cabinda | Ir. Charlena Buanga |
| Maria Imaculada - Associação | Buco Zau | Ir. Christelle Nzambi Kihondo |
| Maria Imaculada - Associação | Sé Catedral | Ir. Cecília Conde |
| Predilectas de Jesus - Associação | Cabinda | Ir. Olívia de Jesus |
| Filhas de Maria Auxiliadora | Cabinda | Ir. Isabel Mira Serrano |
| Missionários do Espírito Santo | Lândana | P. Eugénio C. Cassussuma |
| Salesianos de Dom Bosco | Cabinda | P. Mário Quisbert |

| | | | |
|--------------|---|---|--------------------------|
| 27 | Q | | |
| 28 | S | Congresso das Direcções Diocesanas dos Movimentos Apostólicos e Catequistas | |
| MARÇO | | | |
| 2014 | | | |
| 1 | S | | |
| 2 | D | VII do Tempo Comum Dia Mundial do Turismo Criação do Comitium N.S. Maria Concebida sem Pecado Original | Buco -Zau Legionários |
| 3 | S | | |
| 4 | T | | |
| 5 | Q | Quarta-feira de Cinzas Inicio da Quaresma | Paróquias Paróquias |
| 6 | Q | Recoleção da Quaresma para o Clero (8h30) | Seminário C. Clero |
| 7 | S | | |

MOVIMENTOS APOSTÓLICOS

| NOME | COORDENADOR | ASSISTENTE |
|----------------------|-----------------------------|---------------------|
| Apostolado da Oração | Alberto Cadula | P. João B. Ngimbi |
| Carismáticos | João Baptista Neto (int.) | P. João Luemba |
| Escuteiros | Chefe Manuel G. Macaria | P. Zau da Costa |
| Espírito Santo | Maria Beua | Ir. Isabel, sjc |
| Filhas de Maria | Maria de J. S. da Paixão | P. Herman |
| Filhos do Reino | Magda da Graça Sungo Manuel | Ir. Solange |
| Fraternidade | Maria P. F. Issango | P. Nicolau Cuebo |
| Legionários | Ernesto Tigre | P. José Bassanza |
| Leigos Mercedários | Vicente Sérgio Tati | Ir. Rita |
| Lutambi | José Pedro Bily | P. João Luemba |
| Masuela | Ana Maria Funzi | P. Felix Mavambo |
| N.S. das Dores | Maria A. de Assunção | P. Paulo Nzita João |
| Nova Vida | Maria M. Macaca | Ir. Maria Teresa |
| Patrícios | Amandio Tsasa | P. José Bassanza |
| Samaritanos | Estêvão Bambi | P. Cimbenbe |
| São Miguel Arcanjo | Mama Rosaria | P. Gabriel Zau |
| Serafins | Filipe e José Barros | P. Francisco Nionje |
| Vicentinos | Dinis Lubota | P. Roberto Cubola |
| Jovens de Dom Bosco | João Tati | P. Mário |

| | | | | |
|----|---|--|------------------------------|-------------------------|
| 17 | S | | | |
| 18 | T | | | |
| 19 | Q | | | |
| 20 | Q | | | |
| 21 | S | | | |
| 22 | S | Cadeira de S. Pedro <i>Dia do Escuteiro</i> | Paróquias Imac. Conceição | Paróquias Escuteiros |
| 23 | D | | | |
| 24 | S | | | |
| 24 | T | | | |
| 26 | Q | | | |

PARÓQUIAS E QUASE-PARÓQUIAS

| NOME | Local | Fundação | PÁROCO |
|---|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| Rainha do Mundo | Cabinda | 19.12.1958 | P. Celestino Roque V. |
| Imaculada Conceição | Cabinda | 08.12.1891 | P. João Maria Futi |
| S. José | Cabinda | 25.03.2008 | P. Francisco Nionje |
| S. Pedro | Cabinda | 25.03.2008 | P. Mário |
| S. Catarina | Cabinda | 25.03.2008 | P. João Maria Futi |
| Cristo Rei | Cabinda | 25.03.2008 | P. João de B. Luemba |
| Santos Mártires | Cabinda | 25.03.2008 | P. Francisco Nionje |
| S. Tiago Maior | Lândana | 25.07.1873 | P. Eugénio |
| N.S. das Vitórias | Lucula Zenze | 12.06.1893 | P. José Chiânica |
| S. António | Belize | 25.01.1922 | P. Manuel F. Nhanji |
| S. João M. Vianey | Necuto | 01.10.1986 | P. Gabriel Nzau |
| N.S. de Lourdes | Malembo | 01.10.1986 | P. Carlos Gime |
| S. Carlos Lwanga | Buco Zau | 08.06.1992 | P. Policarpo Futi |
| S.N. de Fátima | Subantando | 06.01.2002 | P. Carlos Bambi |
| Est. Missionária | Dinge | 25.04.2010 | P. Félix Mavambo |
| Srª Bakhita | Cabinda | 01.01.2012 | P. João Baptista |
| SEMINÁRIO | | | |
| P. José Bassanza | | Reitor | |
| P. José Chimbembe | | Ecónomo | |
| P. Nicolau Cuevo | | Prefeito dos Estudos | |
| P. Herman José e P. Ernesto Afonso | | Director Espiritual | |
| P. Ernesto Afonso, P. Francisco Nionje e P. Mário Quisbert, P. Bernardo | | Confessores | |
| Minorista Miguel B. Pambo | | | |
| Minorista Victor Fuafo Macaia | | | |
| Propedéutico - 42 | Filosofia - 25 | | Teologia - 09 |

| 8 | S | Dia Internacional da Mulher | Paróquias | Paróquias |
|---|--|-----------------------------|---|------------|
| 9 <td>D <td>I da Quaresma – Ciclo A</td> <td></td> <td></td> </td> | D <td>I da Quaresma – Ciclo A</td> <td></td> <td></td> | I da Quaresma – Ciclo A | | |
| 10 <td>S</td> <td></td> <td></td> <td></td> | S | | | |
| 11 <td>T</td> <td></td> <td></td> <td></td> | T | | | |
| 12 <td>Q</td> <td></td> <td></td> <td></td> | Q | | | |
| 13 <td>Q</td> <td></td> <td></td> <td></td> | Q | | | |
| 14 <td>S</td> <td></td> <td></td> <td></td> | S | | | |
| 15 <td>S</td> <td>Formação dos casais</td> <td>S. José S. Mártires Cato/Cabassango</td> <td>P. Família</td> | S | Formação dos casais | S. José S. Mártires Cato/Cabassango | P. Família |
| 16 <td>D</td> <td>II da Quaresma – Ciclo A</td> <td></td> <td></td> | D | II da Quaresma – Ciclo A | | |
| 17 <td>S</td> <td></td> <td></td> <td></td> | S | | | |

| | | | | |
|----|---|---|------------------------|-------------|
| 18 | T | | | |
| 19 | Q | S. José <i>Dia do Pai</i> <i>Festa Padroeira</i> | Paróquias | Paróquias |
| 20 | Q | | | |
| 21 | S | IV Assembleia Diocesana de <i>Liturgia</i> | Imaculada Conceição | C. Liturgia |
| 22 | S | Dia da Água | Paróquias | Paróquias |
| 23 | D | III da Quaresma – Ciclo A | | |
| 24 | S | | | |
| 25 | T | Anunciação do Senhor <i>Dia das "Filhas de Maria"</i> <i>Encontro de Pastoral</i> <i>Sacerdotes, Religioso(a)s</i> | Sé Catedral | |
| 26 | Q | | | 6 |
| 27 | Q | | | |

| | | | | |
|----|---|---|-------------|-------------|
| 24 | Q | | | |
| 25 | Q | NATAL DO SENHOR | | |
| 26 | S | Passo Missionário | A indicar | C. Clero |
| 27 | S | Natal para Idoso e Deficiente físico | Paróquias | Paróquias |
| 28 | D | <i>Festa da Família</i> | Malambo | C. Família |
| 29 | S | | | |
| 30 | T | | | |
| 31 | Q | Missa de acção de graças | Sé Catedral | R. do Mundo |

⁶⁵Para se manter de pé com dignidade, a África tem necessidade de ouvir a voz de Cristo que, hoje, proclama o amor pelo outro, incluindo o inimigo, até ao dom da própria vida e que, hoje, reza pela unidade e a comunhão de todos os homens de Deus (cf. Jo 17, 20-21)⁶⁶

(BENTO XVI, Exort. ap. pós-sinodal *África Munda* – O Serviço da África, [19 de Novembro de 2011], 13)

| | | | | |
|----|---|---------------------------------------|--------------|-----------|
| 14 | D | | | |
| 15 | S | | | |
| 16 | T | | | |
| 17 | Q | | | |
| 18 | Q | | | |
| 19 | S | | | |
| 20 | S | Natal para o doente | Paróquias | Paróquias |
| 21 | D | | | |
| 22 | S | Cumprimentos de fim de Ano (11h00) | C. Episcopal | Cúria |
| 23 | T | | | |

| | | | | |
|--------------|---|--|-----------|----------|
| 28 | S | Recolecção da Quaresma para o Clero (8h30) | Seminário | C. Clero |
| 29 | S | | | |
| 30 | D | IV da Quaresma – Ciclo A | | |
| 31 | S | | | |
| ABRIL | | | | |
| 2014 | | | | |
| 1 | T | | | |
| 2 | Q | | | |
| 3 | Q | | | |
| 4 | S | | | |
| 5 | S | | | |

| V da Quaresma – Ciclo A | | |
|-------------------------|---|---|
| 6 | D | |
| 7 | S | Dia Mundial da Saúde Paróquias Paróquias |
| 8 | T | |
| 9 | Q | |
| 10 | Q | |
| 11 | S | <i>Dia do "Masnela ma Zezu"</i> |
| 12 | S | Inauguração da Sede da Legião de Maria (1ª fase) Chibodo Legionário(a)s |
| 13 | D | DOMINGO DE RAMOS Paróquias Paróquias |
| 14 | S | |
| 15 | T | |

| | | |
|----|---|---|
| 4 | Q | |
| 5 | S | <i>Recoleção do Advento para o Clero</i> Lucula Nzenze C. Clero |
| 6 | S | |
| 7 | D | |
| 8 | S | Imaculada Conceição (S) Paróquias Paróquias <i>Irmãs de Maria Imaculada</i> Dia da Rádio Eclesia Irmãs de MI P. Com. Social |
| 9 | T | |
| 10 | Q | <i>Dia Mundial dos Direitos Humanos</i> P. Social |
| 11 | Q | |
| 12 | S | |
| 13 | S | Natal para o recluso Paróquias Paróquias <i>Confraternização de todos os colaboradores da Paróquia</i> |

| | | | | |
|----|---|---|-----------|--|
| 45 | T | | | |
| 26 | Q | | | |
| 27 | Q | ASSEMBLEIA DE PASTORAL | Imaculada | C. Pastoral |
| 28 | S | | | |
| 29 | S | Encerramento do Ano Catequético Estação Missionária - Domingo Dia dos Pescadores | | C. Catequese E. M. - Domingo P. Social |
| 30 | D | I do Advento | | |

DEZEMBRO

2014

| | | | | |
|---|---|---|--|----------|
| 1 | S | Dia Internacional de Luta contra o HIV | | P. Saúde |
| 2 | T | | | |
| 3 | Q | | | |

| | | | | |
|----|---|---|-------------|-------------|
| 16 | Q | Confissões (08h00) Missa Crismal (10h00) | Sé Catedral | C. Liturgia |
| 17 | Q | | | |
| 18 | S | | | |
| 19 | S | | | |
| 20 | D | DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR | | |
| 21 | S | Passeio Missionário | A indicar | Religiosas |
| 22 | T | | | |
| 23 | Q | | | |
| 24 | Q | | | |
| 25 | S | | | |

| | | | | |
|--|---|--|-----------|------------|
| 26 | S | | | |
| 27 | D | Canonização de João Paulo II e João XXIII | Roma | Santa Sé |
| 28 | S | | | |
| 29 | T | S. Catarina de Sena Q/ Santa Catarina – Padroeira | Imanha | Q/Paróquia |
| 30 | Q | | | |
| MAIO (Mês do Rosário) 2014 | | | | |
| 1 | Q | | | |
| 2 | S | | | |
| 3 | S | | | |
| 4 | D | PÁSCOA JUVENIL | A indicar | P. Juvenil |

| | | | | |
|----|---|---|------------------------|------------------------|
| 15 | S | | | |
| 16 | D | | | |
| 17 | S | | | |
| 18 | T | | | |
| 19 | Q | <i>Último dia de entrega dos relatórios pastorais dos Secretariados</i> | | C. Pastoral |
| 20 | Q | | | |
| 21 | S | Encerramento do Ano no Seminário Médio | Seminário Propedêutico | Seminário Propedêutico |
| 22 | S | Dia do Educador | Escolas | C. Educação |
| 23 | D | CRISTO REI <i>Dia da Juventude Católica</i> | | |
| 24 | S | | | |

| | | | | | |
|----|---|-------------------------|--|--|--|
| 5 | Q | | | | |
| 6 | Q | | | | |
| 7 | S | | | | |
| 8 | S | | | | |
| 9 | D | | | | |
| 10 | S | | | | |
| 11 | T | FERIADO NACIONAL | | | |
| 12 | Q | | | | |
| 13 | Q | | | | |
| 14 | S | | | | |

| | | | | |
|----|---|--|--|-----------|
| 5 | S | <i>Dia da Mãe</i> | Paróquias | Paróquias |
| 6 | T | | | |
| 7 | Q | | | |
| 8 | Q | | | |
| 9 | S | | | |
| 10 | S | | | |
| 11 | D | V da Páscoa – Domingo das Vocações Abertura da 1ª Semana da Família: <i>Família/Evangelização</i> | A indicar C. Vocações P. Família | |
| 12 | S | | | |
| 13 | T | N. Sra. de Fátima P. Substantando - Padroeira | Paróquias Substantando | Paróquias |
| 14 | Q | | | |

| | | | | |
|----|---|---|-----------|-----------|
| 15 | Q | Missa das Famílias | | |
| 16 | S | | | |
| 17 | S | | | |
| 18 | D | | | |
| 19 | S | Abertura da Semana Social (Os Binlongos) | | P. Social |
| 20 | T | | | |
| 21 | Q | | | |
| 22 | Q | Dia Mundial da Biodiversidade | Paróquias | Paróquias |
| 23 | S | Encerramento da Semana Social | | P. Social |
| 24 | S | | | |

| | | | | |
|----|---|--|-----------|-----------|
| 27 | S | | | |
| 28 | T | | | |
| 29 | Q | | | |
| 30 | Q | Aniversário da ordenação sacerdotal do Bispo | Paróquias | Paróquias |
| 31 | S | | | |

NOVEMBRO

(Mês dos Defuntos)

2014

| | | | | |
|---|---|---|-----------|------------------------|
| 1 | S | Todos os Santos <i>Início da campanha de recolha de donativos para o Natal dos mais necessitados (C.O)</i> | Paróquias | Paróquias P. Social |
| 2 | D | Fieis Defuntos | Paróquias | Paróquias |
| 3 | S | | | |
| 4 | T | | | |

| | | | | |
|----|---|--|------|----------|
| 17 | S | | | |
| 18 | S | | | |
| 19 | D | Encerramento do Sinodo: "Família e Evangelização" | Roma | Santa Sé |
| 20 | S | | | |
| 21 | T | | | |
| 22 | Q | | | |
| 23 | Q | | | |
| 24 | S | | | |
| 25 | S | PADROEIRA DE ANGOLA | | |
| 26 | D | | | |

| | | | | |
|-------------------|---|--|----------------------|-------------|
| 25 | D | DIA DE ÁFRICA | Paróquias | Paróquias |
| 26 | S | | | |
| 27 | T | | | |
| 28 | Q | Dia da Cidade de Cabinda | Missa na Sé (8hs) | C. Liturgia |
| 29 | Q | | | |
| 30 | S | | | |
| 31 | S | | | |
| JUNHO 2014 | | | | |
| 1 | D | ASCENSÃO DO SENHOR <i>Dia da comunicação social</i> <i>Dia Mundial da Criança</i> | | |
| 2 | S | | | |

| | | | | |
|--------------|---|---|----------|----------|
| 23 | S | | | |
| 24 | T | | | |
| 25 | Q | | | |
| 26 | Q | | | |
| 27 | S | Sagrado Coração de Jesus <i>Jornada de santificação do Clero</i> | | |
| 28 | S | | | |
| 29 | D | S. Pedro e S. Paulo | S. Pedro | S. Pedro |
| 30 | S | | | |
| JULHO | | | | |
| 2014 | | | | |
| 1 | T | Dia da Comunicação Social | | |

| | | | | |
|----|---|---|--|-----------------|
| 18 | Q | | | |
| 19 | S | | | |
| 20 | S | | | |
| 21 | D | | | |
| 22 | S | <i>Dia da Associação dos Filhos do Reino (AFIR)</i> | | AFIR |
| 23 | T | | | |
| 24 | Q | N. Sra. das Mercês | | Ir. Mercedárias |
| 25 | Q | <i>Dia dos "Samaritanos"</i> | | |
| 26 | S | | | |
| 27 | S | S. Vicente de Paulo <i>Dia dos Vicentinos</i> | | |

| | | | | |
|----|---|--|-------------|-------------|
| 20 | Q | | | |
| 21 | Q | | | |
| 22 | S | N. Sra. Rainha do Mundo Dia do grupo JML | Sé Catedral | Sé Catedral |
| 23 | S | | | |
| 24 | D | | | |
| 25 | S | | | |
| 26 | T | | | |
| 27 | Q | S. Mónica Dia da Espiritualidade Amigos de Jesus | | |
| 28 | Q | S. Agostinho Dia do Educador Católico I Fórum das Esc. Católicas Dia do Protocolo - Serviço | | P. Educação |
| 29 | S | | | |

| | | | | |
|----|---|------------------------------------|---------|----------|
| 22 | T | Dia do Lutámbi lu Zezu | | |
| 23 | Q | | | |
| 24 | Q | | | |
| 25 | S | S. Tiago -- Lândana - Padroeiro | Lândana | Paróquia |
| 26 | S | | | |
| 27 | D | | | |
| 28 | S | | | |
| 29 | T | | | |
| 30 | Q | | | |
| 31 | Q | | | |

| AUGUSTO | | 2014 | |
|---------|---|--|----------------------|
| 1 | S | | |
| 2 | S | | |
| 3 | D | | |
| 4 | S | S. João Maria Vianey <i>Dia do Pároco</i> <i>Neculto – Padroeiro</i> | C. Clero Paróquia |
| 5 | T | | |
| 6 | Q | | |
| 7 | Q | | |
| 8 | S | | |
| 9 | S | | |

| | | | | |
|----|---|---|-------------|-----------------|
| 10 | D | <i>Encontro geral de Acolhidos</i> <i>com Bispo</i> | A indicar | |
| 11 | S | | | |
| 12 | T | <i>Dia do Emigrante</i> | | P. Social |
| 13 | Q | | | |
| 14 | Q | | | |
| 15 | S | <i>Assunção de N. Senhora</i> <i>Bodas de Prata da Ir. Matilde,</i> <i>mercedária</i> | | Ir. Mercedárias |
| 16 | S | <i>Encontro dos Crismados com</i> <i>Bispo (9h00)</i> | Sé Catedral | C. Catequese |
| 17 | D | | | |
| 18 | S | | | |
| 19 | T | | | |

| | | | | |
|----|---|--------------------------|--|--|
| 8 | S | | | |
| 9 | T | | | |
| 10 | Q | | | |
| 11 | Q | | | |
| 12 | S | | | |
| 13 | S | | | |
| 14 | D | | | |
| 15 | S | <i>N. Sra. das Dores</i> | | |
| 16 | T | | | |
| 17 | Q | | | |

| | | | | |
|----|---|--|-----------|------------------|
| 2 | Q | | | |
| 3 | Q | | | |
| 4 | S | Secção de formação para catequistas visitantes | A indicar | P. Evangelização |
| 5 | S | | | |
| 6 | D | Encontro Família Jovem | A indicar | P. Juvenil |
| 7 | S | | | |
| 8 | T | | | |
| 9 | Q | | | |
| 10 | Q | | | |
| 11 | S | | | |

| | | | | |
|----|---|------------------------------|-------------|-------------|
| 12 | S | | | |
| 13 | D | | | |
| 14 | S | | | |
| 15 | T | S. Ana Maria Javouhey | Ir. S. José | Ir. S. José |
| 16 | Q | | | |
| 17 | Q | | | |
| 18 | S | | | |
| 19 | S | Assembleia Pastoral da Saúde | A indicar | P. Saúde |
| 20 | D | | | |
| 21 | S | | | |

| | | | | |
|--------------------------------------|---|-------------------------------|--|-----------|
| 30 | S | Dia Mundial dos desaparecidos | | P. Social |
| 31 | D | | | |
| SETEMBRO (Mês da Bíblia) 2014 | | | | |
| 1 | S | | | |
| 2 | T | | | |
| 3 | Q | | | |
| 4 | Q | | | |
| 5 | S | | | |
| 6 | S | | | |
| 7 | D | | | |

**Anexo 12: Estatutos da Associação dos “
Peregrinos de Cristo”**

**ESTATUTOS
DA ASSOCIAÇÃO DOS PEREGRINOS DE CRISTO**

**CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS**

**ARTIGO 1.º
(Criação e Denominação Social)**

1. É constituída a Associação dos peregrinos de Cristo de Cabinda, abreviadamente "APC".
2. A "APC" rege-se pelas disposições dos presentes Estatutos e demais legislação aplicável.

**ARTIGO 2.º
(Constituição)**

1. A Associação dos Peregrinos de Cristo é uma Associação de adesão livre (voluntária) de cristãos da Igreja, dotada de personalidade jurídica.
2. A "APC" deve obediência doutrinária e carismática ao Bispo da Diocese da área de implantação da Associação.

**ARTIGO 3.º
(Âmbito e Sede)**

A "APC" é uma Associação de âmbito local com sede em Cabinda podendo ter representações em qualquer parte do território nacional ou no estrangeiro.

**ARTIGO 4.º
(Duração)**

A duração da Associação é por tempo indeterminado.

**CAPÍTULO II
FIM SOCIAL**

**ARTIGO 5.º
(Fins sociais)**

1. A "APC" tem como fim social a Formação Integral do Homem para a civilização do amor nas seguintes vertentes:
 - a) Amor a Deus (formação religiosa e moral);
 - b) Amor ao Homem (formação cívica e promoção humana);
 - c) Amor à Natureza (conservação e protecção da natureza).

2. A Associação colaborará estreitamente com a Igreja Católica, órgãos da Administração do Estado e entidades nacionais e estrangeiras de idêntica finalidade.

CAPÍTULO III CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

SECÇÃO I DOS MEMBROS

ARTIGO 6.º (Condições de admissão)

1. Podem ser membros da "APC" todos os cristãos católicos, nacionais ou estrangeiros que aceitem os seus estatutos e lutem pela concretização dos seus objectivos.
2. *A adesão à Associação é voluntária desde que o candidato reúna os requisitos exigidos no artigo 7.º dos presentes estatutos.*
3. A admissão de membros efectivos à Associação pode também ser feita sob proposta escrita de qualquer ^{Membro} em pleno gozo de seus direitos e deveres à Direcção sendo susceptível de recurso para a Assembleia Geral.
4. O pedido de readmissão de determinado membro deve ser formulado por escrito, dirigido à Direcção da Associação.

ARTIGO 7.º (Classificação)

1. É membro *fundador* quem subscreve a proclamação da Associação gozando dos mesmos direitos e deveres dos membros efectivos.
2. É membro *efectivo* quem participa assiduamente no cumprimento das linhas programáticas da Associação, integrando um dos grupos de trabalho e que paga regularmente as quotas.
3. É membro *honorário* a pessoa singular ou colectivo que preste serviços distintos à Associação.
4. É membro *aspirante* o associado que voluntariamente participa das actividades da Associação para conhecer, aceitar e aderir a ela, devendo sujeitar-se a um acompanhamento de seis meses pela Direcção que deverá conduzir a sua proposta de admissão a membro efectivo à Assembleia Geral.
5. O Associado que por motivo de doença prolongada, bolsa de estudo no exterior do País, cumprimento de serviço militar e/ou transferência de serviço para fora do País, será considerado membro *auxiliar*.

ARTIGO 8º (Categoria)

Na categoria de membros efectivos, é exigido que cada membro reúna cumulativamente os seguintes requisitos:

1. Juvenis:
 - a) Ter idade compreendida entre os 14 e os 15 anos;
 - b) Ser baptizado;
 - c) Ter a 4ª Classe como habilitações mínimas
 - d) Ter o uso da razão.
2. Juniores:
 - a) Ter a idade compreendida entre os 16 e os 24 anos
 - b) Ter a 4ª classe;
 - c) Ser Baptizado;
 - d) Ter o uso da razão.
3. Seniores:
 - a) Ter a idade igual ou superior a 25 anos;
 - b) Ter a 4ª classe como habilitações mínimas;
 - c) Ser Baptizado;
 - d) Ter o uso da razão.

ARTIGO 9º:
(Demissão do Membro)

1. Qualquer membro pode desvincular-se voluntariamente ou sobre proposta de qualquer outro membro, devendo comunicar por escrito a Direcção ou, a Assembleia Geral fundamentando as razões da sua decisão ;
2. Nenhum membro pode considerar-se efectivamente desvinculado sem que o seja comunicado pela Direcção ou pela Assembleia Geral por escrito no prazo de 10 dias a contar da data da entrega do requerimento.

ARTIGO 10º
Readmissão

A Readmissão de qualquer membro deve ser feita nos termos do nº04 do Artigo 6º dos presentes estatutos.

SECÇÃO II
DIREITOS E DEVERES

ARTIGO 11º
(Direitos)

1. São direitos ^{dos} associados:
 - a) Participar nas actividades promovidas pela Associação;
 - b) Usufruir de quaisquer beneficios devidos aos membros da associação;
 - c) Usar da palavra na assembleia Geral;
 - d) Eleger e ser eleito para os órgãos da "APC";
 - e) Propor novos associados;
 - f) Ser informado de todas as actividades da "APC";
 - g) Manifestar a Comissão de Disciplina as irregularidade constatadas no funcionamento da Associação;
 - h) Recorrer das decisões tomadas pela direcção e/ou comissão disciplina a Assembleia Geral.

2. A capacidade eleitoral activa e passiva é um direito atribuído aos associados nas categorias previstas no Artigo 8º.

ARTIGO 12º (Deveres)

1. São deveres dos associados:
 - a) Cumprir as regras estatutárias e regulamentares;
 - b) Respeitar os Órgãos de Direcção e aceitar as suas deliberações sem prejuízo do direito à recurso;
 - c) Aceitar os exercícios de cargos para que tenham sido eleitos ou nomeados, desempenhando-os com ordem e assiduidade;
 - d) Representar Associação sempre que lhe seja solicitado;
 - e) Pagar as jóias e quotas mensais.
2. O disposto nas alíneas c), d) e e) do número anterior, só se aplicam aos membros efectivos nas categorias de Juniores e Seniores.

CAPÍTULO IV DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

SECÇÃO I

ARTIGO 13º

1. São órgãos directivos da Associação:
 - a) Assembleia Geral;
 - b) Direcção;
 - c) Conselho Eclesiástico;
 - d) Conselho Fiscal;
 - e) Conselho consultivo.
2. Nenhum membro poderá pertencer simultaneamente mais do que um órgão social da Associação.
3. O mandato dos membros dos órgãos acima ~~eleitos~~ ^{mandatados} é de 3 anos, não podendo o mesmo ser renovado por mais de ~~duas~~ ^{duas} ~~vezes~~ consecutivas.
4. Os cargos são exercidos gratuitamente mas a Assembleia Geral, mediante proposta de Direcção, pode deliberar sobre eventuais remunerações a determinados membros por actividades de qualidade, especialidade ou importância extrema.

SECÇÃO II DA ASSEMBLEIA GERAL

ARTIGO 14º (Composição e convocatória)

1. A Assembleia Geral é o órgão deliberativo por excelência e é composta por um Presidente, um Vice-presidente, um vogal e um secretário eleitos por maioria absoluta dos votos validamente expressos.

2. A convocatória é feita com antecedência mínima de 15 dias através de carta, telecópia, fax, e-mail ou pelos meios de comunicação social mais difundidos.

ARTIGO 15.º
(Funcionamento)

1. A Assembleia Geral reúne-se ~~semestralmente~~ e extraordinariamente sempre que tal se *justifique, mediante convocação do Presidente, por iniciativa da Direcção ou do pedido do Conselho Fiscal*, por escrito, com antecedência mínima de 15 dias, devendo mencionar a ordem de trabalho, o local e a hora da sessão.
2. A sessão terá lugar quando preenchido o quorum de maioria simples dos associados, sendo conduzida pelo Presidente da Mesa, pelo Vice-presidente, pelo vogal e pelo secretário.
3. Na ausência ou impedimento do Presidente da Mesa o seu directo adjunto assumirá todas as responsabilidades, gozando dos mesmos deveres na Assembleia.
4. Para deliberações de matérias de carácter importante será requerido uma maioria qualificada de 2/3 dos votos.
5. Considera-se matérias de carácter importante as relativas a alteração dos estatutos, regulamento interno, eleição, dentre outros.

ARTIGO 16.º
(Competências)

1. Compete à Assembleia Geral:
 - a) deliberar sobre todas as matérias que constituem objecto da "APC";
 - b) apreciar, discutir e aprovar as actividades dos órgãos da Associação;
 - c) eleger os membros dos órgãos da Associação, suspendê-los ou demiti-los das suas funções, quando a sua conduta não se adequar com os ideais da "APC";
 - d) homologar os pedidos de admissão, readmissão ou demissão dos membros;
 - e) apreciar e votar o relatório das actividades desenvolvidas durante determinado período pela Direcção;
 - f) aprovar a fusão ou dissolução da Associação;
 - g) aprovar a cooperação com outras associações congéneres;
 - h) aprovar e alterar os estatutos e o regulamento interno;
 - i) aprovar a forma de distribuição dos resultados.
2. Os órgãos sociais são eleitos pela Assembleia Geral, por escrutínio livre, universal e directo devendo as listas sujeitas a votação especificar os cargos a preencher pelos respectivos candidatos.
3. A organização do processo eleitoral e o funcionamento da respectiva assembleia eleitoral será objecto de regulamentação própria a aprovar por este órgão.

SECÇÃO III
DA DIRECÇÃO

ARTIGO 17.º

(Constituição)

A Direcção é o órgão de gestão da Associação e é constituída por sete membros sendo um presidente, um vice-presidente, um secretário para a área de projectos e planificação, um secretário para a informação, um secretário para as relações públicas e protocolo, um secretário para a administração e finanças(tesoureiro) e um vogal.

ARTIGO 18.º (Competências)

1. Compete à Direcção:
 - a) administrar e orientar a dinâmica associativa reunindo ordinariamente de 30 em 30 dias e extraordinariamente sempre que o Presidente assim decidir;
 - b) executar o plano de actividades anual;
 - c) praticar todos os actos de gestão necessários à prossecução dos fins da Associação, administrando os bens e organizando o funcionamento dos serviços;
 - d) proceder à arrecadação de receitas e liquidar as despesas devidamente comprovadas;
 - e) elaborar anualmente e submeter ao parecer do Conselho Fiscal e à apreciação da Assembleia Geral o relatório de gestão e as contas do exercício, bem como o plano de actividades e o orçamento para o ano seguinte;
 - f) facultar aos membros os livros de escritura e todos os documentos comprovativos das operações sociais da Associação;
 - g) nomear comissões ou grupos de estudos para tratar dos assuntos específicos relacionados com a actividade da Associação;
 - h) velar pelo respeito dos Estatutos, dos regulamento interno e das deliberações dos órgãos da Associação;
 - i) ouvir o Conselho Eclesiástico sobre assuntos da sua competência ou outros que entenda conveniente;
 - j) deliberar sobre a admissão de novos membros e sobre a aplicação de sanções previstas nestes Estatutos;
 - l) exercer as demais atribuições que lhe sejam cometidas pelos presentes estatutos e demais regulamentação.
2. As competências dos secretariados assim como as normas específicas de funcionamento da Direcção constam no regulamento interno.

ARTIGO 19.º (Competências do Presidente)

1. Compete ao Presidente da Direcção:
 - a) representar a Associação em juízo e fora dele;
 - b) convocar os membros da Associação para propor medidas organizativas;
 - c) supervisionar o cumprimento dos princípios estatutários, linhas programáticas e regulamentos internos;
 - d) exercer outras competências que lhe sejam conferidas pelos presentes Estatutos.

2.o Presidente tem direito de voto de desempate, na tomada de decisões no âmbito da Direcção.

ARTIGO 20.º
(Competências do Vice-presidente)

Compete ao Vice-presidente substituir o Presidente nos impedimentos ou ausências deste e exercer as demais competências que lhe sejam conferidas pelos Estatutos e regulamentos.

SECÇÃO IV
DO CONSELHO ECLESIASTICO

ARTIGO 21.º
(Composição)

1. O Conselho Eclesiástico é o órgão gestor do recurso humano da Associação constituído por membros efectivos, sacerdotes, religiosos e leigos que têm como função primordial acompanhar de perto a vida da Associação, velar pela sua espiritualidade, carisma, formação religiosa, moral e cívica e manter a disciplina no seio dos membros.
2. O Conselho Eclesiástico é constituído por um Presidente, um Secretário, uma Assistência Eclesiástica, uma Comissão Pedagógica, uma comissão de Espiritualidade e Liturgia, uma Comissão de Disciplina.

ARTIGO 22.º
Competências

1. Compete ao Presidente:
 - a) coordenar o trabalho do Conselho Eclesiástico;
 - b) convocar o Conselho Eclesiástico;
 - c) gerir o recurso humano da Associação, desde a fase de mobilização; ou enquadramento dos membros....
 - d) propor a realização da Assembleia Geral;
 - e) gerir os centros escolares da Associação e a formação de base e permanente dos membros.
2. Compete ao Secretário:
 - a) tratar das actas e dos demais documentos do Conselho Eclesiástico;
 - b) representar o Presidente
 - c) organizar o protocolo do Conselho Eclesiástico

ARTIGO 23.º
(Espiritualidade)

1. A base da espiritualidade da Associação dos Peregrinos de Cristo é o Amor de Deus (~~Deus é Amor~~) que se espelha na Aliança entre Deus e o Povo de Israel feita no Deserto durante 40 anos, depois da libertação do Egito para a Terra Prometida; Deus salva e acompanha o homem porque é um autêntico Peregrino;

SECÇÃO VI DO CONSELHO FISCAL

ARTIGO 24.º (Constituição)

1. O Conselho Fiscal é o órgão de fiscalização e de controlo da contabilidade e gestão da Associação sendo constituído por um Presidente, um Vice-presidente, dois vogais (um efectivo e outro suplente), eleitos pela Assembleia Geral dentre os associados efectivos, em pleno gozo dos seus direitos.
2. Não podem ser membros do Conselho Fiscal os sócios que integram a Direcção.

ARTIGO 25.º (Competências)

1. Compete ao Conselho Fiscal:

- a) Dar parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas anuais da Direcção e sobre os orçamentos ordinários e suplementares;
- b) Fiscalizar os livros da contabilidade e os actos de gestão financeira praticados pela Direcção;
- c) Dar parecer sobre todas as matérias que lhe seja submetido pela Assembleia Geral ou pela Direcção;
- d) Requerer a convocação da Assembleia Geral sempre que entender conveniente.
- e) Assistir sempre que seja solicitada as reuniões da Direcção;
- f) Exercer todas as demais atribuições que lhe sejam conferidas por lei por pelos presentes Estatutos;
- g) Emitir parecer sobre o montante das jónias e das quotas mensais e elaborar o relatório anual da sua actividade de fiscalização.

ARTIGO 26.º (Funcionamento)

1. O Conselho Fiscal reunirá ordinariamente, pelo menos, uma vez por semestre, quando o presidente o convocar.
2. O Conselho Fiscal reunirá extraordinariamente sempre que o presidente o convocar, por sua iniciativa ou a pedido da maioria dos seus membros.
3. Os membros do Conselho Fiscal podem assistir, por direito próprio, as reuniões da Direcção.
4. Para uma melhor execução das suas competências, poderá o Conselho Fiscal solicitar a colaboração de peritos nas matérias que lhe compete fiscalizar.

ARTIGO 27.º (Quorum)

O Conselho Fiscal só poderá tomar deliberação com a presença de três dos seus membros.

SECÇÃO V DO CONSELHO CONSULTIVO

ARTIGO 28.º (Composição)

O Conselho Consultivo é o órgão de consulta da Associação e é composto pela Direcção e por cinco membros honorários escolhidos pela Direcção, pelos antigos presidentes da Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, pelos presidentes da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho Fiscal e do Conselho Eclesiástico e por cinco membros representantes da comunidade convidados pelo presidente da Direcção sob proposta do assistente eclesiástico.

ARTIGO 29.º (Funcionamento)

O Conselho Consultivo reunir-se-á semestralmente por convocação do presidente da Direcção.

CAPÍTULO V

SECÇÃO I DAS MEDIDAS DISCIPLINARES E SANÇÕES

ARTIGO 30.º (Infracções)

Constituem infracções disciplinares:

- a) O não cumprimento das disposições estatutárias e regulamentares ou orientações e decisões da Associação;
- b) O comportamento indigno que lese e prejudique o prestígio e o bom funcionamento da Associação;
- c) A falta reiterada de pagamento das quotas;
- d) Qualquer outro comportamento passível de censura.

ARTIGO 31.º (Sanções)

1. Constituem sanções disciplinares:

- a) Advertência verbal;
- b) Advertência escrita;
- c) Suspensão temporária graduada entre um e três meses, três e seis meses;
- d) Expulsão.

2. As medidas disciplinares previstas no número anterior serão sempre precedidas de competente processo disciplinar.

SECÇÃO II DA EXCLUSÃO, SUSPENSÃO E DEMISSÃO

ARTIGO 32.º

1. A exclusão, suspensão e demissão de um membro poderá ser aprovada pela Direcção sob proposta da Comissão de Disciplina.
2. A exclusão de um membro só poderá ser decidida nos casos seguintes:
 - a) Quando seja condenado por crime punível com pena de prisão;
 - b) Quando lhe seja imputada violação grave e reiterada das normas estatutárias;
 - c) Quando se torne impossível prestar serviços a que ficou obrigado.
3. Estando em curso qualquer processo de exclusão, de suspensão ou havendo um pedido de demissão deverá a Direcção decidir o caso num prazo máximo de dez dias.
4. Sempre que uma violação dos Estatutos ou de qualquer outra norma regulamentar não assumir aquela gravidade punível com exclusão, deverá o membro ser suspenso por um período mínimo de um a três mês com a consequente perda dos seus direitos.
5. A exclusão ou a demissão só produzem efeitos depois de aprovada em Assembleia Geral.

SECÇÃO III DA PERDA DA TITULARIDADE DE MEMBRO

ARTIGO 33.º

O direito de ser membro caduca com a expulsão ou morte do associado.

CAPÍTULO VI DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

SECÇÃO I DO MANDATO

ARTIGO 34.º

1. Os órgãos sociais têm um mandato de três anos.
2. Os membros da Associação só terão direito a dois mandatos findo os quais não poderão ser reeleitos.
3. Os órgãos sociais prestarão contas anualmente aos seus membros em Assembleia Geral.

4. Em caso de exclusão, demissão ou morte de um membro director de qualquer órgão social deverá o presidente da Direcção, no prazo de 90 dias, convocar uma Assembleia Geral extraordinária para eleição de um novo membro que preencha a vaga.

SECÇÃO II DOS FUNDOS

ARTIGO 35.º

1. Consideram-se rendimentos da Associação:
 - a) O produto das jóias e das quotas mensais dos associados;
 - b) As receitas pela prestação de serviços remunerados;
 - c) As rendas dos seus bens patrimoniais e as doações ou legados de toda a espécie;
 - d) Quaisquer outras receitas que resultem da sua actividade.
2. O valor da quota mensal é o valor fixado pela Assembleia Geral, susceptível de modificação de acordo com as oscilações da moeda nacional.
3. Constituem despesas da Associação as que se efectuem para a realização dos seus fins de harmonia com os presentes Estatutos.

ARTIGO 36.º (Vinculação)

1. A Associação apenas se vincula com a assinatura do presidente da Direcção ou, nas suas faltas ou impedimentos, do vice-presidente que o substitua.
2. Nos actos de gestão são necessários e suficientes as assinaturas de dois membros da Direcção, sendo uma do presidente ou do vice-presidente e outra do tesoureiro.
3. O presidente da Direcção pode delegar nos outros membros, ou em procuradores, os actos de vinculação específica.
4. A Associação não pode, em caso algum, considerar-se obrigado por compromissos assumidos por membros da Direcção fora do âmbito das suas funções.

ARTIGO 37.º (Tesoureiro)

É da competência do tesoureiro:

- a) Dirigir a contabilidade da Associação;
- b) Preparar e apresentar à Direcção, o balanço e contas de cada exercício, para que sejam apresentados na Assembleia Geral;
- c) Elaborar o cálculo de entradas e saídas para o próximo ano.

SECÇÃO III DA EXTINÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

ARTIGO 38.º

1. Em caso de liquidação e extinção da associação terão de ser observadas as normas prescritas a seguir nos presentes Estatutos, e nos casos omissos, as disposições da lei geral aplicável.
2. A extinção deverá ser deliberada em Assembleia Geral extraordinária convocada exclusivamente para o efeito.
3. As deliberações relativas à extinção da Associação só poderão ser validamente aprovadas em Assembleia Geral extraordinária quando votadas pela maioria qualificada de $\frac{3}{4}$ dos associados.
4. Em caso de extinção da Associação a Direcção será a liquidatária.
5. Deliberada a extinção, o património existente que não esteja sujeito a finalidades especiais, e uma vez cumpridas todas as obrigações, será entregue, por deliberação da Assembleia Geral, a uma instituição que tenha finalidade idêntica ou semelhante à da Associação.

SECÇÃO IV DAS DÚVIDAS E OMISSÕES

ARTIGO 39.º (Disposições omissas)

1. Os esclarecimentos e as dúvidas de interpretação dos presentes Estatutos serão da competência da Assembleia Geral, atendendo ao disposto na Lei n.º 14/91 de 11 de Maio e demais legislação aplicável.
2. Estes Estatutos entram em vigor à data da sua publicação.

Cabinda, aos de de 2003.

Anexo 13: Livro do Consolador, Linhas
fundamentais da espiritualidade
masuela

O LIVRO DO CONSOLADOR

MASUELA MA KRISTU

NÓTULA HISTÓRICA

O Movimento eclesial MASUELA MA KRISTU nasceu de uma situação histórica e social bem determinada. A povoação de FORTALEZA vive no meio de militares. Isto fomenta uma situação permanente de instabilidade. Uma delas ocorreu aos 6 de Fevereiro de 1998. Casas foram queimadas, populares espancados, torturados e muitos têm até hoje as marcas das baionetas e de balas. Para além disso, a presença de militares e polícias têm desequilibrado moralmente quer a população quer o ambiente eclesial com mães precoces fazendo desfile nas ruas e nas celebrações. É nesta situação onde nasce o Movimento Masuela que tinha como intenção inicial a protecção das jovens. Dar-lhes o sentido do futuro. Neste sentido, era importante infundir nelas um grande espírito de ajuda mútua. Aqui a necessidade de formar homens capazes de se esquecerem e de doarem-se. Numa palavra; que CONSOLEM. Aqui se circunscreve toda a espiritualidade masuelina, centrada em dois textos fundamentais: Lc. 19,41 e Jo. 11, 33-35: Jesus chora diante de uma Jerusalém empedernida e de um amigo que já cheira.

Imaculada 1998
Padre Jorge Casimiro Congo

(Com a aprovação eclesialística)

Jorge Casimiro Congo

Deus Jesus para o Homem

De facto, a qual dos anjos Deus disse: 'Tu és meu Filho, eu hoje te gerei?' Ou ainda: 'eu lhe serei pai, e ele me será filho?' E ao introduzir o Primogénito no mundo, diz novamente: 'adorei-no todos os anjos de Deus.'

Jesus é, para o Pai, o seu Filho mais amado. Ele esteve também quando eram criadas todas as seres e nada foi feito sem Ele (Jo I, 1-4). Ora, esta união tão profunda entre o Pai e o Filho faz d'Ele o caminho sem dúvida para o Pai (Mt. II, 28); a luz que não treme para ver o Pai e o programa de todos os designios do Pai para o Homem e para o Mundo.

A vinda de Cristo ao Mundo dos Homens obedece a uma preocupação eterna de Deus que quis o Homem sempre diante d'Ele para possibilitar que Deus fizesse do Homem a sua shekiná, isto é, sua morada. Só neste estar diante e shekiná de Yahvé é que faz do homem feliz.

A ausência de Deus para quem se viu um dia envolvido pelo amor de Deus é sentida duma maneira muito intensa. Um vazio interior atravessa todos os momentos em que a respiração se torna pesada e o controlo da própria vida quase que impossível. A pergunta corrente é esta: por que me sinto tão mal? Por que a vida me corre tão mal? Por que perdi a minha espontaneidade e aquela vontade genuína de viver?

Pode-se dar tantas respostas e culpabilizar a este ou aquele a causa da nossa infelicidade. As respostas podem ser até pertinentes. Os culpados até podem arcar muito do que

sofremos: relações difíceis, incompreensões, perseguições.

No entanto, ao verificar-se no profundo de nós mesmos, notamos que algo que nos descontrola faz com que o encontro com o Outro seja ainda mais dificultado ou não encontre remédio para o mitigar.

Este vazio chama-se estar longe do Caminho e da Luz da Vida: Cristo.

O sentir o Vazio de Deus é, de certa maneira, sinal positivo. Indica que já teve uma relação mais íntima com o Pai ou que tem sede de tê-la. Por isso, foi possível aperceber-se desse afastamento. Nesse sentido, faz antes de tudo uma pergunta a si mesmo: por que estou diferente na minha relação com Deus? Tenha coragem, porque a resposta que virá de si mesmo é a mais importante. Se tem alguma dúvida, recorre a alguém que estima e que pensa ter feito uma experiência de Deus mais intensa para o ajudar a discernir.

Não pense que o facto de estar sempre nas eucaristias e nos encontros de oração dos irmãos seja sinal de uma relação íntima com Deus. É um bom passo e, de certo modo, necessário, mas não o suficiente. As missas podem ser rotina e os encontros com os irmãos fuga dos problemas da escola, do lar, do serviço. Então, qual o caminho para regressar ao Pai e sentir aquele entusiasmo tão necessário para afrontar os momentos de crise? A resposta é só uma: como estou eu com o Pai?

□

II capítulo

Os gestos de salvação de Cristo

S. João, ao falar dos milagres de Jesus, usa a palavra semeia, isto é, sinais. Sinais que marcam a sua presença e a sua passagem pelo mundo dos homens. Segundo S. João, o primeiro sinal nasce de uma situação da vida corrente do homem: o casamento. No casamento, ontem como hoje, para além da alegria que envolve quer os acabam por se casar quer familiares e amigos, paira, e de que maneira, o nervosismo para dar de comer a convidados. O vinho não era essencial mas importante. Podia descontrolar o ambiente e destruir a felicidade daqueles que acabavam de pôr as suas vidas numa mesma barca. Ora, aí intervém Jesus em favor de duas criaturas que até podiam não saber se o vinho bastava ou não. Qual a conclusão desse gesto de Jesus?

A primeira é que estava integrado na vida real do seu povo. Não estava à margem até das alegrias mais comuns e dos momentos mais normais da vida como é o facto de responder a um convite e participar a um óbito. São estes lugares os motivos para a sua pregação. Não procures os primeiros lugares; não convides os grandes. São estes encontros sacramentais que foram ocasiões para os grandes anúncios da sua morte e ressurreição; para a demonstração da sua potência em palavras e obras.

Segundo, para a felicidade das pessoas não é preciso muito. Às vezes, basta um bom-dia. E nestas circunstâncias que Deus actua e que Deus se revela através dos seus mensageiros. Procurar actos de heroísmo para demonstrar que se ama, pode ser exibicionismo. Quando é assim, os

resultados podem ser muito negativos e as frustrações não têm cura ao esperar-se que toda a gente lhe agradeça e este agradecimento, às vezes, jamais aparece. O amor que se revela no quotidiano da vida tem mais sabor e mais agrada ao Senhor que querer que a mão esquerda saiba o que faz a direita. É no normal da vida onde a ajuda de mãos amigas revela-se muito precisa. À volta da mesa, sentimo-nos todos dependentes daquele que deu o dinheiro para se fazer a praça; de quem fez a praça e finalmente de quem procurou a comida. Sentimo-nos todos dependentes e, por isso, o sentimento normal de agradecimento mesmo que o não façamos de um modo explícito. Num óbito, sentimo-nos todos atravessados por uma corrente tão forte de solidariedade que é superior às lágrimas que eventualmente se possa deitar.

É nestas circunstâncias que o Masuela deve ser o espelho desses gestos simples de Cristo e testemunhar que é possível estar junto das pessoas e fazê-las felizes sem tocar batuque. A discrição é importantíssima para que aquele que recebe não se acanhe. Ser ajudado é sempre difícil. É uma situação de diminuição e ninguém gosta disto.

Os gestos de salvação passam e atravessam o quotidiano para atingir o homem fora do quotidiano e introduzi-lo no quotidiano de todos os homens. Por isso, o cego recobra a vista; o leproso é purificado; o surdo-mudo readquire a capacidade de comunicar e finalmente o coxo e o doente podem levantar o catre e andar.

Sabe-se perfeitamente que somos simples homens apesar da força da palavra que carregamos que é possível mandar que o monte se desloque de um lado para o outro. Mas, mesmo assim, estaremos sempre longe da força daquele que é a Força, por isso, o que Deus pede não é de fazer milagres mas sim de deixar sinais de salvação por onde passarmos. Estes

sinais são invisíveis, porém mais brilhantes que a noite escura; são pequenos, no entanto, mais altos que o Chizu; silenciosos, mas que falam alto. Esta é a linguagem do Filho de Deus, que evitava que propalassem os seus milagres.

III capítulo

Coração humano de Jesus

Numa passagem muito simples, Marcos revela o coração humano de Jesus: "depois subiu ao monte e chamou a si os que ele queria, e estes foram até ele. E constituiu doze, para que ficassem com ele" (Mc 3, 13-24). A caminhada seria longa, dura e difícil. Não podia fazê-la sozinho. Jesus escolhe amigos para andarem com Ele e, no futuro, serão as testemunhas privilegiadas por comerem e beberem com Ele. Sim, um coração tão humano que recusa terminantemente caminhar só, fazendo demonstrações da sua potência divina. Esta sua profunda humanidade leva-O a ter compaixão das multidões abatidas, como ovelhas sem pastor; compadece-se duma viúva que perdeu o filho único e tem piedade do cego que, à beira do caminho, grita por Ele apesar da repreensão e do barulho da multidão. E mesmo este coração que se dá e não dá; se oferece e não oferece que sente, por outro lado, a necessidade que alguém se dê a Ele; se oferece a Ele. É neste sentido:

- a) que Ele tem um afecto especial por João, que tem o privilégio, no momento mais duro da sua vida, de declinar a sua cabeça no peito e sentir-lhe o "chizitu".
- b) que tem uma casa e uma terra, Betânia, onde passa as refeições e encontra os amigos mais íntimos: Lázaro, Marta e

Maria e tem tempo para conversar longe dos conflitos dos fariseus e escribas.

Jesus sabe gerir muito bem essas suas amizades. Os seus amigos não devem ser obstáculo à sua caminhada até Jerusalém, onde vai oferecer-se. Por isso, educa-os e fá-los crescer na fé no seu poder e na sua palavra. Neste sentido, foi importante educar João. Primeiro, a redimensionar o poder para descobrir o caminho da cruz; "não sabeis o que estais pedindo. Podeis beber o cálice que eu vou beber e ser baptizados com o baptismo com que serei baptizado?" (Mc. 10,38). Segundo, a dominar a sua intolerância para melhor compreender que a comunidade que Jesus construía, ia para além do seu reduzido grupo: "Senhor, queres que ordenemos que desça fogo do céu para os consumar? Ele, porém voltando-se, repreendeu-os (Lc. 9,54-55). Depois de purificado, João foi capaz de confessar com tanta certeza e amor que: 'o que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e o que as nossas mãos apalparam do Verbo da Vida, porque a vida manifestou-se; nós a vimos e lhes damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna' (1Jo. 1-2). Ao perder um deles, tinha a atitude normal a qualquer homem: Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, comoveu-se interiormente e ficou conturbado. E Jesus chorou (Jo. 11,33-35a).

Marta e Maria tiveram que aprender a rever a escala de valores. Receber bem Jesus e preparar-lhe a comida é bom. Mas para que este trabalho não ficasse na banalidade, era preciso escutar Jesus. Só escutando a sua palavra, o trabalho e a visita não cansavam.

Todos os amigos, finalmente, num determinado momento,

tiveram que optar entre a sua palavra e aquela do mundo: "Não quereis vós também partir? (Jo. 6, 67). A estas amizades se acresce um amor profundo pela sua terra, principalmente:

a) Nazaré. Aí tinha crescido. Deste modo, mantinha recordações profundas daquela pequenina terra. Foi onde, segundo Lucas, fez o anúncio do seu messianismo e proclamou o «hoje» da salvação que era Ele próprio. É interessante verificarmos o amor genuíno que cada um de nós nutre pela sua terra e creio, sem dúvida, que o mesmo acontecia com Jesus. Devia ter na memória de um modo muito afectivo a sinagoga, as ruas, os lugares de cultivo, os fontanários, os montes, os homens e as mulheres etc. Nazaré era a sua terra e o lugar dos seus conterrâneos que até faziam clímax por sentirem que a preocupação de Jesus estava longe deles.

b) Jerusalém. Esta cidade representava muito para Jesus quer no âmbito da sua missão de Filho de Deus, isto é, senhor dum projecto de vida quer como cidadão. Jesus ia às festas mais significativas do Povo de Israel como a Páscoa e a festa dos Tabernáculos. Devia vibrar, sempre naquele jeito de neutralidade, a proclamação da história do seu povo. Admirava as belezas de Jerusalém, sobretudo, o seu templo. Jerusalém era o lugar privilegiado para a consagração de qualquer profeta.

É maneira de ser de Jesus o colocar-se criticamente diante daquilo que ama profundamente. Se com os amigos fazia-os crescer e traçava para eles um caminho de mudança de mentalidade e uma escala de valores para serem instrumento da sua presença no meio dos homens, com os lugares da sua predilecção seguia os mesmos critérios. No entanto, um dos seus momentos mais angustiantes da sua vida foi verificar

quer a dureza do coração dos seus conterrâneos quer a estultícia e violência dos jerosolimitanos. Nazaré conhecia-o como miúdo, adolescente e adulto. Sabiam perfeitamente os pais, os irmãos dEle. Isto foi um autêntico empecilho para acreditar em nEle e até se escandalizaram dEle (Mc. 6,3). Jesus, naquela linguagem simples mas directa de Marcos, "admirou-se da incredulidade deles e disse: um profeta é só desprezado em sua pátria, pelos seus parentes e em sua casa (Mc. 6,64).

Humano que era, via, no futuro, as consequências deste fechar-se aos novos tempos, aos novos caminhos que o Senhor sempre quis abrir à sua frente: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados, quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha recolhe seus pintainhos debaixo das asas, mas não quisestes (Lc13,34).

Jesus deita lágrimas: 'E, como estivesse perto, viu a cidade e chorou por ela, dizendo: "Ahi Se neste dia também tu conhecesses a mensagem de paz. Agora, porém, isto está escondido a teus olhos. Pis dias virão sobre ti e os teus inimigos te cercarão com trincheiras, te rodearão e te apertarão por todos os lados. Deitarão por terra a ti e aos teus filhos no meio de ti, e não deixarão de ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que foste visitada' (Lc. 19, 41-44)

IV capítulo O Caminho do masuela.

É da dinâmica dos Masuela assumir o que Cristo tem de mais humano. Todos esses gestos que revelam a sua profunda

humanidade foram resumidos na palavra "Masuela ma Kristu"² O choro é das atitudes humanas mais comóventes e que toca a qualquer pessoa. As lágrimas que surgem da dor de qualquer mal-estar da carne é qualquer coisa de normal na vida de qualquer pessoa e pouco comove. As lágrimas dos masuela vão buscar a sua fundamentação naquelas de Cristo. Sim, Cristo poderia ter-se queixado e inclusive chorado durante a sua paixão e morte por causa dos castigos, da tortura e das sevícias, mas os evangelistas não ressaltam isso. Em nenhum evangelho fala que Jesus chorou no alto da cruz ou durante todo o processo violento no Sinédrio. Revelam isto sim o grito que nascia da dor interior ao sentir-se totalmente abandonado até por próprio Deus: 'éli, éli lemá sabhtánni' (Mt. 24, 46; Sl 22,2). No entanto, Lucas e João revelam que Cristo chorou pela perda do amigo Lázaro (Jo. 11, 33.35) e ao ver o futuro de Jerusalém cheio de escumbros e comprometido (Lc. 19,41). Nestas duas passagens assenta toda a espiritualidade e dinâmica vivencial dos Masuela ma Kristu

Essas lágrimas nascem duma dor que vem dos fundo da alma e que atravessa todo a pessoa. Em consequência, a espiritualidade dos Masuela reside:

1º Em transformar os sinais e os gestos mais humanos em lugar da presença do Senhor e de vivência da fé. A vivência da fé dá um outro sentido e um outro calor todo o que o mundo faz inadvertidamente ou que esvaziou todo o sentido. Um olhar de serenidade; um aperto de mão ou um sorriso podem dar a uma alma em problemas um novo alento. Basta que Deus insulfie nesses pequenos gestos o seu espírito.

2º em fazer do desconhecido um irmão. Ninguém nasce irmão. Todos nos transformamos em irmão. É um processo dinâmico de aproximação e de esquecimento mútuo. Esta

realidade é que explica o por que de dois irmãos de sangue odiarem-se até à morte. Não se transformaram em irmão.

3º Em depositar um olhar especial no homem e na terra. A vivência da fé não nos deve retirar das realidades correntes da vida. O Masuela não deve andar distraído daquilo que atralha ou alegra o homem; daquilo que endireita ou descontrola a terra, a cidade ou a buala. Neste aspecto, o Masuela deve estar no mundo, mas sem ser do mundo.

4º Ter consciência que sozinho não se consegue nada. Por isso, é importante a ajuda de alguém. Este alguém, obrigatório é o chibuatana, m'kündi.

Este chibuatana é um irmão dentro da irmandade com o qual se caminha na vida, se organiza os projectos diários, se convive e se partilha no quotidiano os problemas até mais simples. É aquele que forma o "dois" para serem enviados junto dos homens. A realidade "chibuatana" faz parte integrante do dinâmica espiritual dos Masuela. São duas motivações desta necessidade: primeiro porque onde houver um grupo que ultrapasasse as centenas, corre-se sempre o risco de um outro ser desconhecido e permanecer no anonimato. Neste aspecto, a comunidade dos masuela é formada a partir dos bibuatana (bakündi). Portanto, não conta o número de elementos mas sim, as várias famílias de bibuatana. Neste sentido, a comunidade dos masuela está construída sobre relações pessoais. Segundo, com a disposição pelas casas e bairros, a comunidade pode não saber da doença, ou outra qualquer desgraça que possa ter batido à porta de algum membro. Ora, neste caso, o chibuatana é um elemento importantíssimo de união entre a comunidade e cada um dos membros.

Não há dúvida que onde houver uma mão humana, ela te

uma capacidade enorme para deteriorar até as coisas mais justas, honestas, puras e santas. Por isso, a base do relacionamento no interior dos Masuela, os chibuatana, pode degenerar-se e ao invés de unir pode separar. Para que isto não aconteça, os Masuela devem consciencializar-se que o 'chibuatana' não é uma figura decorativa no interior da comunidade. O chibuatana é um anjo que está na vida de cada membro e o acompanha nas viagens mais longas como na vida de Tobite. Por isso, o chibuatana não deve ser uma escolha pessoal, pondo de lado, deste modo, critérios pessoais, tribais, raciais e inclusive de interesses, o que poderia engendrar grupelhos que se fecham e auto-excluem, formando ilhotas no interior da comunidade.

57 Na cruz. Este é o elemento central na espiritualidade dos Masuela. A cruz não só concebida como uma visão da dor, dos sofrimentos e das sevícias padecidas por Cristo. Mas realidade corrente e permanente em qualquer vida que se entrega para transformar as situações que tiram ao homem a dignidade e a alegria de viver. Por outro lado, a cruz é a única realidade que pode unir, quando é vivida na verdade e até às últimas consequências: quando for levantado atrairei a mim todos os povos. Neste sentido, a cruz não é só um momento da vida de Cristo, mas toda a vida de Cristo até ao Calvário. O Calvário é um monte. Um monte onde, segundo as Escrituras, Jesus foi crucificado. No entanto, o Calvário e a cruz simbolizam todos os lugares onde a verdade entra em contradição com a mentira, e a verdade é sacrificada; a luz entra em contradição com as trevas, e a luz é apagada; a coragem entra em contradição com a cobardia, e a coragem é silenciada, o poder atinge a máxima intolerância, marginalização, crueldade e o homem desaparece; o barulho da multidão abafa os gemidos de tantos que sofrem.

que significa isto para os Masuela?

Ninguém pode assumir a missão de mitigar e minimizar o sofrimento humano sem passar por um constante padecimento. Este padecer tem duas fontes: a primeira é aquela interior. Ninguém pode encarar o gemer dum homem sem que o coração entre em profundo constrangimento. A Segunda, é aquela do contacto com a dor que não deve deixar ninguém indiferente, e que gera o "conflito" com os que a produzem e a mantêm. Por isso, "consolar" não é só limpar as lágrimas de quem chora mas, sobretudo, resolver aquelas situações que originam a dor e as lágrimas. Daí que o Masuela deve ter consciência que não basta 'não fazer aos outros aquilo que não queres que te façam'. É ir para além disso e 'fazer aos outros aquilo que gostaria que lhe fizessem'. "Ninguém pode consolar se não morrer para dar a vida àquele que está a morrer". Diante disto, a espiritualidade masuelina assume as Cinco Chagas de Jesus do Senhor, como sua padroeiro. Ter-se-á este dia em conta na vida de Masuela. Terá antes de tudo uma grande preparação espiritual e uma vivência interior intensa. Isto difere do dia da fundação que é, sobretudo, de acção de graças e de festa.

V capítulo

Os inimigos do Masuela.

Ao projecto dos Masuela de olhar para o sofrimento de Cristo, muitos inimigos podem opor-se. São eles:

egoísmo que nos faz olhar só para nós mesmos, sobretudo, numa situação em que quase todos gemem e sofrem.

A indiferença diante de situações que atormentam o homem. exibicionismo que faz com que o "consolidado" se sinta rebaxado e até negue ser ajudado.

A invasão na privacidade das pessoas, transformando-se em inoportuno. Neste sentido, o Masuela deve ser a pessoa mais discreta, que mais escuta e só se aproxima se vir que a sua presença será um elemento de apaziguamento e não de mal-estar.

VI

capítulo

Maria na vida do Masuela.

A vida de Maria, logo no início, é marcada por três atitudes fundamentais:

a) A escuta

A escuta de Maria é dinâmica isto é, reflecte e interroga tudo o que gira à volta dessa palavra que a exalta e a envia em missão se mãe do Salvador. Maria, como fizeram Moisés, Isaias, Jeremias e todos aqueles que foram escolhidos por Deus para uma missão, vê-se confusa e quase que sem forças para uma missão tão excelsa. É desta dúvida donde nasce o discernimento e o acto de fé consciente: "Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra (Lc. 1,38). Neste sentido, como Maria, o Masuela deve saber pensar o que ouve. Esta atitude é, deveras, importante para estar dizer 'eu também ouvi' ou então 'me disseram'. Isto só para grupos à volta da lareira ou do copo, alimentando-se da mentora

b) A procura de quem necessita.

Dessa escuta nasce a viagem para a Elizabete. Uma mulher de idade limite grávida, contra toda a lógica humana que, necessariamente, vai precisar de cuidados para além de um parto de riscos incontáveis. Maria compreende e sobe os montes de Judá à procura da Elizabete. Ir ao encontro significa disponibilidade e não fazer pesar quem precisa de ajuda. Esperar que o "pobre" bata à porta pode gerar uma situação de humilhação para ele e de arrogância para quem o assiste. Neste sentido, como Maria, os Masuela devem aprender a viajar. Viajar significa ir ao encontro dos lugares de angústia e não se deixar sentido ou acomodado, esperando que as situações os encontrem. Esta atitude pode gerar indiferentes e corações empedernidos que olham somente para si mesmos. É o encontro com esses lugares e situações que o próprio 'carisma' (maneira de estar, ser e agir dentro da Igreja) do Masuela se vê confrontado, reconhecido e aceite: Elizabete disse: "feliz daquele que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido" (Lc. 1, 45).

c) A atitude de louvor

Maria, diante daquela exaltação de Elizabete, louva o Senhor a partir daquilo que o Senhor fez através dela. Quais os elementos essenciais da oração de Maria?

Louva o Senhor toda Ela. Uma entrega total à maneira do "shemá: amarás a Yavé com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua inteligência" (Dt. 6,7). Nesta entrega total, Ela reconhece que foi de uma predilecção especial da parte de Deus, graças à sua atitude de simplicidade e humilde. No entanto, não se deixa no prédio, mas desce à aldeia como

fez Moisés para descobrir os irmãos judeus que sofriam. Por isso, Maria faz toda a sua profecia e preces a partir das situações que carecem de justiça para fazer nascer a justiça para os pobres e os oprimidos; dispersou os homens de coração orgulhoso; depôs os poderosos de seus tronos e despediu os ricos de mãos vazias. Numa palavra; nova terra e novo céu, onde ninguém vive situações de humilhações; onde haja poderes que se esquecem da igual dignidade e finalmente onde falte pão, porque alguns usurpam o que é de todos. Neste sentido, os Masuela, como Maria, devem aprender a pisar a sua oração nas situações reais da vida. Lutar por uma vida melhor para todos os homens. O Masuela não deve rezar para se esquecer das amarguras da vida, mas para reunir forças a fim de melhor lutar contra essas mesmas situações. Não deve deixar-se abater pelos "bizitu", mas fazer aos "bizitu" sede para um mundo e vida melhores. Por isso, a oração dos Masuela não deve ser somente uma constante gritaria, mas também um canto à força e providência do Senhor.

São essas três atitudes que fizeram de Maria a Mãe forte e a discipula fiel que foi até ao Calvário sem olhar a zombaria da multidão, a troça dos fanseus e escribas de ontem e de hoje. Maria é para os Masuela o modelo de todo aquele que chora pela terra e pelo amigo.

VII capítulo

O quotidiano do Masuela

O dia do masuela começa com a leitura de uma passagem bíblica. Esta pode ser escolhida ou tirada ao acaso. Será esta

passagem bíblica que alimentará todo o seu dia e orientará todos os seus passos.

Procurará, sem desanimar, fazer algo que o faça recordar que a sua razão de existir é 'consolar'. Esta atitude permanente em 'passar fazendo o bem' poderá concretizar-se melhor assumindo alguém que precisa duma mão fraterna.

Que nenhum masuela chegue até ao fim do dia com o saco roto diante de Deus e com a consciência pesada de ter deixado alguém a gemer sem um consolo. No fim do dia, antes de se ditar, todo e qualquer masuela deve rezar: 1º O salmo 129 ou 50 para trazer à memória o que não esteve na via do Senhor; 2º o salmo 150 e o m'sambu lubôndo. Afinal de contas, mesmo em momentos mais difíceis a mão de Deus está sempre sobre a cabeça daquele que confia nEle e é preciso reacender a chama da entrega.

VIII capítulo

A escada do Masuela

Nenhuma árvore se tornou grande de noite para o dia. Tudo na vida do homem nasce e cresce paulatinamente. O que acontece com o que vemos passa-se, da mesma maneira, com o que não se vê, mas que se sente de um modo muito vivo. Qualquer homem ou mulher, jovem ou adolescente que procura o Senhor através do caminho do 'Masuela' leva dentro de si uma inquietação: problemas pessoais, necessidade de uma ajuda, solidão, abandono. No entanto, uns podem aproximar-se somente pelo facto de ser moda o pertencer a um movimento eclesial. Porém, o problema não são as motivações que trouxeram este ou aquele para o 'Masuela', mas sim a sua atitude uma vez dentro do 'Masuela'. Esta

atitude é que diferencia cada um dos masuela e que determina o seu crescimento ou a sua estagnação espiritual. Por isso, acreditando que todos os masuela assumiram Cristo e querem crescer, a escada, com os consequentes deveres e grau de compromisso, está disposta deste modo:

1º Os Bikukudu – são as crianças do masuela.

Estes são extremamente necessários para a vida do Masuela na medida em que representam uma espécie de futuro para o movimento e por outro lado, a parte mais risonha e humana. A isto se acresce o que a experiência já começa a determinar: o encontro de toda a família no Masuela, passando deste modo a ser mais um elo de ligação afectiva no lar e uma ajuda na grande missão de educar e formar. O Movimento não pode, sob pena de comprometer o seu futuro, tomar a presença dos Bikukudu como qualquer coisa de dispensável. Por isso, tem que se velar de uma maneira atenta, constante e responsável pela sua formação humana, religiosa e espiritual. Procurar que frequentem a catequese e que, pelo menos dominicalmente, estejam presentes na eucaristia paroquial ou em liturgias da palavra nas aldeias. Dentro dos grupos dos Bikukudu, surge aquele dos **Bikónzoka**. Estes são os adolescentes que esperam a sua incorporação no movimento dos adultos. No futuro é também possível que se fomente um movimento juvenil com função vocacional.

2º Basímuni (os admiradores)

São aqueles que ainda estão naquela etapa de entusiasmo inicial, ainda não sabem muito bem o motivo que os levou para o Masuela. Daí lutarem entre o continuar ou desistir. Aqui, conta fundamentalmente a sua presença nas assembleias de oração e no trabalho comunitário. É

importante, porém, que logo, no início, os responsáveis pela espiritualidade velem pelas disposições dos basímuni: sua maneira de falar, de estar, sua participação, sua entrega às tarefas, sua generosidade nas contribuições. É possível, antever o tipo de masuela que teremos num m'simani. Os formadores não hesitem em dispensar alguém, que presente, logo nos primeiros momentos, comportamentos passíveis de fomentar intrigas, chatices e relacionamentos difíceis no interior do Masuela. Para um m'simani, sobretudo, nos primeiros meses, são exigidos os seguintes valores:

1: *a capacidade de escuta*. É deveras importante uma vez que tem de ouvir para se ir compenetrando da maneira de ser de um masuela. Para S. Lucas, a escuta é a disposição interior mais importante para um discípulo de Cristo. Daí a diferença entre Maria e Marta. A vivência profunda com Cristo nasce da escuta. Ninguém pode segui-lo, anunciá-lo sem o escutar.. É preciso, que um m'simani aprenda a ouvir os mais antigos no masuela. Só assim, pode apreender aquilo que é comum a todos os masuela e começar, pouco a pouco, a *revestir-se daquele jeito próprio de um masuela: modo de estar, de falar e de rezar.*

2: *Espírito de humildade*. Aprender a colocar-se no seu lugar, tendo em conta que é, precisamente, isso que prepara o masuela para um aproximar-se a qualquer pessoa. Não há disposição externa que mais atraia as pessoas do que aquela humilde; é a outra face da mansidão. Nenhum orgulhoso pode deixar-se consolar ou consolar. A arrogância é a causa de muitas situações desagradáveis no interior do masuela e no mundo dos homens.

3. *Espírito de obediência*. Capacidade de integrar a vontade pessoal naquela do Consolador ou de qualquer outro

responsável e na da comunidade toda. Isto é muito importante para o cumprimento sereno dos programas e deveres da espiritualidade. Paulo aconselha mesmo isso ao dizer que é importante que se obedeça sem murmurar para se ser filho de Deus, no meio de uma geração perversa. Seria saudável que se dispense um membro que, continuamente, recusa as determinações. Para facilitar o exercício destas virtudes fundamentais evite-se, onde houver getsémanis e crucificados, que ele faça pregações; apenas Ihe é permitido fazer petições (zi nkánu).

3º Bajetesémani (Os Getsémanis)

são aqueles que, depois dos primeiros tempos e do entusiasmo inicial, entram num período de interiorização dos valores de 'Masuela'. Isto provoca uma grande luta interior para uma maior identificação com a espiritualidade. *Aqui conta, sobretudo, o esforço de conhecer a fundo a espiritualidade dos 'Masuela', pô-la em prática.*

e) Qual é a via dum Getsémani?
As atitudes fundamentais dum getsémani encontram-se na leitura daquelas de Jesus:

1º *Jesus um homem entre os homens.*
Antes de tudo, um getsémani tem de ter consciência que ninguém pode viver sozinho. Isto revela-se continuamente na vida de Jesus. Este, nos momentos mais difíceis, procura sempre retirar-se mas acompanhado dos seus três bibuatanas: Pedro, Tiago e João. A atitude dos bibuatanas de Jesus durante o seu momento de angústia (dormindo e insensíveis aos gemidos) devem educar o getsémani a ser chibuatana e a educar o seu chibuatana. Por outro lado, Ter a

capacidade de incorporar no seu drama pessoal alguém que o possa verdadeiramente estar ao seu lado.

2º *Jesus sua sangue e água.*

Diante do drama da cruz, sofre como qualquer homem. Mas duas atitudes o distanciam do comum dos homens:

a) a sua entrega ao Pai numa profunda oração.

b) O pôr à disposição do Pai da sua própria vontade.

É, interessante que, humanamente, a experiência nos mostra que quanto mais se sofre mais se afasta de Deus. Ora, este afastamento dá-se de dois modos: *primeiro*, revoltando-se contra Deus. Abandona-se a igreja, as eucaristias e muitas vezes mudam para outras confissões religiosas. Segundo, procurando falsos deuses. Neste aspecto, o getsémani deverá ser a testemunha fiel da cruz que salva. É indispensável que qualquer getsémani cultive um são equilíbrio nos momentos mais difíceis da sua vida, evitando, as soluções e as atrapalhadas que se vêem na vida corrente: *recurso ao feiticismo, aos ngangas, aos advinhos e charlatões e finalmente aos binlongos. Neste sentido, é importante, que o getsémani se esforce em ter uma oração pessoal. É importante que encontre momentos de recolhimento muito pessoais. Neste sentido, o getsémani será o masuela que vela pelo chibuatana e cresce com ele e o discípulo que sofre como Jesus. Quais os valores exigidos a um getsémani? A aceitação do programa de Deus na sua vida pessoal, familiar e social; a capacidade de controlo de si mesmo; a serenidade nos momentos mais duros da vida, a necessária ponderação para intervir em situações de aflição; a resposta certa nos momentos difíceis em que é preciso uma tomada de posição; a devida força espiritual quando se sentir só.*

○

4º Babandua (os Crucificados)

São aqueles que dão mostra de terem assumido os valores essenciais dos 'Masuela' e podem ser testemunhas quer desses mesmos valores quer da sua fundamentação. São esses que podem levar a cruz no peito. Só pode ser crucificado quem tiver uma idade superior os dezoito anos e que tenha feito um tempo suficientemente longo no Masuela uma vez verificado o seu crescimento espiritual e sua dedicação na comunidade dos Masuela.

Qual a via de um crucificado?

Assim como foi na vida de Cristo, a cruz representa o sinal da máxima contradição e da humilhação total de quem a sofre ou a sofreu, por que exposto quer à piedade dos homens quer à ira, ao escárnio e ao gozo da multidão ou de grupos. A cruz de Cristo apresenta-se sob dois modos ou em duas etapas: *aquela da própria vida e aquela da carne.*

a) a cruz da própria vida

Neste aspecto, a cruz coincide com os problemas e conflitos próprios de quem vive no meio dos homens. Estes conflitos dependem da situação social de cada um dos viventes; dos seus compromissos com o homem, com a sociedade e finalmente com Deus. É nas respostas a esses conflitos onde se mede o homem: a sua capacidade de manter as próprias decisões e convicções. Verifiquemos como Jesus viveu essa cruz:

1. A incompreensão da família

É indiscutível que a família tem uma força muito grande sobre a pessoa, sobretudo, a nossa família africana. Jesus não foi diferente. A sua família foi, para Ele, um grande peso. S. Marcos é muito claro nisso. Logo, no princípio, da sua vida, Jesus tem de afrontar os receios da sua família: e quando os

seus familiares ouvirem isto, saíram para o deter, porque diziam: enlouqueceu (3,21). No entanto, Jesus não se atrapalha. Procura colocá-la no seu devido lugar. Este lugar é no seio da vida e da sua missão junto dos homens. Por isso, ser parente de Jesus ultrapassa os laços simplesmente de sangue. São aqueles espirituais: *quem são minha e meus irmãos. E percorrendo com o olhar os que estavam sentados à volta d'Ele, disse: ai estão minha mãe e os meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe (Mc. 3,34).* Na verdade, a experiência mostra-nos que quanto menos os nossos familiares são de Deus, menos são nossos familiares. Sim, porque os conflitos relacionais estarão sempre presentes, provocando choques e divisões, às vezes não chegam mais a uma reconciliação. Neste aspecto, S. João tem uma maneira especial de chamar Maria; essa maneira é "mulher". Maria é mulher para Jesus porque ela deve fazer parte deste povo que esperou as promessas de Yavé e que se incorporou na nova esperança e realização dessas promessas. Maria é mulher (Jo. 2) que acredita e pede que todos acreditem. *Fazei o que Ele vos disser (2,5).* Maria é mulher que, na cruz, assume toda a maternidade: *mulher, eis o teu filho (Jo. 19, 26).* Deste modo, Maria torna-se a mãe e o parente mais próxima de Jesus.

O que significa isto para um crucificado? Jamais alguém exigirá que alguém abandone o seu sangue. Mas é indiscutível que as nossas famílias, se não controladas, acabam sempre por intrrometer-se na nossa vida de fé. A relação familiar africana é rica pela sua aproximação e seu calor humano, mas também se intrromete exageradamente nas nossas vidas. As famílias condicionam-nos a nível económico, afectivo e relacional. Neste sentido, é importante para o masuela discernir os elementos mais importantes e tornar-se o primeiro apóstolo. Por isso, terá o máximo

cuidado, primeiro, em não alinhar nas disputas internas, tomando partido por este ou aquele parente; segundo, em não aceitar soluções que não passem pela fé; terceiro, em não ser causa de divisão; finalmente em ser testemunha de fé. Que o crucificado tenha consciência que ao deixar-se embarcar numa única só vez em soluções que não obedecem a critérios de Cristo jamais terá liberdade em dizer "não".

2. as exigências das multidões

Jesus vê-se em pouco tempo cercado de multidões que O acompanham cheio de entusiasmos. Trazem-lhe os doentes; seguem-no dia e noite sem olhar para a própria barriga. No entanto, elas não conhecem Jesus e pretendem outra coisa de Jesus; fazê-lo rei, depois de comer pão à fartura (Jo. 6). Neste sentido, Jesus tomava a sua relativa distância porque: enquanto Ele estava em Jerusalém, durante as festas da Páscoa, muitos creem n'Ele ao verem os sinais miraculosos que realizava. Mas Jesus não se fiava deles, porque os conhecia a todos e não precisava de que ninguém o elucidassem acerca das pessoas, pois sabia o que há dentro delas. (Jo. 2,22-25) O que significa isto para um crucificado? Podemos deixarmo-nos engolir pela multidão sem termos a devida liberdade para verificar e decidir. É fácil seguir o que todos fazem, é, porém, difícil, ser diferente. A multidão detesta quem não se mistura com ela, porque a irrita a maneira diferente de comportar-se (Jr.20). Neste sentido, impõe-se ao masueia o esforço de encontrar o equilíbrio entre a casa e o bairro. Nem sempre o que todos fazem é o mais correcto. Quando alguém se deixa dominar pela multidão, a primeira coisa que perde é o sentido do discernimento e da crítica. Daí ser arrastado por este ou aquele mais inteligente ou mais poderoso; por este ou aquele mais ambicioso ou mais malicioso. O resultado é, indiscutivelmente, a falta de personalidade; de dignidade, de ideias próprias. Deste modo,

com muita facilidade se toma parte no grupo daqueles que preferem Barrabás, assassino; e engrossam os berros daqueles que mandam crucificar. Quantas vezes um masueia terá que "consolar" alguém que todos condenam e atiram pedras. Esta atitude significa que o masueia cristificou-se verdadeiramente, por isso, é capaz de dizer às multidões: atira a primeira pedra quem se sente sem pecado (Jo. 8).

b) A cruz na carne

A cruz vivencial de Jesus termina naquela da carne isto é, onde o corpo é directamente provado. Aí misturam-se elementos de ordem espiritual, que intensificam a dor e a solidão próprias de um justiciado. Não há dúvida que o ambiente de Getsémani é o resumo da dor que um homem pode sentir. Sozinho, por que os discípulos mais aconchegados dormem. Sozinho enfrentando uma multidão que vem com varapaus e soldados munidos de espadas para prenderem um simples desarmado. Tanta gente que o seguia e que agora se revolta contra Ele leva Pilatos a lavar as mãos e a ordenar que os militares O açoitem. Tinham-se esquecido dos milagres, da multiplicação dos pães e dos belos discursos em favor dos simples, dos pobres, das viúvas e dos órfãos; contra a tirania da lei, da prepotência dos governantes e da arrogância dos ricos. Estavam aí, todos aqueles, ao pé do sinédrio exigindo a sua condenação. Segue para o Calvário entre alaridos da massa. Vai só carregando consigo o abandono dos seus amigos mais íntimos: Pedro nega-O diante de uma pobre rapariga: Judas vende-O e todos os outros procuram outro refugio. Finalmente na cruz no meio de malfeteiros um deles impenitente, entre os insultos de espectadores. O que significa isto para um masueia? A segurança de um homem de fé só está em Deus por que na riqueza tudo é efémero e no homem gera dependência. Deste modo, é importante, pedir todos os dias a graça da

perseverança e o equilíbrio nos momentos mais duros da vida. A força para sobreviver está dentro de nós. Por isso, é necessário alimentá-la e fazê-la sair antes que alguém te inspire força. É esta disposição espiritual onde reside toda a capacidade de perdoar e de sofrer com dignidade. Em resumo: o crucificado é a coluna do Masuela. Por isso, tem de ser o espelho daquilo que tem de ser um Masuela. Neste sentido, é importante que se repense seriamente a permanência de alguém no Masuela que tenha sido crucificado e que leve uma vida medíocre no seio da espiritualidade.

A escada de Masuela deve significar, indiscutivelmente, um caminho de crescimento e não mera imposição de símbolos. Neste sentido, é preciso que se dê tempo a fim de que a escada represente um desenvolvimento sereno, paulatino e faça transparecer em cada um dos degraus a vontade e a determinação de seguir e identificar-se com Ele naquilo que o Masuela pensa ser a sua maior aproximação do Homem. É importante que os irmãos do serviço de discernimento sigam de perto a conversão de cada um dos irmãos para decidirem quer a passagem de um degrau para o outro quer um possível afastamento de um irmão, que pela sua conduta dá mostras de querer ser sempre o que foi. Neste sentido, é deveras urgente rever o tempo que vai de um degrau a outro. Por isso, propomos, passível de futuras outras decisões, se os irmãos acharem conveniente, o seguinte espaçamento: *Dois anos entre o m'simani e o getsémani; dois anos entre Getsémani e Crucifixão*. Por outro lado, é também de suma importância que haja um tempo de eleição dos candidatos, onde participam, mormente, os getsémani e os babândua para uma selecção mais afinada dos membros que saem dum degrau a outro. Deve-se prever, depois de cinco anos de vivência da espiritualidade, um tempo em que os crucificados

devem fazer uma profissão dos seus compromissos.

XI capítulo

A Organização Masuela

- 1º O *consolador diocesano*
É o responsável de todos os masuela. Dele depende, em comunhão com os irmãos, a decisão dos casos mais importantes.
- 2º O *Consolador local*
é o responsável de uma determinada área.
- 3º O *Consolador do tecto*
é o responsável dum determinado número de masuela.
- 4º O *Mano Consolador*
é o responsável dos masuela juvenis.
- 5º O *Secretário diocesano*
Este é o responsável pela vida administrativa do Movimento. Será eleito ou nomeado consensualmente pelos irmãos em reunião de Grande Cenáculo. Por outro lado, devem existir secretários a nível local e de tecto. Dependem do secretário diocesano. Terão, periodicamente, de fazer relatórios, que serão entregues ao Secretário Diocesano.
- 6º O *ecónomo diocesano (tesoureiro)*
Este é o responsável pela vida económica e financeira do Movimento. Será eleito. Deverá periodicamente prestar contas, sobretudo, durante os cenáculos.

Deve haver ecónomo a nível local e do tecto. Estes dois dependerão daquele diocesano. Deverão, periodicamente, prestar contas àquele diocesano.

7º *Banduénje*

É um determinado número de irmãos (não mais de sete) escolhidos livremente pelos irmãos para ajudarem os consoladores a orientar os irmãos. Devem existir *banduénje* a nível diocesano e do tecto. Só podem ser '*banduénje*' os que forem crucificados. No entanto, não impede que se institua dois ou mais irmãos para desempenharem este cargo de um modo constante.

8º *Os Bakebi*

São membros escolhidos, *getsémani* ou crucificado, para orientarem um grupo de *basimani* que devem ascender a *getsémani* ou crucificado. Devem ser membros que saibam a fundo o carisma e sejam exemplos no seio da espiritualidade.

9º *A equipa dos Batátika*

Esta é a equipa de formadores. São responsáveis pela orientação espiritual, sobretudo, a nível de conteúdos do Masuela. Terão uma ligação directa com o (*M'kotoli*) **Suscitador**, sobretudo, nos primeiros anos do Masuela.

n. b. Num subgrupo, onde todos sejam *basimani*, procurar-se-á um *getsémani* ou um crucificado para o orientar. Normalmente, nomeia-se um *m'simani* que se chamará *M'lúnji* (*m'súngi*).

10º *O animador espiritual*

Este deve ser um sacerdote. Velará pela formação mais acurada do movimento e seu conselheiro principal. No

entanto, têm um lugar especial nesta formação os dois (**Bakótoi**) **Suscitadores** dos Masuela. Faz parte da maneira de estar dos Masuela o depender fundamentalmente do pároco para uma melhor integração e vivência eclesiais. Terão os responsáveis de Masuela o cuidado de jamais organizar programas à margem daqueles da paróquia.

11º *Comissão diocesana*

É aquela formada pelos responsáveis diocesanos e aqueles locais (consolador, adjunto e o secretário). Terão encontros periódicos, a estabelecer, para estudo, análise e controlo da vida da espiritualidade.

12º *O Grande Cenáculo*

É a reunião trienal do masuela, onde se discute os problemas mais importantes, são traçadas as orientações e, se for o caso, a eleição do consolador diocesano e outros membros (o adjunto e o tesoureiro). Os irmãos devem evitar dar cargos aos recém-entrados e, sobretudo, quem não foi ainda crucificado.

a) *O sentido da autoridade*

São **consoladores**, os responsáveis de Masuela. Ora, esta maneira de ver a vida e a responsabilidade no Masuela influencia profundamente como se vive o exercício da autoridade. Mandar no Masuela é antes de tudo uma preocupação de estar próximo daqueles que estão sob a nossa autoridade: *conhecer a sua situação social, familiar, laboral e humana (como reage)*. Saber isto, pode facilitar o exercício da obediência. Faz parte de um bom dirigente orientar de tal modo as suas determinações sem fazer pesar muito sobre quem tem de cumprir. *Isto é possível dialogando sempre e jamais impor; mantendo uma postura de simplicidade e jamais de arrogância; falando sempre num tom*

Saiba o responsável de Masuela que não é elegante alterar com o dirigido. Quanto mais a ordem for clara, dialogada e quase assumida comunitariamente, mais se vive em harmonia. No entanto, isto não retira a força da autoridade que é preciso em determinados momentos por em evidência. Porém, Ninguém deve esquecer-se que todos entraram no Masuela de livre vontade. A permanência dos mesmos dependerá também do modo como serão significados dentro do Masuela. Por outro lado, é urgente que todos compreendam que a multiplicação de leis e de determinações revela falta de fé, de amor e de compreensão. A lei jamais poderá resolver o cansaço espiritual que pode, eventualmente, instalar-se quer individualmente quer comunitariamente. Neste sentido, é importante que os responsáveis tenham em conta que não há método mais seguro para orientar as ovelhas de Cristo que aquele que o próprio Pastor deixou: a escuta das preocupações, a compreensão, a paciência, a espera paciente do crescimento humano e espiritual, o perdão contínuo, a aproximação discreta. Ninguém é responsável no Masuela para benefício pessoal. Por isso, evitar-se-á a convocação abusiva dos membros para trabalhos pessoais ou fazer pesar sobre os mesmos de uma maneira descomunal os problemas pessoais. Neste sentido, os irmãos terão muito cuidado em escolher os melhores Masuela para os orientar. É perigoso ter à frente dos irmãos, membros que escutam pouco e falam muito; que fomentam situações passíveis de dividir os irmãos; irritadiços, impetuosos, incapazes de forjar consenso; de tomar decisão, pouco profundos e pouco preocupados em crescer espiritualmente; desconhecedores da espiritualidade Masuelina, muito preocupados em aparecer e muito tímidos, receados de respeito humano. É importante que os responsáveis sejam homens suficientemente equilibrados humano e espiritualmente.

X Capítulo

A teologia do cenáculo

a) O Cenáculo de Jesus

Os evangelistas dizem-nos que o cenáculo representa o momento mais importante de Jesus com os seus discípulos. Queria comer a Páscoa com eles e fazer-se, naquele momento, para eles, a verdadeira Páscoa; o Cordeiro imolado. Neste lugar, temos dois momentos:

1º o encontro amoroso e cheio de afecto com os seus discípulos, vendo-se quase completamente desamparado, sente-se só. Os confidentes são aqueles que Ele próprio escolheu. A grande angústia é o sentir-se traído pelos 'mesmos': "um de vós que come comigo há-de me entregar" (Mc. 14,18).

2º A eucaristia, Jesus dá-se aos seus através do pão, sua carne, e do vinho, seu sangue. Numa palavra, entrega-se totalmente. É esta a grande memória que deve perpetuar-se até à eternidade. Para Lucas, este também é o lugar privilegiado para se aprender a 'humilhação', através do serviço fraterno representado pelo lava-pés.

□

A vida do Masuela tem as suas pausas na reunião do cenáculo. Tendo os olhos naquele que foi o cenáculo de Jesus, todos os Masuela terão a máxima preocupação em estar presente, sobretudo, os crucificados e os getsemani. É o momento mais importante. Os Masuela deverão ter uma

preparação pessoal em função desse encontro de irmãos. Deve soar em cada coração o apelo de Jesus. Quis ardentemente comer convosco esta Páscoa.

b) Como deve ser o cenáculo?

Antes e acima de tudo, o cenáculo, mesmo aquele para a eleição dos membros respnsáveis, deverá ser um encontro de afecto entre os irmãos, lugar para a celebração do amor e da fraternidade. Só numa estima recíproca é que alguém pode escutar. Por isso, assim como para Cristo o cenáculo significou o descobrir-se, revelando as suas maiores preocupações, do mesmo modo os masuela farão do cenáculo o lugar da intimidade. É aí onde todos terão a ocasião de falar, sobretudo, daquilo que pode afectar o crescimento espiritual dos irmãos. Neste sentido, evitar-se-á, na medida do possível, a presença dos Basímíni sem lenço e dos Blikukudu Os primeiros para que não sejam envolvidos em situações que possa fazer desanimar e os últimos porque podem até escandalizar-se por causa de algo um bocado mais azedo que possa surgir. Por outro lado, proíbe-se a participação de um masuela que tenha participação irregular. Isto porque não é capaz de dar um testemunho sério do movimento já que vive espiritualmente fora do mesmo. Daí incapaz de compreendê-lo os problemas e de guardar sigilo. Neste sentido, o secretário deverá comunicar ao consolar todos os masuela que não estão em condições de participar. No entanto, evitar-se-á, terminantemente, transformar o cenáculo numa praça pública para julgar este ou aquele. No cenáculo fala-se de todos e não de alguém. Se, eventualmente, algum irmão tiver problemas pessoais com um outro, que chame os irmãos reconciliadores, mas não se aproveite do cenáculo para lançar piadas. As piadas ferem e não curam, dividem e não unem; resultam e não se desculpam, provocam e não explicam.

Enfim, a piada é o cheiro do diabo. As piadas são, neste sentido, proibidas na vida dos masuela. Quem não tiver coragem de confrontar-se com o irmão, cale-se. É proibido, nesta óptica, comentar com alguém que não é da comunidade dos masuela assuntos e questões abordados no cenáculo. O irmão apanhado a fazê-lo ser-lhe-á vetado participar noutros cenáculos até nova ordem. Por outro lado, fica também proibido continuar a discutir fora do cenário questões levantadas durante o cenáculo para se evitar especulações e fuga de informações. Por outro lado, onde houver intimidade mais se exige a capacidade para o segredo. Guardar segredo; ser circunspecto é:

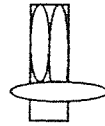
1º sinal de maturidade. Ninguém, diz s. Tiago, pode dizer que tem religião verdadeira religião se não consegue dominar a língua. Sim, aquele que não peca no falar é realmente um homem perfeito, capaz de refrear todo o seu corpo (Tg. 3,2).

2º sinal de amor. O amor verdadeiro leva a proteger o amado. Uma protecção que abrange o homem todo (a sua fama, o seu trabalho, a sua vida privada e a sua intimidade). Isto não significa aceitar os seus males e desvios, mas dar-lhe a possibilidade de regenerar-se com serenidade e ajudado pelos irmãos. Por isso, faz parte do masuela assumir o drama do pecado do irmão ou dos irmãos e da comunidade toda, no silêncio, e viajar, de noite, para ajudar a nascer de novo. Isto exige muito domínio, mas sobretudo, muito amor e caridade. A caridade como diz S. Paulo, é paciente, é prestativa, não é invejosa; não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente; não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo se desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1cor. 13).

O Cenáculo da Igreja

Este dá-se num momento muito difícil para os apóstolos. Jesus subiu ao céu e sentem-se muito sós. O que dizer? Cheios de medo voltam outra vez para a sala, onde costumavam estar (Act. 1,13). Afectuosamente, recordam os gestos, a voz e as palavras de Jesus. Casa objecto recordava-os. Mas estavam aí simplesmente sós e cheios de medo por causa dos judeus. No entanto, não ficam a olhar para o céu, onde Jesus foi (Act. 1,10b) mas, todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entres as quais Maria, a mãe de Jesus e com os irmãos deles (Act. 1,14).

O Cenáculo do Masueia que encontra o seu modelo e a sua força no de Jesus, deve sentir a necessidade da unidade, que nasce da verdade (Jo. 8,32) e o dever de construí-la. Tudo isto só se consegue todos juntos e em oração, onde cada Masueia se descobre diante de Deus e se entrega totalmente ao Pai. No fim de qualquer cenáculo, todos devem sentir uma profunda alegria espiritual e chegar a exclamar com Pedro: " Mestre, é bom estarmos aqui". Finalmente, temos o ágape, isto é, a refeição. Não se exige muito; qualquer coisa que simboliza a partilha e a solidariedade. Não pode faltar. No fim do cenáculo que inicia com a Eucaristia, canta-se o salmo



*Buna bukaifili ubóte
Zi nkómbe uzínga va chimueka.*

*Dede mafúta ma mónico m'tú
Mílamba um zi ndévu
Mu zi ndévu zi Arãu
Mílamba mu m'tu mvuátu andí.*

*Dede bími bi Élemo bílamba
Yana mónico Siau
Íbila vavana Yave kidukulilla lusému luandí
Ai luzíngu lukuelambánga*



*A estrutura do cenáculo
Eucaristia (liturgia da palavra)
Diálogo entre os irmãos
Ágape
Salmo 133*



XI
capítulo

Os serviços fundamentais

1º Serviço de discernimento

Compete reflectir, seguir de perto e velar pelo andamento dos irmãos e de tudo o que acontece no seio dos Masueia. Este é orientado pelo responsável dos banduênje. A este serviço

compete também a função de reconciliar irmãos desavindos.

1.º Serviço de louvor

Compete organizar e animar liturgicamente os irmãos.

2.º Serviço dos irmãos

Compete olhar pela ajuda que se deve prestar aos irmãos.

3.º Serviço de lubôndo

Compete organizar os funerais, sobretudo, aqueles de membros de masuela.

Todos esses cargos são eleitos democraticamente e têm uma vigência de três anos (3). Poderão ser reeleitos para mais um mandato, mas jamais para um terceiro.

XII

capítulo

A fraternidade que não tem fim

A comunidade de Masuela tem como base a construção de uma grande fraternidade (os bibuatanas) que se colocam ao serviço dos irmãos e do homem. Esta condição de bibuatana para além do que ficou determinado atrás¹, o masuela não pode esquecer que o bibuatana tem uma profunda intenção bíblica. Ao longo da Bíblia jamais Deus deixou alguém só. Para Jesus aconteceu a mesma coisa. Na sua acção de mandar todos a pregar a Boa-Nova, ideia muito importante em Lucas, Ele utiliza a mesma fórmula: *Depois disto, o Senhor*

¹ Ao ler este capítulo, procure relembrar o que se disse sobre os bibuatanas. Por isso confere IV capítulo "o caminho do masuela nº4" pg. 5.

designou outros setenta e dois discipulos e enviou-os dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir (Lc.10, 1-2). Ora, neste sentido, ao que se disse no IV Capítulo, acrescenta-se que a condição de bibuatana tem também uma função missionária. Esta acção missionária tem dois espaços:

1. o espaço mútuo

Este compreende a relação entre os bibuatana. Ela tem de ser de um crescimento mútuo por que uma comunhão de sentimentos que não faz crescer acaba sempre por degenerar-se em defeitos que podem transformar um dos corações da vida masuelina, num autêntico lugar de mediocridade, de futilidade e de morte espiritual, comprometendo até a harmonia da vida interna e a boa fama da espiritualidade. Um chibuatana que deixa o outro chibuatana estar longe da maneira de estar e de ser de um cristão maduro, e faz desacreditar a vida dos outros irmãos, não desempenha esta sua função importante. Em outras palavras, não é "irmão espiritual". O respeito humano termina sempre por fazer mais mal a quem temos o dever de ferir para depois se curar. O masuela deve aprender a sair de si mesmo para se encontrar com o irmão, que, sem ele saber, precisa de si. Neste sentido, é importante que os bibuatanas compreendam a profundidade da relação harmoniosa. Só uma pessoa que se estima pode ser escutada. Só pessoas de comunhão perfeita podem entrar em diálogo de correcção fraterna. S. Mateus no capítulo 18,² traça as linhas mais importantes para esse serviço espiritual.



² É importante que se leia e se comente este capítulo.

2. O espaço entre os homens

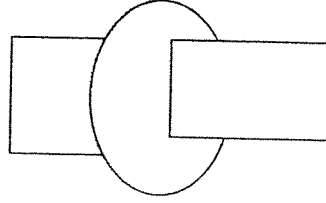
Este, é de certa forma o mais fácil humanamente. No entanto, o mais exigente já que se exige um verdadeiro testemunho de vida. Daí que Lucas propõe a verdadeira disposição interior dos bibuata em missão: *não leveis bolsa nem alforje, nem sandálias e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho* (Lc. 10,4). A pobreza é a mãe de toda a força espiritual. O esvaziar-se de tudo o que é humano, carnal e de interesses abre, no coração e na vontade um grande espaço para Deus. Assim, o cristão e o masuela a caminhar segundo a lei do espírito que é contrária àquela da carne, no dizer de S. Paulo. *É preciso que o masuela viva uma sã e santa dependência de Deus e dos irmãos. Deve-se desconfiar do irmão que gosta da opulência e da ostentação, comendo com os olhos todas as modas e jóias. Isto é a mãe de muitos vícios, infidelidade e duplicidade de vida. Paulo nos aconselha: o tempo é breve. De agora em diante, os que têm mulher, vivam como se não a tivessem, e os que choram como se não chorassem, os que se alegrem como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem, os que usam deste modo, como se não usufruíssem plenamente. Porque este mundo de aparências está a terminar* (1Cor. 7, 29-31).

Toda esta dinâmica espiritual está em função de ter Deus mais próximo, cimentando deste modo esta fraternidade masuelina que não conhece hora, chuva ou sol; noite ou dia, vida ou morte.

a) A questão dos irmãos falecidos

Ora, esta fraternidade deve ter na morte uma atitude especial. Neste sentido cada subgrupo, local ou tecto deverá ter o seu dia mensal que deverá recordar os seus irmãos falecidos com orações e missas. Por outro lado, que cada masuela tenha em

conta que o grande consolo para alguém com o peso da morte é fazer-lhe aquilo que ele está incapaz de fazer e não com discursos vazios. Por isso, os masuela, sobretudo, na morte de um membro, deverá assumir tudo o que é possível fazer-se. A comissão diocesana verá a oportunidade de se organizar uma comissão que se encarregará somente dos óbitos. Esta poderá chamar-se **Serviço Iubôndo**. Trabalhará em união com aquele de Serviço dos irmãos e aquela da tesouraria. Saibam todos os masuela que o ambiente de óbito é um lugar propício à evangelização por que estão aí todo o género de gente; se discute toda a espécie de problemas. É importante que o masuela tenha uma postura de homem maduro e de masuela convicto, disposto a corrigir o que fere sensibilidades e engendra boatos.



XIII

capítulo

Os vários rituais

(1)

RECEPÇÃO DO LENÇO

Esta cerimónia realiza-se durante a eucaristia (ou liturgia da palavra) do cenáculo. Depois da homilia, o responsável do discernimento, levanta-se diz:

Senhor Padre ou (irmão consolador), pedimos que imponhais a esses nossos irmãos o símbolo da nossa comunidade dos Masuela.

Tata mpêlo (jáia m'bondji) tukulinda buinji tutétika zi nkômba zitu azi chia isinsu chi ikába chitu chi Masuela.

Padre: meu irmão, durante este tempo, eles deram testemunho de assiduidade na escuta da palavra, no ensino e na fracção do pão?

Mp. Iáia, buna zabizi monti bau muna ntângu bene oio babêle chimbânji ochio chikúua liambu, chi lônga e china chimbúkuna limpá?

Rd.: sim Padre, recebemo-los, vimo-los, seguimo-los e exortamo-los. Por isso, pensamos que podem a partir de agora levar o nosso símbolo.

Ngéte, tâta m'pêlo, tubatâmbula, tubasíchika ntálu, tubafiongana nzua tubalônga. Buau, tuibála ti ton'âbu unáta

kuau chia ilimbu chitu.

Padre: matondo, matondo, ke Táta Nzâmbi. Agora, pode chamá-los.

M'p: matôndo, matôndo ke Táta Nzâmbi. Buau, ubatéla kuaku.

Rd. *Chamará nominalmente os candidatos. O candidato responderá: túba kuaku Muéne. No fim, o responsável do discernimento diz:*

Meus irmãos, temos acompanhado o vosso ser e agir nesta nossa fraternidade dos masuela. Verificamos, neste tempo, que tendes sido uma presença constante na oração e no serviço dos irmãos. Por isso, decidimos pedir à (ao) irmã (ão) consoladora que vos desse a possibilidade de levar o símbolo dos Masuela. Por isso, dizei-me:

Nkômba ziami, tuióngânga mpángulu inu nzua ndiatulu inu amu ikaba chitu chi Masuela. Tumuéne muna zi ngonda bene azi ti ti luibânga muna m'sambu ai mun'isálu chisázia zi nkômba. Buau, tulindíli ke bakulúntu b'ikába chitu, kati ----- M'bondi kala vâna ntângu ina inátina isínsu chi ikába chitu.

Rd. Buau, luzóíze unáta luzíngu luinu dede buna bitúmina chia ikába chi masuela?

Cd. Ngete nzoléze.

Rd: Luala chinzika ilimbu ochio buinji na Nzâmbi ai chia ikába bakâmbua udésukuela?

Cd: Ngete tuála chichinzíka.

Rd: Tuvútlánu matóndo ke Táta Nzámbe

Benção dos lenços

A Muene Nzámbe, séma () ulimbu abi ai dúkululila Mfúzi monho aku um bána bála kubináta, buinji babá zi mbánji bubémbele , zi bubuísu bu méso, zi bubuísu bu maíndu: Um Zêzu Kristu, Muan'aku, um lubundunu lu Muela Sântu.

Todos: Amén.

Os lenços são impostos por alguns irmãos escolhidos na ocasião.

Oração de oferta:

A Muene minu kuuu
Unsímbe um kóko illáta,
Umbuáta um m'tima izóla,
Unzibulila nzila imóna,
Ikáliiila va lúmbu luaku

Todos: Amén.

(II)

A ENTRADA PARA O GETSÉMANI

Esta cerimónia celebra-se também durante a eucaristia do cenáculo. Não pode ser realizada sem a presença do (a) consolador (a) Diocesano. Depois da homília, o consolador local levanta-se e diz:

Cl.: Senhor Padre (ou irmão consolador), pedimos que imponhais a estes nossos irmãos o símbolo da entrada para o Getsémani.

Mb. Táta m'pélo (M'bondi) tukulinda buinji utética zi nkomba

zitu chia isínsu chi lisuêla, buinji bakóta mu Getsémani.

P. meu irmão, será que eles já sabem o que significa e o que comporta ser masuela? Podem, neste momento, explicar aos que não nos conhecem a razão da nossa existência.

Mp. Nkomb'ami, buna bau bazábizi mun'uzába nsúndu uchítuka masuela? Usúndula kuuu, abubu, mana maléle masuêla ke bana bakámbuizi kutuzába ai ibila china chiléle muna nzíngulu itu?

Cl. Sim, Padre, uma vez que demonstraram não só na vida como também na proclamação da mensagem dos Masuela que assumiram e vivem alegremente a força de seguir Jesus naquilo que é o mais normal no quotidiano das pessoas.

Cl - Ngéte, táta mpélo', ibila baméne umónisia kuilu mu nzíngulu au kuilu mun'ukuámikisia sángo i masuêla oioi bavuéte mun'úvuáta . Ivándi bizínga muna liiánji mangólo malándangana Zêzu um china chi chibúntu chiandi.

Padre: Matóndo ke Táta Nzámbe.

O consolador chama-os e eles respondem: minu kuuu itíémuna.

Cl. Manos, seguimos o vosso crescimento. Entrastes talvez sem saber os motivos. Vimos o vosso compromisso. Decidimos, depois de discernimos a vossa caminhada de fé, de oração e de trabalho comunitário, propormos à vossa subida para o "Getsémani"

Cl - Baiáia, tusíchikízi ntálu ai tumuêne buna luikónzokoela. Lukóta lémbe benu luzába. Tumuêne lutátimu luinu. Buau tubúndízi ntúlu vana mbusa ukónza ndiátulu inu um mána, um m'sámbu e um isálu chi libúndu, lumáka kuna Getsémani.

Virando-se para a comunidade dos masuêla interroga-a:

Cl. Luivítika tumáchia zia nkómbe zitu azi vana ibuângu chi bagetsémani?

Cd Ngete tuivítika.

Cl. Buna buau, kúbânu fu kûlu ku m'tuála, dede isînsu chi luchichininu luinu.

Os escolhidos dão um passo à frente.

Cl. Nkómbe ziami, luzábizi ti Zêzu vána kakóta ku Getsémani umóna nkáma mpási ai makúma tânu. Nitéte, unuâna nzua luzólo luandi ai luna lu Tâta. Vanji, vana mbusa, uvítika luna lu Tâta. Buna benu ivînu luivítika uvânga mána ma Tâta?

Gt. Ngéte tuivítika.

Cl. limmuáli, Zêzu bannhécula ke balândangani bandi. Usiála uvéka. Buau, luivítika ukála vána valéle si mpási sidedangánha zina zi Zezu?

Gt. Ngéte tuivítika.

Cl. Nkómbe ziami, Zêzu udóla mênga vana kába índula zi mpási zi chintându-bú. Buau, ivinu luzábizi mun'uzába ti abu lumakóta mu Getsémani, zabânu ti navéka Mfúzi mônho uála kulunhíkuna maîndu buinji lumóna zi mpási zina zilândangana Zêzu mu nzila masuêla. Euau, luivítika utóvula nhitu buinji mônho kavítika ulândangana Zêzu?

Gt. Ngéte tuivítika.

Benção do símbolo do Getsémani.

Padre: Tâta, m'kua busântu ai buvênje buonso, séma () ifuânha achi chi masuêla, buinji chitébulanga mônho ono uináta chiau, ka izîngu chiani ifuikulu china chi Zêzu. Mu Zêzu Kristu, Muan'aku, mu lubúndunu lu Muêla Sântu.

Todos: Amén.

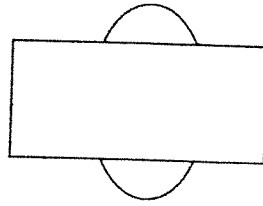
O sacerdote ou o Consolador diocesano impõe as línguas de lágrimas, fazendo-as primeiro beijar. No fim, dizem:

A Muêne, tuméne ukóta.

Tuivítika luzólo luaku

Tuisámbe buinji tukámbe uvukumúka

Tuisímbe nzila Kalvariu. Amén.



(III)

SUBIDA PARA A CRUCIFIXÃO

A (O) responsável pronuncia estas palavras:

Irmãos Masuela, o Espírito que sopra na sua Igreja e que separa a luz das trevas, trouxe-vos, pela força da palavra a esta comunidade. Sabeis perfeitamente que devemos trazer nas nossas vidas as lágrimas de muitos homens. Lágrimas escondidas no interior dos corações por causa da cidade do homem sem Deus, que mata o amor e a solidariedade. Assumimos como caminho, verdade e vida junto dos transviados, dos enganados e dos moribundo o próprio Caminho, a própria verdade e a própria Vida que é Cristo.

Nkómbe ziami zi masuela, ua Muéla uifúla mu eklésia andi ai uivása muinda nzua chia itómbe, ulunéte, muna mangólo ma liambu laiandi ava ibuángu achi. Luzábizi kuinu ti tufuène uméne um luzíngu luitu na masuéla ma bántu baombo. Masuéla maméne usuáma m'imitima um ibila chi buáta buitúngua váka Nzâmbi. Um ibil'óchio bivônda luzólo nzua lusálsu. Tumána uvuáta mun'uvuata mangólo mána mibá nzíla, lichielika nzua luzíngu v'ibuángu chi bazímbala, chi bána bivúnuka, bana bidáka, ia nzíla, lia chielika lua luzíngu bene kati Kristu.

Em seguida, chama, nominalmente, os candidatos. Estes respondem:

Ms. Minu kuuu ibônda.

Bp. Meu filho, serão eles capazes de levar para além da

própria cruz aquela dos outros sem desanimarem nem desfalecerem?

Bp – Muan'ami, bála náta kuuu chintânda chiau ai china chingána kabavônga vo ti kabebetomoka?

Rp. Senhor Bispo, a presença deles nas situações difíceis das suas ruas, bairros e na ajuda mútua, levaram os responsáveis a confiarem nos mesmos para daqui adiante porem as suas vidas ao serviço do sofrimento que gera vida.

Rp – Tâta bispu, nkálulu au vana valéle zi mpási vana bizíngililânga ai buna bisaziânga, bavángizi banânga b'ikába kumasíla liána buinji ku m'tuála-ikuíza batúla luzíngu luau mun'isálu chi mpási chibúta luzíngu.

Bp. Meus filhos, diante da cruz pessoal muitos fogem ou a deixam cair. Diante da cruz carregada por um outro muitos desviam o rosto ou escamecem. Eis-vos, portanto, diante de toda a comunidade para testemunhardes a vossa determinação em limpar o rosto de Cristo em qualquer homem que sofre. Por isso, respondi-me:

Bp. Bâna bami, vana lusélu lu chitânda chi muntu-i-muntu, baombo ufina bitinânga vo ti ubiembika. Vana lusélu lu chitânda chi náta bamka, baombo ufila ndünzi kumká vo ti udésukuéla. Buau, benu kóbo, vana lusélu lu libûndu lionso buinji lutelamena chiñbânji bunkánha buinu bufiôna ndünzi i Kristu iléle mu onsoko mûntu uifóvoka. Buau, ntámbululilânu.

Bp. Estais dispostos, entre tantos ódios, proclamar. "amai-vcs uns aos outros?"

Bp. Lukubaméze ukuámikisia ti luzólaziananu lemba ti lulêndu

lumesába?

Ms. Sim, estou.

Ms. Ngéte muéne.

Bp. Estais dispostos, entre tantos conflitos de poder, dizer: "se a semente não morrer fica só?"

Bp. Lukubaméze ukuámikisia ti "ia mbôngo ia kâmbua ubóla isiála ia-vêka lémba ti inuânha chitúma chia chimeviôka?"

Ms. Sim, estou.

Ms. Ngéte muéne.

Bp. Estais dispostos, entre tantos respeitos humanos, proclamar "Jerusalém, Jerusalém tu que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados?"

Bp. Lukubaméze ukuámikisia ti "Jerusalémé, Jeruzaléme nje uivondânga balubúli ai ukúmbulikânga mamánha bána bakuvéka", lemba ti bôma bu mûntu buau bumeviôka?"

Ms. Sim, estou.

Ms. Ngéte muéne.

Bp. Estais dispostos, entre tanta discriminação, dizer "Zaqueu, Zaqueu, hoje vou ficar em tua casa?"

Bp. Luméne ukúbama buinji ukuámikisia "Zaqueu, Zaqueu, ibubu

achi ikála v'ilázi " lemba ti ivéngula chi bântu chiau chimeviôka.

Ms. Sim, estou.

Ms. Ngéte muéne.

Bp. Estais dispostos, entre tantos exibicionismos, proclamar "só a Deus adorará?"

Bp. Lukúbaméze ukuámikisia ti " uála buongeména Nzâmbi mimueka" lemba ti chia ivázi chiau chimeviôka?"

Ms. Muene ngete, mu mangolo ma Nzâmbi Mvenje.

Bp. Chindamânu ai vutulanu matôndo ke Naveka Táta Nzâmbi.

Bp. Meus filhos, sabeis perfeitamente que o espírito estaria sempre pronto, mas a carne tem sempre outras contrárias intenções. Mas acredito, porque ressuscitastes com Cristo, que ides olhar para o alto para não vos misturardes com tudo aquilo que enche o mundo de lágrimas. Agora, proclamai a vossa missão de seguides Cristo crucificado:

Bp. Bána bami, luzabízi kuinu mun'uzába ti ua muéla nkánu ukubaméze kuandi, vanji ua m'súnha maĩndu mamká maké iandi. Vanji ntelelele kuami mána ibila luvulubúka nzua Krístu luála síchika ntálu inu buinji lukâmbua uvotangána nzua biabionso bina biuázia masuéla chia ikálulu-chi-bântu. Buau, iámikisiánu isálu chinu chilândangana Krístu batánda:

Ms. Befu tuikuámikisia lubôndo mu mangólo ma

chintáundu-bu chi Zézu.

Benção das cruces e sua recepção

Tata, m'kua busantu buonso, séma () ifuanha achi chi chintandu-bú chi Zez, Babá zi banji zi lufua ai luvulubuku lu Muan'aku. Um Zezu Kristu.

Ajoelham-se diante do bispo. Este fá-la bejlar e coloca-a no pescoço. No fim, a proclamação da promessa de consolar através da cruz. Todos, diante da cruz e de joelhos, com a mão no peito dizem:

Ms. Mamuene Táta, vânga tutina ufúndisla, utélíka bintânda ai ubanda Zezu mu zi nkomba zitu. Tubá babônda, bandémbama, bafiábulu ai baluzolo. Amén.

M'sambu lubôndo

Mamuene Táta, ntálu aku ikálilila um mûntu.

Nandi na ivângu chikaku chi luzólo.

Unvâna buvênje, chifúmu ai chingânga vana môngo usângala bionso.

Vanji, na mûntu, ua m'tu andi u ngólo,

Muna uvengama-vengama kuandi

Utina, udésukuela ai ufiéza.

lekuebilânga usima bikámbuizi m'lângu.

Kaza Táta Nje unnhékula kó.

Buau, Mfúmu ami I Nzâmbi ami, utufúla luzólo luaku:

Meso mitu mibákula on'uivônga,

Zi nhuûlu zitu ziléka on'uivânga,

Unâma bitu bichikachika ono zimbéle,

Mioko itu isimba ono uibûba

M'tim'itu uaonso uaku.

A Muéne, utuchiénga, utusázia, utubônda. Amén.

A oração comunitária

1. *Invocação ao Espírito Santo*
2. *Acto penitencial*
3. *Leitura bíblica*
4. *Exortação e partilha da palavra*
5. *Oração dos fiéis*
6. *Testemunho de consolação*
7. *Makaba*
8. *Apresentação dos novos*
9. *Exortação final*
10. *Oração final.*

Este texto representa as linhas fundamentais do Movimento eclesial Masuela ma Kristu. Este texto poderá ser alterado tendo em conta o tempo e o lugar. No entanto, isto far-se-á somente durante o *Grande Cenáculo*. Porém, jamais se tocará naquilo que constitui o "fundamental" do carisma.

Imaculada, Sábado Santo de 1998 (11ABRIL)

Padre Jorge Casimiro Congo

Anexo 14: Linhas fundamentais da
espiritualidade de *Lutâmbi*

Lutâmbi Lu-Yesu

I
capítulo

Deus precisa do Homem

Deus ao criar não precisou de ninguém e de nada. Tudo nasce pela força da sua Palavra e ao simples mando da sua voz. No entanto, enquanto com os outros seres Deus usa a palavra (faça-se), no momento de criar o Homem, Deus convoca uma reunião (nkóto) para deliberar como ele será: *Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança* (Gen. 1,26).

Deus implica-se todo no momento de trazer o homem à existência. Por isso, Yhwh age quase como o próprio homem; quase que já não basta só a voz e a palavra: *então Yhwh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o Homem se tornou um ser vivente* (Gen. 2,7). Daí que não há criatura feita por Deus superior ao homem: *fizeste-o pouco menos que um deus, coroando-o de glória e beleza* (Sl. 8,6). Neste sentido, é importante que um *lutâmbi* tenha em conta esta realidade. As desordens sociais, políticas e económicas nascem por não se ter isto em conta. Daí o perigo de submeter o homem às criaturas que lhe são inferiores e fazê-lo escravo. Esta consciência não deve ser um simples conhecimento ou constatação, mas algo que orienta a sua maneira de se confrontar com a vida e de relacionar-se com qualquer homem. Na verdade, aos olhos de Deus, nenhum homem é superior ao outro. Porém nem sempre isto é posto em prática. Aos olhos do mundo, as bem-aventuranças é um absurdo; é qualquer coisa de incompreensível. A vida dita-nos outra

coisa: só é importante quem é grande aos olhos das pessoas. Enquanto o Senhor da vida nos manda nunca distinguir as pessoas, incitam-nos a discriminar, mesmo dentro da comunidade. Por isso, S. Tiago chama esta grande atenção: *meus irmãos, a vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir distinção de pessoas* (Tg. 2,1).

É nessa postura que qualquer *lutâmbi* se coloca diante de tantos homens que passam pela rua, pelo trabalho, pela roça, pela lavra, pela casa e pela sua vida pessoal. Qualquer Homem é homem que nasceu da palavra do Senhor (uosoko mûtu mûtu)

Ora, esta distinção está em função da própria missão do Homem: dominar sobre tudo o que Deus fez. (Gen. 1,26) e a única possibilidade para iniciar a vida (Gn. 2,46). Disto conclui-se que Deus precisa do homem para a sua actividade entre os homens. Ele aparece como aquele que deve continuar a obra da criação de Deus. Por isso, a grande preocupação pelo seu trabalhador e por aquele que representa a sua imagem visível.

II
capítulo

As atitudes do homem

Deus preocupa-se antes de tudo que o homem esteja perto de si. Por isso, actue segundo as suas orientações, mantendo o lugar que o próprio Deus lhe concedeu. Só isto justifica que lhe tenha proibido comer “daquela árvore” do jardim. Este era meio e sinal para manter esta unidade. No entanto, a história e a vida demonstram que o homem nem sempre ou quase sempre tem consciência desta sua condição. *Neste*

sentido, a primeira tentação do homem é aquela de escapar-se da influência de Deus e construir a sua vida sem Ele. Assim foi, no princípio, com Adão e Eva e assim foi acontecendo ao longa da história entre Deus e o Homem. Este sente a falta de Deus, mas Deus atrapalha-o e atrapalha os seus programas. Porém, a preocupação de Deus aumenta quando o homem mais se afasta dEle, porque sabe perfeitamente que o homem, nestas condições, acaba sempre por fugir dos caminhos da justiça, da fraternidade e do amor: *ouvistes, Senhor, os desejos dos humildes, confortastes o seu coração e os atendestes. Defendestes o direito do órfão e do oprimido, para que o homem nascido da terra não volte a espalhar o terror* (Sl.9). Sabendo perfeitamente que o homem longe de Deus tortura-se e tortura o outro, o *lutâmbi* deve ter em conta que tudo parte de si. *Uma verificação constante e permanente da distância que o separa de Deus é um exercício espiritual do carisma do Lutâmbi lu Yézu. Todo o homem tem consciência que pode ser causa de felicidade ou de infelicidade.* Muitas vezes, descarrega-se sobre os outros a própria infelicidade, gerando um mal-estar que acaba por destruir todas as possibilidades de consolação. Por outro lado, uma razão mais forte impõe ao *lutâmbi* essa verificação: a sua condição de proclamar a Palavra. Sem essa contínua verificação, corre-se o perigo de reduzir a Palavra à própria dimensão pessoal e não a de Deus.

Dai impor-se uma dinâmica de verificação.

Ora, neste aspecto, uma pergunta é deveras importante fazer-se todos os dias: *“Que dizem os homens que eu sou?”* (Mc. 8,27b).

Jesus mesmo depois de tanto fazer, sobretudo, em obras e palavras, vê-se diante de homens e mulheres que não O

compreendem. Mesmo depois de multiplicar os pães (Mt. 15,32-39), Os fariseus e saduceus exigem um sinal vindo do céu (Mt. 16,1ss). Isto atrapalha Jesus, visto que este mal pode atingir até os discípulos. Por isso, chama-os atenção: *cuidado, acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.* Depois precisa: *dos seus ensinamentos* (Mt. 16,5.12). Efectivamente, a maneira de encarar Jesus por parte dos fariseus e saduceus punha em perigo toda a formação que Jesus ia dando aos seus discípulos. Esta formação só tinha em vista um objectivo: *fazer com que eles descobrissem a realidade da sua pessoa e o seu projecto.* Ora isto atrapalhava quer os discípulos quer a sua missão junto duma sociedade tão controversa como aquela judaica. Quem, por isso, podia acreditar na sua pessoa e na sua missão de enviado pelo Pai? Marcos, com uma maneira de comunicar muito simples, depois de tanta discussão à volta da personalidade de Jesus, propõe a cura do cego de Betsaida. Jesus não cura só com a sua voz e sua palavra. Leva-o, pela mão, longe das multidões. Cuspe nos olhos. Impõe-lhes as mãos. A primeira pergunta se ele via, o cego responde: *vejo as pessoas como árvores a andar.* Desta vez, Jesus coloca as mãos sobre os olhos. *O cego já via distintamente* (cfr. Mc. 8, 22-26).

Nestes sinais, podemos ver o baptismo que a todos incorpora nesta Igreja de Jesus Cristo. Só entra nesta Igreja quem Jesus abre os olhos para ver a sua pessoa. No entanto, como homens que somos, isto tem uma graduação. Leva tempo. *O caminho da iluminação obedece a momentos e cada homem que se aproxima de Cristo tem o seu.* O senhor reconhece este caminho de cada uma das suas criaturas e espera, com paciência, a sua caminhada: gatinha (*utámbula*), levanta-se

(*utelama*) e anda (*ulitáta*). Mas para isso, é importante que cada um dê primeiro uma resposta à pergunta de Jesus.

a) Resposta das pessoas

Todos acorremos às mesmas igrejas; andamos quase nas mesmas ruas e praças; frequentamos os mesmos hospitais e temos mais ou menos os mesmos problemas, sobretudo, aqueles vindos da situação social e política. Quase que sem querer nos encontramos todos com a mesma maneira de rezar e sentir Deus. A resposta dos discípulos fundamenta-se nas figuras de fé que eles conheciam: João Baptista, Elias ou qualquer outro profeta. João Baptista pelas suas obras e pelas suas palavras que congregavam multidão de pessoas de toda a espécie. Ele confundia-se com Jesus. Elias era quem o povo esperava para trazer a libertação final ao povo de Judeu; finalmente os discursos de Jesus podiam parecer a dos profetas que, no passado, se opunham aos desvios da lei, ao culto dos ídolos, a tirania e ditadura dos reis. *Jesus era isso tudo, mas mais do que isso; o Filho de Deus; a presença do Pai; a revelação dos designios de Deus, escondidos desde os tempos passados.* No entanto, a multidão que corria desenfreada atrás de Jesus, à procura de milagres, jamais conseguiu apreender quem era Jesus. Havia muita confusão nas suas palavras. Por isso, se chateava com as suas palavras e nos momentos mais cruciais misturou-se com os seus inimigos e gritou com eles para que o matassem. Esta é a multidão do tempo de Jesus. Hoje, cada aldeia, vila ou cidade tem o seu Jesus Cristo; cada bairro ou casa tem o seu Jesus Cristo e todos pensam que a sua maneira é a mais certa, sobretudo, se daí recebeu alguma graça.

Muitas são as causas dos desvios e da manutenção duma maneira falsa de ver, sentir e rezar Jesus Cristo. Quais são na nossa multidão?

1º A maneira do povo pensar a vida

O encontro com Cristo deve levar o homem a pensar seriamente a sua vida. Isto aconteceu com todos que tiveram uma experiência muito forte com Ele. Isto levou Paulo a afirmar que não era ele que vivia, mas Cristo que vivia nele. No entanto, isto tem-se verificado dum modo assaz reduzido na medida em que muitos pensam que é capa ou coberta que se põe por cima. Daí que os pontos de referência da vida, sobretudo, em momentos difíceis, permanecem os mesmos: sofro porque alguém me fez mal. Não tenho sorte porque alguém anda atrás de mim. Não existe morte natural. Neste aspecto, continuam intactos no coração de muitos as forças das trevas: *isômbe; thuádi, libuka, baktisi ba m'lango, m'tambu, bakúlu, likámbe li pánha, ndóchie, uvéla, etc.* Todas estes ídolos continuam a ter as suas velas bem acesas no coração de muitos que se dizem cristãos e católicos; frequentam as igrejas e estão bem firmes nos movimentos de apostolado e carregam o lenço em qualquer actividade da comunidade; confessam e comungam. Neste sentido, entra em crise o sentido da cruz, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. A cruz traduz antes de tudo uma condição natural da vida das pessoas. Cada homem carrega na sua vida quotidiana a semente da própria cruz isto é, o peso deste corpo, que, a qualquer momento, desfunciona; os desafios da própria incompreensão de outrem. *Cada época cria as suas cruces e ergue os seus calvários.* Ora, a maneira de vivê-la, a cruz, varia de pessoa a pessoa. São elementos importantes o equilíbrio humano e aquele psicológico ou interior. Neste

sentido, no âmbito da formação do *Lutâmbi lu Yêzu*, deverá ter em conta esta parte do homem para não se ter pessoas desequilibradas no seu seio que possam, futuramente, dar origem a problemas graves ou que não possam evoluir a nível humano e espiritual. No entanto, uma atitude fundamental é importante ter-se aquela de Jesus: a cruz em função da vida: quem quiser salvar a própria vida, vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la. *De facto, que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua vida?* (Mt. 16, 24-26). Isto parece incompreensível e difícil de aceitar-se: *quem quiser ganhar, perde e quem perde, ganha*. No entanto, a própria vida nos ensina e mostra: todas as soluções que parecem resolver os problemas da nossa vida e, sobretudo, aqueles que passam pelos “caminhos das trevas”, acabam sempre por matar quem as pratica porque nunca dão solução definitiva e trazem divisões e mais outros males. Por outro lado, a mesma vida nos ensina que nem sempre os que têm são os mais felizes; aqueles que dão mostras de transformar Deus em algo inútil são os mais alegres e nem sempre quem mais se preocupa ou se afana está melhor ou consegue mais na vida. Ora, aqueles que acreditam e não chegam às últimas consequências acabam por ter os maiores conflitos: não recebem o que pedem a esse Deus que dizem que acreditam mas que, efectivamente, não acreditam. Por isso, *a fé não se compadece com os meios termos, a meia alma, o meio compromisso, a meia doação*. Em consequência, a cruz, sem Cristo, gera desânimo, revolta e desespero. Com Cristo, faz brotar a paciência, a força, a determinação, a compreensão, o discernimento. Finalmente, a morte e a ressurreição entram em crise porque se a cruz não gera a vida todo o sacrifício que, eventualmente, tivermos feito é desvalorizado porque

acaba por não ter sentido. Enfim, as forças do mal continuarão a ter muito poder sobre a mente, a alma, a vida porque não se acredita que Cristo submeteu tudo aos seus pés, inclusive a morte. Ora, sabe-se perfeitamente que todos estes desvãos a finalidade é viver. *No entanto, se viver não está em função da vida para os outros também não tem sentido. Paulo diz que: para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne me dá ocasião para o trabalho frutífero, não sei bem o que escolher. Sinto-me num dilema: o meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso é me muito melhor. Mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa.* (Flp. 1, 21-25). É verdade, que os impulsos da tradição nos oprimem não só porque pertencemos a essa cultura mas também pela influência dos problemas pessoais e pela pressão do meio e das nossas famílias. No entanto, uma coisa é certa que deixar-se nas mãos de Cristo é o caminho mais certo. Todo o membro do *Lutâmbi* deve ter em mente que não deve deixar sombra de dúvida na sua maneira de actuar em relação a essa questão. Cristo é sim a Verdade.

Isto exige convicção na Palavra. Esta é a força do *Lutâmbi* no meio de testemunhos tão convincentes dos filhos das trevas. Mas esta Palavra deve ser defendida com atitudes muito claras e determinadas. Isto parte do seio familiar que, frequentemente, recorrem a práticas obscuras à procura de soluções para os problemas que afligem a família. Por outro lado, é necessário que a doutrina do *lutâmbi*, instruído pela palavra, seja sem ambiguidade. Enfim, é importante que o *Lutâmbi* se prepare para viver só; suportar a exclusão e finalmente aguentar acusações directas e infundadas. A Palavra gera a cruz. A cruz vivida com dignidade gera a ressurreição.

2º Os falsos profetas

Sabemos que Deus fala a quem quer e como quer. Porém diz S. João: *não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconhecemos o espírito de Deus: todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus e todo o espírito que não confessa Jesus não é de Deus* (1Jo.4,1-3). Não há dúvida, que Cristo é a referência para sabermos onde pomos o pé. Porém, não basta só o nome de Cristo, porque muitos desses pregadores pronunciam antes de tudo e acima de tudo este nome. No entanto, falsificam-no, transformando-o à dimensão dos seus interesses e da sua concupiscência (2Pd. 3,1s). Neste aspecto S. Pedro chama atenção: *houve, contudo, no passado falsos profetas no seio do povo, como haverá entre vós falsos mestres, os quais trarão heresias perniciosas, negando o senhor que os resgatou e trazendo sobre si repentina destruição. Muitos seguirão as suas doutrinas dissolutas e, por causa deles, o caminho da verdade cairá em descrédito. Por avareza, procurarão, com discursos fingidos, fazer de vós objecto de negócios* (2Pd. 2,1-3).

A confusão e a força desses falsos mestres encontra terreno fértil em homens atrapalhados com a vida; desprovidos de raízes e sem fé esclarecida. Neste sentido, o *lutâmbi* deve ter isto em conta quando olha para o homem; quando fala com o conhecido e o desconhecido e finalmente quando contacta com tantos homens com os quais se sente solidário em tantas situações. Por isso, a qualquer *lutâmbi* se exige, primeiro, e antes de tudo **que se afaste da confusão dos desesperados que pensam ser a única solução recorrer a essas casas onde Cristo nunca ressuscitou**. Segundo, diante dessa

situação, é a cada *lutâmbi* que Cristo dirige a segunda pergunta: *E vós quem dizeis que eu sou?* (Mc.8,29). A resposta é pessoal e colectiva. Pessoal na medida em que cada *lutâmbi* tem o dever de verificar até que ponto chegou a assumir uma imagem mais esclarecida de Jesus Cristo. Colectiva, tendo em conta que um carisma só tem sentido se houver também um testemunho da própria comunidade na sua maneira de encarar o mundo e a sociedade; o bairro e a família e finalmente no seu modo de viver e estar na Igreja. A resposta tem de vir de duas realidades:

1º crescimento da consciência da fé.

Esta vem da formação. Ninguém pode amar aquilo que não conhece. Nenhum *lutâmbi*, anunciador da palavra e esclarecedor da palavra pode pôr-se a caminho da evangelização se ele próprio não conhece a palavra e não se alimenta dela. **A ignorância da palavra gera confusão e transforma o *lutâmbi* lu Yézu em *lutâmbi* pessoal**. Aí o perigo de entrar no caminho dos falsos profetas que se pretende combater. Neste sentido, impõe-se a cada *lutâmbi* a **leitura diária e frequente da Sagrada Escritura** para aí buscar não só o conhecimento mas, sobretudo, a vida que deve transparecer nas palavras que proclama. As pessoas apercebem-se rapidamente se as palavras são pessoais ou são do Espírito. Isto vê-se logo do modo como reflectimos e respondemos às suas inquietações. Todo o homem em aflição corre o risco de querer ouvir o que ele quer que lhe digam. Normalmente, a tentação que muitos têm, principalmente, os pregadores do falso deus, é precisamente fazer isso para cativar corações e serem famosos. Certamente que pode colher e têm colhido resultados, mas duram muito pouco já que, a um determinado momento, sentem-se frustrados e

cansados com a mesma linguagem e as mesmas soluções: *chama o tio, chama a família, marido nocturno; mulher nocturno; bakilu etc...*

2º O crescimento da consciência da mudança.

Se a resposta de Pedro não foi fruto da carne nem do sangue, a mesma coisa será para um verdadeiro *lutâmbi* que anuncia a palavra. Efectivamente, se ela for fruto da revelação do Pai, o *lutâmbi* não pode ficar indiferente com a sua própria vida. Uma das grandes interrogações que cada *lutâmbi* deve pôr-se é esta: *o que deixei desde que me decidi ser um lutâmbi visível de Jesus?* A resposta é pessoal, porque só nós mesmos sabemos o que realmente somos. No entanto, é importante o que os outros que caminham connosco pensam de nós. Neste sentido, é benéfico que haja espaços de confidência com alguém que se confia para lhe dizer: *meu irmão que dizes que eu sou?* Por isso, a correcção fraterna, no segredo e no silêncio é um factor de estabilidade emocional no seio do *Lutâmbi lu Yêzu*. Diante de tantos desafios que os falsos profetas nos colocam, é importante que nenhum *lutâmbi* duvide como Pedro que pode andar sobre a água ou que nenhum *lutâmbi* se assuste durante a calema, pensando que Jesus dorme.

**

III Capítulo

As etapas da transformação do discípulo

O *Lutâmbi lu Yêzu* tem como fonte de inspiração da palavra que proclama a própria figura de Jesus Cristo. Ele o grande Libertador (Jo.8,32) que nos conduz a Ele próprio que é o **Caminho**, a **Verdade** e a **Vida** (Jo.14,6). Se Cristo é a meta, o grupo dos discípulos é a experiência vivida de todo e qualquer discípulo.

O encontro de qualquer discípulo com Jesus foi sempre uma grande novidade e seguido de um grande gesto de generosidade. Deixaram tudo e seguiram-no, dizem os evangelistas. Mas isto não basta. Todos os discípulos passaram por uma grande escola para descobrir quem era Jesus. Isto não foi fácil nem para Cristo nem para os discípulos.

Vamos traçar as **etapas de transformação** através deste grande grupo (setenta e dois Lc.10), que ficou reduzido a doze e depois a onze.

Os evangelista mostram-nos que Jesus, ao iniciar a sua missão, era seguido por uma grande multidão, que até atrapalhava a sua família. Uma multidão entusiasta, que se sacrificava durante três ou mais dias sem comer e em pleno deserto. Em todos os evangelhos, vemos que pouco a pouco ela vai diminuindo. Num determinado momento até O abandonam: Muitos dos seus discípulos, ouvindo-o disseram: *essa palavra é dura! Quem pode escutá-la? Compreendendo que seus discípulos murmuravam por causa disso, Jesus lhes disse: isto vos escandaliza?* (Jo. 6, 60). Diante disto S. João diz que a partir daí muitos discípulos **voltaram atrás** e não

andavam mais com Ele. (Jo. 6,66). No entanto, Pedro proclama: *Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que tu és o santo de Deus* (Jo. 6, 68). No entanto, para Pedro chegar até a essa confissão de fé muito caminho andou. Diante disto, a multidão foi diminuindo e os encontros de Jesus com o seus doze discípulos foi aumentando. Jesus sentia a necessidade de estar a sós com eles. É precisamente aí que se verificam as grandes transformações que Jesus, pacientemente, esperava deles. Esta transformação era em função da sua missão, visto que Ele não veio para fazer a sua vontade mas aquela do Pai. A sua missão ficou já clara e determinada logo no início da sua obra: *o Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar* (Mc. 8, 31). Neste sentido, a transformação era em função da aceitação ou não da cruz.

IV

capítulo

Tornar-se simples

Marcos mostra-nos, neste capítulo, que logo no início, Jesus faz a *segunda multiplicação dos pães* (8,1-10) e *cura um cego em Betsaida* (8, 22-26). Por isso, este anúncio da paixão foi precedida por uma grande manifestação da palavra forte e potente de Jesus. Portanto, era qualquer coisa de incompreensível que um homem daqueles tão poderoso se deixasse dominar. Pedro e os outros não entendiam. A recusa dos discípulos, tendo Pedro como porta-voz, é

compreensível, humanamente falando, mas sem sentido tendo em conta a sua profissão de fé.

Estava em jogo a **fama** e esta incompatível com a cruz. A procura da fama pessoal é origem de muitos males; desde a megalomania ao uso de métodos duvidosos para a conseguir. Jesus sentiu profundamente, na sua vida, esta tentação, quando satanás lhe pede para se colocar sobre o pináculo do templo e dar um espectáculo a todos que estavam no pátio do mesmo. Porém, Jesus tem uma resposta que lhe vem da própria Escritura: *não tentarás ao Senhor teu Deus* (Mt. 4, 5-7). O **exibicionismo** que acompanha normalmente o caçador da fama, leva-o a expor-se constantemente. Esta atitude fá-lo prisioneiro de si mesmo e escravo da sua própria carne e torna-se medíocre ao viver de superficialidade; despreocupado em cultivar o interior, ficando-se só na exterioridade. Neste sentido, ele é satanás (Mc. 8,33b) visto que transporta consigo mesmo a semente da divisão. *O que significa isto tudo para um lutâmbi?*

A vida constrói-se seguindo o normal da vida. Esta é a grande mensagem que um anunciador do evangelho pode apresentar sem muita dificuldade e fonte para, interiormente, estar disponível a aceitar os grandes imprevistos da vida. É difícil atingir a profundidade da bem-aventurança que diz: *bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra* (Mt.5,4). Não há dúvida, que é ilusória a primazia daqueles que se expõem e se mostram a toda a hora e momento e que dão a impressão de dominarem tudo e todos. É falsa a segurança que mostram.

está só em ter vendido Jesus aos seus inimigos mas, sobretudo, em não ter acreditado em Jesus. A traição não foi pontual, mas preparada por uma série de atitudes que o conduziram até à acção final e dramática: *vender Jesus por trinta moedas*. João, como bom examinador de consciências, dita o que levou Judas a trair Jesus: *então Judas Iscariotes, um dos discípulos, (disse): Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários para os dar aos pobres? Ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era colocado* (12, 4-8).

O que significa isto tudo para um Lutâmbi?

Todos aqueles que se puseram ao serviço do evangelho e não se tornaram servos, acabaram por servir-se do mesmo evangelho, fazendo das ovelhas de Cristo suas ovelhas que matam e comem quando bem lhes apetece. Porém, a vida nos mostra que têm pouca dura. Daí que Jesus propõe o espírito de pobreza e de despreendimento como disposição exterior e interior para um verdadeiro anunciador da palavra (Lc. 10)

VII capítulo

A atitude orante

O Lutâmbi é o homem de oração. A sua vida é uma contínua oração já que a Palavra não ungiu com a oração é vazia e seca; impessoal e sem vida; cheia de palavras bonitas mas vazia de calor espiritual.

Duas atitudes fundamentais obrigam o Lutâmbi a ter esta atitude orante: primeiro, a sua condição de “catequista”, sempre disponível no meio em que estiver, a toda a hora e momento; a tempo e contra tempo, oportuno e inoportunamente a *fazer arder os corações através da revelação da Escritura* (Lc.24, 32). A oração, neste sentido, faz com que o Lutâmbi ponha as suas palavras dependentes daquelas de Jesus. Isto, em consequência, fê-lo-á humilde colocando-se como simples instrumento nas mãos de Deus: *eu também sou apenas um homem* (Act. 10, 26b) . Isto é muito importante na medida em que coloca o orante à disposição de Deus que tem o seu tempo, momento e soluções.

Segundo, para compreender, como Jesus, toda a dinâmica orante. Quando Jesus ora? Como Jesus ora?

Estas duas perguntas são fundamentais para situar o Lutâmbi que ora.

a) Quando Jesus ora?

Passando os olhos pelos evangelhos vemos que Jesus procura a oração para fugir ao entusiasmo da multidão que lhe pretendem que saia do programa do Pai. Um caminho de simplicidade e de humildade. Instado a assumir uma posição de comandante e de líder, foge para o monte e metes-se só com o Pai em oração. A mesma humildade, por isso, sempre nas mãos do Pai. Depois de tanto milagre, de tanta lição, Jesus encontra-se só diante de tantas dúvidas dos discípulos. Não acreditam nEle. Sobe ao monte para estar com o pai. Ora. Finalmente, quando Judas tem já o seu programa organizado e o aperto dos inimigos de Jesus tinham já preparado a sua morte, a Jesus não lhe chegam o afecto de Pedro, Tiago e João. Separa-se deles. Pede-lhes que orem

VIII capítulo

Os membros do *Lutâmbi*

O tempo e assunção do carisma contam na vida pessoal de cada membro. Daí que eles se dividem em três categorias:

1° Bilalânda

São as crianças incorporadas na espiritualidade de Lutâmbi. É evidente, que entram no Lutâmbi levadas por alguém da espiritualidade. Não têm a mínima consciência das exigências. Mas cheias de entusiasmo, talvez pela beleza do lenço e pela possibilidade de novas relações com pessoas da mesma idade, fora do âmbito de bairro e talvez da escola. Neste sentido, é importante que se mantenha uma relação muito estreita com elas. É salutar que, uma vez ou outra, se faça um encontro com os pais das crianças para uma verificação do seu crescimento humano. Porém, que estes encontros não sejam simplesmente para um pretense inquérito, mas uma possibilidade para estabelecer laços de amizade com as famílias. Neste sentido, seria bom pensar em organizar visitas às famílias dos **bilalânda**, feitas pelo responsável. Deste modo, ter-se-á a imagem do lugar onde vivem e dos seus reais problemas. Por outro lado, todas elas devem estar integradas na catequese da comunidade. Procure-se que aquelas com mais de sete anos façam a primeira comunhão. Isto ajuda de sobremaneira o seu crescimento humano e espiritual. Que nenhum membro pense que os bilalânda são uma peça decorativa no interior da

espiritualidade. São o presente e o futuro uma vez que representam a parte com maior possibilidade de ir digerindo a alma do Lutâmbi.

2° Bantâmba (Batâmbi)

São aqueles membros que pelo tempo ainda não conhecem a espiritualidade do *Lutâmbi*. É um tempo de preparação. É a primeira etapa de crescimento a nível da espiritualidade *Lutâmbi*. Por isso, é importante que a sua integração se faça de um modo gradual. Por isso, que eles compreendam antes de tudo quais os elementos essenciais da espiritualidade. Por outro lado, é necessário que, logo no princípio, a comissão de *Bandûenje* faça um discernimento dos novos membros. Esta verificação pode ser feita durante os primeiros meses. Quais as atitudes de um *m'tâmbi*?

1° Mestre, onde moras? (Jo. 1,26)

Esta é a interrogação e o pedido que os discípulos de João fazem a Jesus. Desligam-se do seu passado e das suas seguranças e certezas e querem seguir Jesus que não tem toca nem ninho como as raposas e os passarinhos. Esta atitude é importante num *m'tâmbi* na medida em que o prepara para uma nova caminhada. É salutar que um *m'tâmbi* tenha este entusiasmo inicial. Isto leva-os a contagiar outros que deixou no bairro, no ambiente de serviço etc. *Quem é o mestre para um m'tâmbi?* É indiscutível que seja Jesus, mas, visivelmente, está aquele "lutâmbi" mais antigo. Neste sentido, o testemunho de vida dos mais-velhos na espiritualidade é importante para a entrada e permanência dos mais novos. Daí as responsabilidades acrescidas dos mais antigos, sobretudo, dos basíkama.

permanentes do evangelho, continuará sempre o mesmo e não trará nada de novo à espiritualidade.

4º *Deixar-se conduzir por Jesus*

Ora, é através destas interrogações de Jesus que o lutâmbi se abre à voz e as orientações dEle. Para o lutâmbi verificar e verificar-se até que ponto se deixou “conduzir” pelo Mestre deve ver o que deixou da sua vida passada e o que, realmente, assumiu, de forte, de santo na sua vida. Isto tem influência no falar, agir e relacionar-se com os irmãos e o mundo.

IX capítulo

O lugar do *lutâmbi* na comunidade

A Igreja de Cristo é imensa e os carismas do Espírito são muitos. No entanto, é importante que cada um na Igreja assuma o seu lugar e o seu serviço para o enriquecimento e a unificação da mesma Igreja. Neste sentido, o Lutâmbi é o **catequista** por excelência. Por isso, ser catequista para o lutâmbi é uma atitude permanente na sua vida. No entanto, é preciso distinguir duas coisas assaz importantes:

a) A **catequese como (transmissão de) conteúdo**. Esta é aquela através da qual se transmite os ensinamentos básicos da nossa fé e valores de um modo sistemático. É a catequese como serviço na comunidade e à comunidade Ora, esta catequese é mais organizada, mais centrada sobre temas, métodos e paroquial ou melhor eclesial. Para este

trabalho, são escolhidos alguns membros da comunidade para desempenharem esta função. Ela é muito importante na medida em que forma o ser e o agir do católico e é o meio mais eficaz de ir modelando as gerações segundo aqueles princípios. Por outro lado, já que a catequese é fundamentalmente para adultos, ela não deixa de ser meio imprescindível para a transmissão dos valores essenciais da fé cristã às gerações que se vão sucedendo no interior da comunidade católica.

b) A **catequese da vida (existencial)**

Esta tem como base uma grande unção espiritual que se mistura como uma grande experiência e maturidade humanas. Se a primeira catequese é organizada com e conteúdos bem definidos, esta, a existencial, ultrapassa-a na medida em que não tem lugar, nem espaço ou grupos determinados, onde o espiritual influencia todo o agir e ser humanos. Ela é para todos os lugares, todos os espaços e para qualquer homem. Ela é para o analfabeto e para o intelectual. É aquela catequese que se confunde com um bom conselho a um amigo ou amiga. Aqui a grande importância da espiritualidade lutambiana. Isto parece fácil, mas é o mais difícil na medida em que tem de ultrapassar a maneira popular, amiguista e familiarista de encarar os problemas. Por outro lado, isto exige do lutâmbi uma grande capacidade de “estar” e “não estar” entre os homens; uma grande capacidade de discernimento e de não se meter na confusão das multidões. Neste sentido, o *lutâmbi* pretende ser o discípulo amado de Jesus, que reencostou a sua cabeça no peito de Jesus para lhe sentir as angústias. Por isso, o padroeiro do *Lutâmbi* é *S. João, celebrado no dia 27 de Dezembro*. Por outro lado, este discípulo é enviado para

proclamar o seu testemunho e fazer com que o Mundo acredite que Jesus é a **última solução** para os problemas dos homens e o **Único** Salvador.

Neste sentido, todo o *lutâmbi*, como mensageiro de Jesus Cristo, é obrigado a confrontar-se permanentemente com o seu Mestre. Daí que o *dia de Cesareia e Filipe ou simplesmente Cesareia (kili ki Seza)* é um dos momentos mais importantes na vida do *Lutâmbi*.

X capítulo

O dia de Cesareia

a) Sua teologia

Olhando para os evangelhos, verificamos, em pequenos detalhes, o sofrimento de Jesus; a sua amargura diante dos seus discípulos. Estes, duros de cabeça e de memória; longe do Filho do homem. Frequentemente, Jesus tenta levá-los a conhecerem-no melhor e acitarem a sua pessoa e o seu programa que recebeu do Pai. Neste caso, o *encontro de Cesareia* é muito importante. No evangelho de Marcos, é um momento muito importante. A mesma coisa em Mateus (16,12) e em Lucas (9,18). Uma enorme multidão seguia Jesus com grandes milagres (cfr. Mc.8,1s). Mas também surgiam os problemas de desconfiança sobre a pessoa de Jesus e os ataques dos fariseus: *apareceram os fariseus e começaram a discutir com Ele, pedindo-lhe um sinal do céu para o pôr à prova* (Mc. 8,11). Marcos pressentiu o perigo da influência destes problemas e doutrinas no meio do povo mas, sobretudo, no meio dos discípulos. Por isso, Jesus chama atenção para o perigo do “fermento” dos fariseus que

pode influenciar toda a comunidade dos discípulos (8,14-22). Neste sentido, Marcos propõe a cura do cego de Betsaida (8,22-26): Jesus usa as mãos como javé fez no início na criação do homem. O cego recupera gradualmente a vista. Conclusão: *só segue Jesus quem Ele abre os olhos e se deixa ir educando*. Depois disto, Jesus põe os seus discípulos à prova: Quem dizem os homens que eu sou? Jesus é como os famosos israelitas do passado. A mesma pergunta, agora para os discípulos. Pedro responde realmente quem era Jesus. Messias. No entanto, a resposta de Pedro é vazia, quando não assume o programa da paixão de Jesus e pretende transformar Jesus no Messias político. Tem os interesses de satanás.

Uma vez proclamada a messianidade de Jesus por Pedro, apesar da sua relutância em aceitar que era diferente daqueles que surgiram na história de Jesus como Teudas e outros, os discípulos, aqueles a quem Ele bem quis (Mc. 3) entram numa longa caminhada de formação. Era necessário que se conformassem com a Palavra e o Programa do Mais velho e se habituassem ao confronto com Ele.

b) Cesareia e Lutâmbi/celebração

A vida comunitária é um contínuo confronto com os irmãos e cada membro consigo mesmo tendo em conta a maneira de ser e de estar do *Lutâmbi* isto é, o seu **carisma**. Por isso, todos os membros são postos à prova para uma caminhada mais fraterna na medida em que cada membro se renova e a comunidade também: Daí que o *Lutâmbi* deverá arranjar um dia de repouso para se interrogar, como movimento e como membro, o “**que dizem os homens que nós e eu somos**.” Neste sentido, o dia de Cesareia é um momento de revisão de vida, de reconciliação e de tomada de decisões pessoais e colectivas.

c) A escala de Cesareia

O Cesareia divide-se duas partes

c.1 Mensal

Este realiza-se mensalmente quer a nível dos subgrupos quer a nível de todo o movimento. Serve fundamentalmente para uma revisão de vida pessoal e do grupo em função de uma verdadeira fraternidade. Deve ser um dia de encontro fraterno e de alegria. Ninguém queira transformar este dia numa ocasião para piadas e para julgamentos sumários. É proibido tirar para fora de Cesareia qualquer assunto que aí se tenha tratado. Quem for apanhado a fazê-lo ser-lhe-á vetado a participação até que se corrija e tenha a capacidade para o segredo e para a discrição.

d) A estrutura do Cesareia

- 1 - Eucaristia ou (liturgia da palavra)
 - 2 - Assembleia
 - 3 - Abraço da paz
 - 4 - Bênção (se estiver o capelão)
- No fim reza-se, em comum, o salmo 1.

Kasémua na mûtu

Uimânga lândangana lilônje li baváda

Vo ti kisi sikama mu nzila i Basúmuka

Vo ti kisi kála va ngânda badésuka

Vanji zî nhênze ziandi muna m'kâka u Yâve

Ai ukueíndulânda m' siku andi.

M'sambu mônho

Mamuêne Tâta

Nje utîla va lusélu luitu:

Luzîngu ai lifua;

Mbóte ai mbi.

Tuibîla luzîngu , vanji tuisôla lifua;

Tuitômba mbóte, vanji tuisálila mbi.

Kaza Tâta, befu kuaba.

Tuiléka mbêmbu aku, buinji tusichika

Maîndu mitu; tulânda nziláku

buinji tivua mônho.

A Muêne, mu muîndáku tumóna u muînda.

Bá mu muá'aku ai mu Muêla Sântu lichielika ai luzîngu luitu:Amên.



A2. De eleição

Este realizar-se de três em três anos para se rever a espiritualidade do movimento e eleger os responsáveis. Deverá ser minuciosamente preparado pela equipa que estiver a orientar o movimento. Tomar-se-á o tempo necessário para o estudo e reflexão dos problemas e desafios que se põem ao movimento. Só poderão participar na referida reunião e serem eleitos os basíkama.

**

IX capítulo

A Organização Lutâmbi

1º *M'sudikisi (Orientador) Diocesano*

É o responsável do Movimento *Lutâmbi*. É escolhido através de uma votação livre dos seus membros, durante o Cesareia de eleição. O seu mandato é de três anos, renováveis apenas uma vez.

2º *M'sudikisi regional¹*

É o responsável de uma determinada área. Por questões de ordem prática, o *M'sudikisi* da área de Chiôa será automaticamente o adjunto daquele diocesano.

3º *A Comissão diocesana*

É aquela formada pelos responsáveis diocesanos e aqueles regionais (*m'sudikisi*, tesoureiro e o secretário). Dependerá do próprio movimento a decisão da periodicidade das reuniões da CD.

4º *A equipa dos evangelizadores*

São os responsáveis pela formação dos membros no tocante à espiritualidade lutambiana.

5º *M'sudikisi (basúlikisi) miânza*

É o responsável dum subgrupo.

6º *Secretário diocesano*

É o responsável pela vida administrativa do movimento. Será votado.

7º *Tesoureiro diocesano*

É o responsável pela vida económica e financeira do *Lutâmbi*. Será votado. Este, em todos os cesareias, deverá apresentar o estado das finanças do movimento. Procurará, por outro lado, controlar toda a contabilidade dos subgrupos.

N.b. *Os subgrupos deverão ter também os seus secretários e tesoureiros nomeados pelo M'sudikisi diocesano, ouvido o M'sudikisi do subgrupo.*

8º *Os Banduênje*

Formado por alguns membros (não mais de três) escolhidos em Cesareia, mais os *misúdikisi*. Estes são os responsáveis para discernir as questões mais importantes do Movimento. Poderão, por outro lado, desempenhar a função de reconciliadores a pedido dos litigantes ou, se, eventualmente, verificar-se uma situação de difícil aproximação.

¹ O *M'sudikisi* regional da área de Chiôa, uma vez próximo daquele diocesano e seu adjunto, às vezes, perde espaço e autoridade, dominado pela figura do diocesano. Por isso, é importante que se determine muito bem quer a área regional quer aquela diocesana.

X

Os principais serviços

1º Serviço de discernimento

Tem a função de velar pelo andamento da espiritualidade. Por outro lado, pode e deve desempenhar a função de reconciliar irmãos desavindos, sobretudo, quando os intervenientes pedirem-no. É orientado pelo responsável dos Banduênje.

2º Serviço de louvor

Compete organizar e velar pela vida de oração e litúrgica da espiritualidade.

3º Serviço luiâmukusu

Compete preparar, organizar a campanha de evangelização e de intervenção evangélica em casos pontuais, como a resolução de problemas a nível de famílias e de grupos. Será orientado pelo responsável dos evangelizadores.

4º Serviço luzólo

É aquele que se encarregue pela ajuda aos irmãos e os mais necessitados (visita aos hospitais, velhos, doentes etc).

n.b. Todos os responsáveis desses serviços deverão, em princípio, ser eleitos, ou, possivelmente, terem o consenso dos irmãos.

**

XI

Capítulo

Os vários rituais

(II)

Recepção do lenço

Ms. Tâta M'pelu tukulômba m'sua buingi tuthétika zi khomba zitu azibezi kidîmbu ki kikâba ki *Lutâmbi*

Ms. Tâta M'pêlu, tukulînda m'sua buinji tuthétika zi nkómba zitu azi *chia ilîmbu chi Lutâmbi*.

Mp. Tâta M'sudikisi, bo tîdi batâmbula kidîmbu beni, zebi moti basikama mu diâmbu di Nzâmbi?

Mp. Tâta M'sulikisi, obo zolêze batâmbula ilîmbu bene, zabizi monti basikama muna liâmbu li Nzâmbi?

Ms. Ibazêbi, tâta M'pêlu.

Ms. Ibazâbizi, tâta m'pêlu

Mp. Bâmbânga mu zi khutukunu na bansâlânga kisálu ki dibûndu?

Mp. Bibânga um tukutungamu ai bisilânga isálu chi libûndu?

Ms. Bambânga na bansâlânga.

Ms. *Bibānga ai bisálānga.*

Mp. Matôndo, ie matôndo kuidi Tāta Nzāmbi

Mp. Matôndo, matôndo ke Tāta Nzāmbi.

Segue depois o chamamento dos candidatos. Estes respondem: minu kuau ilānda.

Mp. Buna bana bama, dibundu didi mukuāngalala mu kibila kinu. Vangi, muiekhāmbanu: mutidi kutôna na kitzifika kisálu ki Nzāmbi?

Mp. *Bāna bami, lia bāndu likuāngalala um ibila chinu. Vanji, nkambānu: luzóleze utôna ai uzitika isáhu chi Nzāmbi?*

Bt. Tuítidi.

Bt. Tuzóleze.

Mp. Muzébi ti kukota mu *Lutāmbi* buna luembá muínda va khati bātu. Buau, lunkíkinina kumónisa muínda beni kuidi bó badi ku kitómbi?

Mp. *Luzábizi ti ukóta mu Lutāmbi buna luek'ibá muínda va káti bāntu? Buau, luichichina umómisia uau ke bana baké ku itómbe?*

Bt. Tunkíkinina.

Bt. *Tuichichimai.*

Mp. Tunvútula matôndo. Tunlômba kuidi Nzāmbi, buingi kamukindisa, buingi mavānga minu mavúmusu. Mu Yêzu, Muan áku, um lubúndumu lu Muêla Sântu.

Mp. *Tuvútula matôndo. Tuilinda ke Nzāmbi buinji kaluchindisia, buinji mavānga minu mavúmusua. Mu Yêzu, Muan'aku, mu lubúndumu lu Muêla Sântu.*

Bb. Amén.

Segue-se depois a bênção dos lenços

Mamuêne, Tāta, séma (+) ngie-fêka bidĩmbu abibebi. Dúkdila um biau na Mfúzi mônho. Mu Yêzu, Muan'aku, mu lubúndumu lu Muêla Sântu.

Mamuene, Tāta, séma (+) Nje-vêka ulĩmbu abi. Búkuluila mu bāu ua Mfúzi mônho. Mu Yêzu Krístu, Muan'aku, mu lubúndumu lu Muêla Sântu.

Segue depois a recepção dos lenços. Depois ajoelham-se e rezam.

Bt. Mamuêne, bá muínda u mavānga mitu mambóti. *Lutāmbi* luaku lubá nzila i luvélo lu mônho. Amén.

Bt. *Mamuêne, bá muínda u mavānga mitu mabóte. Lutāmbi* luaku lubá nzila i luvélo lu mônho. Amén.

*

(II)

SUBIDA PARA O BASÍKAMA

Esta cerimônia deve ser realizada, durante a eucaristia, depois da homilia.

Ms. Tata M'pelu, minu ai ikába chi bunduênji tuitelamena chibânji zi nkomba zitu azi.
Tôna vana bakóta mu ikába chi *lutâmbi*, luzîngu lukuebalukânga buna bitúmina nzila mônho kati Zêzu Kristu.

Mp. Tata M'sulikisi, Nje vêka zabîzi mamême maku ai uivítuka chimbânji chiaku. Vanji nkambâbu.

Mp. Zabîzi mun'uzâba ti obo bik'imáka v'ibuângu chi busíkama bau isíkimunu chi ikába chi *Lutâmbi*?

Ms. Ngete nzabîzi.

Mp. Monti zabîzi liaolio, buna zâba ivandi ti bakâmbua usíkama bála bá ífti chibi chikúnua muna ntându mbôngo imbóte?

Ms. Ngéte nzabîzi.

MP. Buna Táta M'sulikisi ubatêla kuaku.

Ao chamamento, cada membro responderá *Kuma mbisi iála buekuênda*

Mp. Bana bâmi iamikisiano ava lusélu lu libûndu litêla mâna muna lutâmbi lu Zêzu

Bas

Tuitêla mâna ti Nje utusôla buinji tukála iaku

Tuisi buekuênda kuma kumká. Ko

Tuitiáta iaku

Tuisi buetômba m'kûndi umká ko

Tuivítika liâmbu liaku

Tuisi buечиênga muînda umká ko

Tuikuênda iaku kama Kalvariu

Tuisi bûba ko nkâma bué

Vanji Mfumu ami utubuêla mâna.

Mp. Matôndo ke Táta zâmbi.

Mp. Bana bâmi, bikabu isisimika mâna minu. Benu luzábizi ti Satana uála kulutônta muna nzála.

Ba Tuála síngama.

Mp. Uála kulutônta muna lungúndai

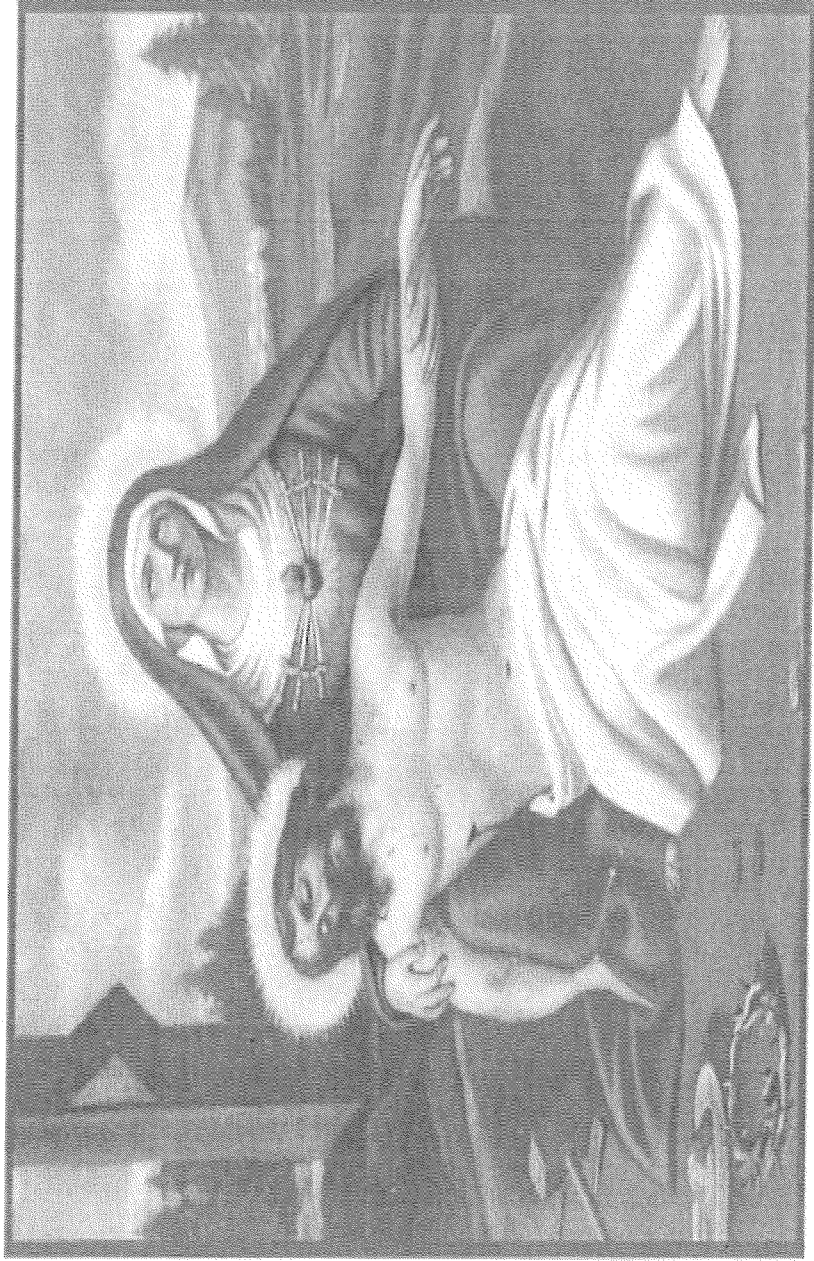
Ba . Tuála vúmbama

Mp. Uála kulutônda mun'ivázi

Ba. Tuála bémbama.

Anexo 15: Estatutos da Espiritualidade
Nossa Senhora das Dores

DIOCESE DE CABINDA
ESPIRITUALIDADE NOSSA SENHORA DAS DORES



ESTATUTOS SETEMBRO/2011.

| INDICE | PÁGINA |
|--------------------------------------|--------|
| A – O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE | 2 |
| B – HISTÓRICO | 3 |
| C – MOVIMENTO DA IGREJA | 5 |
| D – ESTATUTOS | 5 |
| FINALIDADE | 5 |
| A MISSÃO DA ESPIRITUALIDADE | 5 |
| GRAUS E COMPROMISSOS | 6 |
| ADMISSÃO DOS MEMBROS | 6 |
| CATEGORIAS | 7 |
| DEVERES..... | 7 |
| DIREITOS..... | 7 |
| ORGANIGRAMA | 8 |
| COMPOSIÇÃO DO CONGRESSO | 8 |
| FUNCIONAMENTO | 8 |
| COMPETÊNCIAS..... | 9 |
| DELIBERAÇÕES | 9 |
| DOS FUNDOS | 10 |
| MANDATO | 10 |
| DAS ORAÇÕES E DEVOÇÕES | 10 |
| INSÍGNIAS | 13 |
| CÂNTICOS | 13 |

A. O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE

- 1.- A Espiritualidade Nossa Senhora das Dores é uma Associação de Leigos, que tem como objectivo rezar pelos que mais sofrem, pela conversão dos pecadores, pela Igreja e seus ministros, pela intercessão da Virgem, Mãe das Dores.
2. Oração, Caridade e Amor, constituem os três pilares que sustentam todos quanto nela oram, sofrem e se dedicam para que Cristo reiune nos corações.
3. Oração, constitui o alimento da acção cristã, o caminho para encontrar Deus Pai em Cristo Jesus e, a energia capaz de transformar o homem velho em novo, A Sagrada Escritura revela-nos, que a misericórdia que Deus concede a todos quanto Nele esperam, vem da oração tal como os filhos de Israel por intercessão de Moisés, quando desceram a pé enxuto para o meio do mar vermelho, (Ex. 14,22-25), ou Ana na angústia (I Sam. 1,11;2,1-10). A oração, que os Membros das Dores depositam nas mãos de Deus Pai para alívio das suas aflições deve construir um selo de fé (Jdt. 9,2-18 ; Est. 13,9-17). A oração deve possuir a dimensão de diálogo (Actos. 2,42). Através da oração, os Membros das Dores procuram a Deus para os socorros necessários, a sua santificação e bem como a salvação de toda humanidade.
4. No Novo Testamento, Cristo, recomenda a oração aos seus Apóstolos em diversas ocasiões (), afirmando ainda que onde se encontrarem reunidos dois ou três em seu nome, lá estará Ele no meio deles (Mt. 19,19-20). Como diz Santo Agostinho “A oração é a força do homem e a fraqueza de Deus” Ela constitui a divisa que anima a vida da Espiritualidade.
5. Aderindo ao bem, a Espiritualidade, deve revestir-se de caridade para aborrecer o mal e porque com a caridade terá alegria na esperança, paciência na tributação, perseverança na oração, socorrendo os que gemem e padecem necessidades, exercendo hospitalidade, fazendo-se servidora do próximo. Nisto deve resumir a vida da Espiritualidade e dos seus membros.
6. “Junto á Cruz de Jesus estava de pé sua Mãe” (Jo. 19,29). Todo o membro das Dores, deve ter a atitude típica dos pobres de Deus: abandono, busca humilde, disponibilidade confiante, peregrinação na fé, buscar pouco a pouco o Rosto e a vontade do Pai, e deve estar ao lado do seu próximo sobretudo no sofrimento, levando alegria, porque para Deus nada é impossível (Lc. 1,37). Os membros da Espiritualidade vivem anunciando o amor de Deus aos homens e trabalhando para que se apresse no mundo o Reino de Deus. Tal atitude só será possível com amor sincero despido de artificios.

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

7. Os membros da Espiritualidade têm como a primeira devoção a Eucaristia, sendo ela a fonte da vida, pois diz Cristo: “ Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna ” (Jo.6,54). Comprometem-se viver segundo o espírito de Maria e crescer em graça, rezando rosário diariamente, tendo devoção filial à Mãe das Dores, a quem devem submissão sincera, escuta total, bebendo da fonte da humildade no espírito “ faça-se em mim segundo a tua palavra ” (Lc.1,38).

8. Maria é o modelo para todo membro das Dores, cuja coragem, fortaleza e fé adulta, livra-nos também de qualquer asfixia espiritual.

9. A segunda devoção da Espiritualidade são as Lágrimas e Dores sentidas por Maria durante o suplício de Nosso Senhor Jesus Cristo na Paixão.

10. A terceira devoção são as cinco chagas de Cristo, em correspondência as cinco mulheres que participaram na primeira oração de partilha, no início da Espiritualidade.

11. São considerados como objectivos da Espiritualidade os seguintes:

- a) Oração pela Igreja e seus ministros;
- b) Oração pelos que mais sofrem e pela conversão dos pecadores;
- c) Oração pela santificação dos seus membros;
- d) Devoção a Nossa Senhora, Mãe Auxiliadora;
- e) Devoção as sete Dores de Nossa Senhora;
- f) Devoção as cinco chagas de Cristo.

12. Há três graus de compromisso na Espiritualidade, a que correspondem três categorias de membros: *Querubins, Doritas e Luzeiros*.

B. HISTÓRICO

A Espiritualidade Nossa Senhora das Dores, nasce em virtude de sua fundadora, Maria Luísa Lurdes Abreu, ter vivido alguns constrangimentos a nível de saúde e que ao longo desse tempo foi tendo revelações em sonhos e visões reais, pois tudo era místico quando ela em visões se achava a frente de uma multidão sobretudo de gente sofredora portadora de várias enfermidades. No entanto, a essa gente de todas idades se denominaria “ Nossa Senhora das Dores”.

Entretanto, anos mais tarde, sendo ela auxiliar da Irmã Catarina, nas aulas de costura numa turma de mulheres na Paróquia Nossa Senhora Rainha do Mundo e, quando se aproximasse de delas, eis que algumas em particular iam se abrindo de suas dificuldades e dores que vivia. Portanto, no inimaginável pensamento, esta, ao levar uma vela e solicitar ajuda de oração a Ir. Catarina, na comunidade Mercedária, da conversa que teve e da resposta recebida impulsionou-a a tomar atitude e convidar as Sras. Cecília Nhanje, Fátima Madia, Fátima Pereira e Rosalina Liambo, que viviam sérios problemas, para começarem a rezar o Terço em sua casa logo após as aulas de Costura. A proposta e convite foram aceites e iniciaram a rezar no dia 19 de Janeiro de 1986, por volta das 17 horas, na sala da sua casa, na rua de Moçambique.

No entanto, a partir daquela data, os encontros de oração foram sendo de segunda a sexta-feira no mesmo horário, até que em menos de 2) dois meses estranhamente começou-se a verificar algumas manifestações que se podia chamar-se de milagres, pois, era a manifestação da misericórdia de Deus e infusão do Espírito Santo no grupo. E daí em diante, aconteceram as primeiras graças, dentre elas a concepção da Sra. Rosalina, que até então, conheceu muitas dificuldades para alcançar a segunda gestação após o nascimento do seu primogénito. Com essa manifestação de Deus, começou a crescer o número de pessoas, dia a pós dia o que obrigou que saíssem da sala para um quarto que havia no fundo do quintal.

Portanto, o crescimento vertiginoso de membros no grupo era constante e os milagres eram sucessivos até, de casos que a medicina na altura não se achava solução e que só a mão de Deus pode! E como tudo era estranho, de tantos milagres num período não mais de 2 (dois) meses, a Dona Luísa, comunica o facto à Igreja a partir do Ordinário de lugar nessa altura, Dom Paulino Madeca, de feliz memória que respondeu perguntando, onde se rezava e o tempo e disse que havia de lá estar para

observar. É assim que no curto espaço de tempo, o mesmo, faz uma visita no local e acompanha toda a cessão de oração e no fim falou com a responsável dizendo: “ - Dona Luísa, continua”. Entretanto, o mesmo, fez mais 2 (duas) visitas e na terceira, disse: “ - Dona Luísa, eu te conheço desde criança e tenho confiança! Prossiga com o projecto de Deus”. Foi assim que a longa estrada se abriu.

3. Pouco – a- pouco, o grupo começou a crescer e, a maioria dos membros que aparecem apresentam graves problemas na vidas espiritual e social. A exemplo de Maria, que acompanhou a Paixão do seu Filho, também as Doritas guardavam a dor no silêncio de seus corações, o que justificou o nome de Nossa Senhora das Dores, dado ao Grupo.
4. A Espiritualidade Nossa Senhora das Dores tem como finalidade a glorificação de Deus, por meio da santificação dos seus membros, pela oração, sob a poderosa intercessão de Maria, Mãe das Dores, mediante um compromisso profundo dos membros com um estilo de vida cristã próprio. E porque a salvação de Cristo conheceu a participação de Maria e, é pelo seu “sim” no mistério da encarnação que o mundo conheceu a salvação, Maria é pois, a figura privilegiada pela qual Deus quis exaltar a sua criatura, (Lc. 1,35).
5. Orar à Deus Pai por Cristo Jesus e sob o impulso do Espírito Santo, por intercessão da Virgem Santa Maria, Mãe das Dores pelos pobres pecadores e aqueles que mais sofrem. Pois Maria, não ocupa o lugar de Deus, mas abre o caminho para Deus como nos mostra nas bodas de Caná “fazei tudo o que Ele vos mandar (Jo. 2,2-5).”
6. Porque Cristo é o anuciado pelos profetas, o Salvador do mundo (Is. 12, 1-9), por Ele todas coisas foram feitas (Jo. 1,1-3) e no baptismo e na transfiguração Deus Pai o atesta. Cristo diz com efeito “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida [...] ninguém vai ao Pai senão por Mim” (Jo. 10,1-18). S. Paulo na Epístola aos Filipenses (2,5-11), também confirma que o caminho a seguir é Cristo, os membros das Dores devem ajudar-Lo, tal como Simão de Cirine, durante a caminhada ao calvário, a carregar a cruz (Lc. 23,26).
7. Para simbolizar as dores sentidas por Maria e, as das primeiras cinco mulheres que participaram na primeira oração de partilha da Espiritualidade, adopta-se como uniforme cerimonial: camisa ou blusa de cor branca, e calças ou saias de cor azul escura, lenço de cor azul escura, e como efigie a Sexta Dor da Coroa das Lágrimas,

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

para vivificar a cena das mulheres que se encontravam junto à cruz de Jesus Cristo (Jo. 19,25).

8. Deus dá vários carismas em função das necessidades (material e espiritual) da comunidade. Entretanto, os dons são vários. Mas o espírito é o mesmo como está escrito na carta de S. Paulo aos Coríntos. (12,1-3). De Deus a Espiritualidade N^a S^a das Dores, recebe os carismas de Amor, Fé e Missão em benefício dos fiéis.

9. Amor: O amor é o elo de ligação entre Deus e o homem. Os membros Doritas devem revestir-se da armadura do amor para servir o próximo em Cristo, com Cristo e por Cristo.

10. Por Cristo, os membros das Dores tudo farão para a instalação definitiva do reino de Deus na terra, porque Deus amou tanto os homens que enviou o Seu Filho Unigénito que viria morrer na cruz, manifestando o Seu extremo amor.

11. Com Cristo, par atear as chamas de amor nos irmãos cuja vida o pecado deixou insensíveis ao sofrimento do próximo, convertendo-os a Deus Pai.

12. Em Cristo porque, durante a Sua permanência humana na terra. Jesus disse “ Como o Pai Me amou, também Eu vos amei; permaneci no Meu amor. Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor, do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai, e permaneço no Seu amor” (Jo. 15, 9-10). Para isso o membro das Dores tudo fará para permanecer no amor de Cristo como o ramo na videira.

13. Fé: - pela fé Abraão, escudou o chamamento de Deus e deixou a terra de seus pais e partiu para a terra de Canaã (Gn. 12, 1-5); pela fé Mar4ia aceitou a vontade de Deus Pai, acolher Jesus no seu ventre, contra toda a expectativa (Lc. 1, 38). As Dores , devem primar por uma fé de escuta total semelhante a de Maria, despida de artifícios e de compensações; uma fé que sabe amar com desprendimento numa atitude contemplativa.

14. Missão: - E porque a própria Igreja diz que todo baptizado é missionário, pois é nobre missão de todo membro das dores evangelizar. Cristo em Mc. 16, 15-18, delega-nos anunciar a Boa Nova todos. Portanto os membros das Dores devem viver a sua vida cristã levando o amor por intermédio do evangelho a todos os irmãos (Jo. 15, 16-17).

C – MOVIMENTO DE IGREJA

1. O espírito da Espiritualidade é o Espírito do dinamismo de Maria que emana do seu silêncio para maior intimidade com a presença do Espírito Santo para que ao caminharmos tenhamos uma meta: a Casa do Pai.

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

2. Para tal os membros das Dores devem sentir-se em comunhão com os batizados, com a cabeça visível da Igreja, na Diosece com o Bispo e sacerdotes.
3. A Espiritualidade no cumprimento das actividades missionárias submete-se a autoridade do Bispo a quem todos os membros devem respeito e obediência; igualmente deve obediência ao Pároco da área de jurisdição;
4. A Espiritualidade segue as orientações do seu Director Espiritual, devidamente nomeado pelo ordinário do lugar.

D – ESTATUTOS

CAPITULO I

Finalidade

1. A Espiritualidade N^a S^a das Dores abreviadamente “DAS DORES” é um grupo de oração que tem como objectivos rezar pelos que mais sofrem. Pela conversão dos pobres pecadores à Igreja e seus ministros, com a poderosa intercessão da Mãe das Dores.
2. É uma Espiritualidade Mariana, porque tem como padroeira a Santíssima Virgem Maria, de quem busca a humildade, obediência, sob a mediação da Mãe das Dores.

A Missão da Espiritualidade

- 3.- As pessoas que fazem parte a esta Espiritualidade, tomam como dito aquele preceito de Cristo “vigiai e orai” e procuram imitar o Seu exemplo de oração, para isso realizam orações comunitárias e individuais. As Novenas na Espiritualidade são realizadas por núcleos
- 4.- A missão destes grupos de novena é não só reparar o Senhor pelos nossos 5 pecados, dos do mundo inteiro e pelas dores sentidas por Maria Santíssima, mas também, por essas mesmas dores, implorar graças para a humanidade inteira.
- 5.- A novena é feita levando com amor uma vida verdadeiramente cristã, pedida a todos os perfilhados da Espiritualidade, devendo viver em estreita união com Maria, Mãe e Auxiliadora dos cristãos.

ARTIGO II

Graus e Compromissos dos Membros

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

1. Todos os membros devem comprometer-se a viver e crescer habitualmente em graças, a rezar o terço todos os dias, a participar numa reunião de partilha semanal, a confessar-se com frequência, a comungar pelo menos semanalmente, a participar nos retiros anuais e vigílias programadas.
2. Há três graus de membros na Espiritualidade a saber:
3. Os Querubins: são os que se dedicam especificamente à oração intercessora (Ex. 14, 22-25; 1º Sam. 1,11; 2,1-10; Jdt. 9, 2-18 ; Est. 13, 9-17; Jo. 17, 1-26) e estão sempre disponíveis às actividades da Espiritualidade a qualquer hora e momento. À esta categoria, para ascensão dever-se-á discernir a idoneidade espiritual do membro em causa.
4. Os Doritas: são os que assumem os mesmos deveres dos Querubins, mas com menor comprometimento.
5. Os Luzeiros: são os membros doritas com idade inferiores à 38 anos que, além da partilha geral. Têm hora específica de formação e oração comunitária separada a dos demais, assumindo os restantes compromissos da Espiritualidade.
6. A disposição de ascensão é que, com a entrega de cada um, os Luzeiros vão evoluindo a Doritas e destes a Querubins.
7. Se comprovar-se que algum membro está a comprometer a Espiritualidade com a sua conduta, depois de avisado com amor, se não houver emenda, será convidado a abandonar a Espiritualidade.

ARTIGO III

Admissão dos Membros

1. Podem ser membros das "DORES" todos os cristãos católicos, nacionais ou estrangeiros que, aceitam os seus estatutos e lutem pela implantação do Reino de Deus na Terra.
2. A admissão de membros efectivos na Espiritualidade pode ser feita pela Direcção, sob proposta de qualquer membro em pleno gozo dos seus direitos e deveres, ou pelo interessado por escrito ou verbalmente.
3. O pedido de readmissão de determinado membro deve ser formulado por escrito em reunião de partilha, dirigida à Espiritualidade. Antes de ser readmitido, porém, serão analisadas as razões da sua saída pelo Conselho de Disciplina.

ARTIGO IV

Categorias

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

1. Reconhece-se a Dona Maria Luisa de Lurdes Abreu, o estatuto de Membro fundadora da Espiritualidade, Zeladora Honorária e fica confirmada no seu múnus como Ânãia vitalícia da Espiritualidade.
2. É membro fundador quem esteve presente na primeira reunião de partilha da espiritualidade, gozando dos mesmos direitos e deveres dos membros efectivos.
3. É membro efectivo quem participa e comunga das linhas programáticas da Espiritualidade, Nª Sª das Dores.
4. É membro Honorário a pessoa singular ou colectiva que preste serviços distintos à Espiritualidade sem que para tal sejam exigidos as presenças nos programas e actividades.

ARTIGO V

Deveres

1. São deveres dos Membros:

- a) Aceitar o exercício de cargos porque tenham sido eleitos ou nomeados, desempenhando-os com ordem e assiduidade.
- b) Representar a Espiritualidade sempre que lhe seja solicitado.
- c) Pagar as quotas mensais.

ARTIGO VI

Direitos

São direitos dos Membros:

- a) Participar nas partilhas e actividades organizadas pela Diocese (Paróquias) e pela Espiritualidade, bem como nas iniciativas a que é chamada a desenvolver.
- b) Usufruir de apoio espiritual, material e moral da Espiritualidade.
- c) Usar da palavra no Congresso.
- d) Eleger e ser eleito* para os órgãos das "Dores".

*Desde que participa na sagrada Comunhão.

- d) Propor novos Membros.

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

- e) Ser informado de todas as actividades das "DORES".
- f) Todo o membro tem o direito de manifestar ao Conselho de Disciplina, toda irregularidade verificada no funcionamento da Espiritualidade.

CAPITULO II Dos Órgãos Sociais ARTIGO VII Organigrama

1. São órgãos de Direcção da Espiritualidade:

- a) Congresso
- b) Direcção
- c) Conselho de Disciplina

Os membros de Direcção da Espiritualidade devem ser aqueles que têm compromisso com a Sagrada Comunhão.

2. Os cargos são exercidos gratuitamente.

ARTIGO VIII

Composição do Congresso

- 1. O Congresso é o órgão deliberativo por excelência e de controlo das actividades da Espiritualidade.
- 2. É composto por um(a) Responsável, ~~dois~~ Responsáveis Adjuntos, um Secretário e dois Conselheiros.
- 3. Os Responsáveis Adjuntos são eleitos por todos os membros efectivos por sufrágio directo em Congresso.
- 4. Para a Reunião do Congresso, os Membros deverão ser convocados, com pelo menos, 30 dias de antecedência.

5. O Secretariado e demais membros integrantes serão nomeados pelo Responsável.

ARTIGO IX Funcionamento

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

1. O Congresso reúne uma vez ao ano, e extraordinariamente sempre que tal se justificar, mediante convocação do Responsável, por escrito com uma antecedência mínima de 30 dias, devendo mencionar-se a ordem de trabalhos, o local e a hora da sessão.
2. A sessão terá lugar quando preenchido o quorum exigido (2/3), sendo conduzido pelo Responsável, um secretário e um Conselheiro.
3. Na ausência ou impossibilidade do Responsável, um dos Adjuntos assumirá todas as responsabilidades, gozando dos mesmos poderes no Congresso.

ARTIGO X

Competências

1. Compete ao Congresso:

- a) Servir de órgão deliberativo das "DORES", reunindo bienalmente ou sempre que tal se exija, com a participação de todos os membros do corpo directivo e membros convocados.
- b) Traçar as linhas mestras de organização da Espiritualidade, tendo em conta os carismas.
- c) Apreciar, discutir e aprovar as actividades dos restantes órgãos das "DORES".
- d) Eleger os membros dos órgãos da Espiritualidade, assim como convidá-los a demitir-se das suas funções, quando a sua conduta não se coaduna com o espírito cristão.
- e) Homolgar os pedidos de admissão, readmissão ou demissão dos membros.
- f) Velar pelo bom funcionamento da Espiritualidade e a utilização racional dos meios materiais e financeiros.
- g) Apreciar e votar o relatório trimestral e anual das actividades desenvolvidas durante determinado período, pelos órgãos executivos.

ARTIGO XI

Competências do Responsável do Congresso

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

1. Ao responsável máximo da Espiritualidade compete:
 - a. Convocar a Espiritualidade e dirigir os seus trabalhos.
 - b. Representar a Espiritualidade em todos os actos oficiais.
 - c. Propor medidas organizativas e normativas ao Congresso de membros.
 - d. Delegar um de entre os responsáveis da Direcção para o representar em caso de indisponibilidade.

ARTIGO XIII

Competência do(a) Responsável Adjunto(a)

1. Compete a(o) Responsável Adjunta(o):
 - . Substituir o Responsável em caso de impedimento ou na ausência deste.
 - . Outras competências que lhe sejam conferidas pelos estatutos e demais regulamentos.

ARTIGO XIV

Constituição da Direcção

1. A Direcção é constituída por oito (9) membros, e delibera por maioria dos seus membros, estruturando-se em secretariados coordenados pelo respectivo secretário para a referida área.
2. Integram a Direcção:

A. ÓRGÃO COLEGIAL:

- . Responsável.
- . Dois Responsáveis Adjuntos.
- . Três Conselheiros

B. ÓRGÃO EXECUTIVO

- . Secretário Geral.
- . Secretário para as Finanças.
- . Secretário para os Luzeiros.

ARTIGO XV

Competências

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

Compete á Direcção administrar e orientar a vida da Espiritualidade, reunindo ordinariamente, uma vez por mês e extraordinariamente, sempre que o Ancião assim o decida, designadamente:

- a) Dar execução às deliberações de Congresso;
- b) Representar a Espiritualidade em juízo e fora dele, podendo delegar esses poderes em mandatários;
- c) Proceder a recepção das quotas e liquidar as despesas relativas a aquisição de donativos que a Espiritualidade venha efectuar;
- d) Organizar as cartas da Espiritualidade juntamente com os relatórios anuais e o parecer do Conselho de Direcção, à apreciação e votação do Congresso.

ARTIGO XVI

Do Conselho de Disciplina Composição e Competências

O Conselho de Disciplina é composto por um Responsável, e dois conselheiros, competindo-lhe, nomeadamente:

- a) Defender e representar a Espiritualidade em caso de litígio;
- b) Velar por todos casos que dizem respeito à actos não virtuosos.

ARTIGO XVII

Deliberações

Não são validas as deliberações do conselho Directivo tomadas sem a presença e o voto da maioria dos seus membros, na qual se deverá incluir obrigatoriamente o seu Zelador o qual além do seu voto terá direito ao voto do desempate.

ARTIGO XVIII

Dos Fundos

1. Os fundos da Espiritualidade provêm do pagamento de quotas, contribuições e outros donativos dos seus membros ou terceiros.
2. O valor da quota mensal é estabelecido pela Mesa do Congresso.
3. Constitui património da Espiritualidade todos os imóveis, móveis e valores adquiridos em nome da mesma.

ARTIGO XIX

Mandato

Os órgãos sociais têm um mandato permanente, tendo em consideração ao perfil, finalidade e carisma da Espiritualidade, de modos que não se confunda o espiritual do civil.

- a) Em caso de morte ou resignação da fundadora da Espiritualidade, o seu representante (Ancião) nos órgãos directivos, passa para o lugar de Ancião Zelador e os Adjuntos assumem a Direcção em mútua colaboração até a realização do Congresso. Porém, o mesmo é antecedido de 30 dias de oração intercessora que culminam com a confirmação do (a) Ancião (ã) Zelador (a), sendo que os adjuntos assumem a Direcção, em coordenação espiritual e administrativo.

Outrossim, no caso de morte ou resignação de algum membro de Direcção, o Zelador deverá no período de trinta dias convocar o Congresso Extraordinariamente para a eleição de um novo membro que ocupará o lugar vago.

E - ARTIGO XX
ORAÇÕES E DEVOÇÕES
ORAÇÕES

Adopta-se na oração colectiva e individual a reza do terço do Rosário, seguido de um terço de libertação e o de misericórdia com a Salve-Rainha para posteriormente rezar-se o acto de Consagração desta Terra e das famílias à protecção de Maria Santíssima, Auxiliadora dos cristãos. As intenções e/ ou petições são intercaladas entre as dezenas durante a reza do terço.

A Espiritualidade adopta as seguintes orações e rituais para as sessões de partilha e reza diária dos seus membros:

Orações iniciais da partilha e nas meditações individuais:

1º Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

V/ Deus, vinde em nosso auxílio.

R/ Senhor, socorrei-nos e salvai-nos

V/ Gloria ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

R/ Como era no princípio, agora e para sempre. Amém.

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

V/ Vinde, Espírito Santo,

R/ Enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso amor.

V/ Enviai, Senhor, o Vosso Espírito e tudo será criado.

R/ E renovareis a face da terra.

2º Oração: Far-se-á aqui uma breve oração espontânea para propiciar o ambiente da partilha dos membros pelo orientador do dia.

Segue-se leitura e reflexão de temas bíblicos do dia, conforme o ano Litúrgico ou do livro de Imitação de Cristo ou qualquer outro livro de instrução religiosa.

3º Acto contínuo, far-se-á dois terços do Rosário, seguida de um terço de libertação com a Salve-Rainha para posteriormente rezar-se o acto de consagração desta Terra e sa famílias à protecção de Maria Santíssima, Auxiliadora dos cristãos. As intenções e/ ou petições são intercaladas entre as dezenas durante a reza do terço.

A finalizar, reza-se Ângelos e algumas jaculatórias dentre as quais:

V/ A Vossa protecção.

R/ Nos acolhemos Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas nas nossas necessidades, mas livrai-nos de todo mal. Amém.

V/ Rogai por nós Santa Mãe de Deus para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Em seguida recitam-se três vezes:

V/ Deus Santo, Deus forte e Deus imortal.

R/ Tende piedade de nós e do mundo inteiro.

V/ Doce coração de Jesus.

R/ Sede o meu amor.

V/ Doce coração de Maria.

R/ Sede a minha salvação.

V/ Jesus, manso e humilde de coração.

R/ Fazei, meu coração semelhante ao vosso.

V/ Meu Jesus, meu Amigo, eu te amo e quero ser teu amigo para sempre.

R/ Meu Jesus, meu Amigo, eu te amo e quero ser teu amigo para sempre.

V/ Coração de Jesus que tanto nos amais.

R/ Fazei que eu Vos ame cada vez mais.

V/ Tudo por Vós Sagrado Coração de Jesus.

R/ Pelo Coração Imaculado de Maria.

Para fechar a oração da partilha recita-se:

V/ Minha Mãe e minha Senhora ou Meu Jesus e meu Senhor.

(Levantando as mãos ao alto em atitude suplicante e humilde)

R/ Sobre esses Vossos filhos, lançai a Vossa benção carinhosa, a Vossa graça e benção nos dai, (daqui faz-se a persignação e em seguida o sinal da cruz, dizendo em

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

simultâneo) pelo sinal da Santa cruz ☩, livra-nos Deus nosso Senhor ☩ dos inimigos ☩. Em Nome do Pai ☩, e do Filho e do espírito Santo. Amém.

A Espiritualidade leva em consideração as orações e jaculatórias que a Santa Igreja Católica Romana, coloca à disposição dos seus fiéis nos actos de louvor.

Os perfilhados da Espiritualidade adoptam as seguintes orações de Consagração ao Santíssimo Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria.

CONSAGRAÇÃO SOLENE AOS CORAÇÕES DE JESUS E DE MARIA

Nas aparições a Santa Margarida Maria Alacoque, o Coração de Jesus pediu a consagração dos indivíduos e famílias ao Seu divino Coração, oferecendo as mais consoladoras promessas.

Por outro lado, em Fátima, Nossa senhora convida-nos igualmente a fazer a consagração ao seu Coração Imaculado. Esta consagração deve ser assumida conscientemente por constituir a arca de Noé em que se devem encerrar todos os membros das Dores para escapar ao dilúvio do pecado e das suas trágicas consequências.

Designamos consagração solene àquela que, além de uma preparação conveniente da alma a consagrar-se circunscrita na realização de uma novena, seguida de um tríduo, haja precedida de uma confissão e comunhão e tem a presença de um sacerdote que em nome da Igreja ratifica essa consagração.

RITUAIS DE CONSAGRAÇÃO CONSAGRAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Sagrado Coração de Jesus, Invadi-me plenamente, de modo que os meus sentimentos sejam os Vossos sentimentos; os meus desejos sejam os Vossos desejos; as minhas palavras sejam as Vossas palavras; os meus pensamentos sejam os Vossos pensamentos.

Depois deixa-me entrar no mais íntimo do Vosso Sagrado Coração; aniquilai-me completamente. Adorarei o Vosso Sagrado Coração do mais profundo do meu coração; prometo servir o vosso Sagrado Coração com um fogo interior: servir-Vos-ei com zelo mais fervoroso que nunca. Sou fraco, mas sei que a Vossa forã me ajudará. Não permitais que eu Vos perca de vista nem que o meu coração volte para outro lado. Procurarei apenas o Vosso Sagrado Coração e só Vos desejarei a Vós.

Sagrado Coração de Jesus, fazei-me detestar tudo aquilo que é contrário à Vossa santidade e à Vossa vontade. Purificai-me rapidamente e fazei que nenhum rival permaneça dentro de mim. A partir de hoje, apertai-os laços de amor com que me prendeste, e fazei que a minha alma tenha sede de Vós e o meu coração desfaleça de amor por Vós.

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

Sagrado Coração de Jesus, não espereis mais: vinde consumir todo o meu ser com as chamas do Vosso ardente amor. Tudo o que faça, de ora em diante, seja realizado pelos Vossos interesses e pela Vossa glória, e nada se faça para mim.

Consagro-Vos a minha vida a Vós e, a partir de hoje, quero ser o escravo do Vosso amor, a vítima dos Vossos ardentes desejos e da Vossa Paixão; um bem para a Vossa Igreja e o brinquedo da Vossa alma. Fazei que o meu porte seja reflexo da Vossa crucifixão, pela amargura que sentir diante da surdez das almas que eu irei ver cair. Daí a minha alma o que ela puder suportar.

Sagrado Coração de Jesus, não me poupeis a Vossa cruz, como o pai Vo-la não poupou a Vós.

Tomai os meus olhos, os meus pensamentos, e os meus desejos, para que sejam prisioneiros do Vosso Sagrado Coração. Eu sou indigno e não mereço nada; mas Vós, ajudai-me a viver o acto de consagração de um modo leal, invocando, incansavelmente, o Vosso santo nome. Fazei que o meu espírito rejeite tudo aquilo que Vós não sois.

Sagrado Coração de Jesus, fazei que a minha alma suporte melhor as chagas do Vosso corpo, pela conversão sa almas. Submeto, voluntariamente, a minha vontade à Vossa agora e sempre. Amém.

Consagração ao Imaculado Coração de Maria

Ó Maria, Virgem poderosa e Mãe de misericórdia, Rainha do céu e Refúgio dos pecadores, nós nos consagramos ao Vosso coração Imaculado.

Consagramos-vos o nosso ser e toda a nossa vida; tudo o que temos, tudo o que estimamos, tudo o que somos.

Para vós são os nossos corpos, os nossos corações, as nossas almas.

Para vós, os nossos lares, as nossas famílias, a nossa pátria.

Queremos que, tudo em nós e a roda de nós, vos pertença, e participe das vossas bênçãos maternais.

E para que esta consagração seja verdadeiramente eficaz e duradoura, renovamos hoje a vossos pés, ó Maria, as promessas do nosso baptismo e da nossa primeira comunhão.

Prometemos professar corajosamente as verdades da fé, e viver como católicos práticos, inteiramente submisso(a)s a todas as direcções do papa, e dos Bispos em comunhão com Ele.

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

Prometemos observar os mandamentos de Deus e os da Igreja, e particularmente a santificação do Domingo.

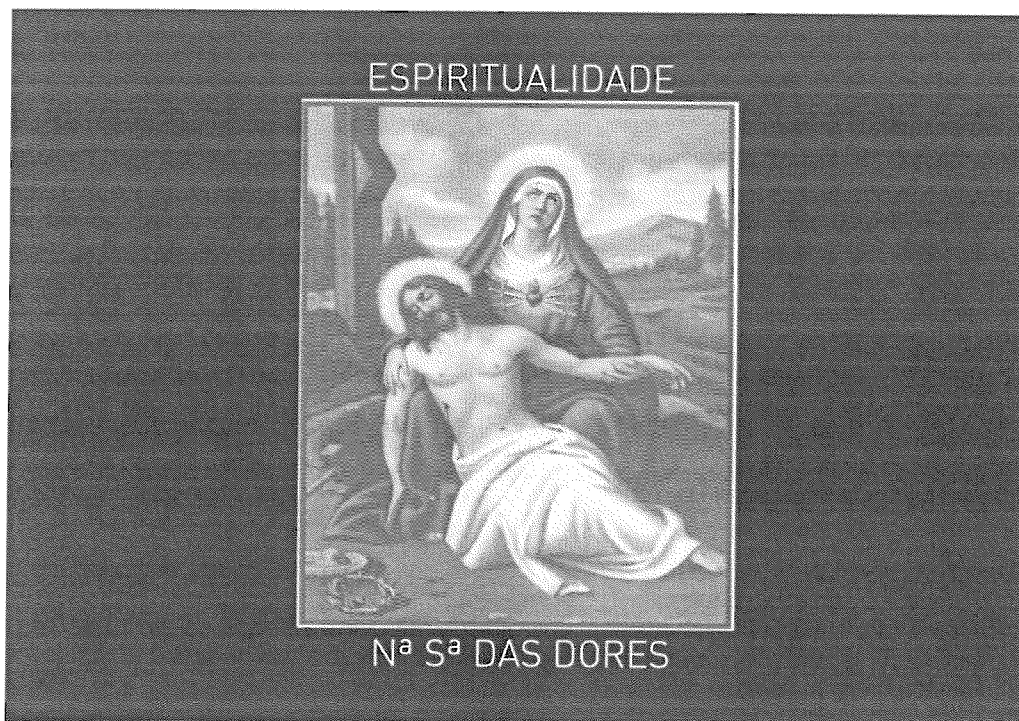
Prometemos introduzir na nossa vida, - tanto quanto possível, - as consoladoras práticas da religião cristã e , principalmente, a da Sagrada Comunhão.

Prometemos, enfim, ó Gloriosa Mãe de Deus e terna Mãe dos homens, dedicarmos-nos inteiramente ao serviço do vosso culto bendito, para acelerar e assegurar, mediante o reinado do vosso purríssimo coração, o reinado do vosso adorável Filho, em nossas almas e em todas as almas, no nosso querido País, e em todo o mundo, na terra e no céu. Amém.

Aos membros das Dores pede-se a reza diária o terço das Chagas, como meio para melhor se unir ao Senhor e dele obter perdão e conversão para toda humanidade.

Insígnias

A Espiritualidade adopta como insígia a efígie a Sexta Dor da Coroa das Lágrimas, inserta sob um fundo azul com as inscrições: Espiritualidade N^a S^a das Dores.



CÂNTICOS BENDITA SEJAIS

1. Virgem dolorosa,

2. Que duras espadas,

Espiritualidade Nossa Senhora Das Dores

Oh! Quanto penais!
Virgem magoada,
Bendita sejais.

Que duros punhais
Ferem vosso peito.
Bendita sjais.

Refrão. Bendita sejais,
Senhora das Dores!
Ouvi nossos rogos
Mãe dos pecadores.

3. Tragédia das dores,
Já vós presenciais,
No Monte Calvário,
Bendita sejais.

4. Bendita sejais.
Sem Ele ficais!
Virgem solitária,
Bendita sjais.

5. Das lágrimas ternas
Que assim derramais
Nós somos a causa!
Bendita sejais!

SE ME FALTA O AMOR

Refrão: Se me falta o amor, não me serve de nada.
Se me falta o amor nada sou.

1. Mesmo que eu dominasse as línguas estranhas e a linguagem do céu eu pudesse expressar. Eu apenas seria bronze que ressoa, se me falta o amor.
2. E se todos os bens entregasse aos pobres, e meu corpo no fogo quisesse imolar, tudo isto seria uma inútil façanha. se me falta o amor.
3. Caridade é amor que reúne e constrói, e supera os conflitos que a vida contém. Esse amor vem de Deus, leva a fraternidade, é caminho da paz.
4. Caridade é bondoso, é humilde e paciente, olha ao bem dos demais adiante do seu, esse amor é perdão realiza a harmonia- é caminho da paz.

NO SILÊNCIO TE ENCONTRAREI

Refrão: Meu Deus meu Senhor/ Meu Pai meu Amigo
Como é bom esperar em Ti na sinceridade.
Como é bom esperar em Ti.

1- Na palavra procurei, rezando saboreei.
No silêncio Te encontrei. Como é bom esperar em Ti.
Meditando eu Te buscava contemplando Te olhava
No silêncio Te encontrei, Como é bom esperar em Ti.

2- No trabalho me doava no descanso repousava.
No silêncio Te encontrei. Como é bom esperar em Ti.
Caminhando las comigo, sentado sempre estava
No silêncio Te encontrei, Como é bom esperar em Ti.

3- Um conselho nos faltava, uma ajuda encontrava.
No silêncio Te encontrei. Como é bom esperar em Ti.
Dia e noite estais comigo a cada hora ao meu lado
No silêncio Te encontrei, Como é bom esperar em Ti.

4- Obrigada oh meu Deus, obrigada meu Senhor
porque nunca me abandonas, Louvor e eterna gratidão.
Obrigada oh meu Pai, obrigada meu Amigo
porque sempre me ajudas, louvor eterna gratidão.

ÂVÉ, ÂVÉ

1-Nossa Senhora das Dores de Cabinda
Tui nata ke mama zimpassizituê
Tala kwaku massuela o o Mama ngie nkêbitû...

Âvé Maria, Âvé...
Âvé Maria.

2-Mama das Dores dê Cabinda} bis

Anexo 16: O Caminho do filho

DUAS PALAVRAS

Somos todos irmãos.

No Mundo há falta de Amor!
Precisamos do teu Amor.

No Mundo há falta de Sorriso!
Precisamos da tua Alegria.

No Mundo há falta de Paz!
Precisamos da tua Reconciliação.

No Mundo há muitos necessitados!
Precisamos da tua Ajuda!

Já descobriste que o Mundo precisa de Ti?

O mundo precisa do teu sorriso, da tua voz, da tua mão, da tua inteligência... Tu podes fazer muita coisa para tornar o Mundo melhor.

Nós precisamos de ti, para juntos, fazermos mais pela Humanidade.

Estamos nas escolas, comunidades religiosas, hospitais, repartições públicas, lares, praças... Queremos... Educar para libertar; libertar para dignificar.

Comprometer-se com a vida do irmão exige do filho o saber morrer nos projectos pessoais.

Poço medir quanto amo, quanto ajudo a libertar!
Somos arautos do Reino de Deus.

*A grandeza do teu coração está na tua capacidade de servir.
Servir é amar.*

O PROJECTO DO PAI PARA COM AS SUAS CRIATURAS É DE VIDA.

Irmãos e amados por Deus,

É com muita alegria que escrevo para todos vós, procurando comunicar-vos alguns aspectos que devem marcar toda a nossa vida como filhos do Reino. Não é um tratado de teologia nem um livro científico. É a experiência de vida nova que juntos partilhamos e que agora vos recordo para que possamos caminhar firmes num mundo onde o filho ou a filha deve procurar ser fiel ao Pai e servir, criando espaços para que o irmão possa viver..

Foi há seis anos que começamos com esta vida, reunindo, primeiramente, um pequeno grupo de crianças do Lombo-Lombo que, de imediato, gerou outros núcleos de adolescentes, jovens e adultos, membros e força, actualmente desta família.

Os entusiastas, como sempre aconteceu na história, entraram e acabaram por abandonar a família. Aos que perseveraram, dirijo esta minha carta que intitulei: "O Caminho do Filho".

Jesus apresenta-se como o caminho para todos aqueles que buscam o rosto do Pai. E os filhos do Reino são todos aqueles que aceitam a proposta de vida trazida por Jesus; são aqueles que aceitam caminhar com Jesus.

O Povo de Israel caminhou numo à Terra Prometida. Passou pelo deserto e teve fome, sede, tentações, provas. Foi um tempo difícil. No entanto, Yavé estava sempre com eles.

Maria caminhou para ir ajudar a sua prima Elisabete que se encontrava grávida. Maria caminhou para servir.

Jesus, passando por Samaria, caminhou até Jerusalém (Lc 9, 51-19, 28).

Zaqueu, pelo caminho, encontra-se com Jesus. Dialoga com Ele e muda de vida.

O Senhor ressuscitado caminha com os discípulos de Emaús. Pelo caminho, os discípulos conversam com o Senhor e Ø descobrem a partir das Escrituras e da fracção do pão. Enchem-se de alegria e O anunciam(Lc 24, 13-35).

Paulo, a caminho de Damasco, muda de vida (Act. 9, 1-30).

O caminho do filho ou da filha leva à transformação; transformar as nossas atitudes e relações interpessoais; transformar os simples gestos da vida quotidiana em momentos da presença do Reino e de vivência da própria relação profunda de um filho ou ^{de} uma filha com o seu Pai. Assim, o bem que realizamos já não é um simples acto, mas um tornar presente o Reino e a vontade do Pai nas nossas vidas.

Na vida, encontramos tentações, sede, fome, provas e tantas outros obstáculos, mas o importante é saber perseverar na amizade com o Senhor. Procurar ser obediente ao Pai, colocando toda a nossa vida nas suas mãos.

A vida do Reino é exigente, pois, quem não for capaz de carregar a sua cruz e seguir o Senhor não pode entrar no Reino. Exige de nós o morrer nos projectos pessoais para que o irmão também possa viver; exige de nós uma disponibilidade para o serviço do irmão na humildade. A vida dos filhos deve ser alimentada com a oração e os sacramentos.

Permanecem com o Senhor aqueles que descobrem o Seu Reino como fonte de felicidade para a vida; aqueles que se entregaram para serem transformados por Ele pela força do Espírito Santo. O compromisso no Reino faz-se para toda a vida.

Procuramos, nas alegrias e nas tristezas, no sofrimento, na doença e na saúde, na abundância e na escassez, ser sempre filhos do Reino. O filho ou a filha deve ser fiel ao seu Bispo, Pastor da Igreja a que pertence; deve procurar amar a Igreja; conhecê-la cada vez mais, protegê-la e servi-la para que possa crescer.

Esta carta, que denominei "O Caminho do Filho", deve ser uma ajuda para todos nós na vivência do Evangelho e no serviço aos irmãos.

Roma, 15 de Abril de 2002

O vosso irmão,

José Silveiro Sambo Mazunga, Padre.

I CAPÍTULO

COMO DEUS ANDA COM OS HOMENS

1. O PAI MOSTRA-NOS O SEU AMOR.

a) O rosto do Pai é o seu amor eterno

No decorrer da história de salvação, Deus aparece como aquele que ama. Todo o agir de Deus revela o seu amor para com a humanidade. Deus cria porque ama. Deus salva porque ama.

A realidade do amor coloca-nos numa situação de vida que a grande maioria das pessoas já experimentou – a de amar ou de ser amado. O amor produz alegria, paz, felicidade. S. João diz-nos que Deus é amor (*1Jo 4,8*); todo aquele que ama está em Deus. O amor faz-nos próximos de Deus, participantes da sua vida. É este Deus que Jesus nos revela.

Nas nossas maneiras de comunicar Deus aos irmãos, muitas vezes, a imagem que damos é de um Deus que julga e castiga. Não. A primeira e a fundamental atitude de Deus-Pai é a de amar. Deus chama-nos à vida e a uma vida de comunhão com Ele. Por isso, já no A.T. Ele escolhe um povo ao qual revela Se e liberta (*Ex 19-20*).

b) O Pai é fiel às suas promessas

Este Yavé caminha com o seu povo no deserto. Apesar da infidelidade do povo, Yavé permanece sempre fiel às suas promessas. E ao chegar a plenitude dos tempos enviou o Seu

Filho - Jesus (*Gal 4,4*). Ele é a manifestação plena do amor de Deus. Ele revela aos homens a atitude do Pai; Ele está intimamente ligado ao Pai. Por isso, Ele se torna o caminho para o Pai (*Jo 14, 6*).

c) Num caminho que escandaliza

A vida nova que Jesus traz escandaliza, incomoda aqueles que não precisam de mais ninguém. Por outro lado, esta vida é felicidade para os desprezados, marginalizados, coxos porque agora podem ter a dignidade de pessoas. A presença do Reino na pessoa de Jesus escandaliza (*faz-se filho de Deus; perdoa os pecados, come com os pecadores...*). Jesus, na relação com as pessoas, não coloca em primeiro lugar as normas religiosas vazias de amor e carregadas de legalismo, mas sim a capacidade de a pessoa acolher o Reino e de estar no caminho da conversão (*Jo 8, 1-11; Lc 19, 1-10*).

2. O TESTEMUNHO DO FILHO

a) A certeza de ser amado pelo Pai

A vida do filho deve alicerçar-se na certeza de ser amado por Deus com um amor e uma amizade de Pai. Ele nos ama não pelos méritos das nossas obras, mas porque Ele é amor. Ele olha para o seu filho com afecto. Esta certeza de sermos amados nos torna felizes. E somente esta descoberta de sermos amados pode fazer-nos progredir na oração e no caminho da conversão; somente este amor pode levar-nos a aceitar o seu reinado nas nossas vidas.

Sim, é este amor do Pai que sinto e que me faz voltar à casa d'Ele (*Lc 15, 11-32*).

Quem perde a relação com o Pai perde a sua dignidade.

Porque o estar longe do Pai cria no coração do filho um vazio. Só quem estiver no caminho da vida pode sentir-se feliz. Jesus é o Caminho e a vida. A atitude do Pai é sempre a do acolhimento. Deus nunca rejeita as suas criaturas. Todo aquele que volta a casa do Pai é recebido por Ele. Aí está a misericórdia do Pai, a grandeza do seu amor.

b) Estar com o Pai e escutá-l'O

O filho ou a filha do Reino terá como preocupação primordial o estar sempre na presença do Pai. Isto será possível somente com a oração e a escuta da Palavra. O estar próximo do Pai e escutá-l'O será sempre uma das atitudes fundamentais do filho ou da filha do Reino. Este proceder deve brotar do reconhecimento do amor gratuito do Pai. Se não estiver com o Pai e escutar a sua voz como pode o filho ou a filha cultivar uma vida de amizade com o Pai? Como poderá seguir a sua Palavra se não a escuta? Para que o ramo tenha vida e dê bons frutos é preciso que esteja ligado ao tronco. Assim será a vida da filha ou do filho.

c) Filhos do mesmo Pai, chamados à mesma dignidade

O reconhecimento de sermos filhos do mesmo Pai, irmãos uns dos outros, chamados à mesma dignidade e à comunhão de vida deve levar o filho a construir o Reino de Deus; um mundo onde os irmãos encontram um espaço para viver e não mais subjugados pelas injustiças, e ganâncias que causam o maior escândalo neste mundo. Como posso dizer 'Pai nosso' senão aceito o outro como irmão? Se temos o mesmo Pai, devemos procurar viver como irmãos que se amam.

Quando o mundo procurar honras, ganâncias de poder para se fazer valer diante dos marginalizados e dos que sofrem toda a espécie de padecimento humano, a vida do filho será de

disponibilidade para que o meu irmão tenha vida e vida em abundância.

Quando o mundo procurar só para si, e vive na surdez ao clamor do irmão, a atitude do filho será a de partilhar a alegria e a vida porque o meu irmão também é digno da vida na casa do Pai.

II CAPÍTULO

ELEMENTOS ESSENCIAIS DO REINO (sua preparação)

1. A RELAÇÃO DO POVO DE ISRAEL COM YAVÉ

A eleição, a aliança, a lei e a terra são quatro aspectos importantes que marcam fortemente a relação do povo de Israel com Yavé.

a) A eleição

Deus escolheu o povo de Israel para com ele começar a história de salvação da humanidade. A eleição do povo de Israel é um dom de Deus; é a manifestação do amor gratuito de Yavé. Com este povo Yavé fez uma aliança eterna (Dt7,6-8). A eleição exige que somente Yavé seja adorado como Deus Verdadeiro. Israel devia deixar os outros cultos pagãos e colocar toda a sua confiança em Yavé, porque Ele é um Deus ciumento. A partir deste povo, a salvação chega aos confins do universo; todos os povos são chamados à santidade; à uma vida de comunhão com Deus. São eleitos de Deus todos aqueles que aceitam a vida nova trazida por Jesus Cristo.

b) A aliança

A história da criatura humana é um caminho de aliança com Deus. Deus está presente na vida do seu povo e promete ser fiel à sua aliança (Gn17, 3-8).

Os grandes momentos da história do povo de Israel foram marcados pela sua relação com Yavé. Israel, quando se sentisse no desespero, gritava pelo Senhor da vida, pois Ele é um Deus que escuta os clamores dos seus filhos e defende a vida dos seus filhos. A aliança é a garantia da vida do povo. Yavé procura que Israel não mais repita a história do Egípto e da Babilônia, porque Ele fez uma aliança com o seu povo. A aliança de Yavé é eterna.

No entanto, nem sempre Israel foi fiel à aliança. Rompeu-a e destruiu a vida. Mas o Deus da vida nunca abandonou o seu povo. Yavé permanece sempre fiel. Constituiu reis para estarem com o seu povo. Mas também estes nem sempre souberam conduzir o povo. Começa então a esperança num messias que Yavé vai enviar para conduzir o seu povo. Os profetas anunciam que Yavé quer a vida e não a morte (Ez 18, 32); denunciam o comportamento daqueles que converteram a terra de todos em propriedade pessoal; daqueles que só a força os garante e que transformaram o poder (até religioso) numa espada de opressão, de morte e de destruição da verdade e da vida. O poder deixou de ser serviço para a vida dos irmãos. Cresce o desespero na confiança em reis mundanos. Só Yavé pode salvar o seu povo.

A realza de Yavé é esta capacidade que Ele possui de intervir na história e na vida das pessoas. Deus pode mudar o percurso da história em favor do seu povo. Ele próprio vai reinar no meio do seu povo para o conduzir pelo caminho da vida. O caminho da vida leva-nos à justiça, à paz; a assumir a vida do irmão marginalizado, desprezado e esmagado pelo peso da discriminação. Este caminho leva-nos à cidade da vida onde não haverá mais pranto, nem choro, nem guerra, nem violência, nem morte (Is 60, 17-18). Deus promete e realiza, pois Ele é a fonte da vida (Sl 36, 10) e a vida plena manifestou-se em Jesus.

c) A lei

A lei faz parte da história e da religiosidade do povo de Israel. Deus fez uma aliança com o povo de Israel e deu-lhe uma lei. A lei (torá) serviu de ensinamento e de guia para o povo. Israel sentia-se feliz e orgulhava-se na presença dos outros povos porque tinha uma lei recebida de Yavé. Esta lei os tornava felizes. *“Escuta Israel! O Senhor é nosso Deus; O Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos que hoje te imponho estarão no teu coração. Repeti-los-ás aos teus filhos e reflectirás sobre eles, tanto sentados em tua casa, como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar. Atá-los-ás, como símbolo, no teu braço e usá-los-ás como filactérias entre os teus olhos. Escrevê-lo-ás sobre os ombreiras da tua casa e nas tuas portas”* (Dt. 6,4-9).

d) A terra

Yavé é fiel às suas promessas. No entanto, o povo de Israel faz a dura experiência do êxodo. O êxodo é a experiência da libertação; a saída da terra da escravidão para a terra prometida. Aí Yavé mostra a sua fidelidade; Ele é um Deus que ama a justiça e que cumpre com o que promete. O povo faz também a dura experiência do deserto onde encontra fome, sede, a dor. O povo faz a experiência da libertação (Ex.3; 24; 32ss). Depois de uma longa experiência, entra na terra prometida.

2. O CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO DO FILHO

a) A consciência de ser eleito

Assim como Deus escolheu Abraão, Isaac, Jacob; assim como Deus escolheu Amós, Ezequiel, Jeremias; assim como Deus escolheu Maria, José; assim como Deus escolheu Pedro, João, Mateus, Bartolomeu, Paulo e tantos outros, Deus te escolheu para contigo fazer uma aliança, uma caminhada.

A eleição exige de nós a consciência de sermos escolhidos por Deus para sua propriedade; nós já não somos nossos, somos de Deus, para o serviço dos irmãos.

Deus escolheu-nos para o seu Reino, para o seu serviço. Resta ao coração do (a) filho (a) aceitar esta eleição.

A eleição exige de nós fidelidade. No dia da nossa promessa, na presença da comunidade nós prometemos a fidelidade à aliança de Deus na nossa vida.

A eleição exige de nós um empenho pessoal para o testemunho na vida concreta. No mundo de hoje, encontramos muitos obstáculos para testemunhar a nossa eleição de filhos amados por Deus. A nossa grande interrogação deverá ser sempre esta: O que estou a fazer é o que Deus quer de mim?

b) O filho ou a filha no deserto da vida

Paulo percorre o caminho de Damasco. Enquanto caminha, uma luz forte aparece e cai por terra. A partir daquele momento, Paulo já não vê. Procura recuperar a vista e converte-se. (Act 9). Zaqueu, no encontro com Jesus que passa, muda de vida. O nosso encontro com Jesus transforma a nossa vida.

O filho assumiu a vida nova de Cristo pelo baptismo e mais ainda com a sua promessa pública.

Quando o filho ou a filha faz a sua promessa pública é filha ou filho do Reino para sempre; para toda a vida.

Deus escolheu-nos como filhos eleitos e conosco quer levar a salvação até aos confins da terra. Por isso, faz uma aliança conosco. A sua aliança é eterna.

O deserto é o lugar de provas, dor, luta, purificação, maturidade, sofrimento, sede, fome e de tentações. Jesus também fez a experiência do deserto, mas venceu (Mt 4, 1-11; Lc 4, 1-13; Mc 1, 12-13).

O filho é chamado a fazer a mesma experiência: passar pelas provas duras da vida; pelo deserto das tentações onde encontra fome e sede. Somente aqueles que perseveraram podem ultrapassar o deserto da vida e entrar na terra prometida onde corre água e mel.

As provas fazem parte da vida; o deserto faz parte da vida. O importante é não desanimar na dura caminhada. Por parte nossa, é difícil a fidelidade à aliança, mas Deus permanece sempre fiel e protege o seu povo, os seus filhos. É importante descobrir a presença silenciosa de Deus que age nos momentos difíceis da nossa vida.

III CAPÍTULO

CRISTO: A FACE DO REINO DE DEUS

1. O PROJECTO DO PAI É DE VIDA.

a) A manifestação da vida em Jesus.

Deus quer a vida para todas as suas criaturas. O seu projecto é de vida. E a vida se manifestou em Jesus Cristo (*1Jo 1, 2*). Ele é a nossa vida (*Cl 3, 4*). Deus cria porque ama e cria para a vida. A nossa história de salvação começa no paraíso, onde encontramos a árvore da vida (*Gn 2, 9*) e termina no paraíso celeste onde a morte foi vencida (*Ap. 21, 4*). Por isso, não é em vão que Marcos apresenta Jesus no início da sua missão proclamando o reinado de Deus (*1,15*). Jesus com o seu reinado exprime o que é preciso fazer e a relação do filho com o Pai.

O Reino de Deus não é uma realidade geográfica ou política, mas transforma a realidade social injusta; transforma as reacções entre as pessoas. Deus muda a história da humanidade. Por isso, será difícil para Pedro (e tantos outros), mesmo andando com o mestre, compreender esta realidade. Num primeiro momento, foi difícil para os discípulos de Emaús compreender a missão do Messias (*Lc 24, 13-35*).

O Reino de Deus é a presença da vida no meio dos homens. Jesus manifesta a vida, o amor do Pai para com as suas criaturas. Ele é a revelação plena do rosto do Pai (*Heb 1,1-4*;

Jo 14, 1-14). Todo aquele que aceita Cristo Jesus está sob o influxo do Espírito Santo e a graça de Deus está nele. Aceitar Jesus é colocar-se sob o reinado de Deus, é caminhar segundo o Espírito. E todo aquele que acredita n'Ele tem a vida eterna (*Jo 11, 25*).

b) Reconciliados com o Pai

Cristo reconciliou-nos com o Pai. Com o pecado dos nossos primeiros pais, nós perdemos a vida da graça; perdemos a felicidade. No entanto, Deus não abandona as suas criaturas, apesar da aliança que haviam quebrado. Yavé permanece fiel às suas promessas.

Jesus Cristo é a nova aliança de Deus com a humanidade. Yavé envia o Seu Filho para a nova vida. Diante da pessoa de Jesus, as reacções são diferentes: uns aceitam a sua mensagem; outros a rejeitam; outros até o matam. Basta lermos os evangelhos e vermos o que aconteceu com Jesus no seu contacto com as pessoas.

Jesus reconciliou-nos entre irmãos e nos reconciliou com o Pai.

Ele tem o poder de perdoar os pecados (*Mt 9, 3-7*; *Lc 7,48-49*). Todos aqueles que aceitam com fé o caminho de Jesus recebem o perdão dos pecados, são reconciliados com o Pai. Cristo realiza a reconciliação entre os irmãos e com o Pai. As criaturas que estavam mortas pelo pecado agora vivem pela graça.

Por isso, S. Pedro nos diz: "Vós, porém, sois linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido em propriedade, a fim de proclamardes as maravilhas daquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável; a vós que outrora não éreis um povo, mas sois agora povo de Deus, vós que não tínheis alcançado misericórdia e agora alcançastes misericórdia" (*1Pe 2, 9-10*).

2. O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO DO FILHO

a) O filho ou a filha como presença de reconciliação

A nossa atitude normal seria aquela de responder de igual modo àquele a quem nos ofende. Jesus vem com a sua nova lei e ensina ao filho ou à filha do Reino a corresponder com o bem ao mal que nos é feito. Não é nada fácil este modo de pensar e de agir.

Na comunidade, a filha ou o filho deve ser capaz de se tornar uma presença de reconciliação quando houver contendas entre irmãos. No entanto, o fará com muita prudência e ponderação. A nossa presença não pode ser aquela de fomentar contendas, desavenças entre irmãos. É exigida ao filho ou à filha a máxima discrição e delicadeza na abordagem de alguns assuntos.

b) Ser capaz de perdoar e amar sempre

Em Cristo não há barreiras entre os irmãos. Todos somos irmãos porque temos o mesmo Pai. Entre os filhos, não há '*judeus nem gregos*'. Todos formamos uma só família: a família dos filhos do Reino.

O filho é chamado a ser presença de paz e de reconciliação. A filha ou o filho deve levar o perdão entre os irmãos. (Mt5, 14-15; Lc 11, 4; 2Cor 2, 5-11). No bairro, no serviço, na comunidade não é fácil perdoar a quem nos faz mal. No entanto, o ser filho ou filha leva a esta atitude de perdão e de amor sem limite ao irmão. É este Amor-Jesus, é este Perdão-Jesus que, em toda a sua vida, proclama a vida nova.

O filho ou a filha deve ser capaz de perdoar e de amar o seu irmão como o Senhor fez. Ele amou os que estavam no

mundo, amou-os até ao fim. O extremo do amor de Jesus é a doação da sua vida por nós (Jo 15, 9-17; Mc 14).

Assim como para Pedro não foi fácil a mudança de mentalidade, assim é para muitos de nós. A compreensão da realidade do reinado do Deus em nossas vidas exige tempo, mas sobretudo a aceitação da força do Espírito que transforma a nossa vida.

Pelo baptismo, recebemos a vida nova e somos chamados a caminhar conforme a graça que recebemos (Rm 6, 4) e a entregar os nossos membros como armas da justiça, ao serviço de Deus (Rm 6, 13).

IV CAPÍTULO

O QUE É SER FILHO DO REINO

1. QUEM PODE FAZER PARTE DO REINO DE DEUS?

a) Todos são convidados para o Reino

Jesus a caminho de Jerusalém, alguém lhe colocou esta interrogação: “Senhor, são poucos os que se salvam?”. Jesus respondeu-lhes dizendo somente: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita” (*Lc 13, 22-24*). Jesus oferece o seu amor a todas as criaturas. Ele dá a todos a possibilidade de entrarem no seu Reino. Porém, tal possibilidade não exclui que Jesus se dirija directamente a determinados grupos como é o caso dos pobres: “Fui enviado para anunciar a boa nova aos pobres” (*Lc 4, 18; 7, 22; Mt 11, 5*). Jesus proclama felizes os pobres, porque deles é o Reino de Deus (*Mt 5*). Estas palavras são fundamentais para compreender a realidade do Reino de Deus em Jesus.

b) O Reino é dos pobres de Yavé

No entanto, é de extrema importância que o filho do Reino entenda bem o sentido de pobreza. De que pobres se trata? São aqueles que necessitam de alguma coisa fundamental para as suas vidas; são os desprezados pela sociedade, os pecadores, os publicanos (*Mt 11, 19*); são os marginalizados nas relações sociais; àqueles a quem foram negadas as possibilidades de viver dignamente e que levam uma vida duríssima de falta de emprego, alimentação, luz e água; falta

de possibilidade de estudar; àqueles a quem o oikòs (casa), expressão fundamental de vida, lhes foi negado pelos que podem e determinam a economia e o destino de muitos neste mundo; são os que choram, os prisioneiros, os que têm fome e sede de justiça, os esmagados pela violência, os enfermos; são os que carregam o chizitu (peso) da vida.

Estes são os primeiros destinatários da mensagem do Reino. A todos Deus os defende e ama porque o Reino de Deus fundamenta-se na vida e na dignidade de todos sem distinção de raça, cor, sexto, tribo, língua, povo ou nação.

c) Ser do Reino de Deus é aceitar a vida de Jesus.

Todo aquele que aceita a proposta de vida nova trazida por Jesus Cristo pode entrar no seu Reino. Todo aquele que sentir a necessidade de Deus na sua vida e aceitar que Yavé reine, oriente a sua vida, este pode entrar no Reino de Deus.

O Reino de Deus é uma oferta, uma graça, um presente de Deus aos seus filhos. No entanto, podíamos colocar a interrogação: Qual é a primeira condição para entrar no Reino de Deus? O Reino exige da parte do filho a conversão. A conversão é a primeira condição para a entrada no Reino de Deus.

d) A obediência ao Pai leva-nos ao Reino

Uma outra virtude não menos importante para a entrada no Reino é a obediência. Quem não obedece à voz do Pai não pode estar em sua casa. A obediência leva-nos a descobrir a nova família formada já não pelos laços sanguíneos, mas pela mesma fé em Yavé que cria e salva. E esta fé que leva o filho a erguer os olhos em cada manhã e a dizer: “*Venha a nós o vosso Reino, seja feita a tua vontade*”. Não há coisa maior na

vida do filho que desejar a presença do Reino em cada dia da sua existência, porque o Reino é vida.

2. O TESTEMUNHO DO FILHO DO REINO.

A nossa interrogação continua a ser a mesma: Senhor, quem pode ser filho ou filha do Reino?

É filho ou filha do Reino (Mt 13, 38) aquele que aceita a proposta de vida trazida por Jesus Cristo; aquele que aceita o reinado de Deus na sua vida; aquele que é:

a) Transformado pela força do Espírito que santifica

O ser filho do Reino não se confunde com as práticas religiosas: ir todos os dias à missa; rezar o terço; fazer as orações do (a) filho (a); estar sempre presente nos encontros. Tudo isto já é muito bom, mas não basta. É preciso uma mudança da mente, um deixar-se transformar pela força do Espírito que santifica.

b) Atento ao clamor do irmão

O ser filho do Reino implica estar atento à vida do irmão para servir, pois o Senhor virá e poderá dizer-te: "Não vos conheço"; ou ainda: "Afastai-vos de Mim". (Mt 25, 12.41). É verdade que Deus transforma a história, mas o filho deve fazer um esforço de obediência à vontade do Pai: que o coração de pedra se transforme em coração de carne (Ez 36, 26).

c) Empenhado na transformação social

O ser filho do Reino implica esforçar-se pela transformação da sociedade onde o lobo e o carneiro passam a comer juntos; a espada é transformada em enxada e a guerra em

paz (Is 2, 4; 11, 6); e que a justiça seja possível para todo o irmão (Is 65, 17-21). O Reino exige de nós o carregar todos os dias a nossa cruz e assumir o caminho do calvário até à ressurreição. Pois Ele próprio o diz: *O meu Reino não é deste mundo*. A transformação não passa pela multidão, mas pela actuação pessoal do filho ou da filha. A filha ou o filho não espera pela multidão (Jer.31,31).

d) Testemunha de esperança e de vida nova

O filho do Reino testemunha a *vida nova (Rm 6,4)*, a esperança para aqueles que caminham desesperados e esmagados pela realidade caduca que oprime e destrui a vida humana. O filho deve ser capaz de dizer ao irmão que, apesar de tudo, há uma esperança numa vida melhor, porque o nosso Deus é um Deus da vida; ele é fiel às suas promessas.

Ser filho (a) também significa reconhecer que tem um Pai a quem deve obediência à sua vontade. Assim viveu Jesus: "Obediente até à morte e morte de cruz" (Filp 2,8).

Reino e ser, verdadeiramente, filho do Reino. Uma pessoa pode estar no grupo dos filhos e não ser filho do Reino. Não é filho do Reino porque não se coloca no caminho da conversão. Para ser filho (a) é preciso caminhar com Jesus, escutar a sua voz, comprometer-se com a vida do irmão e aceitar o caminho da cruz para a conversão, a vida nova. O bom para o filho é pertencer ao grupo e ser filho (a) do Reino. Cada dia o filho deve ressuscitar para a vida nova.

b) O empenho na justiça e na paz

O encontro com Jesus leva o filho a abandonar a justiça farisaica. Pois, não é possível estar na dinâmica do Reino de Deus com uma mentalidade caduca, onde na vida só vale a lei vivida exteriormente para exibicionismo. Não se trata de puritanismo, desprezando os outros, considerando-se o juiz do irmão. Se o filho subesse quanto precisa para a sua conversão, não teria tempo para as fofocas que o afastam do Reino. O empenho na justiça exige de nós o dar a cada um aquilo que merece para a vida. Se não reinar a justiça, a paz não será possível.

c) Presença de perdão e de reconciliação

Onde estiver, o filho saberá levar o perdão a quem lhe ofender para que o Reino esteja presente. Não é fácil perdoar ou pedir perdão. Só é possível com a graça de Deus. Nos bairros, nas comunidades de oração e de partilha encontramos irmãos em contendas. A nossa atitude mais cômoda é aquela de olhar passivamente ou de instigar a continuarem separados pelo ódio e vingança. É ali, onde, com ponderação, o filho há-de trabalhar para reconciliar os irmãos. O coração do filho não pode continuar tranqüilo enquanto estiver zangado com o irmão.

d) Ser humilde e saber morrer nos projectos pessoais

Uma das atitudes não menos importantes na vida da filha ou do filho é a humildade. Esta virtude não é sinónima de cobardia, de aceitar tudo. Não. É ser capaz de morrer nos seus projectos pessoais para que os outros também possam viver; é saber calar-se, muitas vezes, quando o desejo do coração é partilhar de uma conversa entre amigos ou amigas que não edifica a vida. Quando o mundo apresenta a ganância, o poder, a prepotência como sinais de glória e de felicidade, a filha ou o filho será capaz de ter um coração manso e humilde como a criança no colo de quem a protege. Tudo isto exige da filha ou do filho uma nova maneira de pensar e de agir.

e) A vivência das bem-aventuranças

S. Mateus (5, 1-20) mostra-nos claramente que a descoberta do Reino leva-nos à novas atitudes de vida. Aqui encontramos o resumo da nova lei do Reino. Só os que vivem nesta nova lei serão capazes de construir um novo céu e uma nova terra. Por isso, são felizes porque acolheram este dom. Mas quem são estes? São aqueles que reconhecem em suas vidas uma pobreza interior e que necessitam de Deus para os salvar; são os que choram, os que vivem na esperança de terem alguém que enxugue as suas lágrimas (Ap. 21, 4; Is 61, 2); são os que têm fome e sede de justiça, aqueles que trabalham por uma vida melhor entre os irmãos; são os simples, os mansos, os que trabalham pela paz e não pela destruição silenciosa e sistemática da vida do irmão; aqueles que são capazes de estender a sua mão ao irmão depois de tantas zangas; os que são perseguidos e que sofrem humilhações por causa do bem comum. A todos estes Yavé dá como herança a terra prometida - Jerusalém celeste. Estes são grandes no Reino.

f) Servir e partilhar sem discriminações

No nosso mundo ainda encontramos muitos irmãos que são levados ao calvário pela ganância, arrogância, injustiça, mentira e pelo egoísmo. Tudo isto porque os homens fabricam ídolos para adorarem e abandonam o Deus da vida. Hoje, na vida da filha ou do filho, torna-se urgente a luta constante contra tais ídolos. Todas as vezes que o homem ou a mulher abandona o Deus da vida destrói a sua própria vida e aquela do irmão (*Rom 1, 25-32*).

Em muitos lugares do nosso mundo (nos hospitais, nas repartições públicas...) para a pessoa ser acolhida olha-se primeiramente para a cor, o sexo, a raça, a língua, a religião ou o statu social. O Reino leva o filho ou a filha a tratar a todos por igual.

A descoberta do Reino leva-nos a partilhar a vida com o irmão. O filho ou a filha não pode manter-se tranquilo, indiferente enquanto o seu irmão padece com o peso da vida. Por isso, resulta difícil para quem não chora com os que choram e alegra-se com os que se alegram compreender as fraquezas, as tristezas e as alegrias do irmão. Terá sempre uma das atitudes negativas: ou a de inveja pelo bem estar do outro ou a de zombar-se do irmão pelas suas fraquezas. Nenhuma dessa será atitude do filho que descobriu a realidade do Reino em sua vida, ou ainda de indiferença diante do clamor do irmão.

VI CAPÍTULO

OS SINAIS DA PRESENÇA DO REINO DE DEUS NO MUNDO

1. A PRESENÇA DO REINO É VIDA PARA TODOS

a) A vida nova para os marginalizados

A chegada do Reino de Deus faz ressurgir a vida para os que andam na morte. Todo o agir de Jesus situa-se nesta dinâmica da chegada de uma vida nova. Por isso, Lucas diz que a chegada do Reino de Deus traz consequências para a vida das pessoas: "*Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a boa nova é anunciada aos pobres*" (*Lc 7, 22*). Jesus cura e dá a possibilidade de participação na vida social. Ele coloca de lado todas as tradições humanas que vão contra a vida.

b) A dor do irmão partilhada

Os sinais da presença do Reino são sinais de vida. Jesus realiza milagres porque se sente comovido pela dor do irmão. Ele chora por causa da morte do seu amigo Lázaro (*Jo 11, 1-14*); escuta o clamor do cego: "Tende piedade de mim" (*Mt 20, 29-38; Lc 17, 13*).

c) A esperança na vida

O Reino de Deus é a presença do amor de Deus. Quando tudo parece sem futuro e a morte nos invade, Deus tem poder de suscitar vida nova no meio da morte, porque ele é o fundamento da vida e da esperança. Pois Ele próprio diz: "Introduzirei em vós o meu espírito e vivereis" (Ez 37, 14).

No meio de tanta angústia, desespero, sofrimento, morte, vida sem sentido, Jesus diz-nos: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, mesmo que tenha morrido, viverá" (Jo 11, 25). A primeira palavra de Deus sobre as suas criaturas é a vida; a última palavra de Deus sobre as suas criaturas é a vida. Toda a história da humanidade está marcada por este projecto de vida que o Pai tem para com os seus filhos.

2. O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO DO FILHO

a) O renascimento da fé e da confiança

S. Marcos, no seu evangelho, apresenta-nos um dado muito importante para a vida da filha ou do filho: a fé (9, 23; 11, 22s). Para reconhecermos que Deus age no meio do seu povo é preciso a fé. Só se aproxima de Jesus para ser curado quem tiver fé. "Jesus, filho de David, tende piedade de mim", "Salva-nos Senhor, porque perecemos" todos estes gritos de dor, de angústia e de desespero que ainda se fazem ouvir nas ruas, nos lares, nas repartições de serviço, nas escolas... Ma a fé neste Deus da Vida abre novos horizontes para o irmão que se sente destruído pelo chizitu (*peso*) da vida. Quando tudo parece perdido, sem possibilidades de recuperação, Jesus vem e diz-te: *Levanta-te e anda*; ou ainda: *Foi a tua fé que te salvou. Vai e estás curado*.

A vida da filha ou do filho do Reino deve ser uma presença de esperança para o irmão que sofre, que geme na dor. Da boca de um filho ou de uma filha não podem sair expressões como: "Se não fosse eu a ajudar aquela pessoa, não sei o que seria dela!" É Deus que se serviu de ti para o bem do irmão. Só fizeste o que devias fazer. É feio a comunidade receber a *publicidade* do teu bem feito. A presença do filho ou da filha deve ser humilde e silenciosa no fazer o bem, no servir.

Trabalhar sem tornar as pessoas dependentes de nós. Trabalhar para o Reino sem esperar recompensas humanas, honras humanas. Só Deus nos pode recompensar pela nossa doação ao Reino.

b) A libertação de tudo o que destrui a vida

Os sinais da presença do Reino de Deus são sinais de vida, de libertação, porque a chegada do Reino é a possibilidade que Deus oferece ao homem para viver numa sociedade de fraternidade, de solidariedade, de justiça; é a possibilidade de construir uma sociedade nova baseada na lei suprema da edificação da vida.

Em Lucas 7, 22 está fundamentada a espiritualidade do filho ou da filha do Reino. Jesus fica comovido com a dor e o sofrimento do seu povo. Os milagres realizados por Ele são sinais da presença do Reino; são sinais de esperança de libertação. Sim, é possível uma vida nova, uma vida de felicidade.

Aceitar o reinado de Deus em nós implica uma luta permanente contra o anti-reino. Hoje, o milagre do filho deve ser realizado diante de tudo aquilo que escraviza e destrói a vida do irmão. Daqui brota a espiritualidade de disponibilidade para o serviço em favor da vida do irmão, porque se a semente não morrer não pode germinar para dar vida nova; se o filho ou a filha não for capaz de morrer nos

VII CAPÍTULO

seus projectos pessoais, não haverá vida para os outros. Não é fácil colocar-se ao lado dos mais desfavorecidos, daqueles que precisam de viver, sobretudo quando a grande maioria da sociedade, com a sua maneira de ser e de agir grita: "Crucifica-o! Crucifica-o". (Lc 23, 23).

A VIDA DO FILHO

1. PROCURAR VIVER COMO FILHO DO REINO

a) Todos os dias realizar uma obra como sinal da presença do Reino

Em cada dia, o filho há-de procurar realizar pequenos sinais da presença do Reino na sua vida e na sociedade onde estiver. Nenhum filho ou nenhuma filha do Reino pode terminar o dia e descansar tranquilo sem se interrogar: *Hoje, qual foi o sinal da presença do Reino na minha vida?* Sim, o Reino é como o grão de mostarda, a mais pequena semente que se torna a maior árvore na horta. São os pequenos sinais de vida que constróem, realizam a nossa existência. Por isso, o filho ou a filha não procura fazer grandes coisas para espantar o mundo que o rodeia. Isto seria exibicionismo.

O filho ou a filha procura trabalhar na simplicidade, na discrição, seguindo o ensinamento do Mestre. O importante para o filho ou a filha é saber escrever o seu nome no coração das pessoas que tanto deve servir e amar. A presença do filho ou da filha será de serviço para que os outros possam também viver.

Hoje, tu és o sinal da presença do Reino que Jesus coloca no caminho doloroso do irmão para que possas ajudá-lo a levar a cruz.

b) O serviço e a partilha numa atitude de humildade

Os discípulos ficaram fascinados com a vida de Jesus e seguiram-n'O.

Caminhar com Jesus exige deixar tudo, isto é, ser capaz de colocar como valor supremo o reinado de Deus em mim. Assim aconteceu na vida dos apóstolos e continua a ser o itinerário de todo o discípulo de Cristo.

A espiritualidade do filho deve fundamentar-se na disponibilidade para o serviço do irmão; na partilha e na humildade. Diante da fome e da impossibilidade de alimentar numerosa multidão, a primeira reacção dos discípulos é a de mandarem embora a multidão para comprar alguma coisa de comer. No entanto, Jesus opõe-se e diz: "Dai-lhes vós de comer". (Mc 6,36ss). A atitude dos discípulos é a mais fácil para todos nós: mandá-los embora.

Para Jesus, o importante não é o muito para dar, mas o saber partilhar e servir. Qual é o coração com que se partilha o que se tem? O pouco que temos é muito para Jesus. Ele pode fazer milagres com o pouco que possuímos. Basta apresentares o que tens a Jesus. Por isso, Ele apresenta-nos um programa de vida: as Bem-aventuranças (Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-26). Jesus proclama a felicidade e a posse do Reino que resultam não dos valores que a sociedade tornou ídolos adoráveis, mas o contrário.

c) Os pensamentos dos homens e os desígnios de Deus

A vida do Reino traz consigo uma mudança de categorias mentais, de hierarquia de valores. A sociedade proclama como valores: o dinheiro, o poder, a honra, a força. Jesus proclama como beato o homem ou a mulher que, no seu caminho para o Pai, coloca como valor da vida a pobreza, ou

seja, Yavé como único Senhor da vida; só a Ele se deve adorar. A maneira de pensar dos homens é diferente daquela de Deus.

Assim, os que choram são consolados, porque òs lágrimas, a dor e a morte do meu irmão ou da minha irmã também me fazem sofrer.

Por isso, a presença de um filho ou de uma filha num óbito não é para um café ou para exibicionismo de cantar e de fazer orações longas, mas sim de consolar, de partilhar a dor do irmão e de dar esperança em uma vida nova. É esta presença humilde, silenciosa e de serviço que edifica a família. É difícil para o filho porque a lógica de Deus é diferente daquela do mundo.

d) Quem é grande no Reino?

Os discípulos a caminho com Jesus, discutiam entre eles sobre quem seria o primeiro entre eles. Jesus, escutando a conversa deles, disse-lhes: "Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servo de todos" (Mc 9, 33-37; Lc 9, 46-48; Jo 13, 20). A grandeza do filho está na sua capacidade de servir ao irmão, de criar espaços para que o irmão também possa viver.

A grandeza no Reino consiste em ser como criança, simples, humilde e confiante (Mt 18, 3-5). No Reino o poder é serviço (Mt 20, 20-28; Lc 22, 24-30). Por isso, todo o encargo assumido na vida do filho, quer dentro da associação quer fora, será sempre assumido com o espírito de serviço ao irmão.

c) A obediência ao Pai como fonte de fidelidade

A vida do filho e da filha do Reino só é possível na fidelidade a Deus e ao irmão. E a fidelidade só é possível se for baseada numa atitude de obediência à voz do Pai e se o filho ou a filha se deixar conduzir pelo Espírito que dá a vida. Tudo aquilo que coloca a vida do filho em perigo será rejeitado no caminho do filho.

O agir do filho brota da experiência que tem da sua relação com o Pai e que o leva a entregar toda a sua vida das Suas mãos. Quando tudo parece impossível, o filho ou a filha será capaz de dizer: '*Pai nas tuas mãos entrego o meu espírito*' (Lc 23, 46). Este grito só pode sair dum coração que já experimentou Deus na sua vida. É um acto de confiança, de entrega total ao Pai.

f) Viver para servir e partilhar a vida com o irmão

A mensagem do Reino leva a filho ou o filho a um compromisso na vida; leva a filha ou o filho a trabalhar pela transformação da sociedade, até que Jesus reine na vida do irmão; leva a filha ou o filho a comprometer-se com a vida do irmão. Daí nasce a estruturação e os serviços na AFIR (Associação dos Filhos do Reino).

2. O TESTEMUNHO DO FILHO

a) Ser de Jesus, com Jesus e para Jesus.

Todo o itinerário da espiritualidade do filho ou da filha do Reino baseia-se nestas três passagens: Lc 7, 22 ; Mt 5, 1-7; Mt 11.

A vida da filha ou do filho é:

- De abandono nas mãos do Pai. Esta confiança renova no filho a esperança de uma vida nova;

- Feita de pequenos sinais da presença do Reino. Ou seja, ser capaz de assumir a vida do irmão nos momentos de dor e de alegria; procurar ser sempre presença de vida para o irmão;

- De empenho pela transformação das estruturas que destroem a vida do irmão. A indiferença e a cobardia são sinais evidentes da não presença do espírito de Jesus no coração da filha ou do filho. O filho é chamado a preocupar-se pela terra onde vive; a desejar os novos céus e a nova terra onde reina a paz e a justiça. A pobreza cultural e material, a pobreza intelectual e a pobreza espiritual são formas de não dignidade da pessoa humana.

- De proclamação dos valores do Reino. São, entre tantos, valores do Reino: o colocar Deus acima de todas as criaturas, a justiça, a paz, a liberdade, a dignidade da pessoa humana; a humildade, a oração, a capacidade de partilhar a vida e de sentir a dor do irmão;

- Uma vida de solidariedade; uma vida que leva o filho ou a filha a estar sempre com o irmão, pois caminhar sozinho ninguém consegue. Só na fraternidade, na amizade e na partilha se pode construir o mundo de paz e de justiça;

- Uma vida onde a cruz é assumida como sinal de entrega total para o bem dos irmãos. Pois, onde a vida é sacrificada, a verdade esmagada, o filho ou a filha será capaz de assumir a cruz para transformar as realidades terrenas e apresentar ao homem e à mulher do seu tempo a possibilidade de uma vida

nova que nasce da cruz assumida por Cristo. A cruz de Cristo para a filha ou o filho do Reino não deve ser tomada como simples sinal onde Jesus foi crucificado, mas o elemento central da vida do filho. A cruz é toda a vida de Jesus. É esta entrega total de si para que os irmãos tenham vida nova. Quem não se compromete com a vida nunca pode assumir a cruz para uma vida nova.

- **Uma vida de compromisso.** O comprometer-se com a vida exige de nós uma violência com tudo aquilo que coloca em perigo a vida. Jesus afirma que **o Reino é dos violentos**. Se a semente não morrer não pode germinar e dar fruto.

- **De renúncia a tudo o que destrui a vida.** Ninguém pode comprometer-se com a vida se não morrer nos seus projectos pessoais. É difícil este caminho, mas é possível com a graça do Senhor. Por isso, a oração é o segredo da força e da perseverança da filha do ou do filho. A eucaristia é a fonte da vida, onde o filho recebe a graça para a vida. Nenhum filho pode pensar em construir uma sociedade nova sem esta vida em Cristo. É preciso o compromisso pessoal que brota dum testemunho de fé da vida com Jesus.

VIII CAPÍTULO

OS INIMIGOS DO REINO

1. OS OBSTÁCULOS NA CAMINHADA PARA O REINO

a) Os sete conquistadores do teu coração

- **A inconstância** – reina no coração quando a filha ou do filho já não encontra momentos para estar com os irmãos, partilhar a vida, rezar e cumprir com os seus deveres. Encontra desculpas para tudo. A preguiça subtilmente apodera-se da nossa vontade; é ela quem decidi aquilo que não se deve fazer. Se hoje apareceu para uma actividade, amanhã já fará cálculos para não estar presente e ocupar-se de outras coisas que não sejam da vida do grupo. Com os inconstantes não se pode fazer programa de vida, porque não se sabe quando é que estão presentes. Estes não se comprometem firmemente.

- **A sedução das riquezas** – um dos maiores perigos do nosso tempo. A riqueza em si é boa, mas quando estiver acima da vontade de Deus, ela torna-se deusa. Aquilo que devia ser ajuda para a felicidade torna-se motivo de separação da nossa amizade com Deus Pai. Deus já não tem lugar na nossa vida; muito menos a vida do seu irmão. Tudo é relativo aos bens materiais. Onde Deus desaparece não há possibilidade para a vida.

• O egoísmo -- não é o menos importante entre os conquistadores do coração do filho. O egoísmo leva o filho ou a filha ao esquecimento do irmão. Tudo é para mim. Não há partilha nem esperanças de solidariedade com aquele que necessita da minha presença

• O farisaísmo e o exibicionismo -- é a tentação de querer aparecer sempre. O bem que tivermos feito não precisa de publicidade; ele propaga-se por si mesmo. Jesus nos aconselha: *'Que a tua não esquerda não saiba o que faz a tua mão direita'*. Ao filho ou à filha se exige um pouco de discrição.

• A prepotência e a arrogância -- o orgulho e o pensar que sabe tudo são formas evidentes de prepotência e de arrogância. O filho ou a filha perde a capacidade de escuta; escuta-se a si próprio e não mais a Deus nem ao irmão. Elas matam a humildade.

• A fome do poder -- os discípulos quando eram a caminho com Jesus, discutiam entre si sobre quem seria o maior. Jesus, atento à sua conversa, perguntou-lhes sobre o que discutiam pelo caminho. Jesus aproveitava-se desta ocasião para ensinar aos seus amigos que no Reino o poder se converte em serviço. O poder não é para mandar; fazer e desfazer como quer e quando quer. O poder se converte em autoridade para ajudar os irmãos a crescerem como pessoas dignas. Por isso, na família dos filhos do Reino não existe a terminologia - presidente, mas servo. O animador, o responsável é servo dos irmãos.

• A indiferença ao clamor do irmão -- é insensibilidade; surdez, cegueira diante da vida do irmão. A atitude do filho ou da filha do Reino perante o sofrimento, o desespero, a fome e a morte do irmão não é outra senão aquela de consolar e de assumir a dor do seu irmão. Jesus comoveu-se por causa da morte do seu amigo Lázaro (Jo 11, 33); Jesus assumiu a dor humana para a transformar em vida.

Para o filho ou a filha do Reino, a vida do irmão deve ser uma interpelação para o seu coração. O seu clamor é uma preocupação para mim, como diz o profeta: *"Por amor de Sião, não me calarei, por amor de Jerusalém não descansarei, até que apareça a aurora da sua justiça, e a sua salvação brilhe como chama."* (Is 62,1).

O filho deve estar preparado porque estes obstáculos caminham sempre na nossa vida. Jesus deixou-nos o exemplo quando foi tentado pelo demônio.

2. O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO DO FILHO

a) A força que os vence

A única força que os pode vencer é a graça de Deus, a oração, a perseverança e o domínio de si. Jesus diz-nos: *"Velai, pois, orando continuamente, a fim de terdes força para escapar a tudo o que vai acontecer e aparecerdes firmes diante do Filho do Homem"* (Lc 21, 36).

A nossa vida de amizade com o Pai não é possível sem esta relação interpessoal com Ele. A amizade com o Pai se cultiva com a Eucaristia e a vivência dos sacramentos. É na Eucaristia onde o filho ou a filha alicerça a sua relação com Jesus. *Os sacramentos são um encontro pessoal com o Senhor.* Se na vida do filho ou da filha não há estes momentos como se pode falar de crescimento espiritual? E se não há crescimento espiritual como se pode combater para vencer?

O filho ou a filha deve cultivar dentro de si o domínio de si mesmo. Dentro de nós há algumas tendências que nos podem afastar da amizade com o Senhor. É preciso um esforço interior, pedindo sempre a ajuda do Senhor, para que possamos sair vitoriosos destas situações. É um empenho para toda a vida.

A prática dos retiros trimestrais, as orações de piedade e as novenas também ajudam a vencer muitos obstáculos na nossa caminhada como filhos.

Os retiros são feitos trimestralmente. Alguns destes retiros podem coincidir com aqueles que são feitos nos tempos fortes (advento - natal e quaresma - páscoa).

b) A via segura na vida do filho ou da filha

O primeiro elemento para a vitória é a obediência ao Pai. Quem for capaz de seguir a voz do Pai estará sempre no caminho da graça. E a graça derruba os inimigos do Reino. O filho ou a filha deve colocar-se sempre esta interrogação: 'O que estou a fazer neste momento é conforme à vontade do Pai?'

O segundo aspecto não menos importante é o da oração. Como veremos adiante, a oração bem feita coloca-nos sempre em sintonia com o Pai. Do Pai, pela escuta da Palavra meditada na oração, recebemos graça sobre graça.

Não há tristeza tão grande como aquela de um pai que vê o filho ou a filha que muito ama caminhar contra a vontade deste pai! Assim acontece com o nosso Pai Celeste. A sua maior preocupação é a felicidade dos seus filhos.

O filho ou a filha do Reino há-de pedir sempre a força ao Senhor a fim de testemunhar o seu nome: "Senhor Jesus, eu quero ser todo vosso; Senhor Jesus, ajudai-me a vencer o mal." Os inimigos do Reino só são vencidos com a fidelidade ao Pai e ao irmão.

IX CAPÍTULO

A ORAÇÃO NA VIDA DO FILHO

1. A ORAÇÃO COMO FONTE DE VIDA

b) A oração como momento de encontro com o Pai

A oração é o momento de diálogo do filho com o Pai. Na oração o filho ou a filha escuta a voz do Pai e entrega toda a sua vida a Ele para a transformar e a fortificar com a sua graça.

A oração do filho ou da filha leva consigo a dimensão comunitária e aquela individual. O filho ou a filha encontra momentos para estar com os irmãos e com eles rezar. O próprio Senhor nos diz que onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome, Ele estará no meio deles (Mt 18, 19ss). Por outro lado, o filho ou a filha tem necessidade de estar a sós com o Pai.

Jesus rezou sempre e ensinou-nos a rezar (Lc11, 1-4; Mt 6,9-13; Jo 17). A oração é uma exigência para a fidelidade. Nenhum filho pode manter-se fiel ao Pai se não cultivar o espírito de oração pessoal e comunitária.

A oração ajuda-nos a descobrir o desejo do Pai para as nossas vidas. Uma das grandes tentações na nossa vida é fazermos aquilo que queremos fazer e não tanto a vontade do Pai. A nossa atitude deve ser aquela de Jesus quando nos ensina a pedir a realização da vontade do Pai nas nossas vidas: "Venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade". Sem

a oração, o nosso trabalho, por mais generoso que seja, facilmente se converte em um simples operar humano, sem o espírito de serviço em Deus.

Este nosso diálogo com o Pai deve ser num espírito de humildade e não de orgulho (Mt 18, 9-14), reconhecendo as nossas limitações, confiando sempre na força do espírito que intercede por nós como nos ensina Paulo: "O Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que devemos de pedir, para rezarmos como deve ser; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rm 8, 26).

a) A oração como atitude

O filho é chamado a cultivar um gosto especial pela oração. A oração para o filho ou a filha não deve tornar-se um peso, uma obrigação exterior, mas uma necessidade do seu ser filho ou filha do Reino.

O nosso encontro com o Pai na oração deve ser espontâneo, não forçado. A oração deve brotar de um coração livre e confiante; de um coração que sente um vazio dentro de si quando ela não é feita. O filho ou a filha pode cair no risco de somente rezar no momento em que precisa de uma graça. Esta oração seria aquela de forçar a Deus para fazer o que nós queremos. A nossa oração deve ser constante; nas alegrias e nas tristezas.

Diz-nos o livro dos Actos dos Apóstolos: "Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações" (Act 2,42). O segredo das suas vidas era a perseverança.

Somente a fidelidade ao Senhor pode levar o filho ou a filha a ser perseverante na sua acção e ao seu compromisso.

O excesso de trabalho, a distração, a preguiça e a inconstância podem afastar-nos da vida de oração. Quando estes se apoderam do nosso coração, apresentamos muitas desculpas para justificar a nossa ausência nos encontros de oração. O filho ou a filha do Reino dever saber que todos os trabalhos feitos só serão bem feitos se forem acompanhados de uma oração fervorosa.

2. O TESTEMUNHO DO FILHO

a) A Eucaristia como centro da vida

A oração, como dissemos acima, ajuda-nos a descobrir que coisa o Senhor pede ao seu filho que faça. Ela não deve converter-se em lugar de fuga da vida fatigada, angustiada, mas fonte de vigor para o testemunho do Reino.

A nossa vida precisa de ser alimentada. Assim acontece com a vida espiritual. Ela precisa de ser nutrida para crescer e manter-se no meio das dificuldades deste mundo. E ninguém pode crescer se não estiver ligado a Jesus (15, 1-17).

Toda a nossa vida deve ter como centro a Eucaristia. A partir da Eucaristia, nós ganhamos força para o testemunho do Reino; é na Eucaristia onde depositamos tudo quanto temos e somos. Na Eucaristia entregamos tudo a Jesus e recebemos tudo de Jesus.

Por isso, na celebração da Eucaristia, o filho ou a filha deve encontrar este momento para entregar de tudo ao Senhor e para receber d'Ele o que é necessário para a vida.

b) A vivência do dia como criança

A criança, durante o dia, brinca, diverte-se, mas sempre com o olhar atento à mãe. Por vezes, vai à mãe para desafogar, pedir, chorar, alegrar-se. Ela sente a presença da mãe na sua vida. Por sua vez, a atitude da mãe será aquela de atenção para com o filho ou a filha. Assim é Deus para conosco. Ele está presente em todos os momentos da nossa vida: na aflição, na dor, na alegria e no sofrimento.

A oração do filho pode assumir várias formas:

- **Oração de louvor ou de acção de graças:** louvar, agradecer ao Senhor pelo dom da vida, da fé, do grupo e de todos os benefícios d'Ele recebidos;
- **Oração de perdão:** ser capaz de reconhecer as próprias limitações. Um filho ou uma filha que não reconhece o seu pecado não pode crescer nem em comunidade nem pessoalmente. Saber perdoar para ser perdoado é uma virtude.
- **Oração de petição ou de súplica:** é o momento em que entregamos tudo ao Senhor, pedindo-Lhe que escute as nossas pobres preces.
- **Oração de consagração ou de confiança:** é uma das orações mais belas do filho ou da filha. Entrega tudo ao Pai, esperando que se faça somente a Sua vontade. Esta deve ser a oração de todas as manhãs e principalmente nos momentos difíceis da vida. Quando não compreendemos muita coisa que acontece conosco, a nossa atitude será aquela de entregar tudo nas Suas mãos.

Como passar o dia?

Ao despertar-se: o filho começa o dia com a oração diária do filho; o Pai nosso e a leitura bíblica de um texto à sua escolha ou das leituras da eucaristia do dia. Consagra o seu dia ao Senhor. Que Jesus reine no seu coração.

Durante o dia: o filho preocupa-se para levar à presença do Pai qualquer sinal de serviço para o bem do irmão. Procura deixar claro o testemunho do Reino no meio onde se encontrar.

Antes de se deitar: a inquietação continua a ser a mesma: como apresentar-se ao Pai?

- Faz a oração do filho e o exame de consciência.
- Agradece ao Pai pelo dia e pede perdão por tudo o que não foi do seu agrado, rezando o salmo 50
- Entrega a noite nas mãos do Pai.

X CAPÍTULO

MARIA NA VIDA DO FILHO

1. MARIA, MODELO DE VIDA

b) Maria, mulher que escuta

As situações do tempo presente, muitas vezes, não nos permitem escutar a voz do Senhor que nos chama. A escuta do Senhor requer de nós um saber colocar de lado muitas outras preocupações que estorvam a nossa vida.

Uma das grandes preocupações de Maria é a de estar atento à voz do Senhor que a chama para uma missão, um compromisso.

Maria escuta a voz do Senhor que a interpela para uma missão. Ela não percebe e duvida. É o momento de discernimento, de reflexão sobre tão grande responsabilidade! No entanto, responde com fé e entrega de si ao plano do Pai: "Eis a seiva do Senhor" (Lc 1, 38). Esta disponibilidade faz dela uma mulher que coloca tudo nas mãos do Senhor.

c) Maria, mulher de fé e de oração

A fé é esta atitude de resposta à chamada do Pai. Maria responde, entregando-se nas mãos de Yavé. Esta atitude humilde e confiante leva-a a exaltar o nome do Senhor com o seu magnificat. Maria reconhece as maravilhas que Yavé realiza na sua vida e exalta a sua justiça, pois, Yavé derrubou

os poderosos e exaltou os humildes; aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias (Lc 1, 46-55).

Maria, nas bodas de caná, não se exalta. Ela mantém-se silenciosa. No entanto, preocupa-se para que não falte vinho. Pede ao Filho que interceda (Jo2).

Não é fácil para uma mãe ver o único filho suportar a morte como aquela de Jesus. É preciso fé e confiança total em Deus. Maria tudo suportou e entregou ao Pai.

a) Maria, mulher de serviço

Quando ouviu que a sua prima estava para ser mãe, foi ajudá-la durante um tempo. Maria não se contenta somente com a notícia. Não era fácil também para Maria deixar a sua casa para ir até onde estava a sua prima. Mas ela caminha, vai ao encontro de quem precisa de ajuda. A atitude de serviço marca toda a sua vida.

Maria coloca-se ao serviço de Deus, esperando que Yavé cumpra com o seu plano.

2. O TESTEMUNHO DO FILHO

a) Aprender a viver como Maria

Parece-me que os nossos ouvidos estão mais atentos para escutar e apreciar o que dizem sobre a vida das outras pessoas. No mundo de hoje, não é fácil calar-se diante da 'focacá' (mentira) que destrói o irmão. Dizeres como: "Ouvi no mercado;" "Ouvi no hospital", são frequentes entre nós. E sem fundamento, tu levas e contas a uma outra pessoa. Ouviste e nem sabes quem falou!

O filho é chamado a cultivar a atitude de saber escutar e, por vezes, calar-se diante de algumas situações.

Quantas coisas acontecem na nossa vida e que nos levam a profundas interrogações que não encontram respostas? Maria ensinou-nos a depositar tudo nas mãos de Deus. É uma atitude de fé e de confiança em Yavé.

O filho ou a filha deve aprender de Maria a sair de si mesmo para ir ao encontro do irmão que necessita da nossa presença. Quantos irmãos sofrem sem nenhuma ajuda! Isto acontece porque a insensibilidade entrou fortemente nos nossos corações.

Maria é modelo de fidelidade a Jesus. Nos momentos de alegria e naqueles de dificuldades, até à morte, Maria foi sempre fiel ao seu Filho.

XI CAPÍTULO

O BANQUETE DOS IRMÃOS

2. À VOLTA DO MESMO PÃO

a) O banquete é partilha e serviço.

Jesus assume um símbolo central na vida: a refeição – o banquete. Ele come com os publicanos (Mc 2, 15-17); multiplica os pães e dá de comer aos que têm fome (Jo. 6) e ensina-nos a pedir sempre o pão ao Pai celeste (Mt 6, 11; Lc 11,3).

O estar à mesa com alguém é algo mais do que o simples consumir os alimentos. E também partilhar a vida. Os que não podiam estar juntos para o banquete agora podem estar juntos para uma refeição (Lc 14, 15). O banquete destrói as barreiras. Já não há discriminação.

Ninguém fica à vontade numa mesa quando estiver em conflitos com o irmão que contigo partilha uma refeição; ninguém convida alguém para a refeição de um baptismo, casamento ou aniversário quando sabe que esta pessoa não partilha contigo a vida. Jesus toma a refeição com os pecadores e marginalizados porque pretende assumir as suas vidas e transformá-las; Jesus quer comunicar-lhes a sua experiência de vida com o Pai.

Daí que o banquete para a filha ou o filho do Reino representa não somente o comer junto, mas, sobretudo a

partilha da vida com o irmão. O banquete é um dos momentos privilegiados para a filha ou o filho do Reino estar próximo do irmão mais esquecido ou afastado na sua vida.

Jesus tornou-se alimento. Ele, à mesa com os seus, transforma o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue.

b) Cristo que se manifesta e que se oferece

No evangelho de João, o primeiro milagre que Jesus realiza foi nas bodas de Caná (Jo2,1ss). Jesus manifesta a sua atenção para com a aflição da sua Mãe (*não têm vinho* – Jo 2, 1-12).

O gesto de Jesus no banquete revela a sua sensibilidade para com a nova família sem vinho.

Jesus manifesta-se como o presença vida da reconciliação da humanidade com o Pai. Quando os homens constroem barreiras que os separam uns dos outros, Jesus vem com a sua palavra e a sua vida dizer a todos: aqui está a proposta de uma vida nova onde as pessoas têm como linguagem única – o amor. Assim, Jesus foi capaz de assumir a vida dos pobres, dos marginalizados, dos coxos e dos cegos e dar-lhes esperança de vida.

Jesus, no seu último, banquete antes de morrer, ofereceu-se como alimento para todo o caminhar neste mundo. Neste banquete, Ele lava os pés dos seus discípulos (Jo 13,120). E com este gesto, Jesus ensina aos seus amigos a servirem e a amarem a todos por igual.

1. O CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO DO FILHO

a) Todos nos sentimos um só.

Jesus traça um caminho para os seus seguidores. O banquete leva o filho ou a filha a descobrir o rosto de Jesus escondido no irmão. Por isso, não é possível para o filho ou a filha do Reino sair dum banquete de irmãos com barreiras, inimizades, zangas e ciúmes. O banquete derruba os inimigos do Reino; derruba as barreiras entre os irmãos e faz de todos uma só família. No banquete não há marginalizados; todos são irmãos e com os mesmos privilégios de filhos. O banquete leva-nos a um compromisso na vida concreta.

Depois do banquete dos irmãos se uma filha ou um filho do Reino ainda sair com rancores, inimizades, ciúmes, invejas contra o seu irmão, que diga este filho ou esta filha: "Eu não celebrei o banquete dos filhos; o meu banquete foi um fracasso porque os inimigos do Reino ainda estão em mim". Quão triste deve ficar o coração desta filha ou deste filho por não ter celebrado dignamente o banquete dos irmãos! Esta mágoa deve levar a minha vida a um compromisso para a mudança.

b) O que é o banquete e como se realiza?

O banquete é a reunião mensal ou bimensal dos filhos onde partilham da palavra, recebem Jesus sacramentado na Eucaristia e convivem como irmãos.

Estrutura do banquete:

I parte

1. Oração do filho (ou um canto apropriado)
2. Leitura bíblica – comentário
3. Sl 50
4. preces

II parte

Eucaristia (breve homília e realçar o ósculo de paz))

III Parte

Confraternização:

Cada filho ou filha deve ser portador (a) de qualquer coisa para comer; um simples pão, gasosa ou lanche para manifestar a partilha. Tudo deve ser colocado à mesa e partilhado. Ninguém deve comer às escondidas o que é seu. Isto só revela egoísmo. Nenhum filho deve ser marginalizado. Mesmo que não tragas nada não te sintas marginalizado. Aconchega-te aos teus irmãos. No entanto, todos devem fazer o esforço de sempre levar qualquer coisa para animar, colorir o ambiente do banquete.

Anexo 17: *Ilándulu*. Algumas linhas de orientação para os formadores, servos e responsáveis dos Filhos do Reino

DIOCESE DE CABINDA
ASSOCIAÇÃO DOS FILHOS DO REINO

ILÁNDULU

Algumas linhas de orientação para
os formadores, servos e responsáveis
dos Filhos do Reino

Vol I

Ad usum privatum

Roma, Outubro de 2003

DIOCESE DE CABINDA
ASSOCIAÇÃO DOS FILHOS DO REINO

ILÁNDULU

Algumas linhas de orientação para
os formadores, servos e responsáveis
dos Filhos do Reino

Vol I

Ad usum privatum

Roma, Outubro de 2003

Aos irmãos responsáveis, servos e formadores na famílias dos filhos do Reino,

Entrego este pequeno guia que vos poderá ser útil nas vossas actividades e no crescimento da vossa amizade com Cristo.

Reconheço e louvo o trabalho que tendes feito para o bem dos irmãos. O meu muito obrigado ao Pai Celeste que vos concedeu este tão grande dom para caminhardes com os irmãos na busca do Reino de Deus.

Que Deus continue a coroar-vos de bênçãos.

Confiai sempre no amor infinito do Pai.

Bika Nzâmbi kalusalisa.

Roma, 9 de Outubro de 2003.-

O vosso irmão


Silvíno Mazunga, padre.-

**ORIENTAÇÕES
PARA OS RESPONSÁVEIS
DOS FILHOS DO REINO**

A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO

A FIGURA DO RESPONSÁVEL OU SERVO

O responsável deve saber como está organizado o grupo, como deve organizá-lo para melhor trabalhar com os seus irmãos.

O grupo não é uma propriedade do responsável. Por isso, terá sempre em consideração que está a trabalhar com pessoas e não com objectos. O respeito, a prudência, a paciência, o perdão, o espírito de serviço aos irmãos, a coragem, o espírito de oração, a compreensão das limitações do

outro e das suas fraquezas serão atitudes permanentes na vida do responsável sem dispensar aquelas ~~coisas~~ que devem fazer parte de todo o membro responsável dos filhos do Reino.

O responsável deverá procurar sempre animar o grupo. Estar próximo dos membros que mais faltam ou que estão a desanimar; criar amizades entre os membros do grupo; ser sinal de unidade e não de contendas ou de divisões.

Evitar discussões no grupo. Ser ponderado nas críticas; saber aconselhar os membros.

Estar atento às necessidades dos irmãos no grupo.

Procurar a boa imagem de todos os irmãos. Nunca falar mal dum membro aos outros.

6

Ter sempre um programa de acção para o grupo e não improvisar os encontros.

Trabalhar com todos e não descriminar ninguém no grupo. Nunca trabalhar sozinho.

O GRUPO É FORMADO POR TRÊS ESCALÕES:

- * Crianças (*unona*)
- * Jovens (*juniores*)
- * Adultos (*seniores*)

Cada escalão tem um coordenador paroquial.

O Coordenador Paroquial responde por um determinado escalão. Ele deve reunir-se com os formadores para fazerem os programas e avaliarem o andamento do seu escalão.

O programa do Coordenador Paroquial deve ser apresentado sempre ao

7

Há um pequeno grupo de filhos do Reino que formam o que se chama de grupo de formadores ou animadores dos núcleos. Os formadores ou animadores são membros do grupo escolhidos para animarem os encontros de formação nos escalões.

O trabalho dos formadores ou animadores:

1. Cada formador (a) ou animador (a) é responsável por um núcleo. O núcleo é uma subdivisão (**25 membros no máximo**) dentro do escalão entregue a um animador para o seu acompanhamento, evitando a massificação da Associação.
2. O formador deve conhecer pelo nome os seus irmãos do grupo.

9

Coordenador Diocesano do seu escalão, ao Servo Paroquial, ao Pároco e ao Servo Diocesano. O Coordenador Paroquial deve reunir-se com os membros representantes dos secretariados do seu escalão.

O Coordenador Paroquial é nomeado ou eleito pelos membros formadores e pelos representantes dos secretariados.

O Coordenador Diocesano é o responsável de um escalão a nível da diocese. Ele é escolhido (eleito) de entre os Coordenadores paroquiais.

Por exemplo: O Coordenador Diocesano para os jovens é escolhido entre os três coordenadores paroquiais dos jovens (*Sé Catedral, Imaculada e Lândana*).

8

formação. No entanto, só o fará com a autorização do seu coordenador paroquial ou a pedido do Servo Diocesano.

Prepara os encontros de formação com os outros formadores.

3. Anima os membros do grupo a não desfalecerem. Faz o controlo dos membros com uma lista própria.
 4. O formador (a) ou animador (a) faz o programa paroquial com os outros formadores e o Coordenador Paroquial.
 5. O formador não deve substituir o lugar do Coordenador Paroquial nem este por aquele.
 6. O número de formadores depende da quantidade de membros da associação em cada escalão.
 7. Um formador de uma paróquia pode ir a uma outra paróquia para dar
8. Os formadores (as) de cada paróquia reúnem-se semanalmente para a preparação dos encontros de formação. Também podem reunir-se em conjunto com os formadores das outras paróquias para uma preparação conjunta.
 9. O formador deve obedecer ao programa paroquial e diocesano. Este não deve inventar nada fora do que está programado para não haver desarmonia entre os irmãos.
 10. O seu trabalho é servir e não mandar. Ele deve ser exemplar no

cumprimento do que está programado para a vida dos filhos.

COMPOSIÇÃO DA DIRECÇÃO PAROQUIAL DOS FILHOS DO REINO

SERVO PAROQUIAL: é o responsável de toda a Associação em uma determinada paróquia onde a mesma se encontra instalada.

Este responde por tudo a respeito da associação nesta paróquia.

O Servo Paroquial trabalha com os membros da direcção paroquial, com o Pároco e com os outros membros da paróquia. Ele faz a ligação da paróquia com a associação.

12

SÃO MEMBROS DA DIRECÇÃO PAROQUIAL:

-) O Servo Paroquial.
-) Secretário Geral (Servo adjunto).
-) Os Coordenadores dos escalões da paróquia.
-) O secretário para a Liturgia e Espiritualidade.
-) O Secretário para a Planificação e Finanças.
-) O Secretário para as Relações Públicas e Informação.
-) O Secretário para a Saúde.
-) O Secretário para o Desporto e Recreação.
-) Dois formadores nomeados pelo Conselho de Pastoral.
-) Dois filhos do Conselho de Disciplina e fiscalização.
-) O Assistente Eclesiástico Paroquial.
-) Três membros Consultivos.

13

A DIREÇÃO PAROQUIAL faz os seus encontros trimestralmente para a avaliação e a programação da vida paroquial. Nas suas actividades, deverá ter sempre em consideração o programa da paróquia e da diocese onde estiverem os filhos.

O Servo Paroquial deverá apresentar sempre o seu programa ao Pároco do lugar antes de metê-lo em acção.

Os secretariados devem apresentar sempre um relatório trimestral.

Em cada trimestre deve apresentar um relatório ao Servo Diocesano e ao Assistente eclesiástico.

O Padre Assitente acompanha e anima toda a vida dos filhos. Procura dialogar com todos.

14

OS MEMBROS DO CONSELHO DIOCESANO

FAZEM PARTE DO CONSELHO DIOCESANO:

Servo Diocesano
Sevo Diocesano Adjunto
Servos paroquiais
Coordenadores dos escalões nas paróquias
Dois formadores de cada paróquia
Um representante de cada secretariado paroquial.
Um representante de cada conselho de Disciplina e Fiscalização paroquial
Três membros do Conselho consultivo
Uma religiosa
O Assistente Diocesano

Este órgão decide as linhas de orientação para toda a associação a nível da diocese. É eleito para três anos de mandato.

15

FORMAÇÃO E ACTIVIDADES LITÚRGICO-ESPIRITUAIS

Os jovens têm semanalmente um dia de formação e um outro para a oração.

As crianças só têm um encontro por semana.

Haverá mensalmente uma missa para todo o grupo a nível da paróquia. De preferência que seja num domingo. Nesta celebração os filhos devem vir uniformizados ou simplesmente com o lenço, dependendo das orientações do Servo Paroquial da Associação ou do Servo Diocesano. Tal celebração pode ser com toda a comunidade paroquial ou num lugar a parte.

Os responsáveis devem procurar promover actos de piedade (*novenas, devoções aos santos, à Virgem Maria*). Felicitar os filhos nos dias dos seus aniversários.

16

O mês de Setembro - mês da família dos Filhos do Reino - tem uma programação especial (*jogos, visitas, limpezas, retiros, novenas...*) que começa em Julho.

Trimestralmente pode haver um encontro entre duas ou mais paróquias.

Duas vezes por ano, os jovens têm uma formação intensiva de cinco dias seguidos. Evita-se que seja no tempo de provas ou de exames escolares. O tempo de formação para cada dia não deve superar duas horas.

Os assuntos abordados nestes encontros de formação são de carácter diverso. Os padres e as madres, normalmente, são convidados para este tempo de formação. No entanto, é preciso uma preparação antecipada por parte dos responsáveis. Também podem ser convidados leigos, desde que salvaguardem o espírito doutrinário da Igreja Católica e da Associação.

17

TEMPO DE FÉRIAS

Durante o tempo de férias, os jovens realizam um acampamento de uma semana ou de 15 dias. O acampamento serve para a consolidação da formação da personalidade e do conhecimento mútuo. Também ajuda para a coesão do grupo; a ocupação do tempo livre dos jovens; a mudança de ambiente; a aquisição de novos conhecimentos.

Os orientadores do acampamento deverão procurar ajudar os jovens a fazerem brotar as potencialidades pessoais que têm para a sua formação integral. Este momento, também deve ser oportuno para a oração e o discernimento vocacional.

Actualmente o acampamento é realizado em Fevereiro (*logo no principio*).

18

ADVENTO E QUARESMA

São programados alguns retiros nos tempos fortes (advento e quaresma). Durante este tempo também é realizado o sacramento da reconciliação para o grupo.

Para pregadores de retiros ou exercícios espirituais podem ser convidados alguns padres, seminaristas ou algumas religiosas. É aconselhável que os jovens sejam separados das crianças. O tempo de formação para as crianças deve ser breve.

Evitar actividades nocturnas para o grupo todo.

ACTIVIDADES CARITATIVAS E RECREATIVAS

Devem ser programadas algumas visitas: visitas domiciliares (*casas dos membros do grupo, familiares, amigos,*

19

beneficentes); visitas nos hospitais e nas prisões.

Devem ser programados encontros com os outros grupos da paróquia ou da diocese.

Campanhas de limpeza na paróquia; cemitérios; ruas da cidade ou do bairro.

Visitas aos lugares importantes da diocese. Passeios. Evitar o banho na praia.

Solista

Devem ser programados alguns encontros de jogos de futebol onze e salão. O jogo ~~são~~ é mais para as meninas, pois para os rapazes resulta muito agressivo.

AS IRMÃS RELIGIOSAS encarregadas pelo acompanhamento dos jovens poderão programar alguns encontros somente para a formação das meninas; são também responsáveis pela promoção vocacional à vida consagrada e ao sacerdócio ministerial.

ORAÇÃO DIÁRIA DO FILHO

Senhor, Nosso Deus! Tu és o nosso guia!
Graças te damos pelo amor com que nos amaste,
estando ainda no pecado!
Fazei-nos mensageiros do Reino de paz,
onde cada homem se sinta amado
e se encontre consigo na oração.
Oh meu Senhor, que sejamos como Tu
que viste para servir e não para ser servido.
Amém.
(com aprovação eclesialística - 1998)

000 = 000 = 000

AFIR - Associação dos Filhos do Reino, vulgarmente chamada **Filhos do Reino**, é um grupo de crianças, jovens e adultos que aceitaram a proposta de vida trazida por Jesus Cristo.

Fundação: 22. Setembro de 1995 - Fátima, Diocese de Cabinda.
Aprovação do Bispo Diocesano: 08. Setembro de 1998.

"Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a boa-nova é anunciada aos pobres" (Lc 7, 22). Capítulo central da espiritualidade.

REINO - VIDA NOVA

Disponíveis para servir ao irmão.
Partilhar a vida com o irmão
E viver na humildade de coração

O HINO DOS FILHOS

1. Oh Pai Celestial,
Os seus filhos ouviram a Palavra
Sereis testemunhas da vida
E da ressurreição no Mundo

NÓS SOMOS FILHOS DO REINO
FILHOS ELEITOS POR DEUS
SOMOS DO REINO
ONDE HÁ FELICIDADE

3. Ide pelo mundo
Anunciando o Evangelho
Sereis mensageiros do Reino
E da vida nova no mundo
4. Oh Cristo, nosso Rei
Com humildade e obediência
Construiremos o mundo novo
E como irmãos viveremos

OS MANDAMENTOS DO FILHO

1. O filho é obediente
2. O filho é orante
3. O filho é irmão e amigo
4. O filho é diligente
5. O filho partilha
6. O filho é estudioso, pontual, ordeiro e asseado
7. O filho tem tempo para o silêncio
8. O filho é respeitoso, escuta e aceita a repreensão
9. O filho corrige e dialoga sem discutir
10. O filho tudo faz por amor

Anexo 18: O Livro do reconciliador.
Linhas gerais da espiritualidade
samaritana

O LIVRO DO RECONCILIADOR

BR

Am

WABASH UNIVERSITY
WABASH UNIVERSITY

Entre o homem e Deus

Os problemas e situações que o Homem vive constantemente na sua vida, fazem-no esquecer que é possível viver-se num mundo diferente. Olha para si mesmo e constrói o mundo à dimensão da sua própria vida pessoal. Mas o próprio homem não se reconhece neste seu mundo por reflectir-se nele o que ele próprio recusa: *doença, tristeza, incompreensões, divisões, tribalismos, racismo, guerras, relações difíceis* etc. Neste sentido, o homem sente-se vítima do Mundo que quer mas que ao mesmo tempo nega.

a) Os projectos do Homem

É aqui onde se interferem todas as tentativas para se resolver essa situação. A história do Homem revela-nos muitas dessas: muitos quiseram acabar com a pobreza, mas deixaram outros na extrema miséria à beira da miséria; outros procuraram acabar com a guerra, mas geraram estruturas onde quase ninguém pode respirar. Por isso, conclui-se que tudo o que o homem quer construir ou constrói acaba sempre por tomar uma parte do homem por causa dos seus conflitos que entram nos seus membros. Daí Paulo dizer que: *verifico pois esta lei: quando eu quero fazer o bem, é o mal que me se apresenta. Eu me comprazo na lei de Deus segundo o homem interior, mas percebo outra lei em meus membros, que luta contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros* (Rm.

7, 21-23). Por isso, todos os projectos humanos falham em parte ou totalmente porque o homem é um mistério que só Deus conhece. Por outro lado, o Homem é um eterno insatisfeito que só se satisfaz em Deus e com Deus.

b) O projecto de Deus

Deus, porém, tem um projecto e um plano que diferem daqueles humanos. As linhas fundamentais desse plano e projecto podem ler-se em todas as situações onde o Homem recusa o programa de Deus e geme, em consequência, debaixo desta negação. Diante disso, o Senhor recua e torna a reconstruir o programa. Toda a vida do êxodo resume-se neste permanente conflito entre o programa de libertação de Yahwh e a incompreensão do homem diante desse projecto, engendrando situações de autêntica recusa do mesmo e arguendo bezerros de ouro (Ex.32). Yhwh irrita-se e promete castigar. Porém, Moisés faz esta oração: *Por que, o Yhwh, se acende a tua ira contra o teu povo, que fizeste sair do Egipto com grande poder e mão forte? Por que os egípcios haveriam de dizer: Ele os fez sair com engano, para os matar na montanha e exterminá-los da face da terra? Abanda o furor da tua ira e renuncia ao castigo que pretendias impor ao teu povo. Lembra-te dos teus servos Abraão, Isaac e Israel, aos quais juraste por ti mesmo. Dizendo: multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e toda a terra que vos prometi, dá-la-ei a vossos filhos para que a possuam para sempre Yahwh, então, desistiu do castigo com o qual havia ameaçado o povo. Esta atitude de Deus muda completamente o que pensamos de Deus. Um Deus que não muda e só para castigar não consta dos planos da revelação do nosso Deus. O nosso Deus está sempre pronto para dialogar com o homem e disponível para discutir os seus planos com o Homem orante. O dia da ira de*

Deus, elemento importante da mentalidade do Povo de Israel desaparece com a vinda de Cristo. Ele veio para "proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc. 4, 19).

Ora, neste sentido, aqui se coloca o carisma do *Iusáusu Iu Zêzu* (samaritanos). Este pretende antes de tudo revelar aos homens a face humana de Deus. Que os homens sintam na sua vida um Deus que se sente com eles no banco da cozinha; que caminha com eles na confusão da praça, que está ao seu lado em todos os conflitos do lar, da família e do mundo do trabalho.

C) O conteúdo do projecto de Deus

O Senhor descobre deste modo o seu projecto: *Yahwh dos Exércitos prepara para todos os povos um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos depurados. Destruiu neste monte o véu que envolvia todos os povos e a cortina que se estendia sobre todas as nações; destruiu a morte para sempre. O Senhor Yahwh enrugou a lágrima de todos os rostos; ele há de remover de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque Yahwh disse (Is. 25, 6-8). Numa palavra, Ele olha para o homem todo e para as suas necessidades mais concretas, sobretudo, aquela de alimentar o corpo. Este, sem dúvida, não subsiste sem comer. Onde não houver comida tudo se descontrola. Nada é verdadeiro e nada é seguro onde as pessoas padecem e morrem de fome. Em situações de extrema miséria, o nome de Deus é pão. Isto significa para o samaritano que o evangelho é vazio se o estômago se cola à pele. Neste sentido, são claras as palavras de João: *se alguém possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos com palavras nem**

com a língua, mas com acções e em verdade. (1Jo. 3, 17-18) É indiscutível que a palavra pão envolve todo o homem. É fácil dar algo a alguém. Muitas vezes até não se perde nada por que não se precisa ou tem-se a mais. Por isso, nestas circunstâncias, ao samaritano impõe-se-lhe que não dê mas que se dê. Isto muda totalmente a maneira de dar. Neste sentido, se enquadra toda a dinâmica samaritana que, neste âmbito, se apoia em dois textos fundamentais (Lc. 10,25-37; Jo. 4, 1-42).

Neste aspecto, duas atitudes se impõe a cada membro. A primeira, é aquela que nos coloca numa determinada condição e a segunda a atitude que se assume diante de situações de indignícia. Neste sentido, as tentações de Jesus resumem-nos os pontos essenciais do drama humano. O evangelista Marcos apenas diz que Jesus foi tentado (1,12-13). Esta é a condição de qualquer homem guiado pelo Espírito. O perigo dum desvio do caminho, como diz Lucas nos Actos, está sempre presente. No entanto, Mateus e Lucas descrevem as várias tentações:

II

Capítulo

A providência de Deus

1º *Se és Filho de Deus, diz a estas pedras que se transformem em pão. Jesus está no deserto. Jejuou. Diz Mateus. No entanto, Lucas só diz que não comeu nada. Por isso teve fome. As circunstâncias estão organizadas para a tentação. O jejuar só por jejuar não dá força a quem jejuar. Mateus chama atenção para a necessidade de ser discreto quando se jejuar: *tu quando jejuares, perfuma a cabeça e leva o rosto para que o teu jejum não seja conhecido dos homens**

(6,17). O jejum só fortalece o espírito e agrada a Deus quando tem uma dimensão social e humana; numa palavra, quando se jejuava para se libertar o homem. Neste sentido, Isaías é muito claro: *o jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão.* (58,6-8). Por isso, o jejum é a força contra o egoísmo que gera a fome nos mais debilitados socialmente, erguendo o muro das injustiças sociais. É importante, em consequência, sentir fome por que se jejuou para se matar a fome ao necessitado. Ora, para isso, duas coisas são necessárias: primeiro, é importante ter consciência que não é a abundância que gera a solidariedade. Dar do que nos sobra não significa nada espiritualmente. Segundo, quem padece de fome tem outra fome: exclusão social e comunitária, orfandade, solidão etc. É preciso, porém, ter em conta a sua vida. Não basta dar um pão, mas é preciso cuidar de quem se dá o pão. Por isso, Mateus diz muito bem: *não só de pão vive o homem mas de toda a palavra que sai da boca de Deus* (4,4). Dar só de comer gera pessoas dependentes, ostentação e aborrecimentos em quem dá.

Qual a atitude de um samaritano diante disto? Muito se descontrola neste mundo por que não se tem e não se come e não se veste. O povo de Israel perdeu o sentido da presença de Deus e a sua acção no seu meio por causa da fome e da sede. Ergueu ídolos e perdeu o sentido da libertação da escravatura (trabalhos forçados, humilhação e extermínio dos natos do sexo masculino) e a intervenção do Senhor. Preferiram pensar naquelas realidades que, enquanto lá se encontravam, não os enchia o coração (panelas de carne e

cebolas). Por isso, o samaritano é, sobretudo, o apóstolo, da vida que ultrapassa o que se vê e a satisfação das necessidades essenciais. Deus não pede a ninguém que não trabalhe para seu bem. Aliás, isto se exige para a construção deste mundo que ficou a cargo do trabalho criativo do homem, feito à sua imagem e semelhança. No entanto, espiritualmente, Jesus ao responder a satanás que não só de pão vive o homem, e a isto acrescenta "mas de toda a palavra que sai da boca do Senhor", coloca-se nas mãos do Pai. Ele depende do Pai. Faz a vontade do Pai e aceita o trajecto da sua vida: recusa a missão messiânica numa perspectiva espectacular e prodigiosa, mas vive-a numa relação de fidelidade a Deus, como todo o homem justo e crente. Numa palavra: Deus alimenta o seu servo até quando dorme, diz o salmista. Ora, neste sentido, é importante que o samaritano aprenda a viver o seu dia-a-dia na maior entrega ao Senhor da vida: *"não vos inquieteis quanto à vossa vida, com que haveis de comer, nem quanto ao vosso corpo. Com que haveis de vestir. Porventura não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que o vestido? Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã, já terá as suas preocupações. Basta a cada dia os seus problemas.* (Mt. 6, 25.34b). Perante esta realidade, ao samaritano se exige que assuma uma dimensão missionária. É importante que no seu lar e na própria vida tenha uma postura de acolhimento e de despreocupação. Deve ser uma das características dum samaritano: *a serenidade com que vive os momentos mais difíceis da vida. Saber viver, no dizer de Paulo, na abundância e na carência.*

III

capítulo

Entregar-se às mãos de Deus

O mandamento da lei de Deus que diz: *não invocar o santo nome de Deus em vão*” tem uma dimensão que, às vezes, não nos apercebemos. O que fundamentalmente se pretende é que o homem assuma a sua dimensão de contingência: *Yavé não se eleva soberbo o meu coração, nem se levantam altivos os meus olhos. Não ambiciono riquezas, nem coisas superiores a mim* (Slm. 130(131), 1-2). O Homem., por conseguinte, é o que é com as suas limitações. A interiorização desta realidade leva o homem a não colocar-se acima das suas possibilidades e, sobretudo, que depende de outros e de Deus. Esta necessidade de reconhecer as próprias possibilidades, ajuda a construir: *primeiro* uma imagem mais real de si mesmo e a orientar-se para uma vida mais humilde. *Segundo*, a adoptar uma maneira de estar com alicerces na prudência. Esta não é uma virtude mas uma necessidade com uma dimensão evangélica: *envio-vos como ovelhas para o meio de lobos, sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas* (Mt. 10, 17).

É nesta situação humana e espiritual onde se enquadra a segunda tentação (Mt. 4,6): *“se és Filho de Deus, delta-te daqui para abaixo, pois está escrito: ordenará aos teus anjos que olhem por ti, e eles tomar-te-ão nas mãos para que não magoes o teu pé nenhuma pedra*. Jesus encontra-se no pomo mais alto e central de Jerusalém, onde a multidão da rua, a multidão das trocas comerciais e o povo que veio para o templo aí se encontra. Lugar privilegiado para o espectáculo e aplausos e fomentar adeptos. Satanás apoia-se na Escritura

para justificar a acção de Jesus. /cfr. Slm. 91(90), 11-12. Esta atitude de chamar Deus a intervir até em condições das mais absurdas da nossa vida não é cristã e pode provocar um esfriamento do entusiasmo espiritual ao sentir-se constantemente não atendido. Diante disto, uns afastam-se da igreja, procurando outros caminhos à espera duma resposta que pretendem certa e rápida para os seus problemas pessoais. Este é o terreno fértil, onde os falsos profetas actuam, alimentando esperanças vãs. É tão nefasto para a vida espiritual quer os que ostentam esta maneira de relacionar-se com Deus quer os que, seguros economicamente, se gabam não precisarem de Deus. Os primeiros acabam sempre por entrar num desânimo total quando se virem sempre na mesma condição e, às vezes, até pior. Isto por que não dão margem a que Deus faça o que ele não pode fazer. Os segundos embrutecem-se humana e espiritualmente ao se cansarem do ritmo muito material; da incapacidade de se sentirem satisfeitos, finalmente ao não encontrarem saída para os problemas não ligados ao dinheiro mas à alma. S. Paulo adverte aos tessalonicenses para o perigo de uma fé sem discernimento de vida; sem consciência e que só olha para o céu e não põe os pés na terra onde a fé deve mergulhar as suas raízes na construção do dia-a-dia: *ora constou-nos que alguns vivem no meio de vós desordenadamente, não se ocupando de nada mas vagueando preocupados. A esses tais ordenamos e exortamos no Senhor Jesus Cristo a que ganhem o pão que comem, com um trabalho tranquilo* (3, 11-12).

Jesus, pessoalmente, orienta a resposta do crente: *não tentarás ao Senhor, teu Deus* (Mt. 4). Assim como satanás tenta Jesus a partir da Bíblia, a mesma coisa faz Jesus ao respondê-lo. Onde Jesus busca a sua resposta? Do Deuterónimo 6,16: *não tenteis o Senhor vosso Deus, como*

o tentaste em Massa e (Meriba Ex.17,7) . Sim, Jesus coloca esta parte para abrir o espaço a todos os tempos e para, ao mesmo tempo, ser também um modelo de resposta para o povo de Israel. Este não soube comportar-se diante da falta de água, pondo Deus à prova. Ele deu àquele lugar o nome de Massa e Meribá. *Por causa do litígio dos filhos de Israel, e por terem posto o Senhor à prova, dizendo: está o Senhor no meio de nós ou não? (Ex.17,7)*. Por isso cada samaritano tome consciência de que toda a ostentação é uma heresia. um corte com Deus. Deus não está. Ora, a presença de Deus leva-nos a redimensionar quer a nossa própria pessoa quer as situações pessoais. Uma entrega verdadeira ao Senhor dá-nos uma outra segurança e uma outra maneira de ver a nossa vida.

IV

Capítulo

Deus acima de tudo

No meio de tantos valores que se vêem, sobretudo, aqueles de ordem material e que tocam o ter e o possuir, acreditar em Deus é mesmo um dom do Senhor. Há, na verdade, muita coisa que pode arrancar do homem a fé e a confiança em Deus. É neste lugar onde enquadrámos a terceira tentação: *O demónio levou-o ainda a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo com a sua grandeza. E disse-lhe: tudo isto te darei se, prostrado, me adorares (Mt. 4,8-9)*. Jesus é posto na mesma condição de Moisés: sobe para o cume do Pisga, olha para o ocidente e para o norte, para o sul e para o oriente, e contempla tudo com os seus olhos... (Dt. 3,27). No entanto, enquanto Moisés está no fim da sua missão, vê a promessa de Jahwhé cumprida, Jesus é posto diante da tentação de pôr fim a missão do Pai,

sob o mandato de satanás. Lucas diz que satanás "mostrou-lhe num só momento" todos os reinos da terra" (4,3b). Era muita coisa vista em pouco tempo. Era preciso decidir. Jesus toma posição a partir da própria Escritura: não farás imagens esculpidas... não te prostrarás diante delas e não as adorarás, porque Eu, o Senhor, sou o teu Deus, um Deus ciumento (Dt, 5, 9). Sem dúvida, que há muitas almas entregues ao projecto do demónio e a projectos demoníacos por causa do possuir.

O que significa isto para um samaritano?

O que é normal a qualquer homem é o que ele vê. Esta realidade humana foi a causa principal de todos os problemas entre Israel e Yahve. O bezerro de ouro (Ex. 32), o fastio etc... vieram tudo daí. Humanamente, ninguém pode fugir à tentação de fazer subir o coração para o desejo de possuir todo o mundo. O educar-se para a aceitação do "dia-a-dia" leva tempo e fruto de grandes penitências. Mas Mateus é muito forte nesta necessidade de um controlo de si mesmo: *que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a própria vida? Ou que poderá dar o homem em troca da sua vida? (16,26)*. Sem isto ninguém pode ser discípulo de Jesus.

Entré o subir ao monte de Moisés para ver toda a grandeza da promessa de Yahvé e o subir ao monte de Jesus para ver a grandeza de um mundo à imagem de satanás duas coisas são importantes:

a) *subir ao monte depois*. Este é o caso de Moisés. Sob o depois de uma grande caminhada. Porém, não entra e é obrigado a deixar o resto a Josué que deve continuar a conduzir o povo até tomar posse da terra. Qual a conclusão? A vida constrói-se aos bocados e em função do -

futuro. Esta é a única maneira de retirar do coração do homem a preocupação dos resultados e frutos imediatos. É nesta condição que se coloca o salmista ao dizer: *ensinai-nos a contar os nossos dias, para chegarmos à sabedoria do coração* (Slm. 89(90)). Esta atitude dá ao homem a possibilidade de aceitar o tempo que corre e amadurecer com este, evitando a *pressa*, inimiga do que é sério e duradouro; a *preguiça*, inimiga do empenho; *medocridade*, inimiga do profundo. Neste sentido, subir o monte significa estar no monte: primeiro para se verificar o que se fez. Segundo, para tomar decisões. Terceiro, para, finalmente, descansar e desfrutar do trabalho realizado.

b) *Subir ao monte antes*

Jesus foi posto nesta condição. Estava em jogo a missão que recebera do Pai e o modo como a sua messianidade deveria realizar-se. Esta na humildade; *Ele que é de condição divina não considerou como uma usurpação ser igual a Deus, no entanto, esvaziou-se a si mesmo tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificando como homem, rebaixando-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz* (Flp. 2, 7-8). Os problemas frequentes e permanentes na vida de qualquer mortal revelam-nos que é ilusório esperar que tudo se consiga serenamente ou sem esforço na vida. A vida é uma luta contínua e permanente. *Job lamenta-se dessa maneira: a vida do homem sobre a terra, não é ela uma luta? Não são os seus dias como os de um assalariado? (7,1-2)* Esta é a trajectória própria de qualquer homem para conseguir algo de importante e sério na vida. Porém, isto não está na memória nem nas intenções do homem. Este pretende sempre fugir às situações de cruz para atingir a ascensão. Ora, esta maneira de pensar e de agir gera homens

sem escrúpulo. Dispostos a sacrificar a alma; insensíveis à dor humana e aos gritos dos mais pobres e desfavorecidos. Neste sentido, Jesus recusa este subir "antes o monte", aquele da ascensão (Lc. 24; Act. 1,6) sem passar pelo monte "Calvário".

No "Calvário" estão todas as situações do homem condenado; do homem que é instigado a matar; do homem que é incapaz de intervir; do homem que não se reconhece culpado e do homem que sucumbe sob o peso da injustiça. As multidões são incitadas pelos chefes que com os seus gritos acabam por abafar os gemidos de Jesus, da família e dos seus discípulos. Jesus mantém-se na sua condição de condenado e como cordeiro levado ao matadouro não diz nada. Finalmente, os familiares e amigos estão aí incapazes de algo fazer por ele. Tudo, enfim, termina com as trevas a cobrirem o dia. Por outro lado, o dia abre-se com a ressurreição e com todo o poder que é dado a Jesus Cristo. Sob o monte depois. No entanto, neste monte depois, assim como aconteceu com Moisés, deixa a continuação da sua obra nas mãos dos discípulos.

V

Capítulo O espírito samaritano

As tentações de Jesus orientam todo o espírito samaritano. Elas dirigem a sua maneira de ser e de estar no mundo, na sociedade e na Igreja de Deus. As tentações de Jesus pretendem, sobretudo, revelar a qualquer samaritano o que pode destruir a sua vocação de homem e mulher disponíveis a entregar-se ao homem, seu irmão. Por isso, eis o samaritano:

a) *o homem do jejum.*

Ninguém pode abrir-se para ajudar se não tem controlo sobre a sua sede de possuir. Como Paulo, é importante que o samaritano saiba viver na abundância e na penúria. É neste equilíbrio onde o samaritano pode olhar para o céu e revestir-se da ressurreição e finalmente discernir entre as obras do espírito e aquelas da carne, *porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito e o Espírito deseja o que é contrário à carne* (Gal. 5,17). O egoísmo e a ganância matam no homem os sentimentos de ternura e de compaixão, realidades que impelem qualquer pessoa a aproximar-se da dor. A ambição retira do homem o sentido do fim do mundo e de si mesmo, *porque mesmo que um homem viva na abundância, a sua vida não depende dos seus bens* (Lc. 12,15).

b) *o homem da simplicidade*

Moisés, diz a Escritura, era o homem mais simples. Daí o poder dialogar cara-a-cara com o Senhor. Foi a partir deste diálogo que foi capaz de mudar os seus critérios, as suas formas de encarar e ver as realidades para assumir e orientar-se por aquelas de Deus. Só assim, foi possível escutar os conselhos do seu sogro. Conclusão: todos aqueles que se entregaram ao serviço dos outros tiveram como primeira disposição interior uma profunda simplicidade que os fez reconhecer as suas limitações humanas e deixar-se modelar pela força de Deus. Por isso, Isaías, reconhece-se pecador (Is.6); Jeremias sente que é jovem demais (Jr. 1); o próprio Moisés sabe que não tem dom de palavra e precisa de alguém para o ajudar; dúvida da realidade que estava a viver e quer saber tudo sobre Deus. A simplicidade desconcerta os orgulhosos, os prepotentes e abre as portas a todos para um encontro. Com Jesus todos

os discípulos foram obrigados a fazer o mesmo caminho: Pedro com as suas quedas; os irmãos Zebedeu com a sua intolerância e todos os outros. A tentação de subir para o pináculo e fazer espectáculo está depositado em todos os corações cada um a seu modo. Daí ser importante que cada samaritano se descubra diante de Deus e Este, no silêncio, lhe revele o regresso à planície. Ali onde se vive a vida na sua normalidade. Não há maior felicidade que quando levamos a vida na sua naturalidade. Finalmente, é só na simplicidade que podemos ler os mistérios profundos do Senhor, incompreensíveis a todos aqueles com coração cheio de certezas humanas (cfr. Mt. 11, 26-30). Neste sentido, seria salutar que, periodicamente, os samaritanos fizessem um exame pessoal e comunitário da vivência da simplicidade por que não há coisa que mais nos separa dos irmãos que a ostentação e o narcisismo. A estes não pertence o reino dos céus (Mt. 18,1.5-10)

c) *o homem do desprendimento*

Vale mais o pouco com justiça do que muitos bens repletos de iniquidade (Pr. 16,8). Os males do mundo actual não estão no ter, mas na maneira como se tem e como se usa. Mas para o homem de Deus a pobreza é o santuário onde cresce toda a entrega ao Senhor. Só um coração verdadeiramente pobre pode abrir-se inteiramente para Deus. O jovem rico não era assassino, adúltero, gatuno, fofoqueiro, caluniador (Mt. 19, 18s), no entanto, estava preso a muito que possuía. Isto não deixa de ser perigoso, sobretudo, quando o separava dos pobres. *Em verdade vos digo: dificilmente um rico entrará no Reino do céu. Repito-vos: é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus* (Mt. 19,23-24).

O samaritano deve, porém, saber que para além da riqueza material, todos podemos fazer sementeiras de desejos intermináveis de ter no interior dos corações, vivendo em contínua frustração já que não podemos satisfazê-los. Daí, provém toda a espécie de males no dizer de Tiago: *De onde vêm as guerras e as lutas que há entre vós? Não vêm precisamente das vossas paixões que se servem dos vossos membros para fazer a guerra? Cobiçais e nada tendes? Então, matais. Roei-vos de inveja e nada podeis conseguir? Então, lutais e guerreais-vos! Não tendes porque não pedis. Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para satisfazer os vossos prazeres* (4, 1-3).

A tentação de adorar satanás para ter tudo é o caminho mais certo para toda a espécie de depravação. Por isso, o samaritano terá um controlo diário sobre o seu coração e os seus desejos. Ninguém estará disponível a ajudar se eventualmente se vir constantemente inseguro e permanentemente a lamentar-se do seu estado de vida. Há pessoas que nunca têm e de todos exigem. Os pedinçantes pensam serem mais espertos ao aldrabarem os outros com as suas lamentações e ao arrancarem dos outros a compaixão. Mas esquecem-se que jamais alguém depositará confiança neles. Sentir-se-á sempre mais pobre de todos os pobres porque não é capaz de partilhar a sua pobreza com os outros naquele seu pouco, como fez a viúva que da sua penúria, deitou tudo quanto possuía, todo o seu sustento (Mc. 12,44).



VI Capítulo

A construção do homem samaritano

O samaritano tem a sua espiritualidade na leitura do modo como Jesus viveu neste mundo, fazendo bem (Act. 10,38).

Numa palavra, toda a vida samaritana é marcada pelas atitudes de Jesus em relação às situações onde o homem padecer e precisa de libertar-se ou de uma mão amiga. Todas as atitudes de Jesus podem resumir-se numa só: a *liberdade pessoal*

Jesus apresenta-se livre diante dos chefes, (políticos e religiosos) da sinagoga, da lei e das multidões. Só isto pode explicar a paciência e o afecto pelas multidões abandonadas; a defesa e a compreensão pelos pecadores, a liberdade com que escolheu os seus discípulos; a solicitude pelos órfãos e viúvas. É indiscutível que esta é a atitude fundamental para qualquer homem que pretenda ser sinal de presença de salvação. Isto porque as influências do meio acabam sempre por influenciar a maneira de julgar e as decisões a tomar. Sabemos que nenhum mortal pode atingir a liberdade de Jesus, mas podemos, sem dúvida, deixarmo-nos orientar pelos seus princípios e pela força da sua Palavra.

Onde o samaritano vai-se construindo?

São dois textos principais:

A. Lc. 10, 29-31

Lucas acha que a evangelização não é só para os Doze (os Apóstolos). Neste capítulo, são setenta e dois que devem preparar a viagem de Jesus até Jerusalém. É a eles que é dirigido a necessidade de rezar para que o Senhor envie operários para a sua lavra. São eles que recebem o mandato

da pobreza evangélica. Enfim, são eles que se alegram com as maravilhas operadas durante a missão. São eles que entram no grupo dos pequenos e os "felizes porque vêem e ouvem o que muitos, no passado, quiseram mas não puderam ouvir" (10,23)

Toda esta mensagem evangélica é vazia se não se encher do amor sério e profundo, como diz João por que "Deus é amor" (1Jo.4,8). Neste sentido, a evangelização começa e termina no amor.

Esta maneira de ver Deus ultrapassa aquela dos fariseus e é a primeira disposição interior que Israel deve ter em conta. Qual é? Escuta Israel (Dt.6,4).

O homem, como experiência pessoal de cada vivente, sabe que está cheio de "barulhos" que lhe impedem muitas vezes de escutar o mais importante da sua vida. Por isso, misturam-se no seu dia-a-dia uma séria de mensagens que acabam muitas vezes por distraí-lo. Isto não lhe permite fazer escolhas para a vida mas sim para a morte e para a destruição pessoal. Ora, aí se coloca a necessidade de escutar.

Toda esta escuta está centrada, segundo o Deuterónimo, num amor exclusivo a Deus, onde nenhum dos sentidos fique longe de Deus. Só isto pode salvaguardar a escolha para a vida: eis que hoje estou colocando diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade. Se ouves os mandamentos de Yahweh, teu Deus, que hoje te ordeno, amando a Yahweh, teu Deus, andando em seus caminhos e observando seus mandamentos, seus estatutos e suas normas, viverás e te multiplicarás. Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida e a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência (Dt. 30,15-16,29).

O que significa isto para um samaritano?

Ao samaritano se impõe uma atenção especial para escutar e discernir. É importantíssimo que alguém cuja vocação é aproximar-se para "ajudar" tenha o máximo cuidado em preservar o coração de depósitos de ódio e de má-vontade que geram a impossibilidade de se comunicar isto é de se encontrar. Consequentemente, O samaritano deve educar-se: primeiro, a controlar os seus sentimentos mais profundos para saber julgar os homens e as situações, como diz Isaías: não julgará pelas aparências (11, 3^o). Segundo, a fazer violência sobre o pecado que, às vezes, se sobrepõe, à santidade. Por conseguinte, os irmãos terão em conta todos os membros que, permanentemente, revelam uma incapacidade crónica em "controlar-se". A primeira atitude a tomar é, através dos *bandueje*, procurar levá-lo a compreender-se para melhor entender a sua situação pessoal e a nível do movimento. A Segunda, é ajudá-lo a libertar-se do seu peso espiritual, que o leva a não ter consciência que ter razão humanamente nem sempre significa fortaleza espiritual. É bom que se tenha mais ou menos em conta os irmãos de contacto difícil para os facilitar a vida no interior do movimento, dando-lhes muitas vezes a possibilidade de se explicarem. No entanto, é importante não dar lugar a maniaços que pensam que toda a gente os deve compreender e eles jamais dão um passo. Quando é assim, é melhor, finalmente, dispensá-los da espiritualidade. A esta escuta que se apoia no amor sem reserva a Deus, Jesus dá o último conselho: *faz isto e viverás* (Lc. 10,28).

a) A disposição interior

A exclusividade do amor a Deus impõe um complemento importante: "e ao teu próximo como a ti mesmo" (Lc. 10,27b). Este é tão necessário que João faz dele o espaço de

quem está na luz: Quem diz que está na luz, mas odeia o seu irmão ainda está nas trevas (1Jo.2,9) e, finalmente, o espelho de quem ressuscitou: quem não ama permanece na morte. Todo aquele que tem ódio a seu irmão é um homicida. E vós sabeis que nenhum homicida mantém dentro de si a vida eterna (1Jo. 3,14b-15). Neste sentido, a vida com Deus significa "amar". Este amor exige, contudo, uma profunda purificação: não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do pai não está nele (1Jo. 2,15). Tudo isto não é uma opção do homem, mas sim, de Deus. Sem dúvida, o que mais espanta qualquer crente que reflecte o amor com que o Pai nos amou é a realidade que "não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados (1Jo.4,15).

Esta consciência de que fomos amados antes e gratuitamente por Deus provoca em todos nós: primeiro, uma atitude de agradecimento pelo dom; segundo, uma atitude de louvor e finalmente uma atitude de profunda humildade; somos simplesmente filhos da misericórdia de Deus. Somos o que somos não pelos nossos méritos, mas pela força do Pai. Dai o amor ao irmão.

b) As etapas da manifestação do amor fraterno

Lucas depois apresenta-nos a seguinte constatação muito dura: *ninguém nasce irmão*. Aliás, só isto explica tanto ódio entre pessoas de laços familiares muito próximos; as guerras fratricidas e outros desastres no relacionamento entre os homens. Só isto pode explicar tantas desavenças que jamais encontram solução ou uma reconciliação mais ou menos conseguida. Todos, por conseguinte, tornámo-nos irmãos; é uma dinâmica e um processo que ocupa toda a vida, sem excluir ninguém. Ora, neste processo, só entra quem é capaz

de esquecer os seus próprios interesses e obedecer às seguintes atitudes:

1. o movimento do coração

O coração nunca deixa de falar e de advertir onde o amor é chamado a intervir ou em crise. O olho vê e o apelo chega, mas o coração pode ser traído pelo pé que passa. Isto podem fazer até as pessoas que, pela força da Palavra, deveriam estar mais disponíveis como é o caso do sacerdote e do levita. O passar pode ter muitos nomes: *indiferença, coração duro, insensibilidade, interesse próprio* etc. Isto tudo pode fazer com que a mal alheio não chegue ao coração. Ora para que a dor movimente os sentimentos é importante:

a) Aproximar-se (chegou ao pé dele).

Esta é a primeira atitude para escutar os gemidos. Sem isto não nos apercebemos de tanta coisa que gira à nossa volta. Há motivos óbvios para muitas vezes não nos determo-nos: *pressa por razões iníteis, interesses pessoais em jogo, ódios escondidos, divisões familiares; tribalismo, racismo; incompatibilidade relacional* etc. Por isso, quem não se aproxima, em princípio, está doente humana espiritualmente. Se não o faz por motivos pessoais então é preciso que encontre um momento de pausa para repensar a vida. Não é correndo sempre que se resolve tudo na vida. Por outro lado, o correr só por correr acaba sempre por matar a atenção por aqueles que temos o dever de estar "juntos". Neste sentido, entram em crise valores o que é perigoso. A corrida permanente leva a procurar pousadas erradas que não são aquelas onde se dá e se recebe.

Se não se aproxima por razões que têm origem no coração, o problema torna-se, em certo sentido, muito mais difícil visto estar em jogo todo o homem. Em Ibinda um provérbio

diz: *sêmba sîsu iek'usêmba ibâla*¹. Isto significa que em qualquer situação de incompatibilidade, de dificuldade relacional ou de inimizade ninguém, em princípio, tem toda a razão. Cada um tem uma parte do problema que fomentou o mau ambiente. A primeira cura é procurar encontrar as razões e distribuir-se as culpas. A isto se segue a aceitação mútua e finalmente iniciar uma aproximação lenta, continuada, feita de pequenos gestos de apaziguamento. Tudo isto tem um remédio que se chama:

b) *Ter compaixão* (encheu-se de compaixão)

Esta foi atitude permanente de Jesus; compaixão pelas multidões abatidas como ovelhas sem pastor; compaixão pela viúva que perdeu o filho. O sentimento de ter compaixão não é ter pena, mas sim *padecer (sofrer) junto* (cum- passio). Ora, neste sentido, nasce uma solidariedade com quem sofre. Daí nasce o dever de intervir; de fazer algo. Eis então o movimento das mãos que significa que o compadecer-se de uma maneira séria não deixa ninguém sem nada fazer ou melhor inactivo.

2. O movimento das mãos

O samaritano mostra-nos que é um homem que teve compaixão e que se aproximou. Por isso, as mãos libertam-se para "ajudar": ligou as feridas, colocou-o na sua própria montada e levou-o para uma estalagem e cuidou dele. Numa palavra: *aproximou-se, tocou e curou*.

O que significa isto para o samaritano

O homem samaritano é aquele que está sempre disponível a "aproximar", lutando contra tudo o que eventualmente o

¹ *Sêmba sîsu iek'usêmba ibâla* = chame atenção (ralhe) quer à galinha quer à ave de rapina.

possa impedir a fazê-lo. Abandona-se e curva-se: inclina para mim os vossos ouvidos, apressai-vos em libertar-me (sl.30, 2). *O curvar-se*, como diz o salmista, é a posição de solicitude e de atenção e de aproximação, deixando a *verticalidade (ficar de pé)* que pode significar estar longe, despreocupação ou finalmente arrogância e insensibilidade. Por isso, que se tenha em conta esta maneira de estar e de se apresentar. Ninguém pode escutar alguém se não se curvar humanamente e espiritualmente: *bem-aventurados os simples porque possuirão a terra.* (Mt. 5,6).

VII

Capítulo

x A dinâmica do encontro

O samaritano é o homem da aproximação. A aproximação tem como finalidade o encontro. É aqui onde temos o segundo texto fundamental da espiritualidade samaritana:

Mat. 5, 1-42

É sobejamente sabido que o encontro pode ser programado. Este tem pouco de mistério: as pessoas conhecem-se e têm muito de comum (negócio, interesses, programas, amizade etc). No entanto, já não é a mesma coisa quando este é improvisado e, sobretudo, entre pessoas que não só são diferentes, mas que entre elas existe uma situação conflituosa, às vezes, sem culpa, mas envolvidos por outros. Ora, esta leitura de João é a lição para qualquer samaritano. Jesus foge das multidões e, principalmente, da luta entre Ele e João Baptista. Quem era o maior! Isto queriam os fariseus. Por isso, Jesus abandona a Judeia, terra dos crentes e vai para a Galileia, terra dos pagãos. Ai sentia-se sempre mais

seguro. Parece mentira! Durante esta viagem tem de passar pela terra dos samaritanos. Judeus e samaritanos detestavam-se; o Norte e o Sul há muito separados já nos reinados de Roboão e Jeroboão. Era preciso unir.

1. O poço de Jacob

Os lugares com água, sobretudo em terras onde ela é rara, são normalmente espaços de encontro, mas também de conflito e de reconciliação.² Jesus ali apresenta-se com toda a sua humanidade. Simplesmente homem. Tem sede. Está só porque os discípulos foram à buala comprar comida. Tinha fome. É o lugar do seu encontro com a samaritana que também veio buscar água. Ela tinha o balde. Jesus não tinha nada para poder cartar água. Estavam separados: primeiro, tribalmente: um judeu e uma samaritana; segundo, um homem e uma mulher. Já sabemos que judeus e samaritanos não se podiam ver e por outro lado homem e mulher a sós dava o que os apóstolos disseram: *nisto chegaram os seus discípulos e ficaram admirados de Ele estar a falar com uma mulher* (v. 27). Por isso, não havia possibilidade de aproximação para um encontro.

A vida é mesmo assim; muita coisa se interpõe entre as pessoas que as impede de se encontrarem. Às vezes, nem são culpadas. Jesus, no entanto, ensina-nos como ultrapassar: κ

a) A força de romper a divisão

Se a divisão é resultado de uma situação colectiva (incomunicação familiar, tribal, racial, social, política etc) a superação depende fundamentalmente da capacidade de cada um de integrar esta "divisão" ou de recusá-la. Há realidades que ajudam a diminuir, mitigar ou a acabar este tipo de divisão. São elas: *casamentos, experiências pessoais,*

² Cfr. Gn. 21,25; 26, 15-22

ambiente de serviço, educação, formação etc.) Mas se a divisão depende de motivos pessoais a solução depende sempre de uma grande capacidade de relativizar a dor, a ofensa e deixar repousar a cabeça e o coração. Porém, esta atitude até humana não é suficiente. É importante recomençar a relação. Quem dá o primeiro passo não é o mais fraco mas sim, o mais forte. Assim fez Jesus: *dá-me de beber* (v.7). Afinal para um *recomeçar* não é preciso muita palavra; apenas algo que possa chamar a atenção deste OUTRO: um olhar afectuoso, um cumprimento, uma preocupação em dar uma mãozinha, um dar prioridade de uma maneira mais ou menos amigável. Nenhum reencontro se faz sem pequenos passos de aproximação; anúncios antecipados de boa vontade para um perdão mútuo. Aos apelos de encontro, a outra parte pode não aceitar: *tu judeu me pedes água eu que sou samaritano?* A primeira resposta é deixar cair, porque *"eu fiz tudo, e ele não me quis ligar*. Isto é suficiente para muitos calar a consciência diante dos compromissos do perdão.

b) Jesus descobre-se para o homem

O perdão mútuo só é obra de Deus. Normalmente o homem acaba sempre por reforçar as paredes da separação. Neste sentido, Lucas é muito duro para quem não se abre para o perdão. Ora, neste sentido, o grande caminho é aquele de aceitar a acolher Jesus que se abre para o homem.. Dá-se depois o diálogo. Neste diálogo, Jesus pretende:

1. Que cada um se descubra

Este viagem para dentro é ajudado por próprio Jesus. Ele vai precisamente para o que é mais importante na vida de cada um: *vai, chama o teu marido e volta cá* (v.16).

2. Aceitar confrontar-se com a verdade isto é com Jesus

"*Eu não tenho marido*" (v.17). É duro encontrar-se consigo mesmo. No entanto, a atitude mais humana é fugir; deitar culpas a terceiros ou tentar encontrar motivos para justificar. - se. A samaritana fez o que qualquer carnal devia fazer: esquivar-se, procurando motivos a partir da divisão religiosa: os nossos antepassados adoraram Deus neste monte e vós dizeis que o lugar onde se deve adorar está em Jerusalém (v. 18)

3. *O estado de purificação*

Uma vez descoberto Jesus pela sua verdade, o profeta, o homem que faz a ligação entre os separados " porque Ele é a nossa paz" (Ef. 2, 14); a água que mata definitivamente a sede; o pão que não acaba mais (Jo. 6), a Samaritana torna-se missionária. Esta missão é proclamada a partir de si mesma e na verdade, porque só ela liberta (Jo. 8,32): *vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz!* (v.28). Através dela e pela experiência pessoal, os samaritanos abriram um espaço para que Jesus ficasse com eles e fizessem o seu caminho pessoal de fé: então muitos creram nEle por causa da sua pregação, e diziam á mulher: Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o salvador do mundo (vv. 41-41)

4. *Então quem é o samaritano?*

Os males de qualquer sociedade, comunidade, família, centros de oração etc. vêm da incapacidade de aproximação ou quando a ligação para a aproximação se rompe. Por outro lado, as dores e a perdição de muitos homens não são escutados porque as pessoas não estão disponíveis a aproximarem. Neste sentido, o samaritano é o homem e a mulher da aproximação. Esta é a pastoral dos samaritanos. Por isso, qualquer samaritano terá em conta que esta tarefa é

muito difícil humanamente e espiritualmente. Todos podemos fugir ao esforço de nos aproximarmos de nós mesmos e das situações onde o homem precisa doutro homem..

4.1. *O poço de Jacob*

O Poço de Jacob é o lugar de referência da espiritualidade samaritana. Ninguém pode aproximar-se de alguém e fazê-lo irmão se não se confronta antes com Jesus isto é, descobrir o que pode travá-lo a aproximar-se, purificar-se e tornar-se missionário. Por isso, o encontro mais importante de um samaritano chama-se **Poço de Jacob**. Cada samaritano deve prepará-lo de uma maneira muito profunda, tendo em conta a sua vida pessoal, a do movimento e a da própria comunidade.

Quais as atitudes fundamentais de uma participação ao Isima chi Yakob? Assim como as águas do poço só se revelam quando tiradas para fora com um balde, o mesmo sucede com o interior de cada um de nós. Este só se apresenta aos homens, nossos irmãos, quando nos manifestamos (palavras, obras, gestos e atitudes). Assim como o poço de Jacob representa um passado, a mesma coisa a vida de cada um de nós inclusive aquela do movimento tem um passado. Este passado é mais ou menos pobre, rico, conflituoso ou sereno. Por isso, no poço de Jacob se resume o passado, o presente e o futuro de cada participante. Aí nos entregamos totalmente para que a aproximação entre os irmãos seja completa e salvaguardada a fraternidade. Neste sentido, o poço de Jacob é o lugar da revelação de cada um ao outro, da purificação dos sentimentos e ponto de partida para mais uma experiência pessoal e comunitária com Jesus: "*o que existia desde o principio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o*

que contemplamos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida; de facto a vida manifestou-se; nós vimos-la, dela damos testemunho e anunciamo-vos a Vida eterna (1Jo.1.1-2).

É importante que a participação ao Isima, chi Yakob obedeça ao critério do crescimento da espiritualidade e da vida do movimento. Neste sentido, seria oportuno que os recém entrados não participem assim como os adolescente e crianças. Finalmente, como no Isima chi Yakob se joga toda a vida do movimento, é deveras importante que os irmãos mantenham o máximo de discrição. Que os irmãos eduquem-se a manter em secreto tudo o que se tratar durante o Poço de Jacob. Em consequência, os responsáveis do movimento terão em conta a capacidade de segredo de cada um dos participantes. Uma vez verificado alguém que tenha dificuldade em exercê-lo, seria oportuno que fosse dispensado do movimento para que não contamine os demais, e não engendre situações de permanente desconfiança, originando instabilidade relacional. Em conclusão, como o Isima chi Yakob é o findar e reiniciar de uma etapa é importante que não tomem parte nele os irmãos cuja participação seja deficiente visto não estarem a corrente da vida real do movimento: ânsias, problemas, projectos etc.

A ESTRUTURA DO POÇO DE JACOB

1. Eucaristia
 2. O encontro fraterno
 3. O abraço de reconciliação
 4. Compromisso comunitário e pessoal
 5. A reza do salmo 69(68)
 6. M'sambu mangólo
- ◆

linhas gerais da espiritualidade samaritana

Muène, Nje zabízi m'tu ami ngólo

Zi nzimbala ziami zabízi

Buau, bakámbua ubúba um ibíla chiami

Bana bafíete, a Muène m'vánji.

Bakámbua ubúba um ibíla chiami

Bana bakuchikachika, Nje Nzámbi Israel.

(Salmo 69(68), 6-7)

VIII

Capítulo

A organização samaritana

1. Mvési diocesano

É o responsável de todos os samaritanos. Será eleito durante o Grande Isima chi Yakob,

2. Mvési regional

É o responsável por uma determinada região.

3. Mvési do lar

É o responsável por um subgrupo.

4. Secretário diocesano

É o responsável pela vida administrativa do Movimento. Será eleito. Em cada região e lar deverá haver também um secretário. Estes dependerão do SD.

5. *Tesoureiro*
É o responsável pela vida económica e financeira do Movimento. Será eleito. Em cada divisão, deverá haver um tesoureiro. Dependem daquele diocesano.

6. *Banhanje*
É formado pelo Mvési diocesano, os Mvési regionais, do lar e mais quatro irmãos escolhidos. Estes têm a missão de ajudar o trabalho do Mvési diocesano. A eles também compete resolver questões que exigem mediação.

7. *Comissão diocesana*
É formada por todos os responsáveis regionais, o Secretário diocesano e o Tesoureiro diocesano. Compete organizar, estudar e decidir as situações que exigem consenso. Reunir-se-ão trimestralmente.

8. *O animador espiritual*
Deve ser um sacerdote. Não desempenha uma função de mando; apenas de acompanhamento e animação espiritual.

9. *Os Bambrisi*
São os formadores do movimento.

10. *M'sanyi (m'sanyi)*
É um responsável que não babelama.

11. *O grande Poço de Jacob*
É a reunião trienal dos samaritanos. Nela serão discutidos a vida da espiritualidade e serão eleitos os responsáveis.

N.B. Todos esses cargos serão eleitos democraticamente. Nenhum responsável poderá estar mais de seis anos no

mesmo cargo. Só um Babelama pode assumir determinados cargos de responsabilidade.

IX Capítulo

Os serviços samaritanos

1. *O serviço de discernimento*
Compete acompanhar a vida espiritual e humana dos samaritanos.

2. *O serviço de louvor*
Compete organizar, dinamizar e velar pela vida litúrgica e de oração.

3. *O serviço invési*
Compete velar pela caridade no seio dos samaritanos. Esta quer no seu interior quer em relação aos irmãos. Também se ocupará dos óbitos, sobretudo, dos membros.

♦
X
capítulo

As etapas samaritanas

À dinâmica samaritana parte do texto de João para aquele de Lucas. O que é que significa isto? Isto pretende chamar atenção para a dificuldade de qualquer pessoa vencer-se para

aproximar-se. Humanamente, deve ser do mais duro e difícil, sobretudo, quando no meio existe qualquer coisa que endurece a vontade de "encontro". Por isso, só um grande jejum interior, orientado pelo Mestre pode levar a quebrar o que, eventualmente, separa pessoas. O texto de Lucas diz-nos que há *funcionários* de Deus e *servidores* de Deus. Quando somos funcionários, o evangelho não influencia a vida e não brilhamos como Moisés quando se encontrava com Yavé. Apenas fazemos. Apenas imitamos. Apenas fazemos teatro. Este é o grande problema de um crente. Por outro lado, Lucas nos diz que Deus, às vezes, tem cara daqueles que parecem não acreditarem, Isto por causa da sua vida a favor dos homens. Neste sentido, é importante, que qualquer samaritano tenha em conta que a sua missão: de se aproximar para salvar deve ser um compromisso diário. Isto significa uma luta constante e permanente contra tudo que o possa impedir de ser *ponto* e *momento* de encontro. A cada samaritano, logo no primeiro dia de contacto com a espiritualidade, se vai exigindo: primeiro, ir fazendo um estudo de si mesmo para melhor compreender os seus sentimentos mais profundos. Aliás, pode ser através de uma ajuda mútua entre irmãos; diálogo pessoal e comunitário. Segundo, renunciar com todas as suas forças tudo o que o possa impedir fazer a caminhada de aproximação. Isto quer dizer que o texto de João é a etapa de encontro e de purificação e o texto de Lucas é a etapa de exercício. Aqui se coloca a etapa da caminhada samaritana que, em parte, deve revelar o crescimento de cada membro. Neste sentido, é importante que se dê tempo ao amadurecimento de cada membro. Ter-se-á isto em conta para a passagem de uma etapa à outra. O tempo de espaçamento dependerá de membro a membro e do Grande Poço de Jacob. Este estabelecerá os anos requeridos para a passagem. Tendo em

conta esta grande violência que o samaritano tem de exercer sobre a sua alma e seu corpo, o dia da Conversão de S. Paulo, 25 de janeiro, será o patrono do Movimento. Será celebrado com muita profundidade e alegria espiritual

a) Biliata

É a etapa do encontro com a espiritualidade. Aqui se pretende acima de tudo que o membro tenha a capacidade de, paulatinamente, ir integrando a sua vida nas exigências da vida samaritana. É importante, que aprenda a parar e a escutar-se e a escutar os outros.

b) Babelama

É a etapa do amadurecimento. A este se exige que saiba parar, escutar, aproximar-se e ajudar.

O COMPROMISSO DE VIDA

Este deverá ser quotidiano, no início do dia. Por outro lado, deverão fazê-lo durante o Isima de Jacob os recém incorporados na espiritualidade.

Minu N.....ibúndu ntúlu mu mangólo ma Nzámbi ubíka chionsoko china chikumpánga ukámbua ubélama vána valéle uonsoko mântu, nkómb'ami. Iínda mangólo ma Mfúmu, ibíla minu véka chinavángikisi ko.

Eu, n..... comprometo-me com a força de Deus deixar tudo o que possa fazer-me não aproximar do homem, meu irmão. Peço que o Senhor me fortifique, porque só nada consigo. Amém.



XI

Capítulo

Os vários rituais

(I)

UKOTA MUBULIATA

Esta celebração é realizada durante a eucaristia, depois da homilia, ou durante uma liturgia da palavra.

O Mvési colocando-se diante da comunidade diz:

Mv. Tâta m'pêlo, tukulinda utuvâna m'sua utéika mu zi nkômba zitu azi chia ifimbu chi bâna um ikâba chitu biliâta buinji uzîngila buna befû tuizîngila, tuisâlila ai tuiyuéllila miôko mu Libûndu li Kîristu.

X Cl. Tâta Mvési, baké kua mangólo buinji ukâmbua uvânga libûndu litu udésukuela? Baké kua mangólo mavibiluila?

Mv Muene ngéte, tâta m'pêlo, ibila zi nkômba zina zizingânga iau ai bilândangana bumsi andi biliâta, bibônda ntûlu ti ukônzoka bikônzoka ka bisi kéva ko..

X Pd Matôndo ke Tâta Nzâmbi

O Mvési chama os candidatos. Estes respondem: Mfumu ibélama.

X Pd Buau, nkômba ziami, nkambânu, luivitika ubika bina binu buinji umóna Zêzu

Bi. Muene ngéte.

X Cl. Luivitika ubélama ono ke mu mpási buinji lunlikila m'sunha nzua mônho?

Bi. Muene ngéte.

X Cl. Matôndo ke Tâta Nzâmbi. Buau natânu lilênsu bene olio dedé ifimbu chi bana bitômba usékuka ai bitômba usázia zi nkômba.

Bi. Amén

Bênção dos lenços

X Mamuéne Tâta, séma (+) malênsu bene âma nzua bana binâta mian. Ubachitula zi mbanji zi liambu liaku. Mu Zezu Kîristu Kîristu, muan'aku, uu libûndu lu Muêla Santu, Amén.

Os candidatos ajoelham-se e impõe-se-lhes os lenços. No fim, de pé, rezam:

Tuméne ukúbama buiji kuímona ai umóna zi nkómbe. A Muéne tukutónda. Utuchindisia tukámbua uvútuka mbusa. Amén.

◆
(III)

UCHITUKA BABELAMA

Depois da homilia, proceda-se à seguinte cerimónia:

Mv. Tata M'pélo (bispu) tukufinda m'sua buinji tusichika zi nkómbe zitua azi mun'ibuángu chi babelama.

Cl. Monho ami uvokoka táta Mvési. Mamónso mu m'tu aku ibila nje zabízi maméme mana uivésia.

MV. Táta m'pélo tumazábizi ai tumabélíka,

Cl Buna umatúmisia.

Segue a chamada à qual responderão: *Nje toka Muéne*

Mv. Nkómbe ziami, tuiútula matóndo mu ibila chi nsekukulu inu, mangolo minu ai mpifululu inu. Buau, mu ilumbu bene achi lia bündu lionso likuángala abu luitélamena chimbánji isálu chinu chi bubélama.

Cl. Matóndo ke Táta Nzámbe .

Cl. Táta Mvése, tuiúúzi obo lusóléze, vanji nkambábu. bakubeméze buinji kuimánga bavéka?

Mv. Ngéte Táta

Cl. Buau, bána bami, yalánu mióko ai yámikisianu likánha linu li bakua-ubélama.

Ba. Befu kuaba Mfumu Zézu, utusúkula m'tíma buinji tumóna ai tubélama.

Cl, Bana bámi, matóndo lia bündu kivútula mu ibila chi mangólo minu. Vanji, ntámbuluilanu:

Cl. Luivítika ukúa mbémbu Zézu, buinji kalusunjikila china luifuéne uvónda mu bénu, buinji lusámisia mána minu?

Ba. Ngéte Táta.

Cl, Luivítika ukúkuluila m'tíma Zézu u vumbama ei u bumbele buinji lusíchika luzólo luinu?

Ba. Ngéte táta..

Cl, Luivítika ubónga mfuna u Zézu buinji lumónisia lubóndo luinu?

Ba. Ngéte táta,

Cl, Matóndo ke Táta Nzámbe.. Bika lubá ubútu bi Zézu ibila luisáila mána ma Táta.

Ba. Amén.

Segue a bênção do símbolo do Babelama

Táta Mvánji ai Mvéne, séma (+) ulimbu abi ai dúkululuila Mfúzi mónho um bána bakuiza bitámbula. Babá bántu bibélama uonsoko múntu.

4. Invocação do Espírito Santo
 5. Leitura Bíblica
 6. Pregação e partilha da palavra
 7. Oração dos fiéis (zi nkánu)
 8. Testemunho da aproximação (Palavra)
 9. Makaba
 10. Apresentação dos novos
 11. Avisos
 12. Oração final
- (Se estiver o director espiritual dá a bênção final)



Este texto é provisório. Pretende-se com isso que, ao longo de anos de experiência, se possa enriquecer elementos que sejam importantes. Isto far-se-á somente durante o Grande Poço de Jacob.

Imaculada, 23 de Setembro de 1998
Padre Jorge Casimiro Congo

Depois da recepção do símbolo, ajoelham-se e dando-se as mãos, rezam a seguinte oração.

A Muéne Tâta, tuitomba ubá bãna baku bizibula meso buinji umóna. Bisichika ndátulu buini ukúta ai bibélama buinji usázia. Muéne utuvãna mangólo maku, bakana mána miti buinji tukãmbua uvõnga. Amen,

Os babelama levantam-se de mãos dadas e dão-se o abraço de comunhão e de alegria.

M'SÁMBU MANGÓLO

Mamuéne, Tâta, utuvãna mána ivzãba umóna luzólo buaku.

En likãnga ubalikila,

Mun'iidombe ubatendulula muinda,

Muna mvúsusku ubavãna ndémbama

Vana ntãngu iéla, Tâta utuvãna Muan'aku u luzólo:

Uzibula méso ma mpófo,

Uvana málu ké ikáta,

Ai ufiona m'kãnda buázi.

Eezu Tâta, bõnga m'itim itu usúkula, tuzóla,

Mioko itu ukándula, tusázia,

Tubá bãntu bilikila mônho ai m'súnha.

Amén.



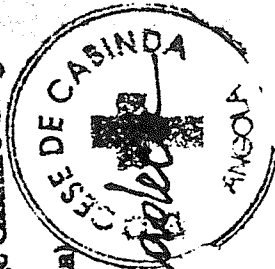
A assembleia samaritana

1. Canto de entrada
2. Ritos iniciais (em nome do Pai...)
3. Acto penitencial

NÓTULA HISTÓRICA

O actual Movimento de apostolado Samaritanos ou Lusitani ou Zezi nasceu dos Antigos Jovens. Vendo que a designação representava pouco e no seu seio estavam, sobretudo, senhoras mães, decidimos, em 1996, evoluirmos para um grupo de oração, cujo lema fosse ser soldádo como o bom samaritano. Problemas houve que fizeram com que o projecto não tivesse o enraizamento pretendido. No entanto, em 1998 deu-se um outro impulso. Tentou-se, desta vez, dar-se um corpo mais sólido e foram consolidados os elementos essenciais da espiritualidade.

Imaculada, 30SET
Padre Jorge Casimiro Congo



(Com a aprovação eclesialística)

Sanctus Impulsus

Anexo 19: Estatutos da Fraternidade

Nota da Fundação da Fraternidade
no Diocese de Cabinda 6/Junho/1984
dados da Irmã Catarina, das
Mercedárias da Cidade de

ESTATUTOS DAS FRATERNIDADES
FEMININAS CRISTÃS

CAPITULO 1/ CRIAÇÃO - DESIGNAÇÃO

- Artigo 1. Desde 1964, nasceu no Congo, um movimento paroquial de oração, de apostolado e de ajuda mútua designado: FRATERNIDADES FEMININAS CRISTÃS CATÓLICAS e conforme a Lei de 1 de Julho de 1901.
- Artigo 2. As fraternidades são um movimento de oração e de apostolado e, por isso, estão sempre enraizadas numa paróquia.
- Artigo 3. Todas as actividades missionárias das Fraternidades decorrem dentro dos limites da Paróquia e nunca fora destes, salvo em casos de uma opinião contrária proveniente da Paróquia de origem.
- Artigo 4. As Fraternidades, sendo um movimento de oração, de apostolado e que pratica o auxilio espiritual, material e moral mútuos, se sustentam todas em caso de acontecimentos felizes ou infelizes. Neste caso, elas saem para um momento das suas Paróquias para estarem mais próximas da Fraternidade Irmã duma outra Paróquia. (Trata-se de festas de padroeiros ou lutos.)

CAPITULO 2/ NATUREZA - OBJECTIVO

Mc I, 14-20; Jo 15, 16-17; At 2, 42-47./

- Artigo 5. As Fraternidades são um movimento de apostolado que congrega numa comunidade fraternal mulheres

ser concedida à irmã pela secretaria da fraternidade de origem.

b/ Dum bairro a um outro ou duma Paróquia a uma outra: uma transferência lhe pode ser concedida à seu pedido.

Artigo 12. A Fraternidade não deve servir de pretexto para faltar às exigências cívicas, familiares e profissionais.

CAPITULO 4/ CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Mt 28, 16-19; Jo 3, 3; At 9, 17-19;

At 10, 1-48.

Artigo 13. São admitidas nas Fraternidades todas as mulheres cristãs católicas.

Artigo 14. As postulantes que desejam ser membros das Fraternidades devem ser batizadas católicas tendo já participado aos sacramentos da eucaristia e da penitência.

Artigo 15. Todo o futuro membro das Fraternidades deve dar, aquando do seu pedido de inscrição, as seguintes informações:

- Nome completo
- Data e lugar de nascimento
- Nomes dos pais (vivos ou mortos)
- Situação da família (casada ou não, número de filhos número e nomes dos parentes vivos.)
- Sacramentos recebidos e não ainda recebidos.
- Nome do tutor ou tutora.
- Nome do marido e sua profissão.

Artigo 16. Para ser postulante, um pedido manuscrito deve ser dirigido à presidenta(responsável) e preencher as seguintes condições:

a/ Ser batizada católica e ter recebido a eucaristia.

b/ Ter ao menos 28 anos de idade.

c/ Ter um cartão de contribuição cristã do bairro, ou comunidade eclesial de base, como é hábito chamar-se noutras dioceses.

*Artigo 17. A postulante torna-se membro da Fraternidade pela promessa que faz depois de ter preenchido as seguintes condições: ter pago o direito de adesão estimado à 5000 Frs para cobrir as despesas da promessa (compra dum Biblia, dum terço e dum ciro).
-ter a licença do marido, do tutor ou daquele que os representa.
-ter pago a contribuição cristã do ano em curso.*

Artigo 18. O período de prova para a admissão dum membro postulante é de um ano. Durante este tempo, o futuro membro é iniciado à vida da Fraternidade, aprende todas as orações (orações usuais e as da Fraternidade e de todas as fraternidades) e toma conhecimento dos estatutos das fraternidades.

Artigo 19. Três meses depois da inscrição da postulante, a Secretaria apresenta-a à toda a fraternidade. Depois do exame das condições requeridas, a fraternidade aceita ou nega a sua adesão.

CAPITULO 5/ ORGANIZAÇÃO-FUNCIANAMENTO

I Sam 8, 1; Mat 16, 19; Jo 21, 1-9;

I Cor 12, 12-30; Rom 12, 3-16.

Artigo 20. A Fraternidade é constituida por membros que já fizeram a promessa, os quais são dirigidos por uma secretaria.

Artigo 21. A equipa da Direcção é eleita para um mandato de cinco anos renovável uma só vez. Mas em caso de falha, a referida equipa pode ser reestruturada no decorrer do seu mandato.

Artigo 22. Um membro da Direcção pode ser mudado quando se mostra inactivo.

Artigo 23. Antes de mudar uma equipa da Direcção (em caso de falha) ou antes substituir um membro da Direcção por um outro, é preciso avisar a COMISSÃO DIRECTORA DIOCESANA. Depois do voto, ela deverá ser informada também dos novos ou do novo membro.

Artigo 24. A equipa da Direcção compõe-se de seguinte modo:

- I Presidente
- I Vice-Presidente
- I Secretária Geral
- I Secretária Adjunta
- I Tesoureira Geral
- I Tesoureira Adjunta
- I Conselheira
- I Encarregada do material
- 2 Animadoras
- 2 Informadoras

Artigo 25. A Fraternidade elige a sua equipa da Direcção durante uma reunião de todos os membros com a maioria de 2/3, na presença do capelão paroquial ou do seu vigário e na presença dum representante da Comissão Directora Diocesana na pessoa da Primeira Vice-Presidente encarregada das relações interiores.

x - Paises ou de Paróquia Principal da Fraternidade

Artigo 47) A Fraternidade a nível de Boas Paróquias deverá ser administrada dum capelão ou dum sacerdote que trabalhe em conjunto com a Comissão Directora, e que deve promover integralmente a inserção da Fraternidade.

Artigo 26. Funções Dos Membros Da Equipa Da Direcção

(I) Presidente

- Ela é a primeira responsável da Fraternidade.
- Dirige os debates durante as reuniões de toda a Fraternidade.
- Pode convocar reuniões extraordinárias para toda a Fraternidade ou só a Direcção.

Preside a todas as reuniões e orações da Fraternidade.

- Coordena e supervisa todas as actividades da Fraternidade.

(2) A Vice-Presidente:

- Auxilia a Presidente em todas as suas actividades no seio da Fraternidade.

- Controla as presenças.

- Encarrega-se da organização e do apostolado dos membros.

(3) A Secretária

Assiste a Presidente em todas as suas actividades.

- Toma apontamentos de todas as reuniões, elabora os processos verbais e as actas.

- Assegura a administração (correio e arquivos).

(4) A Tesoureira

- Ocupa-se de todas as cotizações no seio da Fraternidade.

- Apresenta a situação financeira à Direcção no fim de cada mês e uma vez por trimestre à toda a Fraternidade.

- Efectua recolha sob as ordens da Direcção ou da Presidente se a quantia for superior a 10.000 rrs.

Handwritten notes:
- Ocupa-se de todas as cotizações no seio da Fraternidade, elabora os processos verbais e as actas.
- Apresenta a situação financeira à Direcção no fim de cada mês e uma vez por trimestre à toda a Fraternidade.
- Efectua recolha sob as ordens da Direcção ou da Presidente se a quantia for superior a 10.000 rrs.

(5) A Animadora

- Encarrega-se da vida litúrgica da fraternidade (missas e outras orações comunitárias.)
- Anima a fraternidade em todos os encontros de alegria e de tristeza (veladas mortuárias, vigílias de oração, tirada de luto, casamentos
- (- *Atividade de animação da paróquia e do bairro*)

(6) A Encarregada do Material

- prepara a sala de reuniões.
- Guarda todos os instrumentos de animação, os bens móveis e imóveis da fraternidade e vela pela sua conservação.

(7) A Informadora

- Encarrega-se de informar os membros acerca de todos os acontecimentos felizes e infelizes (doenças, lutos, nascimentos.)
- Trabalha com as informadoras dos bairros.

(8) A Conselheira:

- Intervém em casos de conflito na Direcção; entre os membros e a Direcção e entre duas ou mais irmãs.
- *Atividade de animação na preparação do grupo*
- dá a conhecer às postulantes os estatutos e o método de adesão à Fraternidade. *e na preparação*
- trabalha em colaboração com a Vice-Presidente e as responsáveis do bairro.

Artigo 27. A Presidente é auxiliada pela Vice-Presidente e na falta desta pela Secretária ou ainda pelo membro que segue imediatamente.

Artigo 28. A Presidente e os outros membros da equipa da Direcção são responsáveis da Fraternidade em colaboração com o capelão paroquial (Pároco ou vigário).

* *Atividade de animação na preparação do grupo*
* *Atividade de animação na preparação do grupo*

Artigo 29. AS QUALIDADES DOS MEMBROS DA EQUIPA DA DIRECÇÃO

A/ Plano Humano

- ser uma irmã disponível
- Dinâmica, sociável
- Discreta, humilde e paciente.

B/ Plano Cristão

- ter todos os sacramentos de iniciação cristã (baptismo, confirmação, eucaristia).
- Praticar o sacramento da reconciliação (penitência ou confissão) e o sacramento da eucaristia.
- Ser apóstolo (ter a preocupação da salvação dos outros).
- ter fé, caridade e esperança.
- conhecer e viver a palavra de Deus.
- viver plenamente a sua vida cristã e pagar a sua contribuição cristã.

Artigo 30. Cada Fraternidade reúne os seus membros segundo os os bairros, isto para melhor realizar esta vida de fraternidade, de oração e de auxílio mútuo entre irmãs do bairro e melhor exercer o seu apostolado no seu meio de vida.

Artigo 31. Cada equipa de bairro terá duas responsáveis nomeadas pela equipa da Direcção da Fraternidade para fazer resplandecer a vida fraterna entre irmãs e as impulsionar ao apostolado também.

CAPITULO 6 A DIRECÇÃO DAS FRATERNIDADES

I Sam 8, 1; Mt 18, 15-18; Jo 21, 1-19

I Cor 5, 11-13; I Cor 12, 12-30; Rom 12, 3-16.

Artigo 32. As Direcções das fraternidades constituem a Comissão Directora a qual é a defensora do ideal que veiculam os estatutos. Vela pelo bom andamento de todas as Fraternidades e assegura o seu dinamismo. Tem o poder de arbitrar os conflitos que ultrapassam a competência da Direcção duma Fraternidade. Ela é o órgão máximo da Direcção de todas as Fraternidades.

Artigo 33. Para cobrir as necessidades financeiras da Comissão Directora, cada Fraternidade dará uma contribuição de 2.000 Frs por mês.

Artigo 34. A sede da Comissão Directora é fixada na Sé Catedral.

Artigo 35. A Comissão Directora elege a sua equipa de Direcção que é a Comissão Coordenadora. Esta prepara as reuniões plenárias da Comissão Directora.

Artigo 36. COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO COORDENADORA

- 1 Presidente
- 2 Vice-Presidentes
- 2 Secretárias
- 2 Tesoureiras
- 2 Animadoras
- 2 Encarregadas do Material e Uniforme.
- 2 Encarregadas do protocolo.

Artigo 37. Nomeadas pelo Bispo, a Presidente e a Primeira Vice-Presidente da Comissão Coordenadora são as primeiras responsáveis da fraternidade. A Presidente da Comissão Coordenadora é Presidente Geral e a Vice-Presidente é Vice-Presidente Geral das fraternidades ao nível diocesano.

Artigo 38. O mandato da Comissão Directora é de cinco anos renováveis uma vez só.

Artigo 39. Caso houver uma falta de respeito dos estatutos ou em caso duma indisciplina notória, a Comissão Coordenadora com a Comissão Directora podem suspender uma fraternidade ou dissolver a sua Direcção.

Artigo 40. A Comissão Coordenadora visita cada fraternidade uma vez por ano.

CAPITULO 7/ OS CAPELÃES E AS CONSELHEIRAS DIOCESANOS E PAROQUIAIS.

Mt, 16, 18-20; Jo 20, 19-23; Jo 21, 15-17;
Rom 1, 1-15; Rom 15, 14-33; I Cor 1, 1-3;
2 Cor 1, 1-II; Ef. 3, 14-20; I Tim 6, II-I
2 Tim 4, 1-5; Tito 2, 1-10; 3, 1-II.

Artigo 41. O capelão geral, os outros capelães e as religiosas
conselheiras diocesanas são nomeadas pelo bispo.

Podendo ser proposto pela C. D. Diocesana

Artigo 42. Os capelães e as conselheiras diocesanas estão nas fraternidades para pôr em prática as diretrizes pastorais do bispo. Estão nas fraternidades para anunciar o Evangelho e para velar pela vida sacramental de cada membro.

Artigo 43. Os capelães e as conselheiras diocesanas são obreiros de unidade e da paz nas fraternidades. Eles trabalham fraternalmente com todas as irmãs e as suas relações têm como base a fé e a caridade.

Artigo 44. Os capelães e as conselheiras diocesanas, tendo sido escolhidos pelo bispo para ocupar-se deste movimento de apostolado dos leigos, são responsáveis deste perante o bispo.

Artigo 51. Para tudo o que não foi previsto nestes estatutos no tocante ao papel que desempenham os capelães e as conselheiras paroquiais, ^{deve ser definido} é desejável referir-se ^{para M. M. Diócesana} ao órgão supremo da direcção das fraternidades que é a comissão Directora.

Artigo 52. Fora da presença dos capelães diocesanos e paroquiais, nenhuma presença masculina será admitida nas fraternidades femininas católicas.

CAPÍTULO 8/ A VIDA DA FRATERNIDADE

Mt 13, 19-20; At. 2, 42-47; 3, 4.

Artigo 53. As fraternidades têm férias, excepto a Comissão Directora, no espaço de tempo compreendido entre Julho-Setembro. As actividades retomam com a novena que prepara a festa de Nossa Senhora das Sete Dores.

Artigo 54. AS REUNIÕES

A/ 1ª Reunião

- 1- Saudação
- 2- Invocação do Espírito Santo
- 3- Chamada (é feita logo no início para se tomar conhecimento das irmãs ausentes por razões graves afim de se rezar por elas.)
- 4- Oração ao Santo Padroeiro ou Santa Padroeira.
- 5- Aclamação da Palavra de Deus.
- 6- Leitura da Palavra de Deus.
- 7- Breve meditação da Palavra de Deus (dirigida ou silenciosa).
- 8- Oração com intenções.
- 9- Recitação duma dezena do Rosário.
- 10- Oração de todas as fraternidades.
- II- Formação (vida espiritual, vida de fraternidade (estatutos), vida apostólica, vida litúrgica, vida humana.)

- 12- Relatório(leitura do processo verbal).
- 13- Relatório das equipes do bairro.
- 14- Leitura da ordem do dia .
- 15- Distribuição do trabalho a realizar dentro e fora da Fraternidade (visita aos doentes, aos pobres, aos velhos e aos diminuídos físicos.)
- 16- Relatório financeiro
- 17- Correspondência e diversos.
- 18- Orações a S. Francisco de Assis e a Jesus Misericordioso.
- 19- Canto final
- 20- Saudação

B/ 2ª Reunião

- 1- Saudação.
- 2- Invocação do Espírito Santo.
- 3- Chamada.
- 4- Oração ao Santo Padroeiro ou Santa Padroeira
- 5- Aclamação da Palavra de Deus
- 6- Leitura da Palavra de Deus
- 7- Meditação comunitária (dirigida ou silenciosa).
- 8- Oração com intenções
- 9- Terço com meditação dos mistérios
- 10- Avisos e diversos
- 11- Oração de todas as Fraternidades
- 12- Canto
- 13- Saudação - Dispersão.

Artigo 55. REUNIÃO DA COMISSÃO DIRECTORA

- 1- Saudação
- 2- Invocação do Espírito Santo
- 3- chamada
- 4- Novidades das fraternidades
- 5- Aclamação da Palavra de Deus
- 6- Leitura da palavra de Deus pelo capelão diocesano
- 7- Meditação da Palavra de Deus dirigida pelo capelão diocesano
- 8- Oração com intenções.

- 9- Recitação duma dezena do Rosário
- 10- Oração de todas as Fraternidades
- 11- Relatório da última reunião
- 12- Agenda do dia com discussões
- 13- Diversos
- 14- Oração a S. Francisco de Assis e a Jesus Misericordioso
- 15- Canto
- 16- Bênção do Capelão diocesano
- 17- Saudação - Dispersão.

Artigo 56. A Direcção das Fraternidades prepara sempre as reuniões gerais de todas as Fraternidades, assim como a Comissão Coordenadora deve também preparar as reuniões da Comissão Directora.

CAPITULO 9/ A VIDA ESPIRITUAL DAS FRATERNIDADES

Jo 4, 21-30; Rom 8, 1-17; 12, 10-17;
 Ef 5, 1-20; Col 3-4; I Tim 5, 12-22;
 2 Tim 3-4; Tito 1, 19-27; I P. I, 13-25;
 I Jo 4, 7-21.

Artigo 57. Oração: Mt 6, 7-15; 18, 19-20; 7,7-11.
 Lc 6, 12-13; 11, 9-13; 12, 22-31
 Jo 4, 46-53; I Tim 2, 1-8.

Rezar é dialogar com Deus, é também viver com Deus; por isso, os membros das Fraternidades terão como actividade essencial e principal: a oração.

Artigo 58. Os membros das Fraternidades devem participar à missa semanal das Fraternidades e à missa do domingo.

Artigo 59. Cada membro deve esforçar-se em ler e meditar todos os dias a Palavra de Deus. Por isso, cada irmã deverá ter uma Bíblia.

rezam uma missa pelas intenções das irmãs defuntas de todas as Fraternidades e no mês de Janeiro, seguindo a mesma organização, uma missa é celebrada pelas intenções de todos os membros das Fraternidades.

Artigo 64. ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO

Ap 7, 11-12; Ap 15, 3-4

As irmãs das Fraternidades fazem uma adoração ao Santo todas as primeiras sextas-feiras do mês.

Artigo 65. VIA SACRA

Lc 23, 26-32; Jo 19, 25-27.

Para viver com Maria, a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Cristo, uma irmã da Fraternidade meditará todas as sextas-feiras a "via sacra" em sua casa e com toda a fraternidade as sextas-feiras da Quaresma.

Artigo 66. A PROMESSA

I Sam 3, 1-21; 16, 12-13; At 9, 10-13; I Tim 2, 1-15

Cada ano, todas as irmãs renovam as suas promessas de engajamento na fraternidade, durante a missa celebrada em honra de Nossa Senhora das Sete Dores.

Artigo 67. PENITÊNCIA/CONVERSÃO

Ez 36, 24-30; Mt 20, 20-24; Lc 9, 57-62; Lc 13, 1-5
Lc 14, 25-33; Lc 19, 1-10; At 4, 36-37; 2 Cor 5, 17-21.

- a/ Uma mulher que se engaja na fraternidade, trabalha pela sua própria conversão e pela conversão dos outros e das outras.
- b/ Para realizar esta conversão, ela não deverá procurar as suas próprias comodidades e a facilidade da vida.

c/ Para viver a sua conversão, ^{o membro} uma irmã da Fraternidade deve confessar-se uma vez por mês.

d/ É deste modo que ^{o membro} uma irmã mostrar-se-á disponível em seguir a Cristo, levando a sua cruz.
(cof Lc 14, 26-27).

igo 68. Para as situações difíceis da Igreja ou para a obtenção duma graça particular nos lares, na Paróquia, no País ou na Fraternidade, ^{o Presidente ou} a Presidente poderá pedir uma abstinência ou uma penitência aos membros da Fraternidade.

igo 69. ^{As irmãs} As irmãs terão ^{o cargo de} o cargo da limpeza da Igreja e da Paróquia e executarão todos os pequenos trabalhos num espírito de penitência.

igo 70. Cada ano, no mês de Fevereiro, as Fraternidades prestarão uma ajuda ao Bispo para as suas obras, num montante de 50. 000 Frs para as Fraternidades de mais de 50 membros e 25. 000 Frs para as Fraternidades de menos de 50 membros.

igo 71. As Fraternidades honram-se ao contribuir às despesas das exéquias dum bispo, padre, diácono, religioso ou religiosa.

CAPITULO IO/ A VIDA DE CARIDADE DAS FRATERNIDADES

Jo 13, 1-5; 14, 15-21; Jo 12-16; Tito 3, 4-7.

igo 72. Entre ajuda e Assistência

Is. 58, 6-11; Lc 7, 11-16; Lc 10, 29-37; Jo 15, 12-16

Penitência
K

Para ilustrar um dos objectos da Fraternidade, que é a assistência, as irmãs ajudam-se espiritualmente, materialmente e financeiramente.

Artigo 73. As Cotizações

Mt 6, 1-4; 2 Cor 8-9; Fil 4, 10-20.

Para a sua sobrevivência, a fraternidade obrigará todos os membros a dar uma contribuição mensal de 100 a 300 Frs segundo o efectivo da Fraternidade: uma cotização de 300 Frs por mês para as Fraternidades de menos de cem membros; 200 Francos para as Fraternidades de 100 a 200 membros e finalmente 100 por mês, para as Fraternidades de mais de 200 membros. Será a recolha desta soma a tesoureira geral.

Artigo 74. A Assistência

Is. 58, 6-11; Mt 6, 1-14; 25, 34-46; I Pe. I, 22-25

- a/ A Fraternidade ajuda um dos seus membros nos seguintes casos: doença grave, morte ou matrimónio.
- b/ A Fraternidade assiste uma irmã em caso de doença benigna e após um convite na ocasião da confirmação, da primeira comunhão ou da retirada de luto.

Artigo 75. AS DOENÇAS

Mat 25, 36; Lc 10, 23-37; Tgo 5, 13-16.

- a/ Doença Benigna: A Fraternidade sendo uma familia, um membro doente deverá beneficiar das visitas das irmãs da Fraternidade.
- b/ Doença grave: Neste caso, a Fraternidade ajuda o membro doente tendo em consideração a sua regularidade nas actividades do grupo e a sua situação financeira (receitas).

Artigo 76. A Fraternidade deverá rezar pelos doentes durante as missas e as reuniões. Deverá oferecer uma intenção particular a seu respeito e deverá mandar também celebrar missas pelas suas intenções.

Artigo 77. OS FALECIMENTOS
Lc 7, II-16; II, I-14.

Na ocasião da morte duma irmã, a Fraternidade deverá participar duma maneira especial às exéquias. A taxa de participação de cada irmã varia de 1.500 a 3.000 Frs, segundo o efectivo da fraternidade:

- menos de 100 membros 3.000 Frs
- de 100 a 150 membros 2.000 Frs
- de 150 a 300 membros 1.500 Frs

A taxa de participação das Fraternidades irmãs é de 10.000 a 15.000 Frs, segundo o custo de vida do momento.

Artigo 78. Caso uma irmã defunta não tenha parentes, ocupar-se-ão de todas as despesas, as Fraternidades.

Artigo 79. Sendo do conhecimento de todas que uma postulante não participa nas cotizações da fraternidade, num determinado caso de falecimento duma irmã da sua fraternidade, pedir-se-lhe-á pagar uma taxa de participação conforme o exige o artigo 77.

Artigo 80. Em caso de falecimento duma postulante, somente a sua fraternidade anima a velada de cadáver, prepara a missa do enterro e, em uniforme, acompanha a defunta à sua última morada.

Artigo 81. a/ Quando uma irmã da fraternidade morre numa outra diocese, a assistência moral, material e espiritual de todas as fraternidades desta diocese é obrigatória.

b/ Na ocasião dum falecimento numa fraternidade que não fez ainda a sua saída oficial, somente a Comissão Directora participa à missa do enterro.

Artigo 82. a/ A ajuda obrigatória para uma irmã em luto é limitada aos seguintes membros:

- pai, mãe, (tio, tia): estes, caso tenham substituído o pai e a mãe.

filhos, irmão, irmã, mei-irmão, mei-irmã da mesma mãe ou do mesmo pai.

- marido (no caso das irmãs casadas ao menos costumemente.

- sogros: pai e mãe do marido que preenche as condições acima citadas.

- filho adoptivo (filho de que uma irmã é tutora).

b/ A taxa de ajuda à uma irmã em desgraça é fixada a 40.000 Frs, excepto em caso de morte dum sogro em que a taxa de participação é de 10.000 Frs.

c/ Todos os outros casos não previstos no artigo 82 destes estatutos não podem requerer uma ajuda material

c/ Por todas as situações de que seriam vítimas as irmãs da Fraternidade (cataclismo, viúva em estado muito difícil, etc), a Direcção tomará conhecimento e dará um contributo material substancial.

Artigo 83. AS VELADAS DE CADÁVER

Lc 7, II - 16; Jo II

a/ Uma irmã deverá passar toda a noite na véspera do enterro, em caso de morte dum membro ou dum familiar directo, segundo o artigo 32.

b/ A velada começa a partir das 21 horas até à 1 hora de madrugada. Ela deverá seguir o seguinte plano: Oração - Animação - Descanso.

O descanso vai de 1 hora de madrugada até às 4 horas de madrugada. Depois do descanso, a velada retoma, seguindo o mesmo plano: Chamada - Oração - Dispersão.

c/ É estritamente proibido beber, bebidas alcoólicas e tomar café durante as veladas de cadáver.

Artigo 84. A assistência é também obrigatória à uma irmã da Fraternidade que perdesse um parente (artigo 81) numa outra diocese. As Fraternidades da zona onde ocorreu o falecimento, depois de serem sido contactadas pela irmã em desgraça:

- animam a velada e a missa.
- assistem ao enterro (cf art. 83) e a Comissão Directora Diocesana dá 20.000 Frs à delegação da sua Fraternidade que a acompanha.

Artigo 85. OS ENTERROS

Lc 7, II - 16; Jo II.

- a/ Para o enterro duma irmã da Fraternidade, as Fraternidades devem participar e alugar dois autocarros: Um pela Comissão Directora e o outro pela Fraternidade em desgraça. No cemitério, as irmãs estarão próximas do túmulo, afin de cantar e rezar em memória da defunta.
- b/ Para o enterro dum parente directo, segundo o artigo 82, a assistência é obrigatória na medida em que os meios de locomoção postos à disposição de todos o permitam. As irmãs deverão rezar e cantar no lugar do enterro.
- c/ A delegação das Fraternidades que acompanha uma irmã defunta até à sua última morada não deve ir para além das fronteiras da Provincia.

Artigo 86. OS UNIFORMES

- a/ A irmã em desgraça deve pôr o uniforme ^{de} enterro da sua Fraternidade. Em caso duma viúva, a Fraternidade pedirá a opinião da família.
- b/ Na ocasião do enterro duma irmã da Fraternidade, é proibido fazer limpezas extraordinárias.
- c/ Para as festas, é proibido mandar coser roupas com o uniforme da Fraternidade para pessoas que não são membros das Fraternidades, excepto os capelães diocesanos e capelheiras diocesanas. Para os capelães paroquiais, é desejável que lhes sejam feitas estolas e uma casula que poderá pertencer à toda a

Artigo 87. RETIRADA DE LUTO

Ecl. 38, 16-24

A Fraternidade participa somente após um convite e nenhuma ajuda material é obrigatória.

Artigo 88. OS CASAMENTOS

Jo 2, 1-10

A Fraternidade deve prever uma prenda para uma irmã que se casa religiosamente.

Artigo 89. AS FESTAS

Ex. 23, 14-17; Ex 23, 23-24; Nu. 7, 10 ss; Lc I, 41-43; Jo 2, 13-25.

- a/ A festa da Padroeira ou do Padrãoiro da Fraternidade se celebra uma vez por ano numa data fixada desde a criação da fraternidade.
- b/ Na ocasião da festa do seu Padroeiro, a Fraternidade convida as fraternidades irmãs a participar à missa.
- c/ Todos os cinco anos, ela deverá oferecer um aperitivo depois da celebração eucarística. Deverá acolher também uma delegação das Fraternidades irmãs doutras dioceses.

CAPITULO II/ A VIDA APOSTÓLICA DAS FRATERNIDADES

Mt 7, 21-29; Mt 28, 16-20; Lc 10, 1-12;

At 1, 1-11; At 6, 6-10; Tit 2, 11-15.

Artigo 90. O apostolado consiste em fazer conhecer, fazer amar a Deus e testemunhar a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo em palavras e obras.

Artigo 91. A Fraternidade é um movimento de apostolado dos leigos. Por isso, este movimento deve mostrar o primeiro exemplo de apostolado comunitário na Paróquia, dado que aí se encontram unidas pessoas de diversas categorias.

Artigo 92. As irmãs das Fraternidades exercem o seu engajamento de baptizadas em todos os domínios: iniciativas no sector catequético, litúrgico, caritativo, missionário e da promoção humana.

Artigo 93. A Fraternidade, sendo um movimento de apostolado, os ideais e os princípios apostólicos da diocese devem encontrar nela um terreno favorável.

a/ Por isso, uma Fraternidade deve ter membros que ensinam a catequese, como modo de anunciar a Palavra de Deus.

b/ A Fraternidade exercerá actividades sociais de assistência e de educação para testemunhar o amor de Cristo.

c/ A Fraternidade deverá organizar encontros afim de ajudar e suscitar todo tipo de vocações. (sacerdotício, vida consagrada, matrimónio, profissão, celibato)

Artigo 94. AS SAIDAS

a/ Para consolidar a sua vida de Fraternidade entre irmãs duma mesma fraternidade ou entre duas fraternidades ou ainda por razões espirituais e apostólicas (peregrinação, visita duma fraternidade irmã em formação), uma Fraternidade pode efectuar, com a permissão da Comissão Directora e da Paróquia, uma saída fora da sua Paróquia ou da diocese.

b/ É proibido visitar uma Fraternidade irmã em festa. As festas dos Padroeiros não são ocasião de alegria para duas ou três Fraternidades somente. Pelo contrário, devem ser um momento de rejúbilo para todas

as Fraternidades duma diocese ou de todas as dioceses do nosso país.

c/ A Fraternidade, ao efectuar uma saída, deverá sempre ser acompanhada dum membro da comissão Coordenadora que velará pelo espírito das Fraternidades.

CAPITULO 12/ OS PRINCIPIOS DISCIPLINARES

Mt 13, 15-18; Lc 17, 1-4; 1Co 5, 3-13.

Artigo 95. Pode ser membro das Fraternidades, toda a mulher que recebeu os três sacramentos de iniciação cristã (baptismo, confirmação, eucaristia) e com 28 anos de idade ao menos. (cf. art. 16).

Artigo 96. Não há inconveniência nenhuma, duas ou três irmãs da mesma familia pertencerem a uma mesma Fraternidade. Em caso de ajuda material, a repartição será igual entre todas as irmãs.

Artigo 97. a/ A postulante deve fazer um pedido por escrito que será examinado pela Direcção da Fraternidade. Se depois dum ano de observação, a postulante for julgada digna de ser membro da Fraternidade, dar-se-lhe-á um impresso de inscrição que traz todas as condições de adesão. O mesmo impresso deverá levar a assinatura do seu marido ou do tutor ou dum representante.

b/ Antes da sua adesão pela Promessa, ela não participará às cotizações, excepto em caso de falecimento duma irmã na sua Fraternidade (cf. art. 79). Uma vez admitida, deverá dar a quantia de 5.000 Frs para cobrir as despesas da Promessa (compra de Biblia, terço, ciro).